

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
E INSTITUCIONAL**

FERNANDA GOULART MARTINS

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Simone Mainieri Paulon

**A CIDADE ENTRE O TEXTO E A TEXTURA:
uma estética argumentativa dos encontros com o pesquisar**



PORTO ALEGRE
2019

Fernanda Goulart Martins

**A CIDADE ENTRE O TEXTO E A TEXTURA:
Uma estética argumentativa dos encontros com o pesquisar**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon

PORTO ALEGRE
Novembro de 2019.

Fernanda Goulart Martins

**A CIDADE ENTRE O TEXTO E A TEXTURA:
Uma estética argumentativa dos encontros com o pesquisar**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon

Aprovada em 21 de novembro de 2019.

Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon (PPGPSI – UFRGS)

Profa. Dra. Rosane Azevedo Neves Da Silva (PPGPSI – UFRGS)

Profa. Dra. Daniela Mendes Cidade (FA – UFRGS)

Profa. Dra. Magda Diniz Bezerra Dimenstein (PPGPSI – UFRN)

Prof. Dr. Mário Francis Petry Londero (PPGPSI – UFRN)

AGRADECIMENTOS

A aposta em uma escrita que se debruçasse sobre o processo de pesquisar só foi possível diante de caminhar bem-acompanhados. Agradeço, antes de tudo, às pesquisadoras da cidade (assim as chamamos nessa tese), que andaram comigo, apostando junto e habitando furos.

Obrigada, colegas intervenientes, que, nos encontros e na troca de olhares, me ensinam a conjugar tantos novos verbos no infinitivo: Ariadnear, Robertir, Cassier, Luizear, Danilear, Janaer, Francisear, Ferear, Diogar, Carolir, Julianear, Guidoair, Camilear, Luisir, Simonear.

Obrigada, Profa. Dra. Simone Paulon, minha orientadora, pela alegria dos encontros, pela guiança nos caminhos e, principalmente, por nos ensinar, cotidianamente, a aposta na potência.

Obrigada aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Magda Dimenstein, Profa. Dra. Rosane Neves, Profa. Dra. Daniela Cidade e Prof. Dr. Francis Londero, por me acompanharem nesse trajeto, dialogarem com a pesquisa e oferecerem suas contribuições para esse trabalho.

Agradeço também aos meus familiares e às amigas e amigos, com quem aprendo e compartilho o acolhimento, o carinho e o cuidado. Eles estão sempre muito perto e, por isso, sabem quem são.

Mas quando empregamos essa palavra vaga "intervir", quando dizemos que as expressões intervêm ou se inserem nos conteúdos, isso não é ainda um tipo de idealismo no qual a palavra de ordem vem do céu, instantaneamente? Seria preciso determinar não uma origem, mas os pontos de intervenção, de inserção, e isso no quadro da pressuposição recíproca entre as duas formas. Ora, as formas, tanto de conteúdo quanto de expressão, tanto de expressão quanto de conteúdo, não são separáveis de um movimento de desterritorialização que as arrebatam.

(DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 30).

RESUMO

Este trabalho debruça-se sobre os processos de pesquisa e seus engendramentos com a cidade, tomando a experiência de pesquisar como processo de composição. Baseado na perspectiva das filosofias da diferença, propõe-se a discutir a produção do tecido urbano como imanente à produção de conhecimento, à regulamentação da vida na cidade e aos modos de vida que nela convivem. Para isso, opera a partir da problematização de paradoxos, construindo narrativas ficcionais que cartografam o encontro de pesquisadoras(es) com a cidade, perscrutando os movimentos de territorializações, desterritorializações e reterritorializações que resultam nos processos de escrita e de pesquisa. Acompanhar os encontros com o pesquisar e as correlações possíveis que se constituem em seus eixos de saberes, poderes e subjetivações conduz, então, à operação da acontecimentalização como método e à tomada do objeto de pesquisa como uma produção contingencial. A estratégia benjaminiana de escrita como montagem é uma das ferramentas metodológicas adotadas, engendrada com a escrita ficcional, em formato de contos, com a leitura e escrita de diários de campo e oficinas com as pesquisadoras da cidade. Nesse engendramento, produz-se uma estética argumentativa que convoca as pesquisadoras a tomar certa posição que permita exhibir em vez de demonstrar, e mostrar em vez de deduzir ou discursar. Abrem-se, assim, mais possibilidades para narrar texturas, deslizamentos, sons, cheiros que interrompem ou inspiram fluxos e regem modos de olhar, na atenção predominante aos afetos que irrompem do encontro de pesquisadoras com a cidade e do pulsar da cidade nas pesquisadoras. A própria escrita, nesse processo, torna-se campo de composição, que se afirma na produção de encontros, nas interrupções, capturas e desvios e na sustentação de paradoxos. O ato de pesquisar é considerado, assim, experiência potencialmente transformadora, que abre possibilidades para a invenção de si e de mundos, e instaura novas realidades.

Palavras-chave: Escrita; Cidade; Metodologia de Pesquisa; Composição.

THE CITY BETWEEN TEXT AND TEXTURE:

An argumentative aesthetic of encounters with the act of researching

ABSTRACT

This work focuses on the research processes and their engenderments with the city, taking the experience of research as a composition process. Based on the perspective of the philosophies of difference, it proposes a discussion about the production of the urban tissue as immanent to the production of knowledge, the regulation of life in the city and the ways of life that live in it. For this, it operates from the problematization of paradoxes, constructing fictional narratives that map the meeting of researchers with the city, peering at the movements of territorialization, deterritorialization and reterritorialization that result in the writing and research processes. Accompanying the encounters with the research and the possible correlations that are constituted in its axes of knowledge, powers and subjectivations leads, then, to the operation of the eventification as a method and to the taking of the research object as a contingent production. The Benjaminian writing strategy as an assembly is one of the methodological tools adopted, engendered by fictional writing, in the form of short stories, with the reading and writing of field diaries and workshops with the city's researchers. In this creation, an argumentative aesthetic is produced that calls on researchers to take a certain position that allows them to exhibit instead of demonstrating, and to show instead of deducing or speaking. Thus, more possibilities are opened to narrate textures, glides on the surface, sounds, smells that interrupt or inspire flows and govern ways of looking, in the predominant attention to the affections that erupt from the encounter of researchers with the city and the pulse of the city in researchers. Writing itself, in this process, becomes a field of composition, which is affirmed in the production of encounters, in interruptions, captures, diversions and in the act of supporting of paradoxes. Researching is thus considered a potentially transformative experience, which opens up possibilities for the invention of self and worlds, and establishes new realities.

Key-words: Writing; City; Research Methodology; Composition.

SUMÁRIO

1 HABITAR O ENTRE E ACOMPANHAR O JOGO: INTRODUÇÃO	9
. O desenho de um trajeto metodológico	10
. Uma estética argumentativa dos encontros.....	12
. A estrutura da tese: entre escritos e encontros	20
2 O JOGO DA RAMIFICAÇÃO E A OPERAÇÃO DE PARADOXOS	25
<i>RESILIÊNCIA</i>	29
(<i>método – hódos meta</i>).....	31
2.1 DOS DESVIOS DE UM PROJETO DE PESQUISA À EMERGÊNCIA DE UMA POSSÍVEL AVENTURA METODOLÓGICA.....	31
. Tendências do mercado acadêmico	33
. Encontros e conceitos em operação	35
<i>VOZ</i>	41
(<i>pesquisa – militância</i>).....	43
2.2 PESQUISAR E APOSTAR: POR UMA POLÍTICA DE ESCRITA	43
. Pesquisar entre o diário e a cidade.....	45
. Ficcionalizar e militar	48
. Texto e textura são arquiteturas	49
<i>RETROESCAVADEIRA</i>	53
(<i>reconhecer - acontecimentalizar</i>).....	56
2.3 PESQUISAR: DESEMARANHAR AS LINHAS	56
. Pesquisar como transgressão.....	57
. Acontecimentalização como procedimento metodológico	58
. Pesquisar por afecção.....	61
. Pesquisar para encarnar as marcas no acontecimento	62
. Sobreposições e multiplicidades	64
<i>ESCRITA</i>	69
(<i>descrever – narrar</i>).....	71
2.4 DIÁRIO É CAMPO: O COENGENDRAMENTO ENTRE TEXTO E TEXTURA	71
. O que faz do imigrante um refugiado?	72
. Vamos conversando, mas nunca nos distraímos. A Mirabal	75
. Queremos falar só de mobilidade, carbono ou outras formas de viver juntos?	82
. Na busca de outras expressividades possíveis	87
. Lugares de encontro	90

<i>ENCONTRO</i>	93
(<i>solidão – multidão</i>).....	95
2.5 VARRER, EM MOVIMENTO CARTOGRÁFICO	95
. Sozinhas, povoando páginas	97
<i>OFICINA</i>	99
(<i>metáfora - metamorfose</i>)	101
2.6 DEVIRES-PESQUISADORAS OFICINEIRAS EM ESCRITA	101
<i>ABRIGO</i>	109
(<i>vulnerabilidade – potência</i>).....	111
2.7 PESQUISAR AGENCIANDO ENCONTROS E AFETOS: CORPOS VIBRÁTEIS, DEDOS DE GIGANTE E O POTENTE REPOLHO NÃO ROXO E CRU	111
. Aventurar-se no encontro e na escrita: sustentar paradoxos.....	118
<i>MURO</i>	129
(<i>memória – novidade</i>).....	133
2.8 A DIMENSÃO POLÍTICA DA ESCRITA E DA MEMÓRIA	133
. Escutar passado/futuro: a experiência do nosso tempo na cidade	135
. A recomposição das forças e as imagens do tempo.....	137
<i>EQUILIBRISTAR</i>	139
(<i>presente – utopia</i>).....	145
2.9 ESPACIALIZAR O TEMPO, HABITAR OS FUIROS, BRINCAR DE FUTURO	145
. E se olhássemos a cidade de cima do muro?	146
. O que é que tem do outro lado do muro?.....	150
. Equilibrar: por uma estética do encontro	154
<i>SEGURAR</i>	157
(<i>grade – ponte</i>).....	161
2.10 QUAL UTOPIA NOS INTERESSA?	161
. Grades para reunir.....	164
<i>COMPOR</i>	169
(<i>cadência – ritmo</i>).....	171
2.11 REPETIÇÃO, TRANSGRESSÃO E RITMO: JOGAR PARA RAMIFICAR	171
. Procurar um território, traçá-lo e desterritorializar-se na escrita	173
. Experimentar ritmos para compor a escrita	176

<i>RUMOS</i>	181
<i>(niilismo – transvaloração)</i>	185
2.12 AS TECNOLOGIAS DE PESQUISA E A PRODUÇÃO DE COMUM	185
. A sustentação de paradoxos: engendramento entre pesquisa, crítica e clínica	187
. Escrever e escutar ao mesmo tempo	191
. O ritornelo como dispositivo analisador que emerge do encontro de pesquisadoras com a cidade	192
. Rumo à digestão da experiência	195
. Rumo à superação de dicotomias.....	199
. Rumo à transvaloração.....	201
3 RUMOS PARA MAIS UM PONTO FINAL	205
REFERÊNCIAS	209
ANEXOS	219

1 HABITAR O ENTRE E ACOMPANHAR O JOGO: INTRODUÇÃO

O encontro de pesquisadoras(es) com a cidade produz e marca processos de pesquisa, principalmente quando o tecido urbano compõe, para além de cenário, seu objeto. Na produção dos diários de campo e no caminhar pela textura das calçadas, asfalto, prédios e praças de uma trama que chamamos cidade, o ato de pesquisar vai construindo-se com o movimento do pensamento, com as marcas que (des)territorializam e com a estética argumentativa de uma produção escrita. A pesquisa se configura como efeito de encontros, no jogo entre texto e textura. Nesse jogo, acontecimentos deixam marcas, que produzem pesquisas e subjetividades pesquisadoras.

O interesse por criar uma discussão cujo centro está nos processos de pesquisa e seus engendramentos com a cidade nasce de um desvio, que opera como tese. Ele vem responder a embates passados, ao problematizar modos de produção de conhecimento e pesquisa que introduzem respostas a perguntas ainda não emergidas em campo, que buscam mais o produto que o processo e que sugerem conceitos antes que a experiência em campo os tenha convocado. Diversos episódios marcam e configuram um desconforto em relação às tendências que se apresentam na produção acadêmica e serão narrados na medida em que operarem como disparadores da discussão, que ganha corpo ao longo das seções da tese. Buscamos, ao narrar os disparadores das discussões, tocar e produzir texto e textura, nos encontros e processos de escrita. Como consequência, tensionamos questões metodológicas e nos aproximamos de um grupo de pesquisadoras(es) da cidade, para produzir, com elas(es), oficinas de escrita e discussão acerca da experiência de pesquisar, compor diários de campo e encarnar devires pesquisadores. Entre texto e textura, colocamo-nos em um jogo que propõe a operação de paradoxos que constituem encontros, produções escritas, e os processos do pesquisar a cidade.

Parece possível sugerir que os diários de campo de pesquisadoras(es) na cidade descrevam, procurem, poetizem, evitem e abracem, com sentidos e palavras, modos singulares de encontro com a trama que compõe o contexto urbano. A escrita e o percurso da pesquisa fazem, nos rastros e nos textos, marcas do tempo no espaço e do espaço no tempo. É o encontro de pesquisadoras(es) com a cidade que se constitui um campo de possibilidades para o trajeto e objeto dessa pesquisa. Um espaço (espaço-tempo, espaço-escrita, espaço-sentido) entre o texto e a textura. Nesse “entre”, propomo-nos a passear, levando conosco uma pergunta central: o que o encontro de pesquisadoras(es) com a cidade produz ou, poderíamos ainda acrescentar, como a cidade aparece no texto e no corpo, que rastros ela deixa ao tecer as narrativas e a

subjetividade de quem a pesquisa? Entre texto e textura, também surge paralelamente a curiosidade acerca de que narrativas e práticas as pesquisadoras¹ deixam na cidade com a qual se encontram e como constituem território e desterritorialização na pesquisa.

Para propor que a cidade componha o campo problemático, passamos a convocar ao texto questionamentos acerca das marcas que o tecido urbano deixa, tanto na produção da escrita quanto na experiência de andanças e intervalos que acompanham o ato de pesquisar. Para isso, voltamos a atenção aos acontecimentos, enquanto percorremos a cidade, o texto e o escrever. Tomar diários e cidade como dispositivos no processo de pesquisa é entrar no jogo que ocorre entre texto e textura; é inventar a cidade e criar devires pesquisadores para conhecê-la.

A tessitura desta tese, assim, procura acompanhar o jogo entre liso e rugoso, entre trajetos curtos e longos, entre bastões de ferro e paisagem que, intercalados, formam a singularidade do olhar que observa de dentro de algum espaço e, ao mesmo tempo, de fora de tantos outros. O jogo entre texto e textura é construído à medida que escrevemos experiências e encontros, ao passo que os processos de pesquisar e escrever produzem-se como acontecimento e como encontro.

. O desenho de um trajeto metodológico

Aproximamo-nos do encontro de pesquisadoras com a cidade, inicialmente por fazermos parte de uma pesquisa maior, intitulada “Experiências urbanas e produção do comum: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância”. Essa pesquisa matriz é financiada através do Edital Universal, CNPQ. Ao habitar devires pesquisadores da cidade, por meio da experiência nesse projeto, sentimos as primeiras questões surgirem e inaugurarem diários de campo compostos por contos e relatos, que abrigam e desabrigam personagens em uma mistura de ficção e realidade ou, em outros termos (e provavelmente mais apropriados), utilizando da ficção para tocar realidades possíveis em devir.

Ao longo do trabalho junto ao grupo de pesquisa, composto por docentes e discentes de programas de Pós-Graduação da Psicologia Social e Institucional e da Arquitetura da UFRGS,

¹ Escolhemos utilizar a palavra pesquisadoras, no plural e no gênero feminino, quando fazemos referência às pesquisadoras e aos pesquisadores que são participantes da pesquisa que constitui essa tese e integram o projeto Experiências Urbanas e Produção do Comum: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância. Tal escolha justifica-se na medida em que a maioria das pessoas participantes da pesquisa é do gênero feminino. Quando o texto apresenta a expressão pesquisadoras(es), refere-se a pesquisadoras e pesquisadores em geral, independente de fazerem parte dessa pesquisa ou não.

e acompanhado por uma consultora da UFRN, o estudo tomou forma através da organização das pesquisadoras em grupos voltados a diferentes campos, com o escopo de acompanhar modos de vida na cidade. Configuram-se, assim, trabalhos e metodologias diversas, produzidas junto de cada grupo do qual as pesquisadoras se aproximaram, sendo eles um grupo de ciclistas, uma ocupação de mulheres (moradoras da Mirabal), imigrantes venezuelanos, coletivos participantes de festas de rua, o coletivo A Cara da Rua (que funciona junto do projeto de extensão POPRua) e moradoras(es) de condomínios horizontais. Junto desses diferentes grupos distribuídos pela cidade, os grupos de pesquisadoras procuram lançar mão de metodologias que permitam narrar, produzir e escutar imagens de como se vive e se inventa estratégias com o tecido urbano.

Do convívio com as problemáticas e aventuras surgidas desse grande projeto, começamos a desenhar um trajeto de aproximação aos diários de campo e do grupo de pesquisadoras. Nas reuniões da pesquisa, foi surgindo a verbalização do desejo de mais espaço de discussão sobre o que cada grupo vive no campo. A partir disso, levantamos a possibilidade de construir oficinas que abrissem possibilidades para escrever e discutir sobre a cidade que a pesquisadora vive e os processos que marcam a produção das andanças pela cidade, dos encontros estabelecidos e dos afetos que marcam a experiência de pesquisar. Essa ideia surgiu após termos refletido acerca do fato de que, durante os primeiros semestres da pesquisa matriz, operamos prioritariamente estudos teóricos em busca de referências bibliográficas que tratassem da cidade e, com isso, talvez de fato tenhamos nos afastado de um espaço que pudesse acolher experiências do campo marcadas no corpo.

Buscamos, então, *oficinar* para provocar possíveis fugas da produção de um ato de pesquisar voltado prioritariamente aos conceitos, às referências bibliográficas ou às discussões acerca dos textos. As oficinas podem ser tomadas, assim, como artifícios que possibilitem tensionar dicotomias produzidas no ato de pesquisar, ou abram possibilidades para que tomemos a pesquisa bibliográfica e a experiência, a realidade e a ficção, a escrita acadêmica e a escrita literária, a filosofia, a ciência e a arte como perspectivas de um mesmo processo. A decisão de nos reunirmos para nos debruçarmos sobre o ato de pesquisar, e o modo como o conduzimos e nos implicamos nele, convocou-nos ainda a assinar o mesmo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que os(as) demais participantes da pesquisa vinham sendo convidados a assinar, quando concordavam em participar dela². Essa parece ser mais uma das marcas produzidas pela posição assumimos de pesquisadoras e pesquisadas, de intervenientes

² É possível encontrar o modelo desse TCLE ao final desse manuscrito, na seção Anexos.

e participantes da pesquisa, de cartógrafas que pensam o caminho conforme se deslocam, desenham-no, inventam seus traços e outros mundos possíveis.

Inspiradas um pouco pela aposta na utilização dos mais variados artifícios da criação escrita para abrir túneis que transformem graves conceitos em algo mais fugidivo (COSTA, 2012), propusemos, nas oficinas, que as pesquisadoras se conduzissem para a invenção de espaços, situações e de personagens que percorrem a cidade e a pesquisa. Pode-se, assim, passar “por afirmações e vertigens, galgando as fronteiras das ideias, experimentando perspectivas de mundo ao afirmá-las em um laboratório poético, filosófico, científico e ficcional” (COSTA, 2012, p. 39).

Nessas oficinas, assim como na operação da escrita e discussão de uma tese, caminhamos buscando formas de questionar e pesquisar que borrem fronteiras entre o que se sente, o que se percebe e o que se entende. Emergem, do campo problemático, devires pesquisadores e, dos devires de quem pesquisa, possíveis perguntas no campo que se produz e se mostra ao longo do processo de pesquisar.

. Uma estética argumentativa dos encontros

Cada seção que compõe essa tese é precedida por uma interrupção: um conto. Trata-se de um texto que opera um tempo não cronológico (o tempo do acontecimento) e carrega a potência de fazer emergir problemas. São trechos de diários de campo ou de textos produzidos em oficinas realizadas com pesquisadoras que se ocupam de questões relacionadas a modos de vida, subjetivação e espaço urbano. Cada conto tem como nome uma palavra, porque são verbetes. Na estética da escrita, para sinalizar a presença dessa interrupção, os contos são apresentados em itálico.

A escolha por chamá-los *verbetes* procura tensionar a lógica enciclopédica ou do dicionário, produzindo justamente efeitos diversos do proposto pela lógica de descrever e definir conceitos. Contar uma experiência, em vez disso, parece abrir possibilidades de sentido para uma palavra, em vez de buscar explicá-la ou dar-lhe um sentido *a priori*. A palavra eleita *verbeta*, assim, ganha possíveis discursos próprios depois do conto e, por isso, as interrupções são, para essa tese, uma estratégia: verbetes-experiência.

Cada conto pode dobrar o objeto da pesquisa e transformar pesquisadoras e cidades, que engendram os textos. Com as interrupções em forma de contos (verbetes-experiência), pretendemos convocar ao texto uma estética que afirma a cartografia como prática singular no

processo de pesquisa. Os contos passam, então, a compor uma pesquisa que se propõe implicada e multiplicante, tomando o implicar-se mais como um processo ao sabor dos encontros e menos em um teor subjetivo, como afirma Bedin da Costa:

Em latim, *plic* ou *plica* nos remetem à ideia de prega, dobra. Neste sentido, implicar estaria voltado ao dobrar, à produção de uma dobra. O pesquisador implicado é o pesquisador dobrado pela sua pesquisa. No entanto, criador e sujo que é, o pesquisador também será um multiplicador, um disseminador de novas dobras ao que supostamente pesquisa. Ao invés de somente explicar, de desdobrar a dobra, seu olhar e escrita multi/implicam o mundo (COSTA, 2014, pp. 71-72).

Os verbetes contam sobre personagens, visitam e inventam devires pesquisadores que emergem do campo, dos acontecimentos e dos encontros que os produzem. Contam, portanto, de movimentos que ocorrem com algum grau de violência, porque desacomodam e nos obrigam a sair de um certo (ou mesmo) lugar. É nesse sentido que podemos afirmá-los não *verbetes*, mas *verbetes-experiência*, por se tratarem de algo que nos acontece (LARROSA, 1997), atravessa-nos e nos faz diferir do que somos (HOPENHAYN, 1997). Ao explicar o que entende por experiência, Foucault (2010b) relata deslocar-se sempre, ao mesmo tempo, em relação às coisas pelas quais se interessa e em relação ao que já pensou. Com os contos, o texto move o pensamento e, nessa perspectiva, opera a experiência, que “é qualquer coisa de que se sai transformado” (FOUCAULT, 2010b, p. 289). Ler e escrever o conto e o que vem depois dele é um procedimento produzido no desejo de saber o que acontecerá. Os lugares para onde o texto levará são desconhecidos e as torções ocorrerão nos encontros que compõem a pesquisa. A produção de verbetes-experiência tem suas origens também no modo como Foucault descreve a relação com o processo de escrita de seus livros:

Se eu tivesse de escrever um livro para comunicar o que já penso, antes de começar a escrevê-lo não teria jamais a coragem de empreendê-lo. Só o escrevo porque não sei, ainda, exatamente, o que pensar sobre essa coisa em que tanto gostaria de pensar. De modo que o livro transforma o que eu pensava e transforma o que penso (...). Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes (FOUCAULT, 2010b, 289-290).

Produzir contos que afirmem a possibilidade de deslocar o pensamento e o corpo pesquisador compõe, de certa forma, um processo que permite imaginar e, para isso, é necessário sustentar o que se faz intenso e impossível: “tentar chegar a um ponto da vida que seja o mais próximo possível do não passível de ser vivido [...]. Aquilo que é requerido é o máximo de intensidade e, ao mesmo tempo, de impossibilidade (FOUCAULT, 2010b, p. 291).

As interrupções, aqui tornadas verbete-experiência, constituem partes do trajeto que desenhamos em busca de pensar agenciamentos, discursos e relações. Para seguir as linhas

desse trajeto, ou borrá-las, mais convocamos conceitos para operá-los do que os descrevemos. A experiência, considerada em sua potência transformadora, é um processo que atravessa e modifica as relações e o problema de pesquisa. Abre-se, assim, “um campo de experiências em que sujeito e objeto são ambos constituídos apenas em certas condições simultâneas, mas que não param de se modificar” (FOUCAULT, 2004, p. 238).

A análise acerca de um objeto e suas correlações em seus eixos de saberes, poderes e subjetivações conduz a tomá-lo como uma produção contingencial, que pode se transformar continuamente. Dessa forma, uma pesquisa produzida como experiência é potencialmente transformadora, inventa mundo e instaura novas realidades.

Além das interrupções operadas pelos verbetes-experiência, também o modo de escrever os subtítulos compõe a estética argumentativa da tese. Parece possível, assim, abrir espaço para desenhar, através da escrita, um percurso feito de encontros ou, melhor dizendo, os encontros que constroem nosso percurso de pesquisa.

Cada subtítulo que compõe as partes da tese inicia-se com ponto final, e não com a letra maiúscula antecedida pela numeração referente à ordem cronológica do texto. Afirma-se, assim, um modo de pesquisar que mais se interessa pelas produções e invenções (surgidas depois de uma frase, de um discurso, de um corpo que atravessa a rua, por exemplo), e menos propõe a análise interpretativa dos fenômenos que estariam por trás daquilo que é produzido, dito ou escrito em campo.

Ao longo das experiências do pesquisar, o estudo vai tendo seu objeto dobrado e produz possibilidades de encontros na sustentação de paradoxos. Cada uma das doze seções que formam esse escrito acadêmico é inaugurada com duas palavras, separadas por hífen e situadas entre parênteses: paradoxos. A palavra paradoxo tem origem no fragmento *para*, que se refere à ideia de *para o lado* ou *contra e doxa*, que tem o sentido de opinião. Ela é definida por um dicionário de etimologia como “afirmação contrária as opiniões aceitáveis pelos universais como verdadeiras”³ (PIANIGIANI, 1907, s/p). Os paradoxos podem se apresentar como tese, conceito, sentença, mas, aqui, eles mostram-se no cruzamento de dois conceitos, que são escritos lado a lado, separados por um hífen. O efeito de unir (com o hífen) palavras que, colocadas em relação, poderiam ser tomadas como antagônicas, em dicotomia, iguais ou distribuíveis hierarquicamente no discurso cotidiano, é o de continuidade. Essa forma de

³ Tradução nossa. No dicionário: “*Asserzione contraria alle opinioni accettate dall’universale come vere*”.

escrevê-las convida-nos tanto para o jogo de inversão, quanto para o tensionamento dos sentidos dados aos ditos que ouvimos e produzimos ao longo do processo de pesquisar.

Os paradoxos situam-se entre parênteses para que, quando lidos, sejam mais sussurrados do que entoados como títulos. Enquanto o corpo de texto de cada seção é disparado pela experiência que produziu um conto (verbete-experiência), os efeitos dos acontecimentos narrados entrelaçam-se com produções escritas e verbalizadas pelas pesquisadoras (em diários de campo, textos produzidos em oficinas e rodas de conversa). Tais entrelaçamentos formam a trama que abriga batalhas e, assim, produzimos, na escrita, um campo de composição, que parece permitir a sustentação de contrastes, lutas e invenção.

Diferentes estratégias vão compondo a produção de uma estética argumentativa que se propõe junto da ideia de construir o processo de pesquisa conforme nele se caminha. Ela vai se formalizando à medida que operamos entrelaçamentos da escrita acadêmica com o formato de conto, com a sustentação de paradoxos sussurrados ao longo do texto, com a apresentação de inícios (subtítulos) que começam com ponto final, e com a escrita operada como montagem. É assim que vamos convocando o próprio texto a não deixar de fora qualquer experiência que o componha. Interessa-nos, nesse processo de tessitura, tensionar (ou borrar) as linhas que marcam processos de pesquisa, de manejo do conhecimento e de subjetivação; que podem estar entre o objeto de pesquisa e pesquisadora, entre texto e campo de pesquisa.

Experimentando a forma de expressão do conto, forçamos uma aproximação com a escrita literária, tensionando, com isto, as fronteiras da pesquisa com a arte. Talvez esse procedimento possa impulsionar blocos de sensações, compostos de perceptos e afectos, que convocam o corpo a habitar e percorrer territórios. O corpo que se move refere-se aqui como corpo pesquisador, mas também como “corpo dos encontros estabelecidos” (COSTA, 2014, p. 67) ao longo do processo.

Parece possível tocá-lo, então, na medida em que nos coloquemos a narrar. Benjamin (1985) define a narrativa como uma forma artesanal de comunicação e é assim que nos propomos a passear e inventar, por entre texto e textura. A narrativa “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (p. 148). Com isso, prescinde da narrativa a suposta neutralidade que acompanha a informação. Narrar é admitir em cada palavra (e no afeto que a escolhe e a acompanha) que se está implicado, que falando sobre a experiência do encontro se fala de si, com todos os intercessores e processos que engendram quem pesquisa, narra e analisa.

A forma de expressão do conto também provoca a experiência de um tempo que convida passado e futuro para compor a superfície. Trata-se de um tempo não cronológico, mas compreendido como marco, entretempo, corte, cesura ou interrupção que inaugura a retomada sobre um outro plano: Aion⁴, o tempo do acontecimento (DELEUZE, 2011). É nele que a forma de expressão, independente da forma de conteúdo, produz variações, conjuga verbos, expressa singularidades que se desenrolam em um campo problemático e na vizinhança das quais se organizam as soluções. Ao convocar contos e operar Aion, no processo de formular perguntas nessa tese, buscamos acompanhar Deleuze na proposição de que “a pergunta se desenvolve em problemas e os problemas se envolvem em uma pergunta fundamental. E assim como as soluções não suprimem os problemas, [...] as repostas não suprimem de forma nenhuma a pergunta nem a satisfazem e ela persiste através de todas as respostas” (2011, p. 59).

Os verbetes-experiência mantêm um certo jogo permanente entre o texto e a cidade, o texto e a textura, o mapa e a cidade. Parece possível experimentá-lo na produção de pausas e mudanças de ritmo no texto, na busca por recursos que permitam, de alguma forma, convocar à experiência que possibilitou pensar o que foi, depois, produzido em seções da tese ou na operação de outros conceitos e outras estratégias metodológicas. A intenção é provocar os sentidos a experimentar mudanças de duração e suas ressonâncias.

Cada verbete-experiência vai e vem entre o escrito e o transitado, joga com o paradoxo, entre o acidente e a lisura, o tropeço e a continuidade. É a experimentação de uma escrita que se aproxima da dimensão acontecimento, também como a propôs Deleuze (2011), quando anuncia a possibilidade de um “jogo ideal” (p. 61), o jogo, como ele descreve, “reservado ao pensamento e à arte, lá onde não há mais vitórias para aqueles que souberam jogar, isto é, ramificar o acaso, ao invés de dividi-lo para dominá-lo, para apostar, para ganhar” (DELEUZE, 2011, p. 63).

⁴ Optamos por apresentar esse termo sem itálico, embora não conste nos dicionários de língua portuguesa. O termo Aion vem do grego antigo, αἰών (aión), mas é operado como um conceito nessa tese, tal como é utilizado por Deleuze para, através da distinção estoica de *nion* e *chronos*, pensar a extratemporalidade do acontecimento ou sua temporalidade paradoxal. Trata-se de um tempo morto, que de certa forma é um não tempo, batizado também como entretempo. François Zourabichvili descreve dois momentos para explicar o teor extratemporal do acontecimento, afirmando-o, contemporaneamente, dentro do tempo: “1) O acontecimento está dentro do tempo no sentido em que remete necessariamente a uma efetuação espaço-temporal, irreversível como tal [...]. Relação paradoxal entre dois termos incompatíveis (antes/depois, o segundo termo fazendo o primeiro ‘passar’), ele implica materialmente a exclusão que ele logicamente suspende. 2) O acontecimento está no tempo no sentido em que é a diferença interna do tempo, a interiorização de sua disjunção: ele separa o tempo do tempo, não há como conceber o acontecimento fora do tempo, embora ele próprio não seja temporal” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 12). O termo Aion, portanto, permite falar da extratemporalidade do acontecimento, que lhe é imanente. Não parece suficiente, entretanto, invocar a necessidade de uma efetuação espaço-temporal do acontecimento para afirmar que o fora está no tempo e que ele separa o tempo de si próprio.

Partindo dessa aposta, contamos histórias, inventadas junto à pesquisa e emaranhadas com a malha urbana, que produzem um modo de cartografar. Os contos narram experiências que lançam pesquisadoras(es) para encontros nos quais dobram-se e dos quais saem diferentes de como entraram. Mantemos um jogo permanente entre o texto e a textura, na busca por tocar a dimensão transformadora da experiência e por habitar, com a escrita, um tempo do acontecimento. Isso porque o conto recua e avança na dupla questão sobre o que vai se passar e o que acabou de se passar. Para Deleuze, o objeto do conto é o que dele emergirá:

E o angustiante do acontecimento puro está, justamente, em que ele é alguma coisa que acaba de ocorrer e que vai se passar, ao mesmo tempo, nunca alguma coisa que se passa. O *X* de que sentimos que *isto* acaba de se passar, é o objeto da 'novidade'; e o *X* que sempre vai se passar é o objeto do 'conto'. O acontecimento puro é conto e novidade, jamais atualidade. É nesse sentido que os acontecimentos são signos (DELEUZE, 2011, pp. 65-66).

Cada interrupção (verbetes-experiência), por constituir-se conto, faz-se experimentação de Aion. No plano do conto e da novidade, parece possível tocar singularidades em um campo problemático, tocar metamorfoses e redistribuições de singularidades que formam uma história.

O esforço de habitar Aion compõe a vontade de andar pela linha que atravessa e estira, prolonga, conecta, diferencia, abrange, acolhe tantos pontos que se encontram no estranho local de um ainda-aqui-e-já-passado, de um ainda-porvir-e-já-presente: o lugar do acontecimento. Cada conto pode habitá-lo à medida que afeta a subjetividade. É justamente por implicar transformações que o acontecimento se desenrola fora do tempo cronológico:

Se chamarmos acontecimento a uma mudança na ordem do sentido (o que fazia sentido até o presente tornou-se indiferente e mesmo opaco para nós, aquilo a que agora somos sensíveis não fazia sentido antes), convém concluir que o acontecimento não tem lugar no tempo, uma vez que afeta as condições mesmas de uma cronologia. Ao contrário, ele marca uma *cesura*, um *corte*, de modo que o tempo se interrompe para retomar sobre um outro plano (daí a expressão "entre-tempo"). Ao elaborar a categoria de acontecimento, Deleuze expõe então o laço primordial do tempo e do sentido, ou seja, que uma cronologia em geral só é pensável em função de um horizonte de sentido comum a suas partes (ZOURABICHVILI, 2004, p. 12).

Tomar o encontro entre pesquisadoras e cidade como acontecimento é como habitar a linha, constituir um ponto, desconstruir corpos, enfatizá-los de outros modos, alongar-se (prolongar-se) no tempo. Convida-nos à invenção de encontros e a distribuí-los como pontos, entre tantos, em linha reta, na superfície ilimitada estendida nos dois sentidos: passado e futuro, infinitamente. Efeitos povoam o tempo aiônico, mas nunca o preenchem.

Os encontros com o pesquisar, portanto, formalizam-se à medida que pedem uma estética argumentativa capaz de abrigar a manutenção dos tensionamentos e a sustentação dos paradoxos. Os traços que foram construindo esse trajeto metodológico formam um desenho

feito de muitos outros desenhos, uma vez que a escrita é operada, aqui, junto do caminhar atento de pesquisadoras transeuntes, que trazem às oficinas, aos diários de campo, às ruas e às rodas de conversa, as imagens que produzem os processos de pesquisa e marcam o corpo pesquisador, o corpo página, o corpo rua. As narrativas, discussões e interrupções que formulam a escrita propõem-se, então, a fazer das experiências de encontro o próprio ato de pesquisar. Por isso, o percurso de desenvolvimento da tese, que se configurou em doze seções introduzidas por verbetes-experiência e conduzidas pela sustentação de paradoxos, abriga citações não só de textos científicos, mas também de narrativas ilustradas, poesias, fotografias e canções.

Algumas das seções desse trabalho são precedidas de uma ilustração, que inaugura um novo argumento a ser explorado. Essas imagens são referências encontradas durante o período de finalização do percurso dessa pesquisa e foram anexadas a ela no intuito de ampliar as discussões que estão por vir, e não de reduzi-las à imagem que poderia pretender resumi-las ou descrevê-las. São ilustrações convocadas ao desenvolvimento do texto, do mesmo modo como são as inúmeras citações que permitem deslocar o pensamento ou discuti-lo, a partir de encontros com a diferença e da possibilidade de olhar em diferentes perspectivas.

Os desenhos são parte da obra de Fabio Issao, que é ilustrador e designer. Ao depararmos-nos com alguns desenhos que produziu e divulgou, vimos neles um território que parecia já abrigar nossos processos de escrita, e vislumbramos a possibilidade de fazer deles traços que pudessem participar do território das páginas em que nos produzimos como pesquisadoras. O disparador para que o procurássemos foi o encontro com a imagem que veio a ilustrar os contos e as discussões acerca das temporalidades de Aion e Cronos. Quando lhe foi dito que nos propomos a tensionar diferentes experiências de tempo no percurso dessa pesquisa, abriu-se o diálogo para que pudéssemos conhecer outras produções suas e, assim, reformulamos a estrutura de nosso percurso conferindo imagens produzidas por ele aos argumentos que a tese tensiona. As ilustrações, portanto, não são convocadas como material a ser analisado, mas como disparadoras de sensações que possam nos convidar a ler o que acabamos de ver e o que está por vir como quem procura os sons e as cores das palavras, e perambula pelas ruas e pelos muros tocando sua textura de pés descalços. A imagem, assim, não descreve o que as palavras dirão nem explica o que o texto poderia ter tentado dizer, mas é convocada ao texto como parte da narrativa dos encontros com o pesquisar. Ela opera como intercessor (DELEUZE, 2013), por nos deslocar de onde estamos, mas também é citação, por nos fazer buscar as discontinuidades que produzem o texto e por forçar a retirada dos objetos de seu contexto (BENJAMIN, 2009).

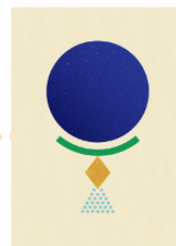
A CIDADE ENTRE O TEXTO E A TEXTURA: uma estética argumentativa dos encontros com o pesquisar

1 HABITAR O ENTRE E ACOMPANHAR O JOGO: INTRODUÇÃO

2 O JOGO DA RAMIFICAÇÃO E A OPERAÇÃO DE PARADOXOS

(método – hódos meta)

2.1 DOS DESVIOS DE UM PROJETO DE PESQUISA À EMERGÊNCIA DE UMA POSSÍVEL AVENTURA METODOLÓGICA



(pesquisa – militância)

2.2 PESQUISAR E APOSTAR: POR UMA POLÍTICA DE ESCRITA



(reconhecer - acontecimentalizar)

2.3 PESQUISAR: DESEMARANHAR AS LINHAS

(descrever – narrar)

2.4 DIÁRIO É CAMPO: O COENGENDRAMENTO ENTRE TEXTO E TEXTURA



(solidão - multidão)

2.5 VARRER, EM MOVIMENTO CARTOGRÁFICO

(metáfora - metamorfose)

2.6 DEVIRES-PESQUISADORAS OFICINEIRAS EM ESCRITA

(vulnerabilidade – potência)

2.7 PESQUISAR AGENCIANDO ENCONTROS E AFETOS: CORPOS VIBRÁTEIS, DEDOS DE GIGANTE E O POTENTE REPOLHO NÃO ROXO E CRU



(memória – novidade)

2.8 A DIMENSÃO POLÍTICA DA ESCRITA E DA MEMÓRIA

(presente – utopia)

2.9 ESPACIALIZAR O TEMPO, HABITAR OS FUIROS, BRINCAR DE FUTURO



(grade – ponte)

2.10 QUAL UTOPIA NOS INTERESSA?

(cadência – ritmo)

2.11 REPETIÇÃO, TRANSGRESSÃO E RITMO: JOGAR PARA RAMIFICAR

(niilismo – transvaloração)

2.12 AS TECNOLOGIAS DE PESQUISA E A PRODUÇÃO DE COMUM



3 RUMOS PARA MAIS UM PONTO FINAL

. A estrutura da tese⁵: entre escritos e encontros

O título “a cidade entre o texto e a textura” anuncia o início de uma discussão acerca da produção do tecido urbano como imanente à produção de conhecimento, à regulamentação da vida na cidade e aos modos de vida que nela convivem. O espaço urbano, com seus traçados, rugas, ruas, com suas estratégias de sustentação do fluxo de informações, pessoas, meios de transporte, mistos de polímero, concreto, troncos, rios, monumentos, folhas verdes, amarelas ou secas, faz-se lugar das misturas e segregações. Convoca-nos a pensar os textos que, com ele, pode-se produzir e os devires que nele e dele emergem, na construção de um campo problemático. A experiência de pesquisar a cidade faz-se campo e corpo nesse texto, que se constitui processo de composição e se baseia na perspectiva das filosofias da diferença. As formas de expressão e de conteúdo colocam a escrita em movimento e são anunciadas e trabalhadas por cada seção da tese, a partir da problematização de paradoxos.

Cada parte da tese é precedida por um conto, também compreendido como verbete-experiência. Os contos, operados como método de escrita, conectam-se entre si, do mesmo modo como acontecimentos comunicam-se. Para Deleuze (2011), os acontecimentos estão no tensionamento que os permitem comunicar-se cada um com todos os outros acontecimentos, sem penetrá-los. São incorporais. Por remeterem a um tempo não cronológico, provocam o exercício de tocar a eternidade: “forma vazia e desenrolada do tempo, o Aion subdivide ao infinito o que o acossa sem jamais habitá-lo, Acontecimento para todos os acontecimentos” (DELEUZE, 2011, p. 67).

A experiência narrada por cada um dos contos inaugura as perguntas que dela emergiram e, por isso, os verbetes-experiência operam interrupções. As experiências narradas, entretanto, também dão visibilidade a paradoxos operados, tanto nas tramas da cidade quanto no tecido da escrita e nos processos de pesquisa. O conto parece, aqui, carregar a potência de nos conduzir à dimensão do acontecimento, que só ocorre com a irrupção dos paradoxos, já que é regida por Aion. Uma vez que acontecimentos são pontos conectados entre si, em uma mesma superfície ou linha estendida, os contos podem ser lidos no início, um após o outro, antes do acompanhamento de todo o trajeto composto pela operação de conceitos e de pressupostos teórico-metodológicos que vieram a compor o tecido da tese.

Na primeira seção (2.1), é colocado em questão o paradoxo (*método-hódos meta*). É a partir da experiência de pesquisar em rede e procurar modos de produzir o Comum (BARROS

⁵ A Estrutura Ilustrada da Tese foi elaborada pela autora, com uso das imagens de Fabio Issao (© 2019 Fabio Issao. Todos os direitos reservados).

e PIMENTEL, 2012; NEGRI, 2003, 2015; HARDT e NEGRI, 2016) junto de pesquisadoras(es) europeias(eus), que surgiram questionamentos acerca das tradições e tendências a serem seguidas pelas pesquisas. Do verbete *Resiliência*, passamos a pensar uma política de escrita que estivesse voltada às práticas e discursos que compõem textos, cidades e subjetividades, na singularidade engendrada pelas demandas que são apresentadas pelo campo. Essa política de escrita passa a conduzir o trajeto e a estética argumentativa da tese, para possibilitar que o encontro de pesquisadoras com a cidade configure-se como objeto de pesquisa. A proposta é produzir-se um plano para o qual não sejam carregados conceitos prontos antes que o campo os convoque; um plano em que o pensamento não se restrinja ao que já foi o próprio passado, nem procure o próprio presente, e em que não se espere nada do que se encontrará pela frente.

A segunda seção (2.2) coloca em questão o paradoxo (pesquisa-militância), por meio da narrativa que compõe o verbete *Voz*. Debruçamo-nos sobre as questões que concernem ao olhar pesquisador e o modo como é operado na escrita dos diários de campo, à medida em que a pesquisa foi se construindo junto da composição de textos coletivos. Afirmamos, com isso, esse processo de escrita como o que Benjamin (2009) chamou de método da composição, o que implica não deixar de fora nada do que estejamos pensando durante um trabalho. A composição é marcada pelos intervalos de reflexão e espaços entre as partes do projeto que se voltam com máxima intensidade para fora dele. Ao narrar, militamos, recusando a busca por uma única conclusão acerca da pesquisa e da cidade e, principalmente, buscando abertura de possibilidades para inventar e construir relações possíveis entre o processo de pesquisa e o espaço urbano, entre as pesquisadoras e as lógicas que regem o ato de pesquisar e a vida na cidade.

O verbete *Retroescavadeira* inaugura a terceira seção (2.3), que é direcionada pela problematização do paradoxo (reconhecer-acontecimentalizar). Aqui, o verbete-experiência instiga a operação do conceito de acontecimento como pressuposto teórico-metodológico, ou seja, como ferramenta para pensar rupturas e regularidades instauradas em termos discursivos, assim como para considerar dispositivos e formação de práticas que compõem o encontro pesquisador(a)-cidade. Buscamos, então, através da acontecimentalização como método (FOUCAULT, 2006, 340) voltar-nos à relação entre novidade e regularidade e entre o surgimento e o funcionamento de práticas. Cria-se um campo de possibilidades, assim, para produzir outros arranjos, engendramentos, relações na composição do ato de pesquisar com quem pesquisa a cidade. Para além de convocar a acontecimentalização como método para a confecção da tese, o verbete-experiência *Retroescavadeira* impulsiona a problematizar as variações que emergem das marcas e fatos na produção de subjetividade. As marcas deixadas

pela cidade no corpo, assim como pelo corpo na cidade, a profundidade da cidade e a superfície dos fatos que com ela se desenham são apresentados como planos distintos. Porém, é nessa distinção que se afirma a diferença. Seguindo os passos de Deleuze (2011), que busca nos Estoicos a forma de distinguir esses dois planos e conceber as misturas que levam aos acontecimentos incorporais na superfície das marcas e fatos, consideramos modos de complexificar o encontro pesquisador(a)-cidade. Essa preocupação nos direciona à estratégia de leitura proposta por Deleuze (DELEUZE e PARNET, 1998, pp. 26-27), que consiste nos movimentos de inversão e produção de multiplicidades: não deixamos de passar pelos dualismos já pressupostos no uso da linguagem, mas podemos recusar sua primazia, “para traçar uma linha vocal ou escrita que fará a linguagem passar entre esses dualismos, e que definirá um uso menor da língua, uma variação” (p. 28). Com isso, parece tornar-se possível produzir multiplicidades, que são definidas mais pela gagueira do que pelo número de seus termos, elementos ou conjuntos. O que define a produção de multiplicidades é o e, e, e (a gagueira), “como alguma coisa que ocorre *entre* os elementos ou entre os conjuntos” (Ibidem). A partir dessa estratégia, percorremos o entre com atenção voltada às linhas de fuga traçadas e a traçar. Linhas que passam entre os dois termos ou os dois conjuntos, “o estreito riacho que não pertence nem a um nem a outro, mas os leva, a ambos, em uma evolução não paralela, em um devir heterocromo. Ao menos não é dialética” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 28).

O verbete *Escrita* abre a discussão que permite tratar a escritura dos diários, em suas particularidades. Nessa seção (2.4), visitamos os diários de campo dos subgrupos da pesquisa matriz e percorremos a tessitura de textos e desenhos, os agenciamentos operados em oficinas e a produção de encontros. A partir da leitura dos diários, vemos o ato de escrever, então, como procedimento que desloca pesquisadoras e sujeitos de pesquisa por diferentes cidades, na cidade em que se encontram. O caráter mostrativo da escrita que narra imagens conduz pesquisadoras a inventar modos de percorrer as ruas e produzir encontros. Nessa discussão, faz-se presente o paradoxo (descrever-narrar).

Na parte seguinte (2.5), o verbete *Encontro* apresenta a página em branco como superfície aberta para abrigar rugas, cicatrizes, desníveis, trajetos e encontros. O percurso de leitura dos textos e atenção aos encontros de pesquisadoras com a cidade, então, passa a ser tomado a partir da perspectiva de que a cidade e o texto produzem um ao outro. A pesquisa passa a se propor, mais especificamente, a acompanhar os encontros de pesquisadoras com a cidade, os modos como o tecido urbano fabrica práticas e dá corpo a devires pesquisadores (assim como a devires estrangeiros, imigrantes, cidadãos e tantos outros), também abrigados por ele. Diários, tese e cidade são tomados como território de solidão povoada, em que se

escreve, pesquisa e inventa, a partir de encontros de pessoas, movimentos, ideias e acontecimentos. No paradoxo (solidão-multidão), afirma-se a operação de uma pesquisa que concebe o encontro como captura mais do que como achar alguma coisa, e que acompanha mais a produção de assimetria e de conversa do que a afiliação conceitual com teorias sobre a cidade.

O verbete-experiência *Oficina* abre a parte 2.6, apresentando um texto elaborado a partir de trechos dos textos das pesquisadoras da cidade. Foram lidas as produções escritas feitas em oficinas com as pesquisadoras e então passaram a fazer parte de um processo de composição, que disparou discussões acerca do paradoxo (metáfora-metamorfose). A escrita dos contos que prosseguem das oficinas é constituída de figuras da subjetividade produzidas como agenciamentos coletivos. Não há, então, designação de conceitos, personagens ou fenômenos, nem metáforas (algo a ser interpretado por carregar sentido figurado). A palavra dá, portanto, diretamente nascimento à imagem.

A seção seguinte é iniciada pelo verbete-experiência *Abrigo*, que opera a continuidade da oficina narrada em *Oficina*, e traz cenas que movem os textos de pesquisadoras do campo dos Imigrantes. Dele, vem à tona a discussão acerca do paradoxo (vulnerabilidade-potência), a partir do qual pensamos a implicação das pesquisadoras diante de possíveis conflitos morais narrados no campo. Afirma-se, com isso, a sustentação da escrita e da pesquisa na possibilidade de pensar concomitantemente em sentidos diversos, recusando o bom senso (que é a afirmação de um sentido determinável nas coisas) e fazendo do ato de escrever uma aventura plena de inversões.

O conto *Muro* abre a parte 2.8, desencadeando a operação do paradoxo (memória-novidade). Esse verbete-experiência é elaborado a partir das imagens que surgem da escuta de uma canção e permite pensar a experiência do tempo como inseparável da experiência de percorrer e habitar o espaço urbano. Entra em foco a discussão sobre a dimensão política da escrita e da memória, na afirmação de uma tomada de posição diante do presente comprometida em desmontar a continuidade das coisas e manter-se ao mesmo tempo no passado e no futuro.

Equilibrar é o verbete-experiência que dá continuidade à narrativa da pesquisadora na cidade de *Muro*, convocando-nos a pensar fluxos em um espaço urbano dividido e poroso. Com as imagens que ele narra, entramos no exercício de passear por bairros que espacializam o tempo do sentido, Aion, e o tempo cronológico, Cronos, para problematizar o paradoxo (presente-utopia), na parte 2.9.

A discussão sobre utopia ganha mais corpo no paradoxo (grade-ponte), que constitui a parte 2.10. O conto *Segurar* nos coloca a considerar o contato com o passado (e com as memórias) como indispensável para vislumbrar o futuro. O questionamento acerca de que

utopia nos interessa leva a pensar os contrafluxos que obrigam a refletir sobre a direção para onde todos estão indo e a possibilidade de viver utopias que ainda estão por ser inventadas.

A montagem baseada em textos de oficina das pesquisadoras entra novamente em operação no conto que abre a parte 2.11, e a atenção se volta às repetições e novidades que se apresentam nos textos e nos processos de leitura e de escrita. O jogo entre texto e textura confronta-nos com o texto como território, e as operações de escrita e de leitura como processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização em ato. O paradoxo (cadência-ritmo) entra em cena e o conceito de ritornelo vem dar sentido às repetições e novidades que marcam e constroem o texto e o espaço urbano. Um plano de composição se faz possível na sobreposição e na justaposição de narrativas, leituras e invenções.

Na parte 2.12, o conto *Rumos* propõe uma montagem por meio de um diálogo entre pesquisadoras, que também é construído com base nos textos produzidos em oficinas. O jogo de ramificação é operado agora de outro modo, uma vez que esse verbete-experiência foi enviado às pesquisadoras para que dessem seguimento a ele. Na sequência, apresentamos três textos diferentes, que dão continuidade ao diálogo, a partir dos quais trabalhamos o paradoxo (niilismo-transvaloração).

O percurso de pesquisa é que foi construindo a estrutura da tese, através da experiência em campo (cidade, textos e oficinas), que convocou o desenvolvimento de cada uma de suas partes. A estratégia benjaminiana de escrita como montagem pede às pesquisadoras uma tomada de posição a partir da qual possam exhibir em vez de demonstrar, e mostrar em vez de deduzir ou discursar. Ao longo do processo da pesquisa, os contos, e também as discussões acerca deles, vão passando a utilizar tal estratégia e abrindo mais possibilidades para narrarmos texturas, deslizos na superfície, sons, cheiros que interrompem ou inspiram fluxos e regem modos de olhar. A leitura e a escrita de diários e textos produzem processos de pesquisar que circulam pelas intensidades e pelos sentidos; atentam-se aos afetos que irrompem do encontro de pesquisadoras com a cidade e do pulsar da cidade nas pesquisadoras. A própria escrita que constitui ato de pesquisar torna-se campo de composição, que se afirma na produção de encontros, nas interrupções, capturas e desvios e na sustentação de paradoxos.

2 O JOGO DA RAMIFICAÇÃO E A OPERAÇÃO DE PARADOXOS

A construção de processos de pesquisa em torno dos modos de vida no tecido urbano compõe o campo problemático a partir do qual passamos a pensar a cidade entre o texto e a textura. O ato de pesquisar e escrever (n)a cidade implica mudar de lugar para vê-la e tocá-la de diferentes perspectivas, mas também para produzi-la e inventá-la, tanto quanto sermos produzidas e inventadas por ela.

O projeto urbano e os modos de produção de conhecimento vêm ocorrendo e sendo pensados ao longo de séculos, mas a criação das cidades industriais é um fenômeno relativamente recente, de menos de duzentos anos. A partir dele, fabricamos tempos com os ritmos (modernos) de uma produção econômica, marcada, por exemplo, pelas viagens diárias nos deslocamentos de casa ao trabalho e pela grande proximidade de vizinhos desconhecidos e, por isso, definitivamente distantes, como ocorre na relação com tantas pessoas com quem podemos talvez dividir o mesmo teto, sem saber ao menos o nome. As construções verticalizadas vão crescendo e surgem dois modos molares de subjetivação a incidir sobre os corpos citadinos: a solidão e a multidão (COSTA, 2007).

Se houve um sonho disciplinar da "cidade perfeitamente governada" (FOUCAULT, 1987, p. 165), ele foi provavelmente deixado, para que entrasse em operação a predominância das estratégias de governamentalidade neoliberais em sua fluidez própria da herança fisiocrata (FOUCAULT, 2008c). Parece interessante pensar, então, que ao mesmo tempo em que, nas configurações urbanas o "centro da cidade" perde a força em uma malha polinucleada, também o modo de pesquisar, perambular em campo, desenhar trajetos e escrever na cidade constitui-se de experiências espaciais (e também temporais) marcadas por movimentos centrípetos e centrífugos ao mesmo tempo. Percorremos a cidade dispersiva e acelerada e a narramos em nossos diários e encontros do grupo de pesquisa, também apostando em certas fronteiras sutis e deparando-nos com imagens que a cidade apresenta como imperativo. Não raro, muitas vezes, tomamos tais fronteiras como nossas e percorremos inadvertidamente uma cidade por elas segmentada.

O projeto que chamamos de cidade, e suas fronteiras, produz nuances de continuidade, oposição e separações sutis. Tais operações ocorrem também nos textos e nos processos de pesquisa que inventam a vida urbana. Pesquisar e escrever a cidade parece possível, então, à medida que se dá a escuta, o delírio, a narrativa da imagem, mais do que qualquer observação ou descrição que procure conservá-la intacta. A pesquisa como acontecimento ocorre na cidade enquanto pudermos presentificar o instante de Aion no ato de escrever e de perambular. Apostar

o jogo da ramificação do acaso (DELEUZE, 2011, p. 63) implica, então, colocarmo-nos entre, suspender os polos e sustentar o movimento concomitante, mas não necessariamente mútuo ou simétrico, em duplo sentido: Aion, o tempo do acontecimento, esquiva-se do presente, mas tensiona o movimento ao passado e ao futuro ao mesmo tempo.

Para tomar a acontecimentalização como método, percorremos e pesquisamos a malha urbana na operação de paradoxos. Eles parecem abrir possibilidades para que, na escrita e na pesquisa, digamos aquilo que parece falso, mas que revela realidades não óbvias.

Os encontros com o pesquisar vão se dando junto da produção de uma estética argumentativa que deixa espaço para narrativas que contrastem com o bom senso, com opiniões universalmente aceitas e conhecimentos dados como adquiridos; uma estética que exija de nós a coragem de afirmar o que é aparentemente improvável, ou, no mínimo desconcertante, mas obriga-nos a operar dobras e inversões. Assim, talvez possamos reconhecer a existência de lugares-comuns com os quais estamos envolvidas cotidianamente, porque o “paradoxo é uma inversão real da perspectiva comum, apresenta um mundo inaceitável provoca resistência, rejeição, e, contudo, se fizermos um esforço para entendê-lo, produz conhecimento; no fim, parece espirituoso porque temos de admitir que é verdadeiro” (ECO, 2018, p. 228).

Escrevemos e inventamos a cidade num campo de batalha, colocando-nos entre forças que tensionam tanto no sentido de saber o que se deve escrever, quanto no sentido de deixarmos conduzir pelo campo e suas problemáticas. Tensões tanto no sentido de responder necessariamente ao rigor metodológico, quanto no sentido de militar em campo-escrita e em campo-encontro. Situamo-nos entre forças, tanto no sentido de reconhecer o que está posto, quanto no sentido de tornarmos-nos outras diante do que acabamos de fazer e transformar. Tanto no sentido de descrever uma realidade que se apresenta, quanto no sentido de narrar as imagens da cidade que inventamos. Tanto no sentido da solidão que acompanha a pressa e o silêncio, quanto no sentido do povoamento que toma as ruas e os pensamentos em multidão. Tanto no sentido de buscar compreender o que querem dizer as placas, os textos, os transeuntes, quanto no sentido de assumir o que as imagens dizem, tocando a dimensão da metamorfose. Tanto no sentido de tornar visível a vulnerabilidade, quanto no sentido de apostar na potência. Tanto no sentido de resgatar e narrar memórias, quanto no sentido de produzir e sustentar a novidade. Tanto no sentido de contermo-nos ao presente e seus ciclos, quanto no sentido de abrimo-nos para vislumbrar outros mundos (a utopia!). Tanto no sentido de segregar ou manter as fronteiras, quanto no sentido de fazer conexões e encontros. Tanto no sentido de repetir movimentos, marcando territórios, quanto no sentido de dançar o ritmo que os convoca e os inventa. Tanto no sentido da aceitação do mundo sem sentido quanto na perspectiva da criação

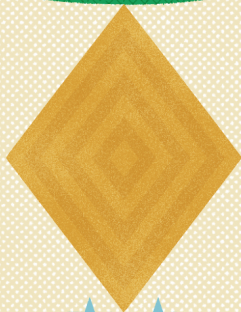
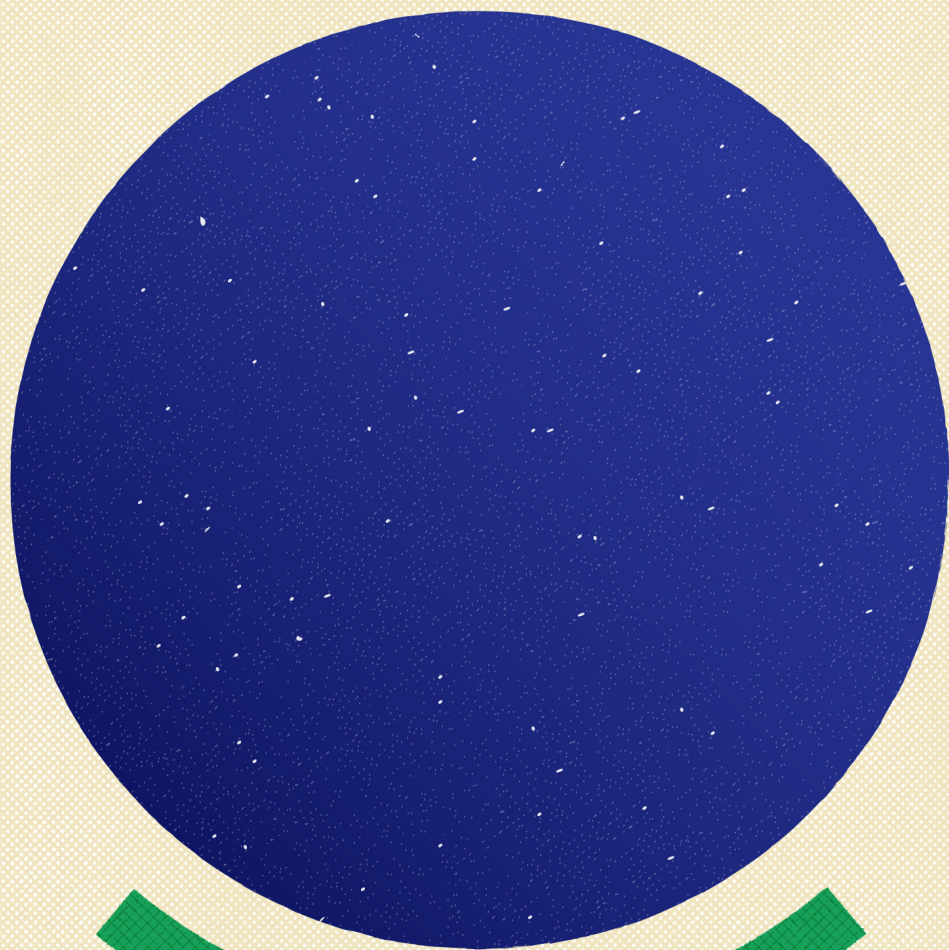
de novos valores para a invenção de mundos.

Para a operação de paradoxos, a narrativa imagética é um dos recursos dos quais lançamos mão para mudar de perspectivas, invertê-las e multiplicar possibilidades. Propomos a acontecimentalizar a pesquisa, operando, na escrita, agenciamentos coletivos. A própria forma de narrar constitui-se como intercessora nos processos de subjetivação que produzem a pesquisa, as pesquisadoras e a cidade, tendo em vista que a potência de um intercessor é compreendida pelo quanto ele é definido por forças externas que obrigam o pensamento a sair de sua imobilidade, ou seja, provocam deslocamentos e encontros (LIMA e PELBART, 2007).

Tais deslocamentos e encontros, que certo modo de narrar provoca, parecem operar aqui junto do movimento de nos esquivarmos, entre paradoxos, da busca por um sentido determinável das coisas. O caráter mostrativo da escrita que narra, mas não demonstra, tensiona outro paradoxo (ficção e realidade), derrubando as possibilidades de buscarmos algum bom senso e impulsionando o pensamento em mais de um sentido; assim pode dar-se a invenção de outros mundos. Já diz Deleuze que “o bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo” (DELEUZE, 2011, p. 1). Engendrar a pesquisa na escrita de imagens e ficção é um recurso que vem responder à proposta de sustentação da incerteza, uma vez que ela é “uma estrutura objetiva do próprio acontecimento [...] e que esquarteja o sujeito segundo essa dupla direção. O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas” (p.3).

Como pesquisadoras da cidade, colocamo-nos no jogo, implicadas em uma ética, imanente a ele, de afirmar a mudança de perspectivas como indispensável para a visibilização e a produção das marcas e repetições, mas também das diferenças. Operar paradoxos, portanto, coloca-nos diante de diversas perspectivas que entram em um campo de batalha das forças e compõem arranjos outros entre si. Apostamos, assim, em possíveis formas de situarmo-nos entre, para discutir e lutar, mas com o cuidado de quem pisa em um terreno instável e quebradiço, sempre sujeito a alterações.

A cidade, em seus paradoxos e múltiplos modos de subjetivação que se agenciam em territórios, assim como os processos de escrever e pesquisar, é povoada por multidões em seu campo micropolítico. Revirar os polos e unir as diferenças em um movimento de porvir conduz-nos, então, a abrir as páginas, as ruas e a pesquisa às interferências do caos que engendra muitos possíveis.



RESILIÊNCIA⁶

Na física, refere-se à propriedade que um corpo apresenta de retornar à forma original. Na administração e, às vezes, na psicologia ou na pedagogia, é um termo usado figurativamente para tratar da capacidade de adaptação de alguém, diante de dificuldades que encontra no caminho. É também um conceito adotado para tratar da sobrevivência daqueles que sofrem a vida difícil em países em desenvolvimento.

Ah, mas o jeitinho brasileiro tem muito menos de adaptação do que de invenção. É que aqui tem gente que samba bem. Pesquisadoras que gostam de trabalhar mudando de caminho, conhecendo o campo antes dos conceitos, conversando e caminhando antes de descrever o desenho metodológico (hodos meta!); e que gostam da ideia de deformar pra não voltar, criar novas formas, engendrar novidades mais do que buscar alguma forma original ou sobreviver às adversidades. Preferem a vontade de um porvir bem melhor para viver do que a necessidade de se adaptar ao desconforto para sobreviver. Chegando ao campo, quem estiver disposto a uma conversa talvez encontre vida, talvez produza diálogo, talvez se afete com o que não espera encontrar. Mas quem sabe exatamente o que procura não se surpreende com o que encontra pela frente.

Também é verdade que brasileiros se sentem reconhecidos e poderosos quando respaldados pela grande Europa. A pesquisa é instrumento de dominação de território, feitura de mapa que desempenha função de informar ao mundo como é o brasileiro, discorrer sobre como vive e o que faz. Já avisavam os filósofos: “A europeização não constitui um devir, constitui somente a história do capitalismo que impede o devir dos povos sujeitados” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 140).⁷

⁶ A imagem que inaugura essa sessão é de autoria de Fabio Issao (© 2019 Fabio Issao. Todos os direitos reservados). Ela traz elementos da bandeira nacional brasileira redistribuídos, e nos remeteu ao encontro entre pesquisadoras(as) brasileiras(os) e europeias(eus) e os consequentes deslocamentos que nos vimos operando nessa experiência.

⁷ Texto elaborado após o encontro para formação de rede de pesquisadoras e pesquisadores britânicos-brasileiros, em maio de 2016.

(método – hódos meta)

2.1 DOS DESVIOS DE UM PROJETO DE PESQUISA À EMERGÊNCIA DE UMA POSSÍVEL AVENTURA METODOLÓGICA

As perguntas que culminam no desenvolvimento dessa produção acadêmica nascem desde um projeto, que se iniciou em 2014 com o tema Fronteiras Urbanas e Produção de Subjetividade, e vêm produzindo seus desdobramentos. No ano seguinte, formou-se uma rede de pesquisadoras e pesquisadores que conectaram Brasil e Grã-Bretanha para pensar esse tema e desenvolver projetos a partir de seminários promovidos em Londres (London School of Economics) e Porto Alegre (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Além dessas duas universidades envolvidas, a rede também conta com pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Fundação Getúlio Vargas (São Paulo).

O primeiro seminário ocorreu em uma das sedes da London School of Economics, em seis dias de debates em torno da delimitação de um tema e de bases teórico-metodológicas que deveriam sustentar trabalhos futuros em rede. Dessa ocasião, em 2015, chegou-se a acordos importantes para que a rede pudesse dar corpo a novos projetos. Dentre as diretivas acordadas pelo grupo, estavam os compromissos assumidos de pilotar propostas metodológicas que trabalhassem prioritariamente com imagens, buscar aproximação de grupos de pessoas que ocupam a cidade, para participarem de um projeto de pesquisa posteriormente, e organizar o próximo encontro da rede de pesquisadores no Brasil, em Porto Alegre, no ano seguinte.

O grupo inglês já vinha pesquisando acerca de favelas do Rio de Janeiro há alguns anos e seguira traçando percursos em torno de problemáticas ligadas a esse contexto. Junto ao Grupo Intervires, na Ufrgs, os esforços foram direcionados para pilotar metodologias que propõem o uso de imagens, em especial o *photo voice*, que havia sido apresentado pelo grupo inglês, no encontro realizado. Além dele, também foram realizadas outras experimentações metodológicas, cujos resultados foram compartilhados com o grande grupo no segundo seminário previsto pelo projeto em rede, em maio de 2016, em Porto Alegre.

Este segundo seminário buscava seguir consolidando o *Networking* Brasil-Inglaterra e projetar novos trabalhos em conjunto, pesquisando cidades brasileiras. Foram cinco dias de discussões e atividades que promoveram tanto trocas metodológicas e conceituais quanto saídas

por diversos lugares da capital gaúcha. A organização dividiu o grande grupo em pequenas equipes e levou cada uma a lugares diferentes, para enriquecer a troca de experiências e de conhecimento nos encontros subsequentes e mostrar particularidades dessa cidade.

Na abertura do seminário, a equipe inglesa trouxe os resultados da pesquisa bibliográfica que vinha desenvolvendo acerca dos conceitos que lhe interessava pesquisar para desbravar o tema cidades: resiliência, porosidade e fronteiras urbanas. Pesquisadoras brasileiras trouxeram relatos de trabalhos já desenvolvidos ao longo dos últimos meses: mapas desenhados por alunas e alunos de graduação de uma universidade do Rio de Janeiro, um estudo de viabilidade para organizar pesquisas com grupos de periferia na cidade de São Paulo, e um método de pesquisa pilotado, junto a uma aluna do curso de psicologia, a única estudante transexual do curso na UFRN, que escreve sua história e sua trajetória na cidade de Natal e na Universidade⁸. Além disso, um estudo sobre a cidade de Natal e as possibilidades de pesquisar junto à população dessa região, um piloto desenvolvido em Porto Alegre, como variação do *Photo Voice*, contando a experiência de pesquisa com um jovem chamado Tom Tomas. Daí também nasceu um projeto elaborado em conjunto com mais pesquisadoras durante o último ano, chamado “Experiências urbanas e produção do comum: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância”, submetido ao Edital Universal, CNPQ.

As discussões que surgiram desse encontro geraram os primeiros impulsos para a questão de pesquisa da tese, que se desenrola a seguir. Enquanto pesquisadoras brasileiras questionavam a necessidade de buscar o conceito de resiliência na pesquisa bibliográfica, inglesas e ingleses indagavam sobre a abrangência e inespecificidade dos termos Produção de comum e Modos de vida, presentes no título e no desenrolar do projeto brasileiro.

A programação do seminário seguiu, com as saídas por diferentes bairros de Porto Alegre, em busca de encontros com a diversidade. O percurso provocou alguns deslocamentos em relação às perguntas e respostas convocadas e discutidas. Do contato com a rua, emergiram outras (diversas) questões, provocando movimentos do pensamento que vinha sendo produzido no grupo.

O último dia do seminário de Porto Alegre previa a organização dos próximos passos e programação de novos trabalhos possíveis. Pelo que afirmavam pesquisadores britânicos, à Europa convém investir em projetos que estudem a resiliência e discutam a pobreza em países emergentes. Nas afirmações brasileiras, predominava a atenção às possibilidades de relações, ao processo que pode se abrir na experiência de pesquisar enquanto se percorre a cidade, de

⁸ Conforme artigo posteriormente publicado na revista *Interação em Psicologia* (DIMENSTEIN *et al*, 2018).

certo modo mais atentos à invenção que à resiliência, à produção de vida que a pobreza. Nessa “perspectiva brasileira” (ao menos nesse encontro assim se configurava), visibilizar modos de existência na cidade, mesmo que aparentemente não sejam acolhidos pelo projeto urbano, parecia uma linha importante do projeto de estudo.

O grande grupo, assim, foi provocado a conhecer o que pesquisadores(as) brasileiros(as) teorizam sobre o que veem, o que os conceitos fabricados no Brasil têm a dizer sobre as produções de subjetividade. Foi lançado o convite para pensar o que se pode criar em conjunto com europeus nas pesquisas sobre cidades daqui. As reverberações foram de desconforto e frieza, embalados em gestos de uma educação britânica. O assunto desvia obstáculos, percorre caminhos em torno das passagens técnicas em relação aos editais de financiamento britânicos e brasileiros, e se dirige a um fechamento protocolar das atividades. Agradecimentos, sem acordos. Estudar o Brasil sem sair da visão inglesa sobre ele parece ser a tônica que não se permitiu ser dobrada.

. Tendências do mercado acadêmico

Considerar e operar conceitos abordados ou criados por europeus, de qualquer forma, pode ser muito interessante. Entretanto, a questão que se coloca diante desse relato se refere à necessidade (imposta) de que pesquisadoras(es) usem ou, como se costuma dizer, apliquem conceitos, carreguem-nos de antemão, para procurar identificá-los, no percurso metodológico, ao longo do processo de pesquisa.

O termo resiliência vem sendo utilizado de forma muito recorrente em pesquisas na área da psicologia, e alguns estudos mostram que é operado e utilizado para definir fenômenos que se diferenciam entre si (BRANDÃO, MAHFOUD e GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011, p. 264). Os autores apresentam um estudo das origens desse conceito e afirmam uma diferença entre o modo como ingleses e norte-americanos, europeus e brasileiros (e falantes de línguas latinas) entendem a resiliência. Segundo o artigo, pesquisadores “não anglo-saxões” (Ibidem) atribuem a origem do termo na Física ao termo e/ou conceito “resiliência”, mas essa origem não é mencionada por pesquisadores referenciais de língua inglesa. Nessa perspectiva, os autores anglo-saxões têm utilizado o termo para abordar a resistência ao estresse, fenômeno que anteriormente chamavam invulnerabilidade. A noção de adaptação, em sentido de ajustamento social, está inserida nessa concepção. Brasileiros e pesquisadores falantes de línguas latinas iniciaram seus estudos utilizando esse conceito vinte anos depois, tendo como

ponto de partida a literatura anglo-saxônica. Entretanto, “têm uma concepção que entende a resiliência ora como resistência ao estresse, ora como associada a processos de recuperação e superação de abalos emocionais causados pelo estresse” (p. 268). O estudo enfatiza que hoje o conceito, quando entendido como possibilidade de recuperação, parte da premissa de que a capacidade de resiliência implica uma superação do que se era, e crescimento pessoal. Essa consideração permite conceber que “projetos advindos da concepção de resistência ao estresse [...] potencializam os fatores de proteção e tentam minorar a ação dos fatores de risco”. São projetos que “visam a conseguir um máximo de pessoas competentes e bem adaptadas que não se abalem diante das adversidades” e “seus objetivos não estão voltados para os que já sucumbiram tentando recuperá-los”. Já os projetos de resiliência “baseados em concepções de recuperação e superação se voltam aos que se mostram mais fragilizados diante de adversidades, com objetivos de fortalecê-los, recuperá-los e torná-los mais fortes” (Idem).

Parece possível relacionar os diferentes modos de abordagem de um conceito, em locais e línguas distintos, com o fato de que as pesquisas são realizadas em diferentes contextos socioculturais e econômicos. Entretanto, parece haver uma economia, ou um mercado, acadêmico que coloca problemas a pesquisadoras(es) que buscam fomento às suas pesquisas nas agências governamentais. A referência que pesquisadores(as) de língua latina fazem à Física para comporem seus estudos com o conceito de resiliência, por exemplo, talvez se relacione ao fato de que um conceito que vem da Física, por ser ciência exata, ou considerada *hard science*, possa oferecer a um estudo maior aceitabilidade na busca por fomento ou até por aceitação nos meios de veiculação de resultados.⁹ As abordagens metodológicas, muitas vezes, também podem ser escolhidas para um estudo, como parte de uma “estratégia competitiva no mercado acadêmico” (FERREIRA NETO, 2015, p. 412).

Becker (1993, p. 12), ao abordar a pesquisa em ciências sociais, ressalta a preferência por “um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito”. Entretanto, a valorização do uso de certos conceitos e de determinadas perspectivas mais do que outras tem marcado o universo acadêmico. A resiliência parece compor uma base teórica que cumpre requisitos para essa tendência, assim como a inovação, que tem se tornado um forte valor contemporâneo. “Basta ver como ela [a inovação] comparece como elemento de avaliação para o financiamento de

⁹ Além de requisito presente na maioria dos editais e formulários específicos para financiamento de projetos de pesquisa, muitos periódicos já têm se utilizado do questionamento acerca das inovações que o trabalho apresenta no campo da ciência e tecnologia como critério de avaliação e, às vezes, seleção para que a pesquisa possa concorrer àquele espaço de divulgação científica.

projetos de pesquisa junto às agências de fomento no Brasil, reproduzindo uma tendência que também ocorre nos países desenvolvidos” (FERREIRA NETO, 2015, p. 412). As necessidades criadas pelo mercado acadêmico acabam por produzir práticas na elaboração de pesquisa que alcançam também o campo dos métodos.

Em relação às escolhas metodológicas, os atravessamentos e o mercado que as transversalizam, é interessante observar que “as abordagens metodológicas de matriz científico-natural prevalecem sobre as mais artesanais quando se trata de busca de fomento, ou mesmo avaliação pelas agências governamentais” (FERREIRA NETO, 2015, p. 416). O autor esclarece que a Psicologia no Brasil, apesar da intensa presença de estratégias qualitativas no campo, desenvolve em seus Programas de Pós-Graduação classificados com conceito acima de 5 pela CAPES, pesquisas preferencialmente de estratégias metodológicas quantitativas e experimentais.

Essa parece ser uma possível estratégia para responder a demandas por estudos que evitem certos acasos, interrupções ou resultados inesperados. No uso dessa estratégia, não é garantido evitar práticas que as(os) próprias(os) pesquisadoras(es) costumam rechaçar, como “a atividade da ciência como máquina”, que elimina todo tipo de tendências incontroladas (BECKER, 1993, p. 20). Refere-se a uma prática produzida diante da necessidade (e da dificuldade) de reduzir a ciência a procedimentos estritos e a algoritmos plenamente detalhados. Becker (1993) apresenta esse tema, afirmando que há pelo menos dois caminhos possíveis no confronto com essa necessidade/dificuldade: um deles é o de evitar a insistência em procedimentos mecânicos que minimizam o julgamento humano, tentando tornar as bases destes julgamentos tão explícitas, que conduzam os outros a chegar a suas próprias conclusões. A segunda, diz respeito a transformar nossos problemas (de pesquisa) em problemas que possam ser resolvidos por procedimentos típicos de uma máquina. Há, ainda, um outro caminho: o de evitar o estudo dos problemas que não possam ser transformados como se sugere na segunda possibilidade apresentada, “sob a alegação de que é melhor aplicar nossos limitados recursos em problemas que possam ser manipulados cientificamente. De maneira geral, os metodólogos contemporâneos escolheram o último caminho” (p. 20).

. Encontros e conceitos em operação

A recusa a tomar a resiliência como ponto de partida para um projeto que pudesse dar continuidade ao trabalho em conjunto, na rede internacional de pesquisadores, não tem relação

com alguma antipatia com o termo. Também não parte de um julgamento de valor que se possa fazer sobre esse conceito aplicado a um estudo acerca da cidade e da produção de subjetividade no Brasil. O distanciamento que se mostrou entre as perspectivas de trabalho dos dois grupos, britânico e brasileiro, provoca reflexões acerca do modo como convocamos conceitos às pesquisas e aos textos dos diários de campo; coloca-nos diante de novos questionamentos.

Na experiência de investigar o conceito de resiliência e a possibilidade de operá-lo junto às pesquisas que nos propomos a realizar, deslocamo-nos para rever criticamente nossa postura diante de como queremos pesquisar, mais do que diante do objeto de pesquisa e os conceitos a serem chamados para compô-la. Essa revisão propicia a nossa recusa a pesquisar sobre (algo ou alguém) ou procurar denominadores comuns, e nos convoca a afirmar a vontade de pesquisar com (a cidade, quem nela e com ela vive, quem com ela pesquisa), e de produzir comum. A pesquisa não busca, então, o que há de comum entre pessoas, lugares, modos de vida, porque nos interessamos pelos acontecimentos que irrompem dos encontros, pelas condições de possibilidade que surgem ao pesquisar (n)a diferença. Nessa perspectiva, a pesquisa se dá para produzir comum e inventar mundos possíveis.

É necessário, para isso, percorrer as páginas e as ruas com atenção orientada à intensidade dos encontros, ao mesmo tempo em que se luta, no grande campo de batalha no qual emergem as diferenças. O ato de pesquisar como produção de comum faz-se construtor de percursos que compõem esse campo, à medida em que se constitui espaço de resistência, de luta pela vida, de produção de coletivo e de invenção de mundos possíveis.

Como efeito da experiência junto aos pesquisadores britânicos, deslocamo-nos e tocamos a sensação de que talvez seja uma cilada usar conceitos e palavras antes que o campo de pesquisa os convoque e sem lançar perguntas aos textos que os citam. A pesquisa que nos propomos a realizar não traz pretensões de confirmar a existência de fenômenos ou associar sensações recorrentes à realidade encontrada em campo, para nomeá-las através de conceitos. Com Nietzsche, aprendemos que “palavras são sinais sonoros para conceitos; mas conceitos são sinais-imagens, mais ou menos determinados, para sensações recorrentes e associadas, para grupos de sensações (NIETZSCHE, 2004, p. 182).

A operação da escrita e os processos de pesquisar são atravessados pelo uso das palavras, mas o verbete-experiência *Resiliência* nos inspira a buscar formas de nos esquivar do caráter de demonstração que poderia assumir a escrita e de qualquer tentativa de aplicação de conceitos. Perambular pela cidade, escutá-la, lê-la e narrá-la implica o compromisso com produção de encontros, a sustentação de assimetrias, e a convocação de forças inversas ou diversas do que é colocado como natural ou já dito. Nietzsche nos alerta de que “não basta

utilizar as mesmas palavras para compreendermos uns aos outros; é preciso utilizar as mesmas palavras para a mesma espécie de vivências interiores, é preciso, enfim, ter a experiência *em comum* com o outro”, para que nasça algo que “se entende” (idem, p. 182). Entender-se dessa forma, entretanto, compõe a experiência da

fácil *comunicabilidade* da necessidade, que é, em última instância, o experimentar vivências apenas medianas e *vulgares*. [...] É preciso invocar prodigiosas forças contrárias, para fazer frente a esse natural, muitíssimo natural *progressus in simile* [progresso no semelhante], à evolução do homem rumo ao semelhante, costumeiro, mediano, gregário – rumo ao *vulgar!* (NIETZSCHE, 2004, p. 183).

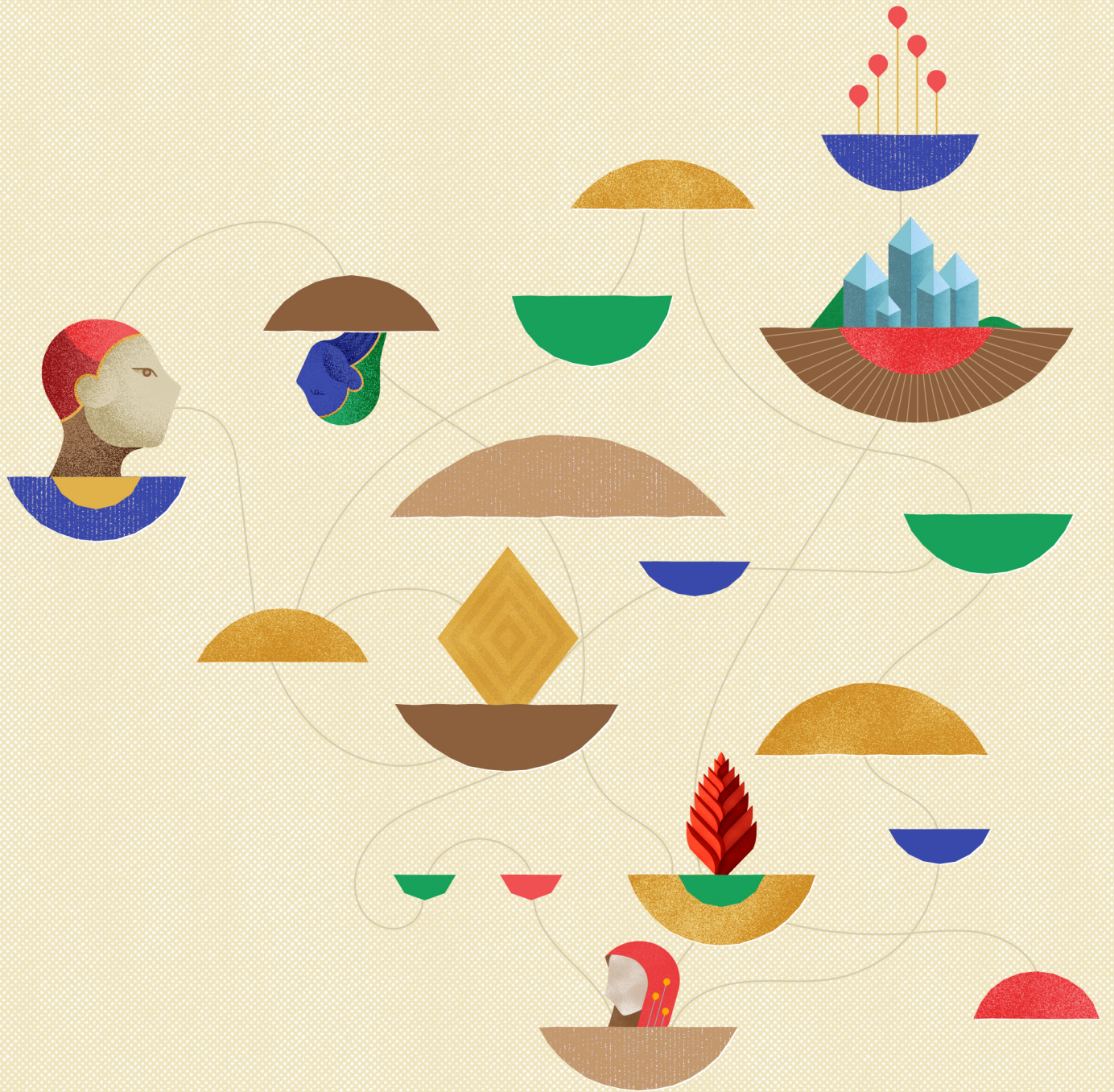
As reflexões que conduzem a tese a partir do verbete Resiliência direcionam a atenção pesquisadora, então, às diferenças, inversões e multiplicidades que irrompem dos textos e das ruas. Nas salas onde ocorreram os seminários, por exemplo, as discussões já foram tomadas pela emergência de vontades compostas pela busca por pesquisar, também com termos e parâmetros britânicos, o cotidiano urbano de diversas localidades brasileiras, assim como pilotar a metodologia *Photo Voice*, que é bastante utilizada no contexto europeu e foi sugerida nos encontros de pesquisadoras. É no exercício da escuta de outras perspectivas que “a presença de uma *outra* vontade me faz presente, através da evidência de minha própria incompletude, o caráter não fechado dos sentidos que minha vontade produz. [...] Através dessa diferença com o outro percebo-me como potencialidade de diferenciação, posso retomar minha existência como perspectiva-em-devir” (HOPENHAYN, 2001b, p. 258). Assim, os encontros (também internacionais ou transculturais, em alguma medida) parecem permitir o aumento de permeabilidade que faz tocar a potência de disparar outras perguntas ou outros trajetos a serem trilhados.

De um encontro e seus desconfortos, o grupo brasileiro parece sair com vontade renovada de produzir práticas e elaborar projetos que gerem condições para operar conceitos e criar percursos metodológicos ao longo do processo de pesquisar. Desenhando pesquisas por essa perspectiva, o método é entendido “como caminho para se chegar a um resultado, não é um *a priori* da pesquisa. Pelo contrário é algo que pode ser revisto, retificado ou alterado durante o processo da pesquisa” (FERREIRA NETO, 2015. p. 413).

A experiência de pesquisa que ocorreu compõe as origens de uma aposta. Uma escrita que permita tensionar questões metodológicas, experimentar a operação da pesquisa, no campo e no próprio modo de tecer do texto que se produz. O projeto de pesquisa que veio (depois) a se configurar no interesse pelo encontro pesquisador(a)-cidade tem origens em um desvio, que procura operar como tese respondendo a embates passados. Pensamos a construção de um

percurso, tomando o desvio como rota, assim como propõe Benjamin, quando afirma: “O que são desvios para os outros, são para mim os dados que determinam a minha rota. – Construo meus cálculos sobre os diferenciais de tempo – que, para outros, perturbam as ‘grandes linhas’ da pesquisa” (2009, p. 499).

Dos impasses encontrados, configura-se uma rota. Da experiência de dialogar com conceitos que chegam ao campo antes de serem chamados por ele para acompanhar quem opera a pesquisa, por exemplo, emerge a preocupação em trabalhar o tema da cidade, em engendramento com a produção de subjetividade, a partir de uma perspectiva, suas especificidades e recusas.



VOZ ¹⁰

Cheguei com 15 minutos de atraso. Estava muito cansada neste dia, e quase sem voz, por conta de um início de resfriado que não me deixou descansar na noite anterior.

Chegando lá, as mulheres Mirabal já estavam em um círculo no lado de fora da casa, as cinco crianças brincavam na árvore ao lado. Busquei me aproximar da roda e sentei com elas. A nova acolhida contou que é psicóloga e que tinha se casado com um amigo de infância, fazia quinze anos que se conheciam. Ela não tem filhas(os) e comentou que isso facilita sua ação como mulher dentro das dificuldades da vida. Falou sobre seus sentimentos. Está decepcionada com seu ex-companheiro e me contou que isso a faz superar mais facilmente a dor, já que ela sabe que fez tudo o que pode para que a situação não chegasse ao extremo. Chegou a prever um ataque/surto de seu marido e procurou a ajuda de psicólogos de família e de seus sogros, para avisar que a situação estava perto do limite. Disse que, depois de ter chegado na casa, melhorou muito e respirou fundo ao afirmar que se sente bem, apesar de ter apanhado muito no dia em que resolveu terminar o relacionamento.

Eu me vi escutando o que já escutei tantas vezes sobre a sensação de ter vivido uma experiência que leva a se transformar pra melhor, sobre a necessidade de agora viver sem companheiros por um tempo, sobre não excluir a possibilidade de viver esse amor no futuro, embora a consciência esteja tranquila por ter feito tudo que pode. Eis a posição da mulher na sociedade patriarcal, responsável por “tentar de tudo”. Se ela o tivesse deixado no primeiro momento, seria irresponsável? Não poderia ficar de consciência tranquila? As decepções acontecem para tornar as pessoas melhores?

As meninas estavam muito abatidas. Tão à flor da pele. Rafaela contou que anda pensando muito em sua mãe, que não consegue voltar para casa porque não quer ser povoada pelas lembranças, mas agora, com a rotina entediante da casa, não consegue parar de lembrar dela. A casa de Rafaela sempre está presente quando fala. É o lugar da saudade, da presença de pessoas de confiança, da morte, da violência, da invasão, do pátio compartilhado. Essa casa

¹⁰ A imagem que inaugura essa sessão foi inspirada em um trabalho de Fabio Issao já existente, mas passou por intervenções realizadas (por ele) especialmente para que compusesse essa tese. Ela conecta diferentes elementos que estão presentes nas demais ilustrações e foi escolhida por nós pelo fato de simular um rizoma. O nome “relationships” que ele deu à imagem é colocado agora em paradoxo, para que venhamos a observá-la a partir do sentido de agenciamento coletivo ou de coengendramento. Essa figura parece possibilitar deslocamentos e reflexões acerca desta seção (que trata da política de escrita de pesquisa – militância) e da próxima (parecendo desenhar o que problematizamos em reconhecer – acontecimentalizar, quando falamos no ato de pesquisar como um processo de desemaranhar linhas).
© 2019 Fabio Issao. Todos os direitos reservados.

vira sempre a falta que sente de sua mãe, de seu pai, do irmão, da vida antes de ser agredida. Ela anda procurando arranjar emprego, mas me conta que espalhou currículos por todos os lugares e não recebeu nenhuma resposta.

Diana, que a acompanhou nas andanças para entregar currículos e também busca um trabalho fixo, fala da situação frágil que vive em relação à guarda de seu filho. Agora que vive em uma ocupação, não conseguiu escola e está desempregada. Tem muito medo de perder a guarda para a sogra.

A conversa agora é povoada pelas lembranças da noite passada. Elas contam que entraram em pânico, porque as organizadoras se juntaram na casa à noite e não as procuram para explicar a situação. A Fer contou, chorando, que já estava com a mala pronta, quando soube que não haveria reintegração de posse naquela noite, mas sim uma conversa sobre estratégias, em preparação para a próxima reunião no judiciário, que decidirá o destino na casa.

Eu não sabia da situação. Expliquei que não tinha ideia sobre a reunião já marcada com os desembargadores. A Ju, minha colega pesquisadora, conta para as meninas que eu componho o Movimento Olga Benário, e então a Graziella pergunta como eu me sinto ouvindo isto das meninas. Em posição de militante do MOOB, eu respondo que acho importante essa crítica, e que as acolhidas estão aprendendo a lidar com esta situação, tanto quanto as organizadoras. Na tentativa de tranquilizá-las, eu lembrei sobre o fato de que o despejo não pode ser efetuado antes da decisão jurídica.¹¹

¹¹ Conto elaborado com base em trechos do diário de campo da ocupação Mirabal, de 4 de abril de 2019.

(pesquisa – militância)

2.2 PESQUISAR E APOSTAR: POR UMA POLÍTICA DE ESCRITA

A experiência com pesquisadores europeus, e as negociações e que se deram na construção de um espaço de trabalho em conjunto, com seus limites e possibilidades de pesquisar com, é trazida à tese para que possa disparar novas discussões. São colocadas em jogo, com essa narrativa, questões acerca do compromisso ético que implica o processo de pesquisar; compromisso que se dá, inclusive, com os companheiros de pesquisa. Contar esse acontecimento talvez conduza à ampliação de um espaço para discutir o que pretendemos como pesquisadoras e como nos colocamos diante do desejo de percorrer a cidade e as histórias de quem nela vive ou que nela poderiam ser vividas. Esse tema é tocado por Débora Diniz, quando explora, em uma entrevista realizada com Didier Fassin, a história de um “desencontro com seus companheiros de pesquisa”. Ela explica os motivos que fazem convocar esse assunto e, com sua explicação, podemos compreender melhor por que também nos dedicamos a contar uma história de desencontro com companheiros de pesquisa:

a intenção não é rememorar fuxicos do passado, mas explorar uma questão importante para quem pesquisa sofrimentos ou moralidades — como organizar compromissos políticos e responsabilidades acadêmicas? Como não tenho uma boa explicação para a insistente tese da separação entre antropologia e militância em Fassin, arrisco uma contratese — a necessária aproximação entre pensamento acadêmico e militância (DINIZ, 2014, pp. 15-16).

O questionamento que ela propõe: como organizar compromissos políticos e responsabilidades acadêmicas? Parece ser o que está em questão também para as pesquisadoras da cidade. Elas buscarão abrir possibilidades para percorrer trajetos ao dialogar com diários de campo, textos, pesquisadoras, ruas, corpos e pedaços de vidro, ferro ou concreto, seguindo as bordas e habitando frestas, tocando movimentos de domesticação e de resistência, tensionando a razão e a diferença.

Junto de referências deixadas pelas Filosofias da Diferença, parece possível estendermos uma aventura metodológica. Ela nos leva à operação de uma escrita carregada de perguntas acerca das marcas, formas de expressão, do devir expressivo do ritmo ou da melodia, da emergência de qualidades próprias que compõem o tecido urbano e o fazem território. O texto convoca autores para que possibilitem provocar relações e problematizações, que

complexifiquem o encontro de pesquisadoras com a cidade e apontem caminhos possíveis para delinear as formas de expressão que desenham territórios e o que delas se produz. Na escrita desse texto, olhar as práticas torna-se uma forma de acompanhar linhas e relações que possibilitem perguntar o que estão produzindo. O exercício de escrita, portanto, busca ser experimentado também como compromisso político.

A pesquisa que nasce desses embates parece exigir a experiência de ler diários e discutí-los em grupo, visitar sensações compartilhadas, ficcionar o campo que compõe o pesquisar a cidade. Desenhar percursos e suas ruas, traçar caminhos, tocar limites (ou o que se parece com eles), visitar casas itinerantes e nômades radicadas em algum lugar. Conversar com o que textos e texturas produzem e problematizar relações que os produz. Durar sobre ruas, conversas e diários de campo, com o corpo atento ao que se transforma.

Não deixa de ser uma recusa ao procedimento (esperado?) de se buscar no campo conceitos e no texto as relações causais que o confirmam. Os textos e a urbe estão tomados de tal procedimento. Também a lógica de mercado está engendrada com os modos como se pesquisa e, assim, produzimos cidades, sujeitos e textos que compõem um processo de categorização ou sedimentação que separa fenômenos, procedimentos, corpos, capítulos, para explicá-los, vendê-los, organizá-los, didaticamente compreendê-los. Não é assim que organizamos o ato de pesquisar? Um conceito de cada vez no dicionário, uma disciplina por período escolar, a compilação de tudo que se pode saber sobre uma palavra em um só verbete do dicionário (ou da enciclopédia). No mercado, gôndolas organizam produtos, no estúdio, cada voz gravada a seu tempo. No *set* de gravação, cada cena no momento certo, uma de cada vez. De fato, vozes que falam ao mesmo tempo, se escritas uma sobre a outra, tornam-se ilegíveis. Mas muitas vozes pronunciam palavras ao mesmo tempo na mesma cidade; sobrepõem-se umas às outras, no jogo de alternância entre diferentes timbres e ritmos ressoados de corpos caminhantes ou motorizados ou voadores. Tudo canta, grita, chama ou sussurra, ao mesmo tempo.

Assumimos, a partir da experiência de pesquisar na rede Brasil-Inglaterra, uma recusa. Partimos rumo à escolha por ferramentas conceituais que permitam colocar em discussão um coletivo. Olhar de uma perspectiva que possibilite não separar asfalto da favela ou dicotomizar a pobreza do país subdesenvolvido e o conhecimento de alto valor aplicável por pesquisadores europeus. Pensar o coletivo pode se dar na superação de dicotomias como indivíduo-sociedade, objeto-sujeito, objetividade exterior-intimidade psíquica. Escóssia e Kastrup (2005) abordam a dicotomia indivíduo-sociedade como parte da busca por atender a uma exigência colocada pelo projeto epistemológico da modernidade. Problematizar o que se quer dizer com coletivo oferece

tanto a possibilidade de visualizar e superar a lógica dicotômica que impera na ciência dita moderna (LATOURE, 1994), quanto a possibilidade de refletir acerca do plano de coletivo como plano de criação, plano de produção de subjetividades. “O coletivo é impessoal, é plano de coengendramento dos indivíduos e da sociedade” (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 303). Esse é um pensamento que transversaliza a produção de uma política de escrita; para tocar o sensível e produzir conhecimentos por afeto.

. Pesquisar entre o diário e a cidade

O ato de pesquisar configura-se na medida em que estabelecemos relações com objeto, embates metodológicos, práticas acadêmicas, campo e sujeitos de pesquisa, no tecido urbano que, assim como o devir pesquisador, modifica-se. A cidade vem constituindo-se “um *locus* de poder, cujos espaços tornaram-se coerentes e completos à imagem do próprio homem” – “promessa feita e quebrada na cidade” (SENNET, 2008, p. 25). Tal promessa remodela-se; a estratégia urbana dobra-se em si mesma e produz discursos, verdades, práticas e subjetividades, com origens em desvios e capturas.

Caminhar pelos rastros que pesquisadoras e projeto urbano inventam, desviam e deixam na produção de subjetividade parece ser interessante apenas se for um processo marcado pelo desafio de tocar o encontro; apenas se ele for nos aproximar da capacidade de pensar, no sentido como a concebem Deleuze e Guattari (1992) quando falam em Geofilosofia: “pensar consiste em estender um plano de imanência que absorve a terra (ou antes adsorve). A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 117).

A preparação para gravitar esse *entre texto e textura* que a cidade e o pesquisar produzem (e inventam) é um desafio, porque “nós, homens modernos, temos o conceito, mas perdemos de vista o plano de imanência” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 135). Será preciso acompanhar pesquisas e pesquisadoras com o corpo a tocar e ficcionar o texto, a ser tocado e inventado pelo encontro com a vida urbana.

A postura pesquisadora que tece a escrita e o encontro é a de aproximação ao pensamento, ou seja, não com o sujeito nem com o objeto, não no suposto fio estendido entre um e outro, mas naquela operação que “se faz antes na relação entre o território e a terra” (p. 113). É por isso que a pesquisa aqui proposta dá-se predominantemente pela atenção (flutuante) às marcas e ao campo de possibilidades que as permitem surgir no texto e na textura.

Busca-se afirmar a possibilidade de pensar como operação e movimento territorializante e desterritorializante. Enquanto o agenciamento territorial se constrói, por marcas e expressões, em componentes de meios, a terra opera um movimento contínuo que carrega a potência de desterritorialização; desterritorializa e é desterritorializada *in loco*, servindo-se de todos os elementos que ela reúne. O território é feito das marcas, da expressividade, da emergência de qualidades próprias. A assinatura territorializa. Mas “a terra é esse ponto intenso no mais profundo do território, ou então projetado fora do território como ponto focal, e onde se reúnem todas as forças num corpo a corpo” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 162). Há território quando os componentes de meio deixam de buscar direção ou ser funcionais e passam a ser da ordem da dimensão; devem expressivos: “É a emergência de matérias de expressão (qualidades) que vai definir o território” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 127).

Pode-se propor que o olhar pesquisador produza-se sobre o encontro pesquisador(a)-cidade não para entender um território como a assinatura, o nome próprio, como a marca constituída de um sujeito, de uma função, de uma prática; mas sim para acompanhar processos e tocar o território como “marca constituinte de um domínio de uma morada”: “é com a morada que surge a inspiração” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 130).

Esse olhar pesquisador foi operado na escrita dos diários de campo, conforme a pesquisa foi se construindo junto da composição de textos coletivos. Assim, a escrita dos diários constitui uma estratégia da pesquisa matriz (“Experiências urbanas e produção do comum: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância”), e passaram a compor o campo da presente tese. Cada grupo de pesquisadoras, ao longo dos encontros, das oficinas e rodas de conversa, abriu um arquivo compartilhado *online*, em *GoogleDocs*, e escreveu os diários, possibilitando que colegas do mesmo grupo alterassem, adicionassem ou suprimissem os trechos já elaborados. A continuidade da escrita nesses arquivos compartilhados foi se dando através de narrativas compostas por experiências vividas, e pela criação de histórias e personagens.

Os diários de campo, então, são produzidos como afirmação do que Walter Benjamin chamou de método da composição. Em *Passagens* (2009), o autor afirma esse método como condutor da própria obra que o explica, caracterizando a composição como procedimento que não deixa de fora nada do que estejamos pensando durante um trabalho. A composição, para ele, é marcada pelos intervalos de reflexão e espaços entre as partes do projeto que se voltam com máxima intensidade para fora dele. E esse parece ser um procedimento também vivenciado na escrita dos diários de campo compartilhados nessa pesquisa. Nas palavras do autor, a explicação se inicia com planos de falar mais sobre esse argumento:

Dizer algo sobre o próprio método da composição: como tudo em que estamos pensando durante um trabalho no qual estamos imersos deve ser-lhe incorporado a qualquer preço. Seja pelo fato de que sua intensidade aí se manifesta, seja porque os pensamentos de antemão carregam consigo um *têlos* em relação a esse trabalho. É o caso também deste projeto, que deve se caracterizar e preservar os intervalos da reflexão, os espaços entre as partes mais essenciais deste trabalho, voltadas com máxima intensidade para fora (BENJAMIN, 2009, p. 499).

Mantendo presente tal proceder metodológico, cada subgrupo da pesquisa (referentes aos campos específicos: ocupação de mulheres Mirabal, Ciclistas, Pessoas em situação de rua, Condomínios privados e Imigrantes venezuelanos) geriu o diário de modo particular. Alguns arquivos trazem textos divididos, cada parte precedida do nome da pesquisadora, identificando quem escrevera tal narrativa, mas se percebe que essa prática, quando ocorre, é sustentada apenas nos primeiros trechos do diário, porque as pesquisadoras estão de acordo em investir na autoria compartilhada. Outros diários são escritos em um só texto corrido, que costura uma história disparadora da problematização de questões convocadas pelo campo. Outros ainda são compostos por textos de participantes da pesquisa e por relatos dos encontros com eles. Alguns trechos são seguidos de data e especificação do encontro que os precederam, outros foram sendo alterados coletivamente ao longo do tempo, possibilitando que o mesmo texto tenha sido escrito, alterado, refeito, em datas diferentes.

Nos encontros quinzenais do grande grupo de pesquisadoras da cidade, segmentos desses diários foram lidos em voz alta, possibilitando repensar e discutir acerca dos encontros vividos em campo e dos processos de estudo, pesquisa e escrita. Para a tecitura dessa tese, os diários foram acessados, discutidos e convocados a compor a pesquisa como campo: o encontro pesquisadoras-cidade é visitado e construído a partir do passeio por entre textos de diários e textura das ruas. Através da leitura dos diários e da montagem de seus trechos com experiências que formam o jogo de escrita da tese, lançamos nosso olhar para texto e textura. A construção de diários e de textos compostos por eles, portanto, dá condições de possibilidade para considerar o engendramento entre superfície e profundidade.

Nos diários e na rua, vamos percorrendo a superfície do tempo que se propõe como instante: Aion, a superfície da página que abriga afetos, a superfície da cidade; essa que se ergue e se impõe nas fronteiras e seu teor de porosidade, e que se mostra e se esconde nos encontros que abrem brechas para a novidade. Contemporaneamente, confrontamo-nos com a textura de Cronos, e somos tensionadas aos mergulhos convocados pela profundidade do tempo limitado das incorporações. O tempo cronológico é o que nos toma pela profundidade dos fatos que

penetram corpos e nos levam a escrever narrativas, pela profundidade do tecido urbano, que se propõe nas misturas, nas segmentações, e nas diferenças e repetições de nível e de ritmo.

Além dos diários de campo produzidos coletivamente nos arquivos *online*, foram desenvolvidas oficinas de escrita, nas quais as pesquisadoras elaboraram textos e discutiram. Esses encontros e os escritos que emergiram deles dispararam a produção de novos textos, verbetes-experiência e discussões que tecem a tese, em uma espécie de montagem. Ora os diários e textos das oficinas são disparadores para a elaboração de verbetes-experiência, ora são convocados a compor análises, afirmando modos de pensar a cidade e a pesquisa ou discordando deles. As pesquisadoras da cidade participam, portanto, das discussões apresentadas na tese e escrevem colocando-se, ao mesmo tempo, como pesquisadoras e como participantes da pesquisa que desenvolvem, num jogo em que as fronteiras de autoria, posições de saber e lugares de fala se confundem e traçam novos caminhos pesquisantes.

. Ficcional e militar

Nas produções que se configuram verbetes-experiência, a realidade narrada nos diários flerta com a ficção e se propõe como possibilidade de pensar acerca de um tema a partir do que aconteceu e do que poderia acontecer ou poderia ter acontecido. Se os contos buscam tocar acontecimentos, esquivam-se do presente para se alongar em direção ao passado e ao futuro ao mesmo tempo. Parece, então, conveniente operar uma escrita conjugada no tempo do acontecimento. Embora as histórias narradas estejam, na maioria das vezes, conjugadas no presente, o flerte dos fatos vividos com a ficção se propõe como forma de habitar o futuro do pretérito, um tempo que parece flutuar no paradoxo. Trata-se de uma estratégia que procura mover o pensamento, redobrar o objeto de pesquisa diante de cada acontecimento, tendo em vista que tanto o processo de pesquisar (e de escrevê-lo) quanto o espaço urbano convocam-nos a visitá-los a partir de inúmeras perspectivas e inversões.

Deve permanecer sem resposta, durante toda a tese, a definição de cidade e de pesquisa, ou um único modo de concebê-las. Olhar para o encontro de pesquisadoras com a cidade, portanto, implica reconhecer o teor de complexidade que trazem aos diários e ao jogo de experiências e invenções na teia urbana, e esse teor parece não caber em alguma tentativa de descrição totalitária ou única análise interpretativa dos fatos.

Narrar montagens compostas por diários de campo, textos de oficinas e o que poderia ter ocorrido na pesquisa e na cidade constitui-se, então, um modo de afirmar possibilidades de

construir relações entre o processo de pesquisar e o espaço urbano, entre as pesquisadoras e as lógicas que os regem. Afinal, como nos ensina Virginia Woolf (2014), “quando o assunto é controverso [...], não se pode esperar a verdade. Só se pode mostrar como se chegou a ter a opinião que se tem. Só se pode dar ao público a oportunidade de tirar as próprias conclusões ao observar as limitações, os preconceitos, as idiossincrasias [...]. É mais provável que a ficção contenha mais verdade que o fato” (p. 14).

. Texto e textura são arquiteturas

A proposição em um modo de pesquisar que se lance sobre pensar o encontro pesquisador(a)-cidade, e inventá-lo enquanto se pesquisa, aproxima-nos da tarefa de analisar estados mistos, agenciamentos, aquilo que Foucault chamava de dispositivos. É nos agenciamentos que se encontra “focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem desfeitos”. O que opera a pesquisa não é remontar os pontos, “mas seguir e desemaranhar as linhas: uma cartografia, que implicava uma microanálise (o que Foucault chamava de microfísica do poder e Guattari, micropolítica do desejo)” (DELEUZE, 2013a, p. 113).

O conceito de dispositivo, para Foucault, é introduzido para operar a descrição genealógica. Possibilita descrever as mudanças em si mesmas. Ele surge quando Foucault insere em seu trabalho as análises do poder (CASTRO, 2009). Diferente da arqueologia, cujo objeto é a *episteme*, que é um dispositivo exclusivamente discursivo (FOUCAULT, 2009), a genealogia opera o conceito de dispositivo para pensar tanto as relações discursivas quanto as não discursivas. A crítica genealógica, como diz Hopenhayn (2001a) “ressalta as diferenças uma vez que se detém na textura” (p. 85).

Há estilo na(s) cidade(s) e na(s) escrita(s); e aqui borram-se as bordas para diferenciá-las ou dividi-las. E há também um modo de compor o texto do diário (de campo), a fala, o corpo que relata: texto e textura são arquiteturas. Como dispositivos, a cidade e o diário de campo são formações que têm ou tiveram, em um dado momento, por função, que responder a uma urgência. Constituíram-se de certos modos e com certas práticas, sofrendo reajustes estratégicos (ou não). Estando entre elementos heterogêneos, são eles, cidade e diário, que estabelecem o tipo de relação que se dará entre os elementos. Diário de campo e cidade, texto e textura, podem ser tomados, então, como dispositivos, como máquinas de produção de discursos, como espaços

que misturam o visível e o enunciável, juntando discursos e arquiteturas, programas e mecanismo.



RETROESCAVADEIRA¹²

Mais de dois anos de espera, menos de cinco visitas recebidas. Enquanto o tempo passa, Tom Thomas escreve textos criticando quem só pensa em conseguir calçar tênis novos para legitimar o direito de andar nas ruas. Cumpre a medida socioeducativa na FASE, porque foi pego roubando um automóvel (não perdia a oportunidade de dirigir quando via algum motorista marcando bobeira por aí). Dia desses, ele abraçou uma outra oportunidade.

Era uma rebelião na Casa de Detenção. Ouviu o som da chave adentrando a fechadura da porta do cômodo, entendeu a ordem de fuga, mas decidiu permanecer quieto ali. Por bom comportamento, recebeu recompensa: a antecipação da audiência.

A bagagem que traz são 18 anos de vida, construídos na zona sul de Porto Alegre, junto à mãe, que, enquanto ele esteve detido, nunca apareceu para uma visita. Já sabe que para a casa dela não poderá voltar. Na audiência, o pai, o irmão mais velho e a irmã de Tom Thomas marcam presença e deixam claro que vieram para acolhê-lo. Com breves abraços, o jovem se despede de alguns funcionários e amigos.

Uma das professoras da FASE se aproxima. Sorri a liberdade daquele adeus. Traz consigo a lembrança do que diziam as palavras escritas em redações do jovem infrator. Quer chamá-lo para participar de uma pesquisa, mas o corpo desconcertado não acha o modo de chegar e dizer. Sabe que ele nunca pisou fora do bairro onde pela vida toda morou. Uma visão singular. Ela toma coragem: lança o convite para uma caminhada com um grupo de estudantes por Porto Alegre, para que ele fotografe e conte a cidade que vê. É que ela participa de um grupo de estudos e pesquisa junto aos colegas de graduação em psicologia de um centro universitário ali da Zona Sul. Ele topa de imediato.

No término do cumprimento da medida, o jovem embarca de carona no carro do irmão e vai morar no extremo norte da cidade. Leva naquela mudança a certeza de que vai para o lugar certo. Lamenta tanto a história de quem insiste em voltar para o lugar de onde veio. Um amigo, que compartilhara com ele boa parte do tempo na Casa de Detenção, tinha acabado de receber extinção da medida e foi morto com 30 tiros ao visitar a família no bairro em que tinha morado durante a infância e adolescência.

¹² A imagem que abre essa seção tem em seu fundo a ilustração que inicia a seção anterior. Porém, ela sofreu uma intervenção das pesquisadoras, quando sobreposamos a última foto realizada por Tom Thomas no centro da cidade àquele dia. Para erguer ou destruir, a retroescavadeira parece se impor.

Disponibiliza-se em encontrar os estudantes no domingo à tarde, no requintado parque Germânia. Caminhando pelo parque, fala sobre a ideia de participar da pesquisa e do desejo de que, por meio dela, mais pessoas pudessem conhecer, no futuro, a história de alguém que quis sair do crime depois de ter cumprido a medida socioeducativa.

Hoje, seu cotidiano é feito de longos percursos de ônibus, mas ao parque ele foi de carona com o irmão. Trabalha de segunda a sexta, das 8h ao meio dia; às segundas e terças-feiras, almoça sempre no centro com seu pai e depois vai até o local de trabalho dele, perto da Rua Osvaldo Aranha, para dar uma mão nos serviços gerais, que há mais de 30 anos sustenta a família toda. À noite, estuda no bairro onde mora, terminando a etapa final do EJA. Faz o trajeto de um local a outro de ônibus, mas gosta mesmo é de andar de carro. Combinaram o próximo encontro: acompanhá-lo no trajeto de casa até o trabalho, na próxima segunda-feira.

Sete horas da manhã da primeira semana de julho. Um estudante de psicologia o espera em frente ao prédio para um percurso de fotos e companhia. No ônibus, Tom Thomas não olha para as janelas, e sequer vira o rosto para o lado de fora. O som do motor que move a grande caixa de metal sobre o asfalto toma conta da cena e só perde protagonismo diante do enfático “Não tem o que fotografar no ônibus”. Ele gosta é de dirigir.

Congeladas às 8h da manhã, no centro de Porto Alegre, as imagens narram um espaço quase vazio. Cenas que esperam. As fotografias mostram esse espaço onde se guarda o que dorme, empacotado e debaixo de lonas, como se fosse ainda noite na cidade. Em quase todas, Tom Thomas centraliza o carro da polícia. Desenho nítido, o contorno claro e explícito, a fronteira exata: a Brigada Militar. Marca da exigência pelo cumprimento de um tipo de ordem, de um tipo de civilidade. E um dos cliques, uma retroescavadeira, que carrega ou derruba tijolos de concreto (não se vê a direção do movimento, ali no tempo contido do piscar do obturador). Construção ou destruição, em pleno centro, aparentemente deserto.

O próximo encontro foi marcado. Um novo trajeto, novas fotos. Ficou com ele a incumbência de sugerir o lugar para onde iriam juntos; o estudante e funcionário e os estudantes universitários, para a próxima conversa. “Daí”, disse ele, “tem que ser de carro, porque não gosto de ônibus. Peça para meu irmão me levar”.

Na espera de um contato que não veio, chegam notícias trazidas pelo pai de Tom Tomas: na zona norte de Porto Alegre, o jovem foi baleado e faleceu. Polícia, quando não protege, ameaça; retroescavadeira, quando não ergue, destrói.¹³

¹³ Esse texto narra uma experimentação metodológica, que realizamos em Porto Alegre, após o primeiro seminário de pesquisadores(as) brasileiros(as) e britânicos(as), em Londres, em agosto de 2015.

(reconhecer - acontecimentalizar)

2.3 PESQUISAR: DESEMARANHAR AS LINHAS

O que produz o convite ao futuro participante da pesquisa, no verbete-experiência *Retroescavadeira*? O que se pode querer de uma pesquisa? Que (des)encontros surgem nessa caminhada? De certa forma, *Retroescavadeira* é um conto que conduz a montar na garupa das estudantes e pesquisadoras, para desejar com elas saber o que vem depois do fim da medida. O que pode ver alguém que nunca esteve onde todo mundo parece já ter estado? Conhecer sobre como acontece a cidade entoada por Tom Thomas, o que se engendra com seu olhar que caminha pelo centro da cidade. As imagens produzem uma cidade marcada pelas obras, pela polícia, e por pessoas (borradas) caminhando por ela.

É com essa experiência que a pesquisa passa a ter como objeto o encontro de pesquisadoras(es) com a cidade. Inaugura-se certa estética argumentativa que nos conduz a estudá-lo, sem desprendê-lo do que nele está impregnado. Parece necessário remexer o que já era condensado e conferir existência às práticas, a partir daquilo que foi produzido e que vem a se dobrar depois.

A aposta tende a tocar duplamente o que podemos chamar de um “teor revolucionário do encontro do pesquisador com seu objeto” (FONSECA et al., 2006, p. 656). Duplamente: Primeiro, porque se estuda no espaço entre texto e textura, pensando o que escrevem, dizem e inventam as pesquisadoras, considerando as ligações a certas cadeias discursivas, e o território em que o saber é operado. As estratégias produzidas entre olho e palavra, entre rua e placa, entre cidade e diário, tendo em consideração que aquilo que é dito sobre o encontro é o próprio encontro, que a verdade se ergue e se desfaz nesse mesmo processo de produzir um discurso e, com ele, território. Segundo, porque a tarefa que a tese propõe, de pesquisar tal encontro, pressupõe diluir fronteiras e colocar em suspensão sujeito e objeto, produtor e produto. O próprio encontro com a cidade, e os discursos, estratégias e relações que se produzem a partir dele, fazem-se em um mesmo processo.

Com a experiência da *Retroescavadeira*, ficam mais nítidas as recusas e os desvios que trazem para a superfície o encontro pesquisador(a)-cidade como objeto de pesquisa. O pensamento se move do campo cidade-subjetividade para deixar-se guiar por intensidades.

. Pesquisar como transgressão

A aproximação com o objeto de pesquisa ocorre na medida em que se faz possível olhar para o encontro da(o) pesquisadora(or) com a cidade como acontecimento (FOUCAULT, 2008a, pp. 51, 56, 57; 1999, pp. 327-328, 345). Essa aproximação deve ser acompanhada de um proceder metodológico que possibilite reconstituir, na leitura de textos e nos passeios por texturas relatadas (e relatantes), toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas.

O jogo de tensionamentos entre texto e textura convidam à invenção do mundo, na experimentação do encontro de pesquisadoras com a cidade. Uma experimentação que parece tornar propício que o pesquisar passe a ser transgressão, tanto na escrita da presente tese, quanto no modo como se considera os processos de pesquisa que serão percorridos ao longo dela. Pesquisar é, assim, concebido como ato de transgressão na medida em que, em vez de buscar a compreensão de mundo, torna-se “um laboratório de experiências estéticas e políticas, porque envolve ações, exercícios voltados para o possível, e não para o esgotamento do possível” (BERNARDES, 2014, p. 148).

O conceito de acontecimento é operado como ferramenta, por ser convocado ao exercício da pesquisa para colocar problemas. Ele possibilita pensar rupturas e as regularidades que elas instauram em termos discursivos; possibilita pensar dispositivos e formação de práticas; possibilita olhar para o encontro pesquisador(a)-cidade, para o entre texto e textura, com atenção voltada à relação entre novidade e regularidade, entre surgimento e funcionamento de práticas (com o cuidado de não fazer da novidade uma espécie de abertura, assim como de não converter as práticas a uma espécie de *a priori* da história). É um conceito convidado ao exercício dessa pesquisa, para abrir possibilidades de pensar a descontinuidade (das regularidades), o acaso de suas transformações e a materialidade de suas condições de existência.

O conceito de acontecimento é, também, operado como relação de forças, e, então, faz-se verbo: acontecementalizar. Trata-se de um método, uma forma de proceder para produzir novas possibilidades de arranjos, engendramentos, relações.

Relançar texto e textura às forças compõe a experiência de não tomar como evidência que pesquisadoras(es) saibam o que estão buscando. Não aceitar como fato evidente que pesquisador(a) e objeto de pesquisa estejam delineados previamente, que, na cidade, o asfalto seja destinado aos carros, as grades sirvam para proteger; que o diário de campo seja composto

de palavras e frases encadeadas em formato de escrita acadêmica, ou por pensamentos e relatos que descrevem fatos ocorridos; que a pesquisa seja um procedimento racional, que pressupõe um resultado *a priori* e o encontra; que pesquisar a cidade seja um modo de colocar perguntas e respondê-las, a partir de categorias, da separação pesquisador-objeto ou da análise do que está por trás do que dizem as placas, as composições arquitetônicas ou os diários de campo, como se quisessem dizer o que não dizem.

A acontecimentalização opera, primeiramente, em uma ruptura: “fazer surgir a singularidade ali onde se está tentando fazer referência a uma constante histórica, a um caráter antropológico ou a uma evidência que se impõe mais ou menos a todos” (CASTRO, 2009, p. 26). Ruptura das evidências, “essas evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas. Tal é a primeira função teórico-política do que chamaria de ‘acontecimentalização’” (FOUCAULT, 2006, p. 339).

Operar esse conceito no processo de pesquisa, então, não significa entrar no campo problemático que se configura em torno do encontro pesquisador(a)-cidade buscando identificá-lo, mas produzir possibilidades de, na própria experiência de pesquisar esse encontro, analisá-lo como “uma experiência histórica singular” (FOUCAULT, 1984, p. 10). Os conceitos não são pontos de partida para análises, “mas pontos de chegada que emergem de detalhados estudos de práticas locais” (FERREIRA NETO, 2015, 414). O modo como se concebe tanto a cidade quanto as(os) pesquisadoras(es) deve ser torcido ao longo da pesquisa, possibilitando o estabelecimento de relações e a problematização acerca do embate de forças que produz as marcas entre o texto e a textura.

. Acontecimentalização como procedimento metodológico

Buscando abrir os sentidos às imagens e tomando a acontecimentalização como procedimento metodológico, diário e cidade são dispositivos nos processos de encontro e pesquisa. O que é possível prever é que o encontro pesquisador(a)-cidade, como objeto da pesquisa, possa modificar-se enquanto durar para as relações que se estabelecem com ele e possa transformar tais relações e agenciamentos. O que diz e produz o diário de campo e a experiência escrita, assim como o que fala e se produz na superfície e na textura da cidade, elabora-se na rede de relações estabelecidas entre elementos heterogêneos; é engendramento de enunciados, proposições, instituições, morais, ditos e não ditos.

Em “Nietzsche, Genealogia e História”, Foucault faz uma crítica ao modo como uma tradição da história opera a tendência de dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal, produzindo um movimento teleológico ou encadeamento natural. Então, o autor afirma a possibilidade de uma “história ‘efetiva’”, que “faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo” (FOUCAULT, 2014, p. 73). Nesse sentido, ele coloca em foco o que entende por acontecimento e expõe sua ideia de que é preciso entendê-lo não por uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas por “uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada”.

Lançar algo às forças, então, é que se pode entender em um dado momento por acontecimentalização, reconhecendo que “as forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta” (FOUCAULT, 2014, p. 73; NIETZSCHE, 2009)¹⁴. Foucault aqui faz referência ao texto de Nietzsche, especificamente no trecho em que explica todo o acontecimento como “um subjugar e assenhorar-se”, como “uma nova interpretação, um ajuste, no qual o ‘sentido e a finalidade’ anteriores são necessariamente obscurecidos ou obliterados” (NIETZSCHE, 2009, pp. 60-61).

Ao tomar o ato de pesquisar como acontecimento e seu proceder como acontecimentalização, torna-se necessário colocar em suspensão hipóteses ou conceitos que possam ser tomados como aprióricos, porque as forças “não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não têm o aspecto de um resultado. Elas aparecem sempre na área singular do acontecimento” (FOUCAULT, 2014, p. 73).

O procedimento de acontecimentalização, no modo como vai sendo apresentado por Foucault em diferentes obras (1999, 2006, 2008a, 2008b, 2014, 2010a, 2004), sofre modificações, de acordo com o movimento de seu pensamento. No texto Mesa-Redonda em 20 de maio de 1978 (FOUCAULT, 2006), a acontecimentalização é mencionada pelo autor como um possível instrumento de análise, desde que tomado como uma “ruptura absolutamente evidente”, ou seja, “ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas” (FOUCAULT, 2006, p. 339). Romper

¹⁴ Nesse texto, Foucault convoca à leitura de acontecimento para Nietzsche, que, em Genealogia da Moral escreve: “Mas todos os fins, todas as utilidades são apenas *indícios* de que uma vontade de poder se assenhou de algo menos poderoso e lhe imprimiu o sentido de uma função; e toda a história de uma ‘coisa’, um órgão, um uso, pode desse modo ser uma ininterrupta cadeia de signos de sempre novas interpretações e ajustes, cujas causas nem precisam estar relacionadas entre si, antes podendo se suceder e substituir de maneira meramente causal.” (NIETZSCHE, 2009, p. 61).

evidências, nesse sentido, constitui uma função teórico-política do procedimento de acontecimentalizar.

Para fazer surgir uma singularidade exatamente de onde estaríamos tentadas a fazer referência àquilo que se impõe como evidente da mesma maneira para todos, esse procedimento de análise nos convida a reencontrar conexões, encontros, apoios, jogos de força, estratégias que formaram o que, em algum momento, veio a funcionar como universalidade, necessidade, evidência.

Primeiramente, compreende-se que o procedimento implica analisar acontecimentos segundo processos múltiplos que os constituem. Pensar o encontro pesquisador(a)-cidade, assim, convoca a encontrar as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias que permitiram a configuração de formas daquilo que depois virá a ser considerado evidência, necessidade, universalidade. Foucault (2006, p. 340) chama esse processo de “desmultiplicação causal”.

Um segundo aspecto do procedimento de acontecimentalização pressupõe “construir, em torno do acontecimento singular analisado como processo, um ‘polígono’, ou melhor, ‘poliedro de inteligibilidade’, cujo número de faces não é previamente definido e nunca pode ser legitimamente concluído” (FOUCAULT, 2006, p. 340). Assim, quanto mais se analisar o encontro pesquisador(a)-cidade e os processos de pesquisar, em detalhes, mais essa aproximação conduzirá à construção de relações de inteligibilidade externa, ou seja, a relação com práticas como as do encontro de trabalhadoras(es) com a cidade, ou de moradoras(es) de um determinado local, professoras(es), imigrantes etc. A decomposição da análise e de processos, desde o interior, caminha junto da “multiplicação das ‘sacadas’ analíticas” (FOUCAULT, 2006, p. 340).

Um terceiro aspecto do processo de acontecimentalização é o que Foucault chama de polimorfismo crescente, e ele se aplica aos elementos, às relações descritas e aos domínios de referência. Com isso, ao longo do procedimento de análise, torna-se importante colocar em jogo, a partir do encontro pesquisador(a)-cidade, práticas de moradores, cidadãos, a formação de políticas de acolhimento a imigrantes, de políticas públicas para as mulheres, os procedimentos de ensino e pesquisa ou de escrita acadêmica. Isto implica olhar para as relações descritas, que podem se referir aos protocolos de pesquisa, às exigências que se faz em relação ao uso de determinados conceitos ou aos limites e possibilidades que o uso do diário de campo apresenta, quando usado como instrumento metodológico em pesquisa. Para convocar à análise isso que se pode entender por polimorfismo nos domínios de referência, parece necessário prestar a atenção aos modos como as estratégias e práticas que compõem o encontro com um

objeto de pesquisa, em seus detalhes e generalidades, adaptam-se, reconfiguram-se e sofrem mutações. Simultaneamente, dá-se o surgimento de novas técnicas de poder, em função de exigências específicas, que o processo de pesquisar deve percorrer.

. Pesquisar por afecção

O pensamento de Bergson, que questionou tanto a posição idealista, quanto a posição materialista na filosofia, vem contribuir com a estética de um modo de pesquisar. Para ele, a percepção da matéria, com sua representação mental e subjetiva, refere-se a uma ação sobre as coisas; e a realidade objetiva é percebida por um centro de indeterminação, segundo o seu interesse circunstancial. Não é possível, então, uma percepção plena e pura de um objeto. É, sim, a afecção que “desempenha o papel decisivo de regulador das relações entre a percepção e a ação” (FATORELLI, 2012, p. 49) e se refere a um modo de sentir-se ou a uma possibilidade de sentir-se tocado por algo: “Diferentemente da percepção, que mede o poder refletor do corpo, a afecção mede seu poder absorvente, aponta para o interior do corpo, para o que esse corpo acrescenta aos corpos exteriores” (idem). Bergson (1999) trabalha sobre a suposição de que as imagens preexistem à consciência, de que o que se entende por mundo material precede a presença do que poderia vir a interpretá-lo. Assim, concebe um universo em permanente movimento, em que as imagens passam a variar em função da presença de um corpo, um centro de indeterminação. Nesse universo, elementos heterogêneos são combinados de modo a criar arranjos sempre provisórios.

Pesquisar por afecção implica, pois, abrir os sentidos às imagens, que não são coisas nem representações. As imagens atuam umas sobre as outras e se modificam constantemente. Dentre elas, algumas se destacam, porque são tocadas por afecção: “Há uma [imagem] que prevalece entre as demais na medida em que a conheço não apenas de fora, mediante percepções, mas também de dentro, mediante afecções: é o meu corpo”. Pesquisar por afecção seria, nessa perspectiva, “um convite a agir, ao mesmo tempo com a autorização de esperar ou mesmo de nada fazer” (BERGSON, 1999, p. 46).

Bergson afirma que existem determinadas condições que possibilitam as afecções, que são as seguintes: As afecções se interpõem entre estímulos que atingem o corpo e os movimentos por ele executados. Esses movimentos não ocorrem em razão de tais estímulos, mas “podem se fazer esperar e, mesmo, não ocorrer” (CAPPELLO, 2006, p. 33).

A afecção não é peculiaridade de algum sujeito, mas peculiaridade de todo organismo vivo que, por ser capaz de se mover no espaço, está exposto a perigos dos quais pode ser advertido pelas afecções, que virão a dirigir suas ações. As afecções não estão correlatas a processos conscientes, ou seja, pode-se considerar que a consciência não é necessária para as afecções:

Interrogo enfim minha consciência sobre o papel que ela se atribui na afecção: ela responde que assiste, com efeito, sob forma de sentimento ou de sensação, a todas as iniciativas que julgo tomar, que ela se eclipsa e desaparece, ao contrário, a partir do momento em que minha atividade, tornando-se automática, declara não ter mais necessidade dela (BERGSON, 1999, p. 12).

É do ato em que resulta o estado afectivo que se pode acrescentar algo de novo ao universo e à sua história. Ater-se às aparências, enquanto se pesquisa, é o que pode permitir, assim, a formulação do que se sente e o que se vê: “Tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo” (idem).

A partir dessas condições abordadas por Bergson, concebemos uma pesquisa que, em vez de produzir-se e organizar-se com base na necessidade (que cria os universais e tende a ser convocada na origem da produção de discursos), dá-se por afecção: problematiza um campo de relações que se destaca no universo da possibilidade.

A experiência de pesquisar com Tom Thomas produz imagens e abre possibilidades para ver cidades outras em Porto Alegre; produz pesquisadoras implicadas que pesquisam de outro modo depois daquele encontro; lança perguntas para a rua, para os textos, para as relações: da escrita com a imagem, da pesquisa com o que pode vir depois do cumprimento da medida sócio educativa. A partir do acontecimento Tom Thomas, surgem questionamentos, que nos acompanham durante a pesquisa: O que determina o centro da cidade? Que cidade se põe em movimento quando ninguém ainda nela se movimenta? O paradoxo construir-destruir passa a ser também sustentado diante das imagens, e com ele seguimos escrevendo, andando e pesquisando, para lançar perguntas às cadeias de discurso que se produzem nas relações.

. Pesquisar para encar(n)ar as marcas no acontecimento

Retroescavadeira deixa marcas em quem passa por Tom Thomas, pelo texto e pela cidade. Convocou a tese a refletir sobre um método de análise, e convida a buscar um termo

que fale do texto e da textura, quando exprimem o deslocamento de uma história que deixa sinais e dura na pele de quem os quiser encarnar.

Em “A Lógica do Sentido” (2011), Deleuze convoca o termo acontecimento para se referir a singularidades que são designáveis em determinada estrutura, mas não se opõem a ela: “a estrutura comporta um registro de *acontecimentos* ideais, isto é, toda uma *história* que lhe é interior (por exemplo, se as séries comportam ‘personagens’, uma história reúne todos os pontos singulares que correspondem às posições relativas dos personagens entre eles nas duas séries)”¹⁵ (2011, p. 53). Tais séries convergem para um acontecimento, um elemento paradoxal, que é “o princípio de emissão das singularidades” e que tem como propriedade o fato de “estar sempre deslocado com relação a si mesmo, de ‘estar fora de seu próprio lugar’, de sua própria identidade, de sua própria semelhança, de seu próprio equilíbrio” (DELEUZE, 2011, pp. 53-54). As singularidades, nessa perspectiva, são verdadeiros acontecimentos, que se comunicam em um só e mesmo Acontecimento que as distribui e transforma, formando uma *história*¹⁶. Assim, os acontecimentos operam em um tempo próprio, que não é o presente, seu tempo é o Infinitivo em que eles subsistem e insistem. Pensar desse modo convoca a “destituir as essências para substituí-las por jatos de singularidades”. Firma-se, assim, uma dupla luta para impedir tanto “a confusão dogmática do acontecimento com a essência” quanto “a confusão empirista do acontecimento com o acidente” (DELEUZE, 2011, p. 56).

A ideia de operar o conceito de acontecimento na política de escrita e no modo de pesquisar o encontro entre pesquisadoras e cidade acabou por inspirar uma poética marcada pela transversalidade, e é por isso que se faz a aposta na tecitura dos contos que precedem cada parte dessa tese. Deleuze diz que o objeto do conto é aquele que trata do que sempre vai se passar (2011, p. 66) e, assim como o acontecimento, jamais é atualidade. A estética da escrita, então, opera mais o desenrolar dos contos do que a análise deles, mais a abertura de campos de possibilidade a partir das histórias contadas do que a tentativa de compreendê-las ou apreendê-las, já que “o brilho, o esplendor do acontecimento, é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (Idem, p. 152).

Tendo o próprio tempo fora do presente, no Aion ilimitado, e estando sempre fora do próprio lugar, porque está sempre deslocado em relação a si mesmo, o acontecimento não preenche tempo nem espaço. É incorporal. Produz, entretanto, seus efeitos: “assim como os

¹⁵ Grifos em itálico reproduzidos conforme escreve Deleuze (2011).

¹⁶ Idem.

acontecimentos se efetuam em nós, e esperam-nos e nos aspiram, eles nos fazem sinal” (DELEUZE, 2011, p. 151). A aposta de pesquisar operando esse conceito concentra-se em tocar essa dimensão que não tem presente, mas recua e avança tanto no sentido do que vai se passar, quanto em direção ao que acabou de se passar; acontecimento nunca é alguma coisa que se passa. Para isso, é preciso buscar a aproximação ao “que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece” (p. 152). Trata-se de querer o acontecimento por sentir que é dele que nascem as singularidades e não da obra (que é produzida justamente pelo filho do acontecimento). Dos contos, dos diários e das pesquisadoras, queremos buscar as marcas que já estavam lá quando surgia alguém para encarná-la.

Chegar a essa vontade que nos faz o acontecimento, tornar-se a quase-causa do que se produz em nós, o Operador, produzir as superfícies e as dobras em que o acontecimento se reflete, se encontra incorporal e manifesta em nós o esplendor neutro que ele possui em si como pessoal e pré-individual, para além do geral e do particular, do coletivo e do privado – cidadão do mundo (DELEUZE, 2011, p. 151).

Também para Foucault, o acontecimento é compreendido nesse paradoxo do incorporal com a produção de efeitos materiais. Em “A Ordem do Discurso” (2008b), ele afirma que o lugar do acontecimento é às margens de sua contingência, as condições de sua aparição, e que as noções fundamentais que se impõem para operá-lo não são mais as da consciência e da continuidade, ou do signo e da estrutura, mas as do acontecimento e da série, com o jogo de noções ligadas a elas: regularidade, casualidade, descontinuidade, dependência, transformação.

O acontecimento, então, como também afirma Deleuze (2011), é compreendido não como substância, nem como acidente, qualidade ou processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto,

ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorporal (FOUCAULT, 1996, pp. 57-58).

. Sobreposições e multiplicidades

O encontro pesquisadora-cidade é malha composta e marcada por formas de escrita, contínua produção de subjetividades, multiplicidades, expressividades, estratégias de domesticação e resistência, movimentos hegemônicos e rupturas. A pesquisa que procura

operar tempo e espaço do acontecimento passa a se constituir em uma estratégia de leitura composta de dois movimentos: inversão e produção de multiplicidades (DELEUZE e PARNET, 1998, pp. 26-27). Quando se inverte a hierarquia até então dada para Cronos e Aion (Deleuze, 2011), e se considera Aion na sua relação com o paradoxo, na sua autonomia e sem submissão a Cronos, a inversão possibilita o segundo movimento: a multiplicação.

A estratégia de intitular os contos com uma palavra e operá-los por verbetes, pode ser tomada, assim, como forma de buscar o tensionamento de paradoxos trazidos pela popularização da enciclopédia e a linguagem descritiva dos dicionários. A proposta de universalização do conhecimento que os enciclopedistas do Romantismo trouxeram parece reforçar as exigências de uma escrita descritiva e analítica em hierarquia superior a uma escrita singular. Esta é uma escrita que deixa espaço para o suspense, deixa em suspenso explicações conclusivas.

Operar, na escrita, uma estética argumentativa pode ser um pouco como deixar espaço para que o pesquisador constitua-se experiência. A sobreposição do verbete com o conto, por exemplo, lança a aposta em uma ética da composição; inverte a hierarquia da linguagem descritiva e analítica em relação à linguagem literária e opera multiplicação para engendrar a diferença.

O que é preciso ver é que as interferências entre linhas não dependem da vigilância ou da reflexão mútua. Uma disciplina que se desse por missão seguir um movimento criador vindo de outro lugar abandonaria ela mesma todo papel criador. O importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento. Se ninguém começa, ninguém se mexe: tudo acontece por dom ou captura (DELEUZE, 2013, p. 160).

Os trechos de diários que compõem processos de pesquisar, as imagens ilustrativas, os paradoxos sussurrados entre parênteses e as narrativas que se propõem ficcionais intercalam-se, como pontos que convivem lado a lado em uma linha que abriga acontecimentos. Parece compor ou acompanhar um modo de ler, escrever, inventar, escutar dispensando a suposta compreensão consciente que depois julga, enquadra, caracteriza, orienta e padroniza. Faz parte da busca por operar uma política da narratividade, uma vez que se faça o exercício de considerar que personagens e histórias se encontrem e que produzam mundos neste encontro.

Para falar desta dimensão expressiva, segue-se a pista de “tomar os sujeitos e o encontro entre eles como objeto de pesquisa”. Isto “nos impõe um outro sentido para o rigor metodológico, aquele que nos força a pensar as condições de possibilidade para o exercício crítico-clínico que toda pesquisa em saúde, toda prática clínica exige” (PASSOS; BENEVIDES, 2012, p. 151).

Através dos pressupostos de um método cartográfico e das pistas que podem levar à prática desse modo de pesquisar, parece possível dialogar com a diversidade epistemológica que emerge de experiências vividas, ficcionadas, testemunhadas e possibilitadas em narrativas urbanas, territoriais e coletivas. Vem para a superfície a operação de multiplicidade que Deleuze propõe em “A Lógica do Sentido” (2011). Pesquisadoras, oficinas, discussões e escritas são trazidas para a escrita, operando como intercessores, que movem o texto e o modo como ele é tecido; deslocam leitoras(es), pesquisadoras(es) e debatedoras(es):

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível (DELEUZE, 2013, p. 160).

A fabricação de intercessores na obra, numa comunidade, num pensamento, afirma a aposta na criação a partir das falsificações, das séries, das bifurcações. Da mesma forma que as dicotomias reforçadas pela modernidade constroem mundo – afirmam a busca por atender uma purificação dos objetos e a emergência de domínios específicos, fronteiras entre saberes –, a aposta em uma ética da composição conduz a experimentar uma escrita que tenciona paradoxos, constrói um mundo onde é permitido distinguir sem separar, coexistir: “Essas potências do falso é que vão produzir o verdadeiro, é isso os intercessores...” (DELEUZE, 2013, p. 162).

Dessa forma, passam a ter mais importância as variações produzidas pelas marcas e pelos fatos, que as variações entre marcas e fatos. A profundidade da cidade e a superfície dos fatos que com ela se desenham são planos distintos e, nessa distinção, afirma-se a diferença. Em Aion, o lugar dos “acontecimentos incorporais” e dos “atributos distintos das qualidades” (DELEUZE, 2011, p. 170), os movimentos se fazem nem no alto nem embaixo, nem circularmente, mas somente à superfície. O presente de Aion, que é o instante, não é como o presente profundo de Cronos, mas é o presente sem espessura, “pura incorporação”; “não é o presente da subversão nem o da efetuação, mas da contra-efetuação, que impede aquele de derrubar este, que impede este de se confundir com aquele e que vem redobrar a dobra” (Idem, p. 173).

Deleuze traz dos Estoicos a forma de distinguir dois planos de ser: de um lado, o ser profundo e real que é a força, e de outro os fatos, que se produzem na superfície do ser, instituindo uma multiplicidade infinita de seres incorporais. O corpo, profundo e real, é

crescido, diminuído, cortado (acontecimentos incorporais) na superfície: “o que há nos corpos, na profundidade dos corpos, são misturas: um corpo penetra outro e coexiste com ele em todas as suas partes como a gota de vinho no mar ou o fogo no ferro” (DELEUZE, 2011, p. 6). Os acontecimentos incorporais na superfície resultam dessas misturas.

O encontro pesquisador(a)-cidade passa a ser complexificado, na presente escrita, na medida em que tomamos a cidade como sede da mistura de corpos, como efeito e causa da profundidade e da força em que se dá a coexistência de tantos elementos. Já na superfície dos fatos, dão-se as marcas, cicatrizes, territorializações: acontecimentos incorporais resultantes das misturas de corpos coexistentes. Se “nada sobe à superfície sem mudar de natureza” (DELEUZE, 2011, p. 170), as variações produzidas por fatos são incorporais e grávidas de multiplicidades:

A multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de uno, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, que de modo algum tem necessidade da unidade para formar um sistema. [...] Em toda parte, as diferenças de multiplicidades e a diferença na multiplicidade substituem as oposições esquemáticas e grosseiras. Há tão-somente a variedade de multiplicidade, isto é, a diferença, em vez da enorme oposição do uno e do múltiplo. (2006, p. 261).

As marcas da cidade de Tom Thomas aparecem nos seus textos, na sua recusa a fotografar no ônibus, nas cenas que fotografa do centro da cidade, para ele aparentemente nada central. Os fatos que marcam seu corpo se produzem no destruir (mais do que no erguer) da retroescavadeira, no ameaçar (mais que proteger) da polícia e é na superfície dos fatos que ele se dobra. Redobra a dobra nas variações emergentes de cada marca que o atravessa nos acontecimentos.

A estratégia de inverter para produzir multiplicidades (DELEUZE e PARNET, 1998, pp. 26-27) possibilita acompanhar encontros: tocar acontecimentos que marcam a superfície do entre-texto-e-textura, do entre-pesquisadoras(es)-e-cidade. Não se trata de buscar a cidade das pesquisadoras nem de procurar entender as pesquisadoras da cidade. Operar a inversão é buscar seguir os passos de Nietzsche, quando menciona o exercício que constituiu sua verdadeira experiência: o de inverter perspectivas. Aquilo que aprimora a observação em si e todos os órgãos da observação:

A partir da ótica do doente ver conceitos e valores **mais saudáveis**, e, pelo lado inverso, da abundância e da autoconfiança da vida **abastada**, olhar para baixo em direção ao trabalho clandestino do instinto da *décadence* – esse foi meu exercício mais longo, a minha verdadeira experiência; se me tornei mestre em alguma coisa, então foi nisso. Agora o tenho às mãos, agora tenho a mão para **inverter perspectivas**: primeiro motivo pelo qual talvez chegue a

ser possível para mim uma ‘transvaloração de todos os valores’ (NIETZSCHE, 1908/2003, p. 24)¹⁷.

Convocamos à operação da escrita, então, a estratégia nietzschiana de desmontar e desconstruir discursos, de inverter para transvalorar, já que com o filósofo do martelo a filosofia se abstém a auscultar os textos que circulam pelo imaginário social e a produção de conhecimentos: “*asi, despues de Nietzsche se puede decir que el filósofo sale a la calle. Però la calle, a sua vez, no es más que um juego de lecturas que hacemos sobre ella*”¹⁸ (HOPENHAYN, 2001a, p. 80).

¹⁷ Grifos do autor.

¹⁸ Assim, depois de Nietzsche, pode-se dizer que o filósofo sai à rua. Mas a rua, ao mesmo tempo, não é mais que um jogo de leituras que fazemos sobre ela (Tradução livre, realizada pela autora).



ESCRITA¹⁹

Há dias que a pesquisadora lê os diários de campo coletivos. Há meses que os vê como um espaço da cidade, mas não sabe explicar. São textos escritos, podem conter mapas ou desenhos que percorrem a superfície da página. Diários são rastros que mostram por onde alguém passou ou passa; são a descrição de um espaço, imagem de um percurso por se fazer, as cenas que montam a história de alguém, de um lugar, a invenção de tudo que se vê.

As pesquisadoras escrevem encontros e se localizam à medida em que escrevem. Ao dizer o que dizem, delimitam formas de organização dos elementos que definem um espaço. Talvez demarquem certa região.

A palavra região já vem carregada do verbo, em latim, reggere (em português, reger). O território, quando desenhado, é concebido como espaço dirigido (regido) por alguém. Também a palavra território, no trajeto que a traz até a forma como a usamos no português, pressupõe esse sentido: do latim, territorium. Palavra composta pela partícula terra e pela terminação -tòrium, equivalente à -tor ou -torem, usada para remeter ao agente de algo; da terra, nesse caso. Aponta, portanto, para um suposto tètitor, o possessor da terra. O espaço, quando escrito ou desenhado, é já dominado por alguém.

Nos diários, não é tão diferente: os traços que delimitam um pedaço de terra, riscados na página, relatam um modo de organização dos elementos que o compõem e exprimem caminhos possíveis e impossíveis, modos próprios ou impróprios de (co)existir em uma terra governada. A linguagem que se desenha na superfície bidimensional da página opera afunilamento, encontra padronizações, por medidas políticas, éticas e estéticas, que permitem exprimir ou abolir campos de possibilidade.

Se território já se diz terra de alguém, a palavra escrita traz, entre movimentos de sentido que opera e sofre, o scribere e o stilus, ambos em latim. Remete a usar o estilete, cortar para marcar, esculpir a tábua encerada. Tirar excessos.²⁰

¹⁹ Texto extraído do diário de campo que foi iniciado em 2017, para registrar o acompanhamento dos diários coletivos, das reuniões de subgrupos e do passeio por ruas e textos durante o processo de pesquisar a pesquisa da cidade.

²⁰ A ilustração escolhida para dar início a essa sessão é de autoria de Fabio Issao (© 2019 Fabio Issao. Todos os direitos reservados). Ela nos remete ao ato de segurar a caneta e construir caminhos ao mesmo tempo: aquilo que fazemos enquanto pesquisamos, produzindo encontros. O fragmento que simula uma gota de contorno avermelhado e preenchimento marrom leva-nos à ideia de um balão como aqueles que se desenha em quadrinhos ou charges, preenchidos das falas de algum personagem. Escrever pode ser o mesmo que dizer. A escrita, sob essa perspectiva, pode ser também um processo de retratar o que se vê, o que se vive e o que se sente. Um colorido como esse que a imagem apresenta parece emergir de um caminhar que possa escrever e de uma escrita que possa caminhar.

(descrever – narrar)

2.4 DIÁRIO É CAMPO: O COENGENDRAMENTO ENTRE TEXTO E TEXTURA

Em cada subgrupo que compõe a pesquisa matriz nomeada “Experiências urbanas e produção do comum: modos de vida e invenção em tempos de intolerância”, o processo de pesquisar foi tecido de imagens que duram no texto e nos encontros, e se fazem conhecer por afecção. À medida em que as pesquisadoras da cidade produziram imagens em campo e nas discussões e oficinas, foram produzindo narrativas que as constituíram implicadas no processo e nos encontros. Cada subgrupo de pesquisadoras que compõe o estudo matriz sobre experiências urbanas dedicou-se a pesquisar com determinados modos de vida na cidade e foi se aproximando do campo e das participantes conforme davam-se condições de possibilidade para os encontros e para propor o uso de ferramentas metodológicas. Assim, dentro de uma mesma pesquisa matriz, configuraram-se percursos diversos e singulares para a prática metodológica em cada subgrupo, de acordo com o modo como se deram os agenciamentos e as negociações com as participantes e os locais.

O encontro com a cidade se dá nas reuniões, oficinas, trocas, conversas, andanças junto de outras pesquisadoras, de imigrantes venezuelanos, de ciclistas, de participantes de festas de rua, de moradores de condomínios horizontais, de pessoas em situação de rua (os participantes do projeto A cara da Rua, composto em sua maioria, por pessoas em situação de rua), e das mulheres da ocupação Mirabal. Cada um desses espaços de troca configura um subgrupo, com o qual se produz um modo particular de operar a pesquisa. As reuniões da pesquisa matriz reúnem as acadêmicas, com frequência semanal ou quinzenal, para a troca de experiências em relação aos diferentes campos que compõem o mesmo projeto, mas a construção do percurso metodológico e do encontro com os espaços e as pessoas vem se dando de acordo com as demandas de cada campo e com o vínculo que foi sendo construído no decorrer do processo de pesquisa.

Os subgrupos produzem, ao longo do percurso, diários coletivos, escritos em arquivos compartilhados, e constroem narrativas por meio da produção de imagens fotográficas, audiovisuais, escritas e faladas, flertando com a ficção e inventando cidades na medida em que se encontram e em que as encontram. Nos próximos subitens, adentraremos aspectos que

marcam os diários compartilhados por cada subgrupo, buscando nos sensibilizar em relação ao estilo, às marcas e às particularidades daquele campo.

. O que faz do imigrante um refugiado?

O diário de campo dos Imigrantes Venezuelanos relata reuniões que marcaram a aproximação do subgrupo com os participantes da pesquisa, e narra o movimento do pensamento de quem escreve junto do mover-se das imagens que se desenham diante do olhar pesquisador. O texto reúne cenas dos encontros que ocorreram com os imigrantes e convoca para o movimento de questionar. A leitura desse diário nos conduz a lançar perguntas à própria cena sem pretensão de respondê-las, só pelo prazer de passear por paradoxos; só pela fidelidade ao compromisso de escutar para construir a imagem que o corpo nos faz sentir, e inventá-la. O texto se mostra em cores diferentes, talvez essa seja uma estratégia do subgrupo para demonstrar à leitora ou à escritora que a pesquisadora que escreve é outra, a cada mudança de cor. Os registros são antecidos pela data, mas não pelo nome de quem escreve e o texto não segue ordem cronológica. São muitos textos, distribuídos em cinco datas diferentes, situadas entre novembro de 2018 e maio de 2019. Alguns textos têm início com um título (logo após a data) e outros não recebem alguma definição inicial. Mas as perguntas vão se tornando, ao longo do processo de pesquisa, o disparador para o texto. Os dois primeiros registros com data se iniciam com afirmações:

Encontro de 09 de novembro de 2018

CELA 212

Eu esperava Gabriel na sala 212. Ele chegou atrasado e eu me senti muito feliz que o atraso foi dele e não meu (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 9 de novembro de 2018).

20 de outubro de 2018

As pessoas que vivem uma determinada cidade, falam seus pontos de encontro de forma tal que, parecem não compreender a dificuldade de quem é estrangeiro (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 20 de outubro de 2018).

O título do terceiro registro e o início dos dois últimos perguntam diretamente ao próprio texto, e desencadeiam as cenas engendradas com leituras de outros textos, discussões com outros autores e criação de possibilidades para os deslocamentos que permitem visões de outras perspectivas:

Dia 05.04.2019

GUAIDÓ x MADURO: QUEM É VOCÊ NA 314?

Já fazia alguns meses do nosso último encontro, também havia algumas semanas que tentávamos marcar uma reunião que não saía dos planos (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 5 de abril de 2019).

PARA PENSAR A VENEZUELA...

08/05/19

Porque, afinal, é tão difícil pensar a Venezuela? Não há defesa possível para um sistema de governo autoritário (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 8 de maio de 2019).

27/05/19

O que faz do imigrante um refugiado? Todos os imigrantes são refugiados? O que faz de um lugar, um refúgio? (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 27 de maio de 2019).

Foi anexada uma foto ao corpo do texto do diário, mas as imagens capturadas, pelas pesquisadoras e imigrantes, nas oficinas e no cotidiano, estão reunidas em um espaço que pode ser tomado como uma extensão do diário. Formou-se um grupo no *WhatsApp*, integrado por pesquisadoras e imigrantes, no qual se deu a continuidade dos encontros, por meio do compartilhamento de fotos, conteúdos de interesse, impressões sobre os encontros e combinações sobre as próximas reuniões e oficinas. O histórico de conversas é marcado por outras cenas que podem também compor o texto do diário coletivo.

Foi ao longo do processo de *pesquisar com*, que surgiu a ideia de compartilhar imagens do cotidiano e fez-se, no grupo *online*, mais um espaço de troca. Nas oficinas realizadas presencialmente, as imagens vão ganhando mais sentidos e as discussões mesclam-se com os assuntos conversados por *WhatsApp*. O método de *Photo Voice*, que foi uma vez praticado nas andanças com Tom Thomas, parece ter sido só o início de um percurso em que exploramos o uso de imagens no processo de produção de conhecimento. É no encontro com grupos e lugares que depois pensamos juntos a criação de espaços para narrativas sobre o mundo visto, vivido e inventado por quem chega em Porto Alegre. No diário, os assuntos e as imagens da conversa *online* vão afetando a escrita e tecendo um mesmo texto:

Já fazia alguns meses do nosso último encontro, também havia algumas semanas que tentávamos marcar uma reunião que não saía dos planos. ‘Milhares de venezuelanos estão chegando’, ‘Acho que deve ser desenvolvido uma atividade de psicologia em massa’, ‘O perfil de pessoas que estão chegando é completamente diferente do que vinha chegando há oito meses atrás’, ‘Crianças estão chegando em situação de medo e vulnerabilidade, crianças de 6 e 8 anos, com muito estresse a ponto de pedirem a seus pais para não continuar vivendo’. Mensagens que chegavam via *WhatsApp*, adiantando o conteúdo do futuro encontro. A reunião atual estava sendo desmarcada: ‘Não vou conseguir ir. Estamos sem luz. Minha família está sem luz há uma semana’. (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 5 de abril de 2019).

Assim como a conversa entre pesquisadoras e imigrantes se constrói o texto e a problematização, os encontros via *WhatsApp* entre os imigrantes se fazem presentes na cidade de quem refugia-se e na pesquisa que produzimos juntos. O fluxo de informações se dá constantemente, e outras narrativas vêm participar do espaço destinado ao encontro com os imigrantes. Citar os assuntos conversados por imigrantes no *WhatsApp* parece compor um pedido pela escuta, a busca por legitimar o próprio sofrimento diante das circunstâncias, a afirmação de que nada parecido aconteceu até hoje no mundo. Na escuta e na escrita, as pesquisadoras lançam mais e mais perguntas ao diário e ao olhar pesquisador, mais perguntas à cidade e a quem vive nela:

As pessoas estão tirando suas vidas, as crianças pedem para os pais para irem para o céu, conta Gabriel. A palavra morte e suicídio são palavras não ditas por Gabriel, palavras proibidas. Notícias que chegam pelo *WhatsApp* de parentes, amigos, conhecidos. Imagens de pessoas atirando - “São pessoas que estavam presas e Maduro pagou dinheiro para elas fazerem isso porque o exército está se negando a matar pessoas, estão percebendo que não faz sentido”. Tudo isso parece circular livremente no mundo virtual. Gabriel fala “o que está acontecendo agora, nunca aconteceu. Pela internet você acompanha tudo em tempo real. Em Auschwitz, no Holocausto, as pessoas não conseguiam falar com outras, mas agora elas filmam, fotografam, tudo na mesma hora. Isso muda tudo”. Quase que envergonhado, eu me pergunto intimamente: O que muda? Será que o compartilhamento de informação em tempo real poderia ser pensado como uma resistência? Será que nos nós das redes virtuais é possível encontrar linhas de fuga? (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 5 de abril de 2019).

O tecido urbano e o tecido escrito vão sendo construídos nas imagens narradas e não nas descrições feitas. O olhar voltado às minúcias, o corpo atento aos afetos, as palavras dispostas de forma a tocar a chão no qual pisamos juntas carregam a potência de dizer sobre o mundo que vemos diante de nós ou logo adiante. O diário nos convida a acompanhar as pequenas compreensões possíveis, e nós as buscamos lendo as pequenas histórias que cada cena narrada nos conta:

Para estas grandes questões, exigem-se sempre grandes respostas. O problema das grandes respostas é que nelas não cabem histórias pequenas. Para formular grandes respostas, precisamos de grandes dados, grandes compreensões, grandes significantes de uma experiência coletiva. Assim, prefiro me deter as “pequenas” compreensões possíveis. Me interessa mais aquelas compreensões que engendram os efeitos de composições molares, por meio de conflitos políticos e econômicos internacionais, das guerras que se dão na virtualidade da especulação financeira, mas que se materializam na insólita tristeza de quem não tem literalmente papel para limpar a bunda (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 27 de maio de 2019).

. Vamos conversando, mas nunca nos distraímos. A Mirabal.

No campo Ocupação Mirabal, as imagens se fazem na narração das cenas e na contação de histórias; experiências narradas no diário e ardentes no corpo de quem escuta e escreve. Na Ocupação Mirabal, que faz parte do Movimento de Mulheres Olga Benário e busca tornar-se referência nacional no acolhimento às mulheres em situação de violência, as pesquisadoras acompanham histórias, tardes vividas em roda de chimarrão e a aposta em uma clínica atenta à potência dos encontros e às minúcias do cotidiano.

Embora coletiva, a escrita, nos primeiros textos do diário, costuma ser precedida pelo nome da pesquisadora que registra o que vive e pela data. A pesquisa acompanhou uma transição importante da ocupação, que foi a de troca de endereço da casa. O risco de reintegração de posse aumentou, até que, de fato, a ocupação foi impedida de se manter na casa situada na Duque de Caxias, no centro de Porto Alegre. A Mirabal deslocou-se para outro local, longe e menor, em relação ao espaço anterior, e o grupo de acolhidas foi se modificando ao longo desse processo.

A escrita do diário coletivo acompanha conversas cotidianas, o recebimento das doações (que parecem ocorrer com frequência), as dinâmicas e a rotinas da casa, a descrição dos cômodos e da estrutura, e as andanças que pesquisadoras e acolhidas fizeram juntas, em busca de soluções para problemas cotidianos que exigem sair para a rua. De qualquer forma, o medo e o cuidado se engendram na escrita e na calçada:

Recém-chegada na ocupação, estava ansiosa para conseguir emprego e escola para a menina estudar. Tem o desejo de concluir os estudos e fazer o ENEM. Conta-nos que o tempo em cativo a fez emagrecer e assim perdeu muito cabelo. Acompanhamos ela e Karine²¹ até a SMED, a fim de conseguir vaga na escola para as crianças ficarem. As duas relatam o medo que sentem ao andar pelas ruas. Vamos conversando, mas nunca nos distraímos. Lutando contra o medo, caminhamos, rimos e conversamos. Mas, a cada esquina, um olhar assustado, uma ameaça. Fer repetiu algumas vezes que sente medo de ser encontrada pelo irmão. Teme pela sua vida caso ele a encontre. Em dado momento disse que queria se libertar (Diário de Campo, Mirabal, início de setembro).

A saída para rua parece começar a constituir o espaço de escuta das mulheres. A partir de setembro de 2018, após quase quatro meses de visitas recorrentes e escritas diarísticas, os textos começam a relatar com mais frequência o acompanhamento das acolhidas fora da casa.

²¹ Os nomes, nesse e nas demais citações de diários de campo, foram modificados para constar na presente tese.

Essa parece também ser uma estratégia para a construção de espaços mais privados, em que a conversa não seja escutada ou interrompida por quem convive cotidianamente na casa com quem, naquele momento, quer falar. Conforme escreve a pesquisadora, a conexão com a cidade e a construção de encontros fora da casa parece dar condições de possibilidades para a escuta:

Ao perceber tudo isso, me ofereço para passearmos juntas e conversarmos, na terça. Intuitivamente acreditei que o espaço fora da casa, no qual não estava conseguindo circular em função da menina, pudesse ajudá-la a se conectar um pouco mais com a cidade, e que eu poderia intervir no sentido de criarmos espaços entre ambas, já que ela tomada por uma melancolia, tomava a filha como objeto total. Ela aceita e diz que estava sentindo-se aliviada em poder falar para alguém que não a julgasse, pois as outras acolhidas a julgavam como péssima mãe. Fica muito claro a necessidade de escuta destas mulheres. Saio de lá sentindo o peso da existência nas costas (Diário de Campo, Mirabal, 7 de setembro de 2018).

Uma vez que, nesse diário, a autoria é revelada a cada início de novo texto, é possível acompanhar a entrada de pesquisadoras que passam a compor o subgrupo Mirabal ao longo do percurso, bem como as questões que vão surgindo junto dos processos de (sobre)implicação²². As negociações acerca da pesquisa e das visitas marcam o início do diário. Em seguida, as conversas sobre o medo, a rua, o risco de perder o lugar onde estão, as rotinas da casa e os assuntos do cotidiano. Com a entrada de uma nova mestrandia como pesquisadora no grupo, a escuta clínica ganha espaço de discussão no texto: compromissos transferenciais, acompanhamento pelas ruas, andanças e paradoxos colocados no jogo de palavras e sentidos. Na inserção de mais uma acadêmica ao subgrupo, emerge no diário a discussão acerca da militância em pesquisa ou das fronteiras entre pesquisar e militar. De qualquer forma, a discussão que emerge dessa questão é sobre a escuta:

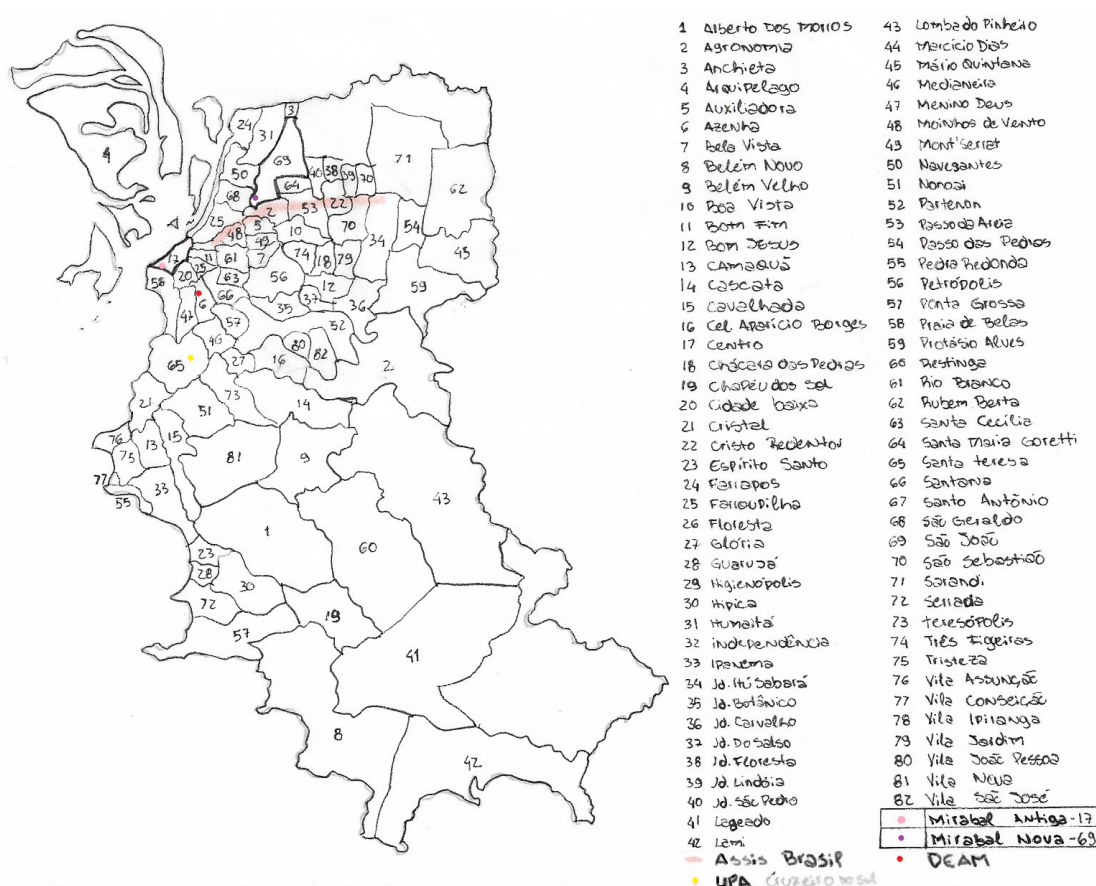
[...] enquanto estava no horário da pesquisa sou pesquisadora do grupo da cidade e subjetividade e nos horários que estou na escala estou como militante na casa, já que tenho mais contato e certa aproximação com as meninas acolhidas e continuaria frequentando a casa como militante.

[...] Me colocando como um sujeito não neutro, nem negando nenhuma das duas partes, mas sim que tem responsabilidades pelas informações passadas e que possui uma carga horária nas duas questões com funções distintas. Já que como militante entro em contato com muitas informações que não necessariamente vão ser colocadas nas conversas das pesquisas e assim as

²² A questão da implicação começou a ser trabalhada por René Lourau e Lapassade, nas situações de intervenção que passaram a chamar de sócio-análise. A implicação pode ser compreendida como “a relação que indivíduos desenvolvem com a instituição” (MONCEAU, 2008, p. 21), e existe mesmo que não a desejemos. A sobreimplicação “permite uma melhor compreensão do conceito de implicação” e “poderia ser definido como uma impossibilidade de analisar a implicação” (Idem, p. 23).

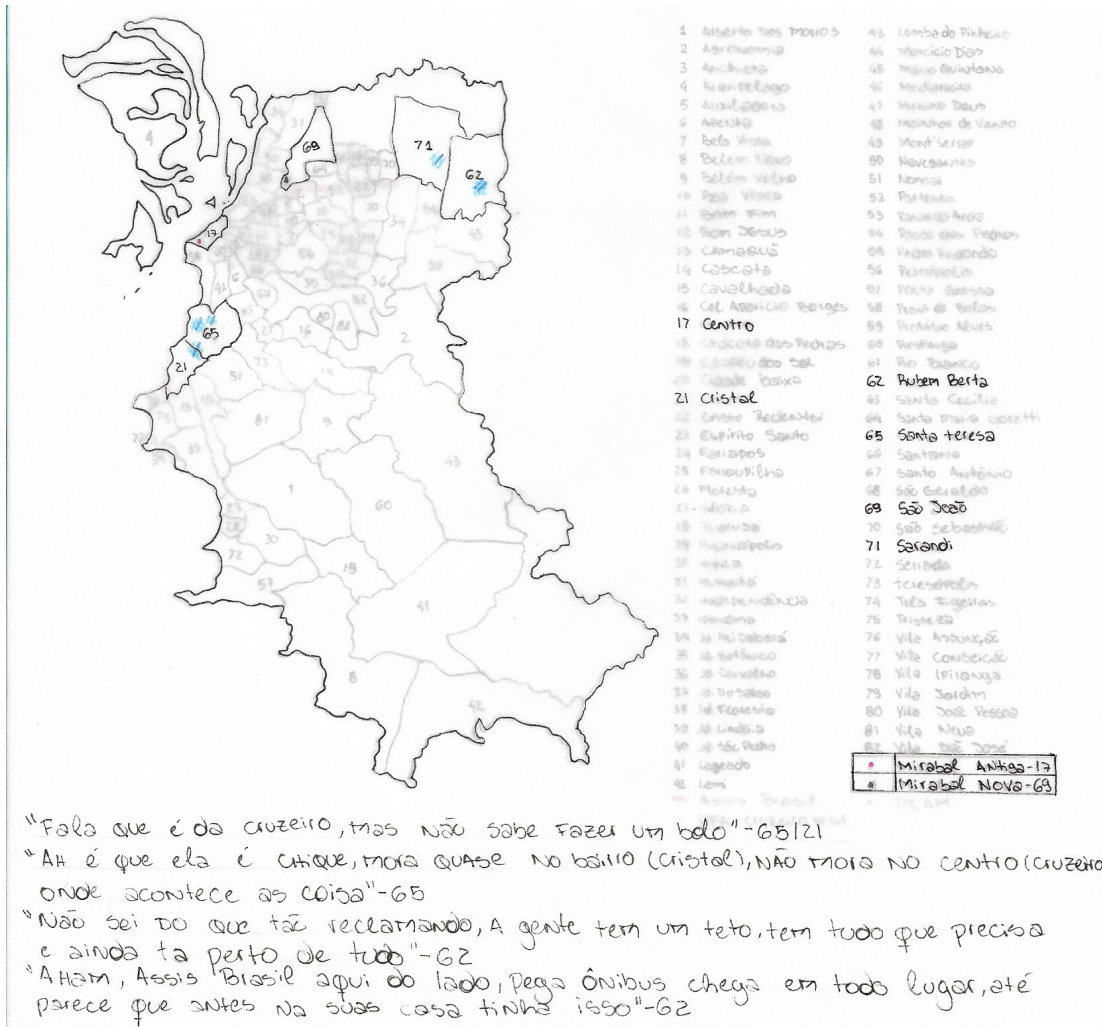
acolhidas vão ter tranquilidade em se expressar comigo em cada tarefa distinta (Diário de Campo, Mirabal, 7 de fevereiro de 2019).

As imagens que vão sendo narradas no diário coletivo da Mirabal convidam a construir o cenário-casa em que quase tudo se dá. Espacializamos conversas, desejos, histórias, enquanto as cenas acontecem no texto. Percursos pela rua invadem a casa e ressoam dentro dela. Imagens do mapa de Porto Alegre vêm para o texto, conduzindo à discussão acerca da forçada mudança de endereço da ocupação. As acolhidas que já construíram rede em torno de onde estão, que trabalham, como fariam para adaptar a vida tão longe?



(Diário de campo, Mirabal, 28 de abril de 2019).

No mapa a seguir, a espacialização é feita em relação aos bairros que são citados em frases ditas na casa. O texto do diário brinca com imagens, sem precisar de fotografias ou vídeos. Fazem-nos, momento a momento, circular pela cidade e pela casa, sempre visualizando locais e distâncias, medindo espaços e visualizando pequenos acontecimentos que produzem os afetos e o teor de intensidade em cada cena.



(Diário de campo, Mirabal, 28 de abril de 2019).

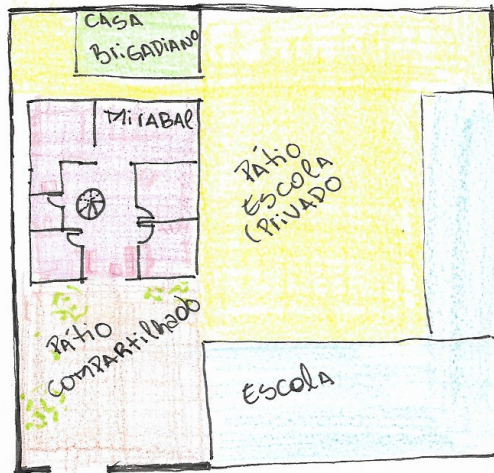
Na espacialidade da rua e da casa, a discussão sobre as estruturas parece com frequência conduzir à questão do paradoxo segurança x medo. A construção de imagens das grades, das portas, mas também da polícia, acontece na narrativa de Tom Thomas e deixa marcas no diário da Mirabal. As pesquisadoras, no diário, discorrem sobre o espaço da casa para onde a Mirabal se mudou depois da reintegração de posse que ocorreu na casa da Duque de Caxias (reintegração parece não ser a palavra apropriada, mas o uso do conceito já institucionalizado parece ser o melhor modo de dizer o que ocorreu, nesse caso). Elas narram o pátio, que “é compartilhado com a família de brigadianos, mas também é o local que as mulheres vão fumar seu cigarro e conversar na rua, enquanto todas as crianças brincam”, sobre a pequena sala, que “deveria ser, na antiga escola, o hall de entrada, mas as acolhidas o utilizam de forma que seja a sala de estar mais utilizada”, “o brechó e a sala da coordenação, com janelas para o pátio, a

sala de acolhimento, um banheiro que não possui água, a cozinha e a sala de refeições (um lugar muito movimentado da casa)”. Mas ainda há um andar superior, com “uma sala que é muito pouco utilizada, os quartos que estão restritos a momentos de sono ou de tristeza profunda, uma biblioteca que às vezes é utilizada como quarto para as militantes pousarem e um banheiro” (Diário de Campo, Mirabal, 7 de fevereiro de 2019). Na reunião, a imagem que toca as pesquisadoras é aquela das grades convocada para a conversa para tratar da segurança, mas sentida no corpo como elemento que compõe a prisão:

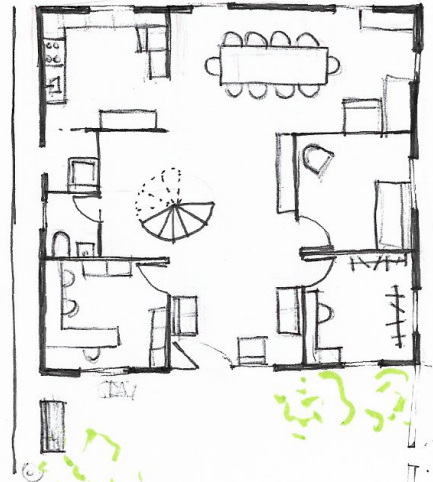
Patrícia frisa que se sente insegura na casa em diferentes categorias, tanto pelos muros baixos, falta de cerca elétrica e falta de tranca na porta, quanto pela questão jurídica onde não sabe como vai sua situação nem a da casa. Penso que a sensação de insegurança é natural mesmo quando bem “protegida”, mas me chama a atenção os símbolos de proteção que são colocados pela Pati, como as grades, a cerca elétrica e a tranca, mesmos elementos que trazem repulsa nas falas das acolhidas, quando tratam das más experiências e do medo de ir para as casas abrigo, pois lá estes elementos simbolizam a prisão (Diário de Campo, Mirabal, 7 de fevereiro de 2019).

Os questionamentos levantados pelo conto Retroescavadeira parecem recolocados no diário do campo Mirabal. Se, para Tom Thomas, “Polícia, quando não protege, ameaça”, para acolhidas e pesquisadoras da Mirabal, grades, quando não protegem nos prendem. A utilização de imagens no campo desse subgrupo configura-se na narrativa tanto escrita quanto desenhada pelas pesquisadoras. Croquis da casa passam a compor o diário, com cores e detalhes, enfatizando o convite à espacialização das conversas e do cotidiano que o texto conta. É interessante observar que, especialmente quando o diário fala da casa para onde a ocupação se mudou, as cenas são narradas como se uma câmera acompanhasse a entrada no local, o fluxo pelos cômodos e a disposição das pessoas neles:

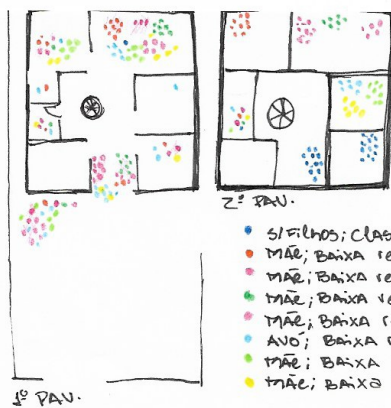
‘Quem é?’ Alguém pergunta da soleira da porta enquanto tenta nos ver do lado de fora do portão. As crianças, no pátio e mais próximas do portão, reconhecem a Ju. Entramos, abraços. Mulheres sentadas nos dois sofás um em frente ao outro na pequena sala de entrada (Diário de Campo, Mirabal, 4 de abril de 2019).



PLANTA TERRENO



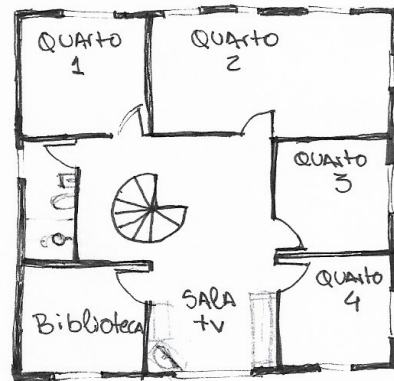
PLANTA 1º PAVIMENTO MIRA



2º PAV.

- SI-FILHOS; Classe média; nível superior comp.
- Mãe; Baixa renda; sem escolaridade
- Mãe; Baixa renda; ensino básico comp.
- Mãe; Baixa renda; ensino básico comp.
- Mãe; Baixa renda; ensino médio comp.
- Avó; Baixa renda;
- Mãe; Baixa renda; sem escolaridade
- Mãe; Baixa renda; eng. médio comp.

1º PAV.



PLANTA 2º PAVIMENTO

(Diário de Campo, Mirabal, 7 de fevereiro de 2019).

A convocação para acompanhar as imagens narradas, dispostas na casa, no pátio e na rua, acompanha a constante chamada para refletir acerca dos paradoxos que compõem a vida das acolhidas e das pesquisadoras. O diário é tecido por certos pontos de discussão que emergem com alto teor de intensidade das cenas e das conversas que o texto expõe. O paradoxo segurança – aprisionamento, quando vivenciado nas questões de gênero, arde no corpo de quem habita a cidade:

Sistema machista que não suporta ver mulheres ocupando seu espaço na cidade, coloca-as na posição de não-cidadãs por não terem moradia regular, mas na hora que elas buscaram auxílio na delegacia não pensaram duas vezes em encaminhá-las para a Mirabal - revelando a ausência de outro espaço mais adequado. Sistema machista que só quer de acolher de for sob uma tutela

rígida, bem comportadinhas e controladas, se fugir disso elas são punidas por não terem feito aquilo que era permitido (Diário de Campo, Mirabal, 11 de abril de 2019).

As reflexões acerca da vitimização vêm e vão, no jogo de palavras que compõem o diário: “Percebo que não posso entrar nessa, pois sou convocada de certa forma a olhá-las como vítimas novamente” (Diário de campo, Mirabal, 18 de abril de 2019). Nesse contexto, as implicações e seus inevitáveis riscos de sobreimplicação das mulheres pesquisadoras são necessariamente convocadas a serem discutidas no diário e nas reuniões. Pesquisar por afecção parece exigir disponibilidade para sentir o campo e refletir sobre o que se sente; parece pedir que sintamos arder as imagens e que saibamos sustentar a luta, enquanto convivemos (vivemos com):

É difícil evitar a sobreimplicação nesta condição feminina tão privilegiada que [...] nunca ficou tão escancarada. A raiva que se abate sobre meu corpo provoca uma incontida vontade sair gritando e batendo nessas figuras do Estado usurpador que as narrativas de cada encontro com as mulheres vítimas de violência nos trazem. Mistura-se com um desejo igualmente forte de fazer algo POR elas [...]. Queria trocar estas ideias também com grupo de pesquisadoras.

[...]

A categoria da vítima emerge cada vez mais forte e necessárias de ser discutida... (Diário de Campo, Mirabal, 17 de abril de 2019).

Uma vez que algumas pesquisadoras trabalham em mais de um subgrupo, as discussões se cruzam em diferentes diários. Essa também é uma conversa acerca da sobreimplicação, que é abrigada pelo diário. A pesquisadora que circula no subgrupo de ciclistas e também n Mirabal depara-se com questionamentos sobre a mobilidade urbana e com textos pelos quais passou quando procurava referências para compreender outro campo. Parece ser afirmado o sentido de sermos pesquisadoras da cidade, envolvidas com questões tão próximas, conduzindo junto de diferentes campos uma mesma pesquisa. Além dos diários coletivos, e as reuniões de pesquisadoras da cidade, as oficinas de escrita, de produção de imagens e de ficção, são dispositivos dos quais lançamos mão, ao longo dos anos de trabalho, justamente para que juntas produzamos as imagens do cruzamento entre campo, dos fios que conectam o trabalho de um subgrupo a outros, mas que também cortam a relação entre eles, no complexo contexto que é o tecido urbano. No diário, esses fios aparecem na citação de textos, na produção de links e, principalmente, no transbordamento de afetos que parece gritar para fora da página (como ocorre no trecho em que a sobreimplicação é discutida, na citação acima) ou nas reflexões sussurradas rapidamente, como as colocadas entre colchetes no trecho citado a seguir:

Hoje à noite vão em um show no Agulha – ‘eles vão mandar Uber pra nos levar e trazer’ - fico pensando que a mobilidade urbana é um tema que emerge volta e meia... [rolou um *super crossover* de subgrupos na minha cabeça nessa hora e lembrei de um texto [...] que colo aqui, caso faça sentido em algum momento: <http://vadebike.org/2013/03/bicicleta-emancipacao-feminina/>]. (Diário de campo, Mirabal, 11 de abril de 2019).

. Queremos falar só de mobilidade, carbono ou outras formas de viver juntos?

O subgrupo que se dedica a pesquisar com os ciclistas produz um diário de campo coletivo, que vem sendo escrito durante os encontros das pesquisadoras. O arquivo compartilhado *online* tem o nome de “Análises Diários”, porque essas reuniões do subgrupo versam sobre os diários escritos pelos participantes da pesquisa, ciclistas da cidade, que entregam às pesquisadoras seus cadernos repletos de registros feitos à mão, sobre as andanças cotidianas. O diário das pesquisadoras, então, registra tópicos das discussões disparadas pela leitura dos textos de ciclistas, e apresenta uma estética de predominância mais descritiva do que narrativa acerca do que ocorre nos encontros. Em algumas partes do diário, o relato se parece com o formato de ata de reunião, em que se registra o que foi dito, o que foi acordado e quem foi o proponente de uma ideia. O texto ganha um aspecto de lista, torna-se, em alguns trechos, um conjunto de apontamentos que registram fatos ocorridos no encontro. No trecho citado, por exemplo, o diário apresenta tópicos sobre o que foi abordado durante aquela reunião:

Luis Artur [pesquisador professor] comenta de conversa com seu amigo [...]: Prática de andar de bicicleta como um ato transgressor, em contraponto com seu uso enquanto transporte urbano, o que leva a um regramento desse uso (institucionalização).

Relato do Guido [pesquisador bolsista de graduação], das pessoas andando em linha-fila (sentido de regramento do uso da bicicleta).

Conversa que estamos fazendo é um produto a mais, partindo da leitura dos cadernos de campo.

Duas situações de medo ocorreram na pedalada relatada no dia: um motociclista se aproximando para auxiliar um carro que estava perdido. Duas das gurias sentem medo ao acontecer essa aproximação; uma terceira participante (colombiana) não tem o mesmo sentimento. A segunda situação foi o receio de pedalar até um ponto mais distante (o Timbuca, na zona sul), um dos motivos foi o fato de estarem só em 3 ciclistas, somado ao fato de uma das gurias andar há apenas dois meses.

A via onde pedalavam estava bloqueada, porém mesmo assim havia carros passando. Aqui também entram elementos para se pensar a passagem pelas regras.

Uso do espaço público para lazer: vias trancadas como uma política pública para uso de espaço. Exemplo do minhocão em São Paulo; corredores de ônibus.

(Diário de campo, ciclistas, 22 de janeiro de 2019).

Os nomes citados no diário são de pesquisadoras que estavam presentes no dia, exatamente como se procede na elaboração de atas. O formato de escrita talvez se dê dessa forma pelo fato de, na dinâmica criada por esse subgrupo, o espaço de reflexão se dar no encontro presencial entre pesquisadoras, e não no diário em si, como ocorre nos campos da Mirabal e dos imigrantes venezuelanos. Se, em outros subgrupos, as pesquisadoras realizam as oficinas, visitas, andanças no campo, e depois buscam no diário a produção de um espaço de discussão e encontro com outras pesquisadoras, no subgrupo dos ciclistas o espaço do diário é criado no próprio encontro presencial entre pesquisadoras. No espaço de fala e de encontro presencial, e não no processo de escrita em si, elas tecem suas impressões e transbordam seus afetos. O diário de campo coletivo, então, torna-se uma estratégia para guardar na memória os pontos que foram tratados e não foram escritos.

Os tópicos discutidos em uma reunião como essa são disparados pela leitura do diário de uma das participantes da pesquisa. Em alguns momentos, são citados, entre aspas, trechos do texto lido, para compor a análise. Em outros trechos do diário coletivo escrito pelas pesquisadoras, encontram-se tópicos que estão relacionados a discussões realizadas nos encontros com os participantes da pesquisa (os ciclistas). Foram realizadas reuniões, nas quais ocorreram debates e interação acerca do tema da pesquisa. Elas foram gravadas e posteriormente escutadas por pesquisadoras, que escreveram no diário os tópicos abordados e, em cor vermelha, delimitaram o assunto do qual aquela parte da discussão tratava. Na leitura realizada para a presente contextualização acerca dos processos de escrita dos diários coletivos, isolamos os assuntos, escritos em vermelho:

- moralismo
- percepção do ambiente -
- percepção do espaço, corpo em maior contato com o externo.
- necessidade da cidade se adaptar estruturalmente (internalizar) aos novos modais
- Possibilidade de modais conviverem na mesma faixa.
- diferenças dos medos: Carla com medo da insegurança pública e Dani não enfatiza tanto esse medo, tem mais medo de levarem a bike. Relação afetiva com a bicicleta X relação utilitária.
- segurança com a velocidade.
- modulação da velocidade possível com bicicleta.
- sensação das distâncias
- acontecimento do encontro com a bici - profecia - evangelização

- estereótipo (ainda que pareça falar dela mesma)
 - percepções sobre assédio - aparece também na análise dos diários
 - tecnologias
 - rede virtual
 - relação entre modais, identificação
- (Diário de campo, ciclistas, outubro de 2018).

Esses itens aparecem posteriormente, de outros modos, nas discussões disparadas pelos diários pessoais. Os participantes os escrevem à mão eles foram fotografados e compartilhados em outro arquivo *online*. O diário de campo conta que há muitas participantes mulheres, se a comparação se der em relação ao número de homens presentes nos convites às reuniões do subgrupo com as ciclistas. Na primeira reunião organizada, foram contatados quatro homens e três mulheres, e estiveram presentes três mulheres e dois homens. Na segunda reunião, duas mulheres e um homem compuseram o grupo de participantes que entregaram seus diários. O texto discute a possibilidade de que haja uma relação de tal adesão feminina à escrita com o hábito de produzir diários, uma vez que a escrita de si talvez possa participar do “espaço de resistência feminina: Anne Frank, Maria Carolina de Jesus, escritivência” (Diário de campo, ciclistas, 7 de maio de 2019). Procurando nos deixar conduzir pelo trajeto que o texto das pesquisadoras percorre, abrimos os *hiperlinks* contidos no diário de campo coletivo e passeamos pelas referências que acompanham os tópicos de discussão. É provável que se trate de textos já lidos por pesquisadoras ali presentes, que contribuem para a ampliação do debate e da compreensão do que se fala.

Buscando compreender o cruzamento entre diário coletivo e diários construídos por cada participante da pesquisa que pedala pela cidade, distinguimos esses dois mundos dizendo que, enquanto pesquisadoras produzem diários de campo, participantes ciclistas escrevem o que poderíamos chamar de diários pessoais. Esse é um gênero de escrita, pensado por autores que se debruçam sobre a obra de Bakhtin (1997) e Lejeune (2008), partindo da noção de gênero do discurso, no processo de investigação de uma escrita autobiográfica, e para considerar o gênero do diário (pessoal) a partir de características precisas, como “o uso da data, a despreocupação com a linguagem e o caráter intimista, por se tratar de um texto pessoal e, geralmente, sem interesse em torná-lo público” (PEREIRA e SILVA, 2015, p. 283). Os diários pessoais escritos pelas participantes ciclistas, entretanto, parecem estar situados em outro contexto, uma vez que são elaborados junto da expectativa de que outras pessoas os vejam, leiam, discutam o que dizem.

Essa dinâmica de leitura de diários pessoais, feitos pelas participantes ciclistas, e discussão disparada pelas narrativas dos ciclistas, traz para o diário de campo muitas conexões

com textos, tanto acadêmicos quanto literários ou jornalísticos; com músicas cuja letra tem conexão com o conteúdo comentado no momento; com filmes ou com memórias que as pesquisadoras trazem para compor o pensamento sobre o assunto abordado no dia.

Por meio da discussão acerca da predominante adesão de mulheres à dinâmica de escrita dos diários, é interessante poder observar a proximidade da relação cidade e subjetividade com a relação texto e subjetividade: assim como se observa, também no diário de campo das pesquisadoras da Mirabal, que “ainda serão muitos os passos até uma condição de cidade acessível para todos e todas” (MACHRY et al, 2018, p. 165), é possível pensar que a acessibilidade também possa ser pensada no campo da escrita. Talvez a casa, de onde é perigoso sair, esteja para a rua do mesmo modo que o diário pessoal está para a escrita com repercussões no espaço público. Esse é um desdobramento das análises já feitas no diário coletivo dos ciclistas, respondendo ao convite de pensar o trânsito e as ruas, também por meio do modo como e dos motivos pelos quais escrevemos.

Parece possível enxergar o tecido urbano e o texto do diário como imagens sobrepostas, cujos elementos podem ser distinguidos, mas nunca separados. O diário mesmo circunscreve a discussão e levanta um questionamento que serve tanto para pensar a cidade quanto para pensar a escrita, quando afirma que o “debate sobre bicicleta e trânsito é biopolítico. Mesmo numa lógica de oposição carro-bicicleta, há um contato sendo feito, mesmo que seja via conflito, disputa territorial, disputa por velocidade. **Como a gente sempre abre mão de um ideal de comum, e deixa se produzir uma ética de comum?**”²³ (Diário de campo, ciclistas, 6 e 7 de outubro de 2018).

Habitar a cidade, ocupando-a, não deixa de ser um ato de dominação, assim como é a escrita. Ocupar o tempo de quem lê, dominar o espaço de fala, dizer de certo modo, que permita tocar o corpo, afetar, produzir sentimentos outros em quem olha as palavras e as sente. Na cidade, o cheiro de quem passa domina o corpo de quem pensa ser dono do território onde pisa. A música que emana das caixas de som ressoa no corpo que passa ao lado. A bicicleta que anda no asfalto domina espaço do trânsito, impõe seu ritmo e só por isso pode ser vista em oposição aos carros, como a citação do diário de campo abordou.

Deslizando nos jogos de dominação que se colocam na cidade, o subgrupo dos ciclistas parte para a produção de uma narrativa analítico-ficcional que aborda principalmente a comunicação no trânsito, as possibilidades de negociação, o papel do Estado e os discursos e práticas que podem compor estratégias de dominação. Trata-se de um texto produzido junto do

²³ Grifos mantidos, conforme consta no diário.

deslocar do pensamento dos ciclistas para o trânsito. Tal movimento é apontado no diário e precede os tópicos que alargam a abrangência da discussão:

- Identidade, ativismo, tribo, consumo.
 - Relação íntima com o objeto técnico (afetiva quanto de performance-expertise e “mecânica”).
 - Contágios-trânsito: competição por velocidade e espaço (questões de comunicação e produção do comum).
 - Misoginia e trânsito.
 - Velocidade = segurança.
 - Velocidade, expertise e risco: transgressão, experimentação, adrenalina, ludicidade no deslocamento (contágios com a questão do dirigir).
- (Diário de campo, ciclistas, 21 de maio de 2019).

A narrativa ficcional constrói uma cidade para a qual a ciência pensa estratégias, cujas consequências lançam outras necessidades e produzem outros desejos, tanto para o Estado quanto para o cientista e os cidadãos. A busca por segurança, por exemplo, desenha uma cidade de ruas blindadas. A narrativa constrói um personagem cientista que vai ao palco levar suas descobertas e propor o uso de equipamentos que mudarão o cotidiano da cidade e, então, em um próximo momento, a descoberta de equipamentos que delimitam o uso de equipamentos urbanos. Na trama inventada e vivida, desenha-se imagens que compõem o exercício de violência e os jogos de poder, trazendo à tona possibilidades de discutir o papel do Estado e da ciência, as dicotomias e hierarquias dadas como evidentes, tais como artifício-natureza e urbano-selvagem.

A escrita é demarcada por uma estética que permite passear pela imagem em si e deixar-se tocar por ela, como se estivéssemos assistindo a um filme ou olhando para uma fotografia. O uso da imagem, nesse subgrupo, ocorre, então, no próprio texto que, dessa vez, foi elaborado pelas pesquisadoras fora do espaço das reuniões. A história tem início em uma cena e, dali, desdobra-se em uma sucessão de imagens:

“O segredo é melhorar a comunicação entre eles!” Vaticinou o senhor sério, com trejeitos nervosos e expressões tão espevitadas quanto sua elétrica barba branca saída de um quadrinho de Robert Crumb. Falava das ruas da cidade, tomadas por armaduras blindadas que não impediam apenas a entrada de balas e meliantes, mas também a leitura das mentes que guiavam os veículos automotores ao mesmo tempo que eram por eles guiados. Há que se incrementar a complexidade de interações, vencer as couraças estabelecidas pelas invisibilidades somadas: vidros fumês que incrementaram a escuridão dos antigos insufilms; chapas metálicas reforçadas para suportarem rajadas de AR15 que diminuíram muito as antigas aberturas (janelas, para-brisas e teto solares eram agora pequenos buracos para quando do mal funcionamento das câmeras de monitoramento externo que projetavam imagens da rua no espaço onde antes estavam os vidros). (Diário de campo, ciclistas, 29 de maio de 2019 – narrativa analítico-ficcional).

. Na busca de outras expressividades possíveis

O subgrupo que se configura a partir do projeto de extensão “A cara da Rua” é composto, em sua maioria, por pessoas em situação de rua. O projeto A cara da Rua teve início em 2015, vinculado ao Programa de Extensão Universidade na Rua desenvolvido com apoio do Edital PROEXT/MEC–SESu 2015-2016, sob coordenação geral do Prof. Dr. Fernando Freitas Fuão, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Desde 2017, o projeto vem sendo desenvolvido junto da Pró Reitoria de Extensão, PROEXT/UFRGS e em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre – EPA, que atende jovens e adultos na cidade. O trabalho passou a integrar a pesquisa matriz “Experiências urbanas e produção do comum: modos de vida e invenção em tempos de intolerância”, e registra seu percurso predominantemente em produções audiovisuais, fotográficas e atas de reuniões, além dos textos que constituíram mosaicos, expostos nas paredes que contornam as passagens do Instituto de Psicologia da UFRGS. O que tomaremos aqui como diário de campo, nesse subgrupo, diz respeito a todos esses documentos e registros, disponibilizados na pasta de arquivos compartilhados online, que é dedicada aos diários de campo coletivos de cada subgrupo.

Em razão de se tratar de um campo desenvolvido há mais tempo do que a própria pesquisa que ele hoje integra, é possível encontrar informações acerca do trabalho realizado nesse projeto em artigos já publicados. “O projeto [...] tem como proposta o oferecimento de oficinas de fotografia para pessoas em situação de rua. Partindo do campo da Arquitetura e Urbanismo, propomos um exercício de experimentação fotográfica realizada a partir de andanças urbanas com itinerários propostos pelos próprios andarilhos” (CIDADE, 2018, p. 90). Nas dobras que se produzem junto do grupo de pesquisa que começa a se encontrar com esse campo, intersecções com a psicologia também começam a ser feitas, e a continuidade do projeto se dá na produção de mais encontros, leituras, trocas, vídeos, fotos e textos.

O arquivo de diário de campo que foi produzido registra o planejamento das entregas que o subgrupo se propõe a realizar. Trata-se da lista de tarefas e lembretes que visam garantir a operação de oficinas, em quatro encontros, utilizando-se de mosaico e narrativas, em uma série de fluxos. Dentre os itens mencionados no diário, estão previstas a impressão de fotos e textos e de Termos de Consentimento Livre Esclarecido, a relação de materiais necessários para a confecção do mosaico, assim como os procedimentos que serão seguidos e os modos de funcionamento das oficinas.

Na sequência, o diário prevê a elaboração de dois artigos científicos, apresenta uma estrutura inicial para cada um, e então abre uma sessão de análise das oficinas e mosaicos realizados na biblioteca do Instituto de Psicologia da UFRGS, propondo uma estrutura para pensar as narrativas produzidas. É possível considerar, então, que o diário de campo coletivo tenha se dado nos próprios encontros de pesquisadoras, realizados junto da estratégia de elaboração dos mosaicos, que são, também, formas de narrar imagens que o campo produz.

Na análise acerca da montagem realizada na biblioteca, as pesquisadoras veem duas questões principais e emergentes, que se tornam eixos para pensar a produção fotográfica, os discursos e as práticas dos participantes: O primeiro configura-se como “o corpo tecido/esculpido no contato íntimo com a rua: a atenção aos detalhes, porcarias do chão (mergulho); a intimidade com o chão no ato fotográfico, os céus e horizontes abertos (contra-mergulho “meu teto é o céu”). [...] Elementos do mobiliário urbano, do espaço público, [...] remetem aos agenciamentos nos quais estes corpos se constroem”. O segundo, é relacionado à “discursividade crítico-político, a partir de algumas operações poéticas que subvertem o motivo-referente, fazendo fotoensaio. Trabalhando com a própria matéria da fotografia (luz, sombras, contrastes, cores, enquadramentos, sobreposições, justaposições, reflexos, proximidade, distância, detalhe, panorama, tempo de exposição[...])” (Diário de campo, A cara da rua, 15 de julho de 2019). A partir desses dois eixos, as pesquisadoras olham para a produção de cada um dos artistas que fotografaram a cidade nas oficinas, e produzem outras narrativas e outras imagens sobrepostas às que são ditas pelas imagens capturadas ao longo do andamento do projeto.

Ao olhar para as fotos de cada artista, o diário de campo procede, então, uma narrativa em duas dimensões. Aqui, podemos acompanhar as análises, que se dão sempre junto da construção da imagem. Convida-nos a ver a cena, ficcionar o jogo de corpos que é narrado e ao mesmo tempo deixa brechas para a invenção:

1) Marcio²⁴ tateia as imagens na busca do seu enquadramento e perspectiva desejados, realizando uma série de flexões corporais e posicionamentos, experimentações que vão para além do olho, fotografando com as mãos em frestas, ângulos impossíveis. Produz séries de tentativas com alterações mínimas até obter o enquadramento, perspectiva desejados. Deita no solo, se enfia em cantos, executando uma performance experimental, explorando ao máximo seu campo de possibilidades de articulação do corpo-olhar-cidade. Intimidade com as porcarias cotidianas do chão: formigas isoladas, parafusos perdidos, gramas feitas árvores no contra-mergulho com a câmera grudada ao solo. A câmera, dormitando no banco da praça, dando vazão ao olhar do rosto que deita sobre as tábuas, sem receio desta intimidade com o público.

²⁴ Os nomes dos participantes foram modificados.

2) Marcio diz que gosta de mostrar as coisas desde outro ângulo, de um viés diferente, singular. Aqui, sua performance corporal experimental-exploratória de uma foto-tato, se une à subversão do referente a partir da sua descontextualização-desterritorialização: o motivo fragmentado, o motivo lancinado pela luz de uma abertura maior do diafragma, ângulos que revertem objetos em prédios e vice-versa. Ele desfaz a escala dos objetos. Ele experimenta alterando constantemente as configurações da câmera na busca de outras expressividades possíveis.

[...]

Explora escalas (postes que se tornam chaminés navais, grama) e planos (foto da escultura em relevo da assembleia, autorretrato), alterando-os, invertendo-os, desterritorializando [...]. (Diário de campo, A cara da rua, 15 de julho de 2019).

Proceder a partir dessas duas dimensões, parece ter sido o disparador para pensar, posteriormente, operações transversais, que foram configurando sessões do mosaico. Tais operações aparecem no diário e no mosaico como verbos no infinitivo, sugerindo um modo de produção de narrativa e de conhecimento que se faz no instante, no tempo do acontecimento, na “operação pura” (DELEUZE, 2011, p. 173), no prolongamento do verbo, e não no imperativo do nome que corporifica a ação.

- Retratar
 - Refletir/ Refratar
 - Ampliar/ Saltar/ Solear
 - Pixax/ Grafitar
 - Delirar/ Descontextualizar
 - Montar
 - Agradar/ Gradear
 - Horizontar/ perspectivar
 - Miudar/ assentar/ mergulhar
- (Diário de campo, A cara da rua, 15 de julho de 2019).

Tais operações, que aparecem no diário e estruturam o mosaico, conduzem o olhar para questionamentos, levam o corpo a andar pelas imagens, no desejo de continuar o percurso e performar outras cenas possíveis na cidade. Os registros da oficina que ocorreu na biblioteca contam sobre a confecção do mosaico e colocam-nos a observar corpos em movimento, que colam algo na parede ou dispõem fotos no chão para encontrar ordens possíveis a fim de serem narradas. Pesquisadoras sobem nas cadeiras para alcançar locais altos da parede, sentam-se no chão, para aproximar-se do grupo e das fotos, perambulam rente às paredes, compõem a imagem do mosaico. Narrativas se sobrepõem incessantemente na narração das experiências.

. Lugares de encontro

A escrita de imagens no diário, a tecitura de textos e fotos, o agenciamento em oficinas, a produção de encontros em campo: tudo isso desloca pesquisadoras e sujeitos de pesquisa por diferentes cidades, na cidade em que se encontram. As páginas dos diários parecem se tornar espaços em que se pode inventar personagens, vislumbrar outros modos de pesquisar, jogar perguntas ao vento e observá-las, congelando imagens, antes que evaporem. O caráter mostrativo da escrita que narra imagens conduz pesquisadoras a inventar modos de percorrer as ruas, escutar a cidade e produzir encontros. Diversos autores já falam da potência que a escrita permite tocar; das dobras que ela nos permite fazer, no pensamento, no objeto de pesquisa, na subjetividade. Narrando, freamos o que se movia e movemos o que estava parado ou nos freava. Estancamos o tempo, e também navegamos nos movimentos que produz:

Marcar as folhas de papel em branco se transforma, assim, em estancamento do tempo e de sua transmutação em dobragens da ciência e da produção existencial. Ao frearmos o tempo, conferimos-lhe mais força: um vigor que sintetiza muitos outros encontros e que eclode ao acaso da inspiração que se torna marca (FONSECA et al., 2006, p. 657).

Na escrita dos diários, a imagem pede para ser sentida como novidade, toca o corpo e produz afetos, para se fazer conhecer, para encontrar espaço onde possa arder e se transformar. Escrevendo e caminhando, levamos conosco as imagens que Fernando Pessoa nos mostra em um poema de Alberto Caeiro, e entramos em campo como quem brinca na poeira. Metamorfoseamo-nos em criança que se diferencia das outras crianças ao sujar-se; que se aproxima do que conhece, por contemplar a novidade. O poeta nos ensina a pesquisar por afecção e acontecimentalizar no processo de escrita e de produção de conhecimento.

Criança desconhecida e suja brincando à minha porta,
Não te pergunto se me trazes um recado dos símbolos. Acho-te graça por
nunca te ter visto antes,
E naturalmente se pudesses estar limpa eras outra criança,
Nem aqui vinhas.

Brinca na poeira, brinca!

Aprecio a tua presença só com os olhos.

Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que conhecê-la,

Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.

O modo como esta criança está suja é diferente do modo como as
outras estão sujas.

Brinca! pegando numa pedra que te cabe na mão,

Sabes que te cabe na mão.

Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior?

Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.

(PESSOA, 2007, pp. 156-157)²⁵.

Pesquisar, assim, flerta com brincar, com sujar-se, e se articula com o convívio cotidiano. O campo vai se engendrando com o perambular de quem sai de casa com vontade de entrar na conversa, de deslizar na brincadeira ou de carregar algo a mais, para sentir o peso do corpo variar ou para contemplar o alívio de quem naquele dia pôde não carregar algo mais.

O encontro pesquisadoras-cidade ocorre diante da disponibilidade de ver alguma coisa sempre pela primeira vez e de nutrir o cuidado em recusar dominá-la pelo saber. Caeiro já nos diz, agora no poema II de O Guardador: “Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do Mundo (PESSOA, 2007, p. 28).

²⁵ Grifos mantidos conforme consta na obra.



ENCONTRO ²⁶

Página em branco. Espaço que abriga pensamentos caminhantes, congela sentimentos empacotados em palavras ou desenhos; ou nada posto. Textura lisa que abriga histórias e mentiras. Terreno para a construção de um mundo de muros, pontes, paredes, passarelas, sem topógrafos. Abriga a ruga, a cicatriz, a superfície desnivelada. Que graça teria uma superfície sem montanhas, rochedos, buracos?

O texto depois costeia abismos, acha bordas, constrói portas; às vezes alonga-as, para percorrer corredores. O texto desenha muros. As palavras colocadas em sequência diluem algumas barreiras, assim como também as constroem. O mesmo trajeto, desenhado na folha de papel, cria aberturas para repetições infundáveis, possibilidades de performar outros caminhos.

Apagar é limitar acontecimentos à vida privada. Apagador de antigamente borrava textos, esburacava folhas de papel, mas hoje é mais fácil mudar de ideia no espaço não compartilhável, assim como deslocar uma parede de gesso para criar um espaço a mais ou a menos. Rearranjar móveis dentro de casa parece mais simples do que remodelar ruas, modificar suas direções, remontar paredes de um edifício, deslocar histórias rebocadas em uma casa tombada. Parece mais fácil deletar espaços íntimos da vida privada. Supostamente privada - privada de vida privada; privada do verbo privar de alguma coisa; privada de vaso sanitário: onde as palavras deletadas se misturam aos dejetos corporais e se perdem ao dar descarga.

Escrita é convite. Chama para entrar em fendas, para passear por obras dos que construíram em terreno desnivelado, textos de quem teve histórias para contar e contou. Escrever é caminhar com atenção desperta às nuances, ao invisível. É também deixar-se andar desatenta e esbarrar nos transeuntes, tropeçar nos buracos, como acontece nos encontros, que às vezes se dão, com pensadoras/es que já disseram o que planejávamos dizer ou com quem discorda das escolhas que fizemos. É ler um mundo e construir nele novas cidades de papel, feitas da colheita de trajetos existenciais em devir.

²⁶ A imagem que dá início a essa seção é de autoria de Fabio Issao (© 2019 Fabio Issao. Todos os direitos reservados). Ela foi escolhida para introduzir essa e as próximas duas sessões, uma vez que trazem discussões acerca da emergência do devir-pesquisadora, da escrita como agenciamento coletivo de enunciação, e da invenção de si e de mundos, na operação das oficinas. Pesquisadoras menores parecem ser produzidas por cidades, estradas, extratos de noite e dia, gotas de suor e lágrima, prédios e pirâmides (que tornam visível a compressão do tempo em uma só imagem).

Leitura é aceite. Participar daquilo que não se mostra nas linhas de um mapa das ruas da cidade. É sensibilizar o corpo ao que no (con)texto aparece, conta, vive, proíbe fazer. Ler é sentir o que recusa, encontra, desencontra, na cidade superficial da folha. No término de um argumento, outro; no término de uma frase, a próxima; na superfície, outros planos. No mundo da leitora, outros mundos. Para a escritora, novo plano de encontro.

Ponto é ligação. Ponto de encontro, ponto (parada) de ônibus. Espaço de pausa, instante em que se convoca algo, em que se chama alguém. Pausa para tensionamento, hora do milagre que só acontece quando se pára. Kandinsky propõe o ponto como a união última do silêncio e da palavra.

Ponto na superfície da página pode fazer música, marcar o ritmo. Em diferentes planos, ressoam ao mesmo tempo diferentes modos de viver. A superfície cidade – do concreto, da montanha ou da página – faz deles visíveis ou sonoros.²⁷

²⁷ Texto extraído do diário de campo que acompanhou o percurso do pesquisar a pesquisa. Reflexões sobre a escrita e os movimentos do pensamento (2018/2019).

(solidão – multidão)

2.5 VARRER, EM MOVIMENTO CARTOGRÁFICO

A cidade atravessa o processo de escrita dessa e de tantas outras produções acadêmicas. Abriga e desabriga pensamentos, ideias, formulação de textos, tanto na solidão quanto nas conversas que os compõem. Com o tecido urbano, trabalhamos e pesquisamos na “solidão extremamente povoada” à qual se refere Deleuze (1998, p. 6) ao tratar de um território em que se escreve, em que se trabalha. Solidão povoada não de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros: “Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 6).

Se a cidade, para além de cenário, constitui-se como elemento que transversaliza e constrói o ato de pesquisar em solidão povoada, parece possível conceber o encontro como captura, como roubo (e não como o efeito de achar alguma coisa). Por tratar-se de captura, encontrar refere-se à produção de assimetria e não de mútuo movimento; encontrar refere-se a uma “evolução a-paralela, núpcias, sempre ‘fora’ e ‘entre’. Seria isso, pois, uma conversa” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.7).

Com o tecido urbano, vêm-se produzindo, desde Atenas antiga, modos de caminhar, perguntar, habitar; correr, parar, atropelar, encontrar. A organização contemporânea dos espaços na experiência urbana coloca-nos em um “contexto de agrupamentos de pessoas diferentes” (SENNET, 2008, p. 25) e impõe problemas que se desdobram e vêm a aparecer em tensionamentos conceituais e metodológicos (assim como os configuram) no ato de pesquisar.

A complexidade dos fenômenos produzidos no fluxo da “urbanidade” (HOLANDA, 2005, p. 7) deixa marcas no corpo-pesquisador. A cidade é tramada com embates e transformações no tempo e no espaço, forma a textura do campo de pesquisa, mas também move o texto que formaliza os processos de produção acadêmica. A cidade transborda sua densidade, seus fluxos, camadas, desvios, relevos e fronteiras em um campo de possibilidades que se abre (ou se fecha) para a produção de sentido, para a criação de conceitos, para “a invenção de si e de mundo” (KASTRUP, 2007). Para percorrer superfícies desse engendramento, parece necessário o esforço de esgaçar conceitos já descritos, olhar com atenção aos “signos e forças circulantes, ou seja, de pontas de processo em curso”, o que requer “uma concentração sem focalização” (KASTRUP, 2007, p. 15).

São muitas as perspectivas já publicadas sobre a cidade, e não parece possível considerar que elas não venham a ser identificadas nos diários e relatos que compõem o percurso de pesquisa na experiência urbana, tracejada em texto e percorrida em textura. Porém, tal identificação não será tarefa dessa tese, ou seja, o modo como se pretende adentrar o encontro pesquisador(a)-cidade não perpassa a busca por identificar no texto dos diários de campo a visão já publicada sobre a textura urbana. Entra em operação, assim, a atenção às práticas e discursos que tecem tanto os diários de campo e os relatos quanto a cidade e modos de vida, com a singularidade engendrada pelas demandas que o próprio campo de pesquisa apresenta. Isto constitui o movimento cartográfico como proposto por Passos, Kastrup e Escóssia (2015) e Passos, Kastrup e Tedesco (2014).

Embora possa ser esperado, em escritas acadêmicas, que o procedimento metodológico de uma pesquisa parta de estudos precedentes à saída em campo (procedimento que tende a orientar a atenção pesquisadora ao (re)conhecimento de determinados fenômenos e à identificação de fenômenos preconcebidos), o desenvolvimento dessa tese pretende partir do sentido inverso. É na medida em que a textura se apresenta e as formas e forças se fazem sentir em campo, que os conceitos, teorias e diversas visões já publicadas passam a ser buscadas, e/ou ganham ou perdem sentido. Para proceder dessa forma, esse estudo opera conceitos e compartilha de ideias que convirjam para a produção de uma escrita “inseparável da produção de uma experiência de transformação do que se pensa e do que se é, e não apenas uma suposta reprodução fidedigna da realidade estudada” (FERREIRA NETO, 2015, p. 412).

Partindo da textura e não da descrição ou definição de fenômenos, operamos o conceito de multidão. Isto implica a radicalização da experiência da autonomia, e nos coloca em deslocamentos que conduzam menos à homogeneidade e mais à multiplicidade de sujeitos, de figuras produtivas, sociais, que estão dentro e fora da modernidade, constituída por operários, mulheres, jovens, desempregados, imigrantes estrangeiros, indígenas (COCCO, 2009). Escrever sozinha exige, então conservar a posição de quem habita a borda, de quem mantém-se em um lugar e se mover ao mesmo tempo. No paradoxo solidão – multidão, o deserto da página e da rua faz-se povoado e a solidão da escrita e do caminhar com as ruas coloca-nos em meio à multidão; faz-nos parte dela.

Há o deserto. Não teria ainda qualquer sentido dizer que eu estou no deserto. É uma visão panorâmica do deserto. Este deserto não é trágico nem desabitado, ele é deserto só por sua cor, ocre, e sua luz quente e sem sombra. Aí dentro uma multidão fervilhante, enxame de abelhas, confusão de jogadores de futebol ou grupo de tuaregues. Estou na borda desta multidão, na periferia; mas pertença a ela, a ela estou ligado por uma extremidade de meu corpo, uma mão ou um pé. Sei que esta periferia é o meu único lugar

possível, eu morreria se me deixasse levar ao centro da confusão, mas também, certamente, se eu abandonasse a multidão. Não é fácil conservar minha posição; na verdade é muito difícil mantê-la, porque estes seres não param de se mexer, seus movimentos são imprevisíveis e não correspondem a qualquer ritmo. Às vezes eles giram, às vezes vão em direção ao norte, depois, bruscamente, em direção ao leste e nenhum dos indivíduos que compõem a multidão permanece num mesmo lugar em relação aos outros. Consequentemente, encontro-me também permanentemente móvel; tudo isto exige uma grande tensão, mas me dá um sentimento de felicidade violenta, quase vertiginosa (DELEUZE E GUATTARI, 2011b, p. 40).

. Sozinhas, povoando páginas

Além dos textos dos diários de campo compartilhados, as pesquisadoras também produziram escritos durante encontros do grande grupo de pesquisa, que reúne pesquisadoras de todos os subgrupos. Propusemo-nos a realizar oficinas, que tiveram início com o exercício de imaginar cenas que se desenrolavam de alguma imagem sugerida inicialmente a todas as participantes. Imaginar-se saindo da sala onde estávamos reunidas, por exemplo, podia disparar outras imagens, que eram vivenciadas de olhos fechados por cada pesquisadora, que, na sequência, escrevia as cenas que viu. Antes de terminar o encontro, discutíamos as imagens que haviam surgido, suas possíveis relações com o campo, a pesquisa e/ou a vida na cidade e as páginas escritas eram todas cedidas para a tecitura da presente tese, que já tinha como objeto o encontro de pesquisadoras com a cidade no ato de pesquisar.

Após muitas leituras desses textos, foram tecidas correlações e segmentações que resultaram na composição de contos formados por seus diferentes trechos. Os verbetes-experiência *Oficina*, *Abrigo* e *Rumos* são contos escritos a partir do procedimento de montagem, com base nas produções das oficinas. Para esse exercício de escrita, passeamos pelos diferentes textos de oficinas, tendo em vista que a atenção que percorre essa tese perambula em torno da diferença que é engendrada quando o corpo-pesquisador encontra a cidade e tece o texto; diferença que reverbera na escrita, na voz, no toque, que intervém em forma de expressão e de conteúdo.

A composição criada entre texto e textura é que entra em discussão. O olhar sobre a trama lida, assim como as reflexões e novas tramas elaboradas a partir da leitura de diários e relatos, transborda a demanda por identificar conceitos já delineados ou perspectivas teóricas existentes.

De certa forma, não deixa de ser também parte do processo de pesquisar a identificação de visões como as que já foram publicadas sobre o espaço urbano e seus fenômenos. Por

exemplo: nas narrativas que expressam ou se engendram no encontro entre escrita e cidade, talvez compareça à visão de um espaço que provoca marcas da “privação sensorial a que aparentemente estamos condenados pelos projetos arquitetônicos dos mais modernos edifícios; a passividade, a monotonia e o cerceamento tátil que aflige o ambiente urbano”, como viu Sennet (2008, p. 13). Os textos talvez reconhecerão, em alguma medida, uma cidade como a que foi vista por Harvey (2014, p. 209), espaço predominantemente de “luta de classes”, engendrada com a urbanização e a história da acumulação de capital. É possível também que, a partir da experiência de pesquisadoras, a cidade seja reconhecida (ou reproduzida) na “transpacialidade” sublinhada por Holanda (2005, p. 8), na qual as sociedades sempre investiram, na medida de seus recursos sociais e tecnológicos. Durante o ato de pesquisar, a rua talvez tome a proporção de espaço agregador das diferenças, como a viu Reyes (2005, p. 166). A questão que entra em foco, entretanto, nesse percurso de leitura dos textos e atenção aos encontros de pesquisadoras com a cidade, relaciona-se mais com a cidade e o texto que produzem um ao outro, e não tanto com uma afiliação conceitual com teorias sobre a cidade. Desse modo, atentamo-nos sensivelmente, ao acompanhar os encontros de pesquisadoras com a cidade, aos modos como o tecido urbano fabrica práticas e dá corpo a devires pesquisadores (assim como a devires estrangeiros, imigrantes, cidadãos e tantos outros), também abrigados por ele. Como afirma Luis Antonio Batista (1999, p. 123):

[...] as cidades dos nossos dias, como as do passado, são territórios de fecundos conflitos, experimentações, lugar onde se produz a face do diverso, do estranho, do familiar, do estrangeiro. Local ao mesmo tempo de fabricação de práticas para acolhê-los, dar corpo às suas faces ou dissipá-los.

Olhar para o modo como tais práticas conduzem e marcam a produção de textos, subjetividades e devires pesquisadores convoca-nos, portanto, a manter a atenção voltada aos encontros que povoam a solidão do pesquisar (com) a cidade. Isto requer preparação, mas não regras ou receitas. “Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar. Pois reconhecer é o contrário do encontro. [...] Antes ser um varredor do que um juiz” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 8).

OFICINA²⁸

A folha de papel em branco e eu, nessa sala cheia. O grupo de pesquisa se encontra toda sexta-feira à tarde, mas hoje é dia de oficina. Trouxemos mais comida, açúcar e café. Pego a caneta, de olhos fechados, e imagino. Escrevo as imagens que visito.

Acordo atravessada na cama. O som que emana das caixas e as roupas que uso ainda são da madrugada que passou. Levanto cansada, com a sensação de ver tudo embaralhado. Não sei dizer qual foi a última vez que dormi com a roupa do dia anterior, nem quando acordei às três da tarde. Bem que pareço ter conseguido bagunçar essa rotina que me devora.

Sinto a água do chuveiro bater com força na pele e tocar o corpo. Fico ali, ora de olhos fechados, ora prestando a atenção na rachadura da parede. Lembro de uma aula de memória e cognição: “a gente não lembra de tudo que vive, porque excede a capacidade de lembrar as coisas que realmente importam”. Uma ova! Puta rachadura interessante nessa parede e sensação boa desse banho inesquecível. Cada segundo...

Visto qualquer roupa para ir até o mercado, só pelo passeio mesmo. Faço o caminho de sempre. Quanta coisa interessante; quanta coisa negligenciada no cotidiano. É que a gente esquece que pode lembrar das coisas que importam.

A voz de alguém na sala de aula interrompe a escrita e a imaginação. Agora provoca outro exercício. Imaginar um lugar para onde ir, um lugar que vira corpo. Eu vejo um espaço como aquele onde iniciamos o trabalho de campo com os imigrantes.

Mãos compridas, como o tempo. Sou o gigante, do gênero masculino, branco, tatuado. Quero anunciar, com meu corpo, dias de ventos amenos, como se isso fosse possível numa cidade em que ou se venta muito ou não se venta nada. Só vejo as mãos de gigante, mãos enormes como uma vida longa. Com elas, quero pegar um repolho limpo, não-roxo e cru, como a existência finge não ser; e, enfim, comê-lo de forma lasciva e lenta, como quem toma o diabo, domina-o e o engole.

Leio meu texto e acompanho as imagens que o escreveram. Minha memória visita aquelas tentativas de contato com os imigrantes, sempre por meio de organizações religiosas. Quando me vejo já estou contando para o grupo de pesquisadoras naquela sala sobre as ações voluntárias que ganham corpo em mãos de gigante. Corpo em que tantos inscrevem os discursos não laváveis que me parecem tatuagens. O repolho é redondo, como o mundo, um

²⁸ Texto desenvolvido a partir de segmentos dos escritos elaborados em oficinas por diversas pesquisadoras. A sobreposição e justaposição das imagens narradas permitiu a criação de um campo de composição que se presentifica nesse conto. As oficinas ocorreram em uma sala da UFRGS, no prédio Anexo Saúde.

grande globo. Ou pequeno, não sei. Algum gigante quer comer o mundo, enquanto diz dar de comer ao outro. E eu só me vejo em seus dedos compridos e brancos de vida longa.

(metáfora - metamorfose)

2.6 DEVIRES-PESQUISADORAS OFICINEIRAS EM ESCRITA

A escrita que transversaliza encontros entre pesquisador(a) e cidade inventa a tese e produz as marcas que a constituem território. Problematizamos o texto, para percorrer a superfície de diários de campo, deslizar sobre as histórias que eles contam. Encontramos as pesquisadoras em oficinas previamente agendadas, nas quais procedemos escrita e conversa.

Primeiro, concordamos em recusar. Recusamos tomar, como dados de pesquisa, os textos já escritos em diários das pesquisadoras e analisá-los. Em vez disso, produzimos uma atividade que implica o encontro entre pesquisadoras para uma experiência imaginativa. Iniciamos de olhos fechados. Nesse momento, as participantes-pesquisadoras são convidadas a imaginar-se em uma situação específica: reportar-se “à hora de levantar-se da cama”, por exemplo, pode ser um primeiro pensamento sugerido, para que se inicie o exercício. Lançamos mão, assim, de uma cena inicial como disparador. Em seguida, ficamos em silêncio, para observar o que se move na imaginação e, depois de abrir os olhos, escrevemos aquelas imagens e histórias que agora fazem-se realidade. Dessa escrita, emerge a possibilidade de falar ao grupo sobre o que foi visto, registrado, sobre o que foi possível tocar, sobre os sentimentos que acompanham imagens, escrita e encontros. Dobra-se o texto, as palavras, o campo. Escreve-se mais ou apenas relata-se o que se escreveu. Ao final, as participantes entregam-nos a folha que abriga as narrativas ou imagens descritas.

Como cada narrativa singular é tomada sempre como expressão de um ou mais coletivos, não foi solicitado que escrevessem seu nome junto do texto entregue. A escrita é tecida pelas condições de possibilidade dadas por aquele contexto e produzida por agenciamentos. Assim como Foucault (2005, p. 69) remete-se ao seu livro como pura ficção, afirmando não ser inventado por ele, também a escrita das pesquisadoras é um exercício de invenção. Ela se sustenta nessa experimentação metodológica, que pressupõe que quem inventa é “a relação de nossa época e sua configuração epistemológica com toda uma massa de enunciados. Embora o sujeito esteja de fato presente na totalidade do livro, ele é apenas o ‘se’ anônimo que fala hoje em tudo aquilo que se diz” (FOUCAULT, 2005, p. 69).

A continuidade do processo, após as oficinas, acontece na medida em que, diante do que escrevemos, dizemos e debatemos, desfazemos o que o autor chamou de “a grande desconfiança alegórica”. Essa desconfiança se refere à postura, que costuma acompanhar

qualquer comentador, de procurar em todos os lugares “o pensamento verdadeiro do autor, o que ele tinha dito sem dizê-lo, querido dizer, sem conseguir, desejado esconder, e, no entanto, deixado aparecer (FOUCAULT, 2005, p. 69). Escrever o campo, tocar a textura e officinar afetos desfazendo qualquer grande desconfiança alegórica parece exigir, então, uma ética da composição. Nela, palavras rearranjam-se, mudam certas cadências, dizem de outro modo o já dito, expõem o já exposto, para tornar possíveis modos de “guardar”, como entende Antonio Cícero (1996), memórias e imagens do encontro, da pesquisa e da cidade. Convocamos, como pesquisadoras-compositoras, o poema ao campo e à tese:

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.
(CÍCERO, 1996, p. 11).

Abrindo mão de qualquer busca por possíveis segredos, supostamente escondidos por quem escreve, o exercício é o de apreender o texto como um conjunto de elementos (palavras, metáforas, formas literárias, narrativas) entre os quais é possível fazer surgir novas relações. Os elementos e as relações, portanto, não surgem por terem sido determinados pelo projeto do escritor, mas por terem se tornado possíveis pela própria obra como tal. Descobrimos e construímos, assim, relações que

não estavam presentes na cabeça de ninguém; elas não constituem o conteúdo latente dos enunciados, seu segredo indiscreto; são uma construção, mas uma construção precisa desde que as relações assim descritas possam ser atribuídas realmente aos materiais tratados. Aprendemos a colocar as palavras dos homens em relações ainda não formuladas, ditas por nós pela primeira vez, e, no entanto, objetivamente exatas (FOUCAULT, 2005, p. 69).

Arranjar relações para as palavras já ditas, de forma a dizê-las assim pela primeira vez, passa a compor, então, o procedimento metodológico que dá continuidade às oficinas. Para isso, a produção dos textos, das imagens, das narrativas e dos discursos é percebida sempre como algo da ordem dos agenciamentos coletivos. Agenciamentos são sempre coletivos, são co-funcionamentos; agenciar, então, é estar no meio, “sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 44). Os agenciamentos de enunciação “são abordados enquanto efeitos dos encontros (nunca coincidentes) de visibilidades e enunciabilidades constitutivos dos saberes, sobre os quais se exercem as relações de poder” (ROCHA, 2007, p. 404).

Ficcional, narrar e inventar o campo da pesquisa, seja nos diários seja nas oficinas, é um modo de acompanhar o movimento para o qual a cidade convoca ou provocá-lo. Abrir rotas a serem percorridas ou recusar certos modos de governar-se ou ser governado, afirmar outros, talvez. Se “a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 31), tecemos campos e produzimos o método, partindo da emergência de devires pesquisadores que o processo da pesquisa possibilita.

Uma pesquisa é composta por multiplicidades de cartografias. Admitindo, com Guattari (2012), que “cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas [...]” (p. 21), desviamos de dizer, sobre qualquer uma dessas demarcações ou cartografias, que exprima um conhecimento científico da psique. Uma vez recusado o dualismo Consciente-Inconsciente, sentimo-nos convocadas a propor um modo de pesquisar que envolva “uma dimensão de autonomia de ordem estética”, já que “ou se objetiva, se reifica, se ‘cientificiza’ a subjetividade ou, ao contrário, tenta-se apreendê-la em sua dimensão de criatividade processual” (GUATTARI, 2012, p. 23).

Narrativas produzidas em agenciamentos põem em jogo populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. Por meio da produção desses textos em diários coletivos, narrativas, seus personagens e discursos agenciados coletivamente, operamos “processos de invenção” (KASTRUP, 2008, p. 120), cujos produtos são os sujeitos e o próprio mundo. A proposta é de acessar “funções criadoras” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 23), definidas como usos não conformes, do tipo rizoma²⁹ (e não mais árvore), uma vez que procedem por interseções, cruzamentos de linhas, pontos de encontro no meio:

²⁹ Ao contrário da lógica da árvore, que tem uma raiz e segue uma lógica binária e hierárquica, o rizoma segue a lógica da ramificação e “procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser

não há sujeito, mas agenciamentos coletivos de enunciação; não há especificidades, mas populações, música-escritura-ciências-audiovisual, com suas substituições, seus ecos, suas interferências de trabalho (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 23).

Nos espaços onde as pesquisadoras operam, seja nos encontros com a cidade, nas reuniões que organizam, nos diários que escrevem ou naqueles encontros produzidos nas oficinas de pesquisadoras, os agenciamentos coletivos de enunciação produzem subjetividades e engendram devires pesquisadoras(es), à medida em que criam e ressoam narrativas, textos, diários, discursos e práticas. A subjetividade é imanente à produção de mundo e formada por agenciamentos coletivos; “é trabalhada por uma incansável produção que transborda o indivíduo por todos os lados” (ROLNIK, 1996, p. 16).

Os processos de subjetivação que compõem um percurso de pesquisa vão colocando desejos em movimento, propiciando relações que nos aproximam do que estamos em vias de nos tornar ou dos encontros através dos quais nos tornaremos. Do fluxo de imagens que compõe o exercício de ficcionar, enquanto se encontra (e se cria) a cidade, as pesquisadoras e o mundo, emergem devires pesquisadoras(es). Nada da ordem da imitação ou da identificação, mas do processo do desejo. Como explicam Deleuze e Guattari,

De certa maneira, é preciso começar pelo fim: todos os devires já são moleculares. E que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma *zona de vizinhança ou de copresença* de uma partícula, o movimento que toma toda partícula quando entra nessa zona (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 67).

Devir, portanto, não no sentido de “progredir nem regredir segundo uma série” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 18), ou uma evolução, uma continuidade. As

produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso. (...) Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de ‘devires’” (DELEUZE e GUATTARI, 2006, p. 15).

subjetividades são criadoras e promovem “uma perspectiva rizomática, pois as ramificações não têm início e também não se sabe o fim” (BRITO, 2012, p. 14). Os processos de subjetivação “se fazem nas conexões do desejo com fluxos heterogêneos que variam ao longo da existência, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras da subjetividade são por princípio efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e impessoais” (ROLNIK, 1996, p. 16).

Os processos de escrita dos contos que prosseguem das oficinas são constituídos, portanto, por figuras da subjetividade que se produzem como agenciamentos coletivos. Nessas oficinas, ou com elas, não há designação de conceitos, personagens ou fenômenos, segundo um sentido próprio; não há metáforas, algo a ser interpretado por carregar sentido figurado. No encontro, na escrita, nas palavras, nos agenciamentos que configuram oficinas, importa-nos as formas de expressão, as imagens que formam sequências de estados intensivos, escalas e circuitos de intensidades puras para serem percorridos. Trata-se de dar continuidade a uma possível aposta na morte da metáfora, sobre a qual Deleuze e Guattari (2015) discorrem ao tratar da morte de todo simbolismo, toda significação e toda designação que se dá na literatura de Kafka. É o que se passa quando o sentido é ativamente neutralizado (quando a palavra dá diretamente nascimento à imagem).

Olhar para a cidade e o texto, caminhar com as pesquisadoras e a textura, percorrer superfície e espiar a profundidade implica construir e desconstruir imagens que estão sob o impacto de múltiplos processos e amplos campos de conexões. A aposta na morte da metáfora, nesse contexto, configura uma escrita que procura esquivar-se do mergulho nas significações e interpretações conferidas às atividades, às práticas, aos discursos, para permitir maior afeição à abertura das condições de possibilidade que pode se dar a partir dos encontros, textos, conversas, porosidades entre fronteiras; na perambulação por espaços conhecidos e a serem inventados. Com alguns pensadores da antropologia, como Eric Wolf (1984), podemos compreender que as metáforas podem constituir uma estratégia para cercear sentidos possíveis, para reforçar ou criar ideologias e, a partir da linguagem, tornar certas práticas ou discursos invisíveis, na medida em que sejam impensáveis. A criação de uma ideologia aqui é compreendida como sobrecódigo, como “uma imposição insistente de conotações ou metáforas sobre denotações” (WOLF, 1994, p. 298). Essa coerção da metáfora

compreende a redução do leque potencial de conotações a uns poucos significados imperativos permitidos [...], a fim de maximizar o número de domínios, contextos ou ocasiões que proclamam a mesma ficção insistente. Contudo, esse processo não é meramente linguístico, artístico ou psicológico; é também uma questão de poder: [...] poder exercido a fim de estruturar e

limitar o ambiente de uma população, de tal modo que algumas formas de ação se tornam impensáveis ou impossíveis (WOLF, 1994, p. 298).

Recusar o exercício de designar, significar e interpretar afirma, então, um ato de pesquisar que procura deixar que a palavra narre a imagem. Parece possível, assim, pesquisar ao nos sentirmos tocadas por algo, afetadas por aquilo que aponta para o corpo e o que ele acrescenta, produz e inventa. Pesquisar por afecção, no sentido bergsoniano, é no que apostamos ao procedermos a leitura intensiva e a continuidade dos textos e trocas disparadas nas oficinas de pesquisadoras. Para isso, percorremos em um sentido ou qualquer outro, os circuitos de intensidades e seguimos o trajeto que se desenhará na medida em que nele formos caminhando. Do mesmo modo como consideramos necessário que primeiro o percurso de pesquisa convoque os conceitos, evitando trazê-los prontos previamente ao campo, evitamos também a busca por sentidos próprios ou figurados, e assim mantemos a atenção flutuando pela distribuição de estados no leque da palavra, pela conjunção de fluxo de intensidades. A imagem, assim, torna-se devir: “A imagem é esse percurso mesmo, ela se tornou devir: devir-cão do homem, devir-homem do cão, devir-macaco ou coleóptero do homem, e inversamente” (DELEUZE e GUATTARI, 2015, p. 44).

No campo, nos diários, nos encontros, os textos tecem percursos. São sequências de imagens a serem percorridas em “um circuito de estados que forma um devir mútuo, no seio de um agenciamento necessariamente múltiplo ou coletivo” (p. 45). Devir-pesquisadora da cidade e devir-cidade da pesquisadora não emergem apenas das oficinas, porque cidade desterritorializa pesquisadora e pesquisadora desterritorializa cidade. O devir compreende diferença de intensidade. Escrever, inventar, oficiar os encontros com a cidade, no processo de pesquisa, parecem levar a metamorfoses e, como alertam os esquizoanalistas: “A metamorfose é o contrário da metáfora” (DELEUZE e GUATTARI 2015, p. 45)

É assim que o devir-gigante de dedos longos compõe um circuito de estados em um agenciamento coletivo de enunciação. Os enunciados que se encontram nas letras desenhadas em diários só podem ser vistos como engrenagens de um agenciamento. Vemo-nos, então, “tomados em segmentos de devir, entre os quais podemos estabelecer uma espécie de ordem ou de progressão aparente: devir-mulher; devir-criança; devir-animal; vegetal ou mineral; devires moleculares de toda espécie, devires-partículas” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 66). Não é importante, por isso, saber quem é a pesquisadora que escreve, mas parece claro que tudo que escreve e quem escreve é parte da máquina de escrita, porque um agenciamento “tem duas faces: é agenciamento coletivo de enunciação, é agenciamento maquínico de desejo” (DELEUZE e GUATTARI, 2015, p. 147). E o agenciamento tem outras faces além dessas duas.

“De um lado, ele é segmentário, estendendo-se ele mesmo sobre vários segmentos contíguos, ou se dividindo em segmentos que são, por seu turno, agenciamento” (DELEUZE e GUATTARI, 2015, p. 154). Tais segmentos são contemporaneamente poderes e territórios. Cada segmento pode ser concreção de poder, de desejo, e de territorialidade ou reterritorialização. É por isso que um agenciamento também pode ter pontas de *desterritorialização*, uma *linha de fuga*, pela qual ele mesmo foge e então faz escoar suas enunciações ou expressões, assim como seus conteúdos que se deformam ou se metamorfoseiam.

O desejo faz máquina na máquina e constitui novas engrenagens que seguem aquelas precedentes. O desejo de comer repolho que se expressa no devir-gigante, e o devir-pesquisadora que o encarna na intensidade do desejo de digerir o globo ou o mundo estão na sala da oficina e no campo dos imigrantes. Ora ser devorado, ora devorar: um é repolho, um é estômago.

O devir-gigante no qual se tornaram as pesquisadoras, com suas mãos compridas (como o tempo) e corpo tatuado (como placa ou jornal) vem anunciar a vinda dos ventos amenos. Tomar o mundo como quem toma o diabo, domina-o e o engole parece mais possível do que a chegada de ventos amenos numa cidade em que ou se venta muito ou não se venta nada. Mas não tem tanta importância o que é menos possível. Há algo de não-roxo, de cru, que finge não ser o que parece ser a existência, e será devorado por pesquisadoras, pesquisas e equipamentos da cidade.

Organizações religiosas são enunciados que compõem a máquina, não somente em seu trabalho voluntário aos imigrantes, mas ainda mais nos escritos não laváveis que tatuam o corpo igreja, os dedos brancos e compridos, as escadas de madeira escura, seu confessionário. Elas compõem a máquina, assim como o grande repolho-globo e as (cerca de dez) pessoas que sentam à mesa oval e sussurram. As conexões fazem máquina e os enunciados fazem parte da máquina, assim como desmontam um agenciamento do qual a máquina é uma parte. E o enunciado “é uma parte da máquina, que vai fazer máquina, por seu turno, para tornar possível o funcionamento do conjunto, ou para modificá-lo ou para fazê-lo saltar” (DELEUZE e GUATTARI, 2015, p. 149).

O cheiro de igreja escura dá o tom, embora capture o corpo mais pelo olfato que pela audição, engendrando a máquina de escrita, o enunciado religioso e o desejo. Desejo de comer repolho-globo, não-roxo e cru, de fingir dar de comer ao outro, porque existe. Desejo de escutar e delimitar penitências à voz sussurrada em confessionário, de confessar e aliviar-se na reza que fabrica perdão. As oficinas são prolongamentos do que é agenciado no campo dos

imigrantes, assim como o campo é oficina, desenhando agenciamentos no diário, na rua, na igreja, na roda, no grupo de *WhatsApp* que será criado para futuros compartilhamentos de imagens fotografadas por venezuelanos em Porto Alegre.

ABRIGO³⁰

Outra folha diante de mim. Fecho os olhos e logo abro-os para escrever. O campo dos imigrantes está recém começando a acontecer e quero reencontrá-los. A imagem me pega no cheiro de madeira escura, de lugar fechado. Subo as escadas até o fim: cheiro de igreja. Espaço amplo, sem divisórias, apenas uma mesa oval, ocupada por cerca de dez pessoas conversando em voz sussurrada. Tudo ali parece confessionário. Pouca luz entra na sala, e uma notícia recente se faz assunto da tarde: venezuelanos buscam proteção atrás de um tapume, mas não funciona, porque as pedras, que ninguém sabe de onde vêm, passam por cima da madeira. Violência e corpos estrangeiros. Não há espaço na folha para abrigar o que marca o corpo.

As vozes das pesquisadoras em oficina me chamam de volta (ou de ida?) pra sala de aula. Expressam o que escreveram. Em mim, o campo se fez igreja e um gigante de dedos longos, nada demais. Impressionante é escutar a história de quem viu o próprio corpo se despedaçando o tempo inteiro. Concordo quando dizem que não é fácil unir elementos tão diferentes num corpo só.

Outra colega, no texto daquela tarde, foi um estômago. Disse que é porque gosta do sangue, da bile... que é porque ouve as vozes construindo o corpo, aparecendo paralelas e singulares. Ainda sinto o cheiro da igreja que me habita.

³⁰ Texto desenvolvido a partir de segmentos dos escritos elaborados em oficinas por diversas pesquisadoras. A sobreposição e justaposição das imagens narradas permitiu a criação de um campo de composição que se presentifica nesse conto.

(vulnerabilidade – potência)

2.7 PESQUISAR AGENCIANDO ENCONTROS E AFETOS: CORPOS VIBRÁTEIS, DEDOS DE GIGANTE E O POTENTE REPOLHO NÃO ROXO E CRU

A madeira não protege das pedras que agridem os corpos escondidos dentro dela. O ato de pesquisar se desenha em imagem de tapume, em imagem de gigante faminto, em imagem de repolho-globo cru, a ser devorado enquanto segurado por dedos compridos como o tempo.

Devir-pesquisadora abriga-se na folha onde escreve e faz dela prolongamento do corpo. Na máquina desejante da escrita, devires-pesquisadoras(es) encontram-se no campo onde imigrantes venezuelanos sussurram. Devires-migrantes talvez agenciem a culpa, aquela culpa que se pode sentir minutos antes de ir ao confessionário para contar pecados ou que pode ser disparada diante da constrangedora sensação de se estar falando, mesmo que em voz presa na garganta, em local de silêncio. Será por isso que são atacados em praça pública por quem joga pedras do outro lado do tapume posto a lhes proteger? Talvez não sintam culpa alguma.

Pesquisas e intervenções com populações que, em alguma medida, são consideradas “vulneráveis” podem instigar mãos de gigante a oferecer seu amparo e proteção. Os tapumes às vezes podem ser dedos compridos que seguram o mundo não-roxo (ou o diabo?), enquanto a boca o devora: “Um dos grandes riscos que percebemos nas pesquisas e intervenções com as populações vulneráveis é a sustentação de posturas assistencialistas, moralistas e punitivas, definindo práticas individualistas e culpabilizantes. São marcas que reverberam não somente nas equipes, mas também nos usuários” (PAULON e ROMAGNOLI, 2018). Engrenagens de uma mesma máquina de pesquisa, com suas imagens em constante fluxo, engendram devir-pesquisadora, devir-padre do confessionário, devir-população vulnerável. O que importa parece ser o agenciamento de encontros que possam acolher movimentos, inventar linhas de fuga e recusar a reprodução da lógica moralista que tem cheiro de madeira escura e fechada.

O próprio termo “vulnerável” tende a trazer consigo uma imagem que configura as pessoas (vulneráveis) como vítimas ou indefesas diante de problemas esmagadores que as atropelam. Ao mesmo tempo, de outro lado, os gigantes se engradem ainda mais no contraste gerado por essas imagens. Paulon e Romagnoli (2018) explicam que o conceito de vulnerabilidade é utilizado frequentemente em documentos oficiais e debates teóricos relativos às políticas sociais, para tratar de uma condição de fragilização das pessoas e famílias no que

se refere à inserção e estabilidade no mercado de trabalho, à debilidade de suas relações sociais e ao grau de regularidade e de qualidade de acesso aos serviços públicos ou outras formas de proteção social. O risco parece ser o de que essas populações, a partir da concepção de que são vulneráveis, sejam tomadas como incapazes ou impotentes para agirem por si, inventarem soluções possíveis para o que vivem, encontrarem linhas de fuga e sustentarem seus próprios saltos por entre os dedos compridos de algum gigante. Poderia ser divertido fazer dos braços enormes um escorregador ou rabiscar tatuagens para deixar as próprias marcas no grande corpo, que pode passar a ser um pouco imigrante também. Pode ser divertido tornar-se imigrante na própria cidade, dizem as pesquisadoras da cidade.

De outro lado, sensações como a de ser abandonado pelo próprio chão parecem propiciar um afeto ressentido, um pulsar de medo e desamparo que assombra o corpo imigrante, que passa a buscar explicação e alívio, projetando no outro a causa de tamanha crueldade vivida. O assombro diante de tais crueldades aparece frequentemente nos diários de campo tecidos junto aos encontros com o tecido urbano, em diferentes territórios ao longo da pesquisa.

Os afetos e as sensações que emergem de acontecimentos como a migração a outro país ocorrem diante das condições de possibilidade que políticas, discursos e práticas engendram na produção de si e de mundos. Em tempos de “capitalismo mundial integrado”, termo usado por Guattari (1981, p. 211) para referir-se ao capitalismo contemporâneo neoliberal como alternativa ao uso da palavra *globalização*, ocorre a superexposição da subjetividade, em qualquer ponto do planeta, a variações em velocidade vertiginosa. Suely Rolnik (2003), ao explicar diferentes políticas de relação com a alteridade no capitalismo mundial integrado, e seus efeitos sempre não-neutros, trata dessa exposição afirmando-a como característica da existência urbana e globalizada. Nela, a subjetividade é afetada constantemente por um turbilhão de forças, e a lógica capitalista incentiva a criação de novas esferas de mercado e a produção de formas de vida que possam lhes dar consistência existencial, enquanto outras são “varridas de cena, junto com setores inteiros da economia que se desativam”. Trata-se de um processo que “reduz o prazo de validade das formas em uso, as quais tornam-se obsoletas antes mesmo que se tenha tido tempo de absorvê-las” (ROLNIK, 2003, p. 80). A força de invenção é constantemente convocada e capturada, nesse fluxo que provoca estados de tensão permanente e, conseqüentemente, uma dissociação entre a subjetividade e o corpo vibrátil. Nesse processo, é intensificada a cegueira em relação às forças de alteridade do mundo, que impede o acesso aos novos blocos de sensações mobilizadoras da potência de invenção. Engendrada nessa política de relação com a alteridade que descreve a autora, a migração do

próprio país parece propiciar a relação de gigantes com repolhos ou de estômagos com diabos, como os textos da oficina nos contaram.

Políticas de alteridade que constroem a potência da vida produzem subjetividades cindidas “da realidade viva do mundo enquanto matéria-força – como acontece no capitalismo hoje”, e “as potências de resistência e de criação se dissociam” (ROLNIK, 2003, p. 82). A experiência da crueldade, então, passa pelo crivo de interpretações e a força de resistência, em vez de se dirigir à afirmação e defesa de novas formas de vida, é dirigida, de certa forma, contra o outro. A luta entre opostos inaugura o reforço de “subjetividades reificadas em figuras identitárias, cuja luta gira exclusivamente em torno do poder” (p. 83). Venezuelanos, sentindo-se vítimas da condição que vivem, podem, nessa lógica, afirmar que são sempre outros que detém o poder que lhes foi roubado e que os destituem do lugar de quem pode algo. As narrativas de vitimização são reincidentes.

Se pesquisadoras, assim como trabalhadoras(es) da igreja, veem imigrantes (ou quaisquer participantes da pesquisa) como vítimas indefesas ou culpados (pecadores) prestes a ouvir a penitência ditada pela moral-religiosa, declaram, com isso, a fraqueza de quem sofre e a força de quem manda ou faz sofrer. Tanto a afirmação de que a culpa é do outro quanto o deslocamento dessa culpa para si, na sustentação de que se é pecador, conduzem à má-consciência: “Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* [...]. A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: *esta é a origem da má-consciência*” (NIETZSCHE, 1887/2009, pp. 67-68). O autor de Genealogia da Moral nos mostra que o pensamento judaico-cristão provoca exatamente o deslocamento da busca de culpados de fora para dentro, sem deixar de intensificar, nessa operação, o acúmulo de ressentimento entre os fiéis.

A instituição religiosa, que acolhe populações entre paredes de madeira escura, é desenhada nas imagens escritas pelas pesquisadoras, nos diários e nas oficinas, junto de cenas que parecem justamente reiterar a impotência dos imigrantes, na medida em que reafirmam a força do governo ou da pátria que os expulsou. “Tudo ali parece confessional”, diz o texto das pesquisadoras sobre as imagens que impactam no campo e na relação com os imigrantes com quem estudam e convivem. Pouca luz na sala e vozes sussurrantes montam um cenário propício para pensarmos o grande conceito moral de culpa, que Nietzsche (1887/2009) esclarece ter origem “no conceito muito material de dívida” (p. 48) e que compõe a engrenagem do equipamento confessional na doutrina cristã.

Para Nietzsche, os conceitos paradoxais e paralógicos de culpa, pecado, pecaminosidade, corrupção, danação compõem a operação do sacerdote ascético de “aproveitar os instintos ruins dos sofredores para o fim de autodisciplinamento, autovigilância, autossuperação” (1887/2009, p. 109). Operando esses conceitos, a Igreja concentra e organiza sofredores, enquanto afirma a salvaguarda provisória dos “mais plenamente forjados, criando-se assim um abismo entre doentes e sãos” (idem). O autor diz isso tomando como pressuposto que a natureza pecaminosa do homem é apenas a interpretação de um fato, “uma má disposição fisiológica – vista sob uma perspectiva moral-religiosa que para nós nada tem de imperativo” (p. 110). Ter a igreja como sede do encontro com os participantes da pesquisa que compõem o campo dos Imigrantes implica impactar no corpo o movimento do sacerdote ascético descrito pelo filósofo do martelo na sua Genealogia dos valores morais que compõem a modernidade. Na sua missão histórica, a “*dominação sobre os que sofrem é o seu reino*” (p. 106), em que “combate, de modo sagaz, duro e secreto, a anarquia e a autodissolução que a todo momento ameaçam o rebanho, no qual aquele mais perigoso dos explosivos, o *ressentimento*, é continuamente acumulado” (p. 107).

Como pesquisar com os sujeitos que ali se encontram e compor textos, conversas, imagens pensando o corpo-pesquisador na cidade? Como possibilitar que o pensamento, as sensações e os afetos encontrem modos próprios de se esquivarem da operação que obstrui o processo de assimilação psíquica das vivências? Como impactar o sofrimento e a moral (aqui mais precisamente a moral-religiosa) sem interpretar os fatos? Sem colocar alguns no lugar de justos sofredores e outros no lugar de culpados pelo desamparo de quem sofre?

Parece necessário recusar a exigência de algum sentido único ou da objetividade do conhecimento. Giacoia Jr (2014) percorre as condições e a operação do experimento nietzschiano, demonstrando que é sempre a força estruturante dos antagonismos que o gera e o conduz. Nesse percurso, ele nos convoca a pensar por que não é indiferente para nós que o Sr. Nietzsche tenha estado doente ou que, uma vez mais, ele tenha recuperado a saúde. Acompanhando o experimento de Nietzsche, com base na hermenêutica da doença e do sofrimento, é possível “vislumbrar mais um movimento de fuga em relação a toda tentativa simplificadora de unificação totalitária das perspectivas” (GIACOIA JR, 2014, p. 56) e conceber que a experiência de sofrimento ou de doença pode ser vivida de maneiras diferentes, se do ponto de vista de vulnerabilidade (ou debilidade) ou se da perspectiva de um excedente de forças. O ato de pesquisar requer, então, a disponibilidade para explorar possibilidades de deslocamento, operar a variação perspectiva, que torna possível a transvaloração dos valores.

Para pensar com o campo e os diários que construímos, é preciso, como reafirma Giacoia Jr, “que o pensador tenha ainda conservado um domínio suficiente sobre si mesmo para renunciar à tentadora volúpia da vingança, que tenha permanecido suficientemente íntegro para vivenciar os próprios estados de fraqueza e vulnerabilidade sem que a bÍlis venenosa do rancor necessite perseguir responsáveis ou punir culpados” (2014, p. 56). Para encarar aquelas perguntas que nos fizemos, buscamos em Nietzsche formas de apostar na “preparação do intelecto” para sua futura ‘objetividade’- a qual não é entendida como ‘observação desinteressada’ (um absurdo sem sentido)”. Tal preparação é necessária para que saibamos, aprendendo com o filósofo do martelo e experimentando pesquisar com o corpo todo, “saber utilizar em prol do conhecimento a *diversidade* de perspectivas e interpretações afetivas” (1887/2009, p. 100).

O uso de conceitos que aproximem as pesquisadoras da dor ou do sofrimento vivido por alguém é, em si mesmo, uma possível cilada, porque pode não passar de uma interpretação. Parece mais coerente pesquisar produzindo perguntas:

A própria ‘dor da alma’ não me parece em absoluto um fato, mas apenas uma interpretação (interpretação causal) de fatos que até agora não puderam ser formulados com exatidão: portanto, algo ainda inteiramente no ar, e que não se impõe cientificamente – apenas uma palavra obesa, em lugar de um seco ponto de interrogação (NIETZSCHE, 1887/2009, p. 110).

Por isso mesmo, trazer o conceito de vulnerabilidade ao campo de estudo com o encontro de pesquisadoras com a cidade, parece exigir ouvidos e escrita atentos mais aos questionamentos do que aos rótulos, mais às inversões possíveis do que às reduções que invisibilizam a potência de operá-lo. Carregar conceitos para pensar o encontro pode ser um prolongamento dos textos que compomos com participantes, cidades e pesquisadoras; deve ser um movimento cuidadoso, que permita abrir condições de possibilidade para o deslocamento e a amplitude de perspectivas, sem pretensões de circunscrever um fato ou dar nome a uma situação vivida.

É preciso não perder de vista que é possível, com uma palavra obesa, produzir, no ato de pesquisar, “políticas de vitimização”, que “passam a reproduzir a lógica do ressentimento, como condição para sua perpetuação” (KEHL, 2014, p. 306). Corremos o risco de, ao nos referir a uma população enaltecendo suas condições de fragilização, compor, na escrita e no encontro com a cidade, o reforço ou a reprodução do que Todorov (1999) denominou “vitimização social”. Nela, ninguém se vê responsável ou assume os próprios atos. Segundo o autor, é um fenômeno característico das sociedades norte-americanas e vem influenciando outros países:

Aqui podemos sempre procurar a responsabilidade dos outros por aquilo que não vai bem na vida. Se meu filho cai na rua, a culpa é da cidade, que não fez as calçadas planas o suficiente; se corto o dedo cortando a grama, a culpa é do fabricante de cortadores de grama [...]. Se não sou feliz hoje, a culpa é dos meus pais no passado, de minha sociedade no presente.: eles não fizeram o necessário para o meu desenvolvimento. A única hesitação que posso ter é saber se para obter a reparação me volto para um advogado ou para um psicoterapeuta: mas, nos dois casos, sou uma pura vítima e minha responsabilidade não é levada em conta (TODOROV, 1999, p. 225).

A partir dessa visão que Todorov apresenta, olhamos para as políticas ou pesquisas que partem da vitimização de grupos sociais e reconhecemos que parecem carregar a tendência de fechar um campo de possibilidades para o *pesquisar com*, para a construção de um trajeto metodológico engendrado na diferença. São delimitados polos no processo de pesquisa e reproduzidos (ou reforçados) pressupostos que impedem considerar a potência dos acontecimentos e suas marcas para o acompanhamento dos processos em devir.

O cheiro de madeira da igreja fechada desencadeia no corpo pesquisador o rechaço ao amparo identitário das formas de organizações de massa, como são também as instituições religiosas, que tendem a favorecer, de certa forma, não somente a adesão a uma identidade de “fiel”, mas também a adesão a uma identidade de vítimas. Vitimando grupos sociais como o dos imigrantes, a igreja afirma sua grandeza altruística e seu poder magnânimo, ao mesmo tempo em que propõe aos seus membros a possibilidade de reafirmarem o compromisso entre a insatisfação coletiva, de expulsão do próprio país, e as pretensões individuais que eles trazem para o Brasil. Com o reforço das políticas de vitimização (e com o confessionário como equipamento) talvez a igreja prometa, a seu modo, promover algum alívio em relação aos endividamentos de seus membros com o individualismo, oferecer alguma esperança em relação à necessidade de amparo que poderia se dar sob a tutela do Estado, e ressoar alguma resposta ao sentimento de culpa que talvez carreguem aqueles que sussurram em suposto lugar de silêncio, para encobrir as dívidas que construíram com as novas gerações e as passadas.

A propósito, na aproximação das pesquisadoras com o campo dos imigrantes venezuelanos, uma das primeiras demandas anotadas em diário foi a de realizar oficinas que dessem conta da preocupação com essa dívida com as novas gerações:

- A principal preocupação são as crianças.
- Nesse momento algumas crianças estão perto de nós, mas não muitas.
- Cadê as crianças?
- As crianças deixaram seus brinquedos, não deu tempo e nem tinha como trazer. Alguns vieram só com a roupa do corpo (Diário de Campo – Imigrantes Venezuelanos, 20 de outubro de 2018).

O estranhamento em relação ao fato de as crianças parecerem talvez um tanto adultas, ou não brincarem, habita diferentes trechos do diário. Aparentemente, é uma confirmação da demanda verbalizada pelos estrangeiros, mas opera o revés de qualquer reconhecimento da fragilidade das crianças. O texto de quem vive o campo dos imigrantes expressa perguntas que partem mais da necessidade de olhar criticamente para a demanda apresentada do que da atitude de concordar *a priori* com ela:

[...] Será que eu iria com a minha filha para uma reunião como esta?; [...] Será que o fato de ter uma criança perto dele fazia com que ele se sentisse mais seguro e menos vigiado?

[...] Se fosse uma reunião "com mais pessoas" o que essas pessoas iriam achar do fato de ele estar com a filha? Definitivamente ele não sabia que tipo de reunião era aquela e, mesmo assim, levou a sua filha (Diário de Campo – Imigrantes Venezuelanos, 8 de maio de 2018).

No cotidiano de encontros com a cidade, pesquisadoras se deparam com demandas da pesquisa que vão aparecendo conforme as conversas configuram-se. Nesse encontro marcado com imigrantes venezuelanas(os), a criança é levada pelo pai a uma reunião de pesquisa, parecendo reforçar o apelo para que pesquisadoras psicólogas proponham atividades para suprir as demandas que os pais expressam em relação aos seus filhos. Os adultos que vieram ao Brasil com a família preocupam-se com os efeitos da experiência à qual a criança foi forçada, tendendo a referir-se a essa vivência como um trauma e temendo seus efeitos. As perguntas que as pesquisadoras lançam a si mesmas operam um recuo, um espaço criado para pensar entre prédios e estradas já construídos, conceitos e opiniões já formados.

Romagnoli (2015) discorre acerca dos profissionais especialistas que não raro são tomados por angústias que apresentam certos riscos diante das dificuldades no cotidiano de encontros com equipes, famílias, serviços e políticas sociais, e parece possível que as pesquisadoras por afecção andem passeando (e se deixam passear) por tais riscos apontados pela autora: o risco da psicologização, o risco da desqualificação, o risco da sobrecarga das mulheres e o risco da ressonância das vulnerabilidades. Trata-se de riscos que não dizem respeito a incapacidades individuais de cada técnico, pesquisadora, ou de determinada equipe, mas que “emergem nas relações cotidianas, estalam nos encontros das equipes com as famílias, promovendo situações que sustentam efeitos indesejados e, em geral, impensados” (ROMAGNOLI, 2015, p. 453).

Para a autora, a *psicologização* situa-se na zona em que se entende a família como base da sociedade, devendo então ser protegida pelo Estado, como alvo de políticas públicas e portador de direitos e de responsabilidades. Com isso, a família é responsabilizada, ao lado da sociedade e do Estado, por proteger a infância, a adolescência e o idoso. O risco da

desqualificação das famílias é mantido pela insistência em um modelo dominante de configuração familiar e pela ignorância mantida em relação às formas de funcionamento de outros possíveis arranjos familiares. Faz-se uma crítica, assim, à tendência de o psicólogo usar o que sabe ou o que não sabe para inferiorizar os usuários dos equipamentos da assistência social. Aqui cabe lembrar Foucault quando ressalta que, com a ascensão do saber na modernidade, o indivíduo moderno é moldado pelas disciplinas e se constitui como sujeito de saber e como resultado das relações de poder. O risco da *sobrecarga das mulheres*, refere-se à naturalização do papel da mulher como central para as práticas de cuidado. Por último, o risco da *ressonância das vulnerabilidades* trata das reverberações que ocorrem nas equipes quando se sentem inseguras, desmotivadas e ressentidas em sua lida com a família na assistência social. A autora afirma que “essa posição impede conexões inventivas que escapem dessa precarização, desses encontros que despotencializam” (p. 456).

À pesquisadora que escreve o diário de campo e encontra a cidade com venezuelanas, cabe olhar para a criança que veio à reunião e sentir-se afetada, cabe multiplicar perspectivas para pensar o texto e o encontro. O sentimento de injustiça que invade a pesquisadora mais parece um modo de afogar-se nos riscos da sobreimplicação apontados por Romagnoli (2015) e apresentados acima, do que um modo de pesquisar com atenção às marcas, ao instante e aos acontecimentos.

A recusa a pesquisar como gigantes é a recusa a olhar para alguém como pequeno indefeso ou considerar sua condição, por mais difícil que pareça, como uma condenação ou um rótulo que define algum fim. A recusa a pesquisar com tapumes, entre pesquisadora da cidade e grupo de sujeitos segregados e pesquisados, no caso dos imigrantes, lança as pesquisadoras para trás da madeira, com os riscos de serem também apedrejadas e de compreenderem, em seus corpos e a seus próprios modos, as marcas que os equipamentos da cidade fazem em quem se estrangeiriza, quando se vê obrigado a fugir do próprio lugar. Assim, a partir das marcas que se fazem no corpo, lê-se a cidade que se encarna nele, e pesquisa-se durante a cicatrização.

. Aventurar-se no encontro e na escrita: sustentar paradoxos

A problematização que ganha certo corpo nesse texto vem sendo feita em diários coletivos ao logo das andanças pela cidade. Nos textos produzidos coletivamente, as palavras ressoam afetos e imagens que se prolongam ao longo dos encontros com o campo-cidade e com o campo-texto. As marcas da vitimização e do julgamento moral, assim como os

questionamentos acerca da sobreimplicação, convocam aos diários a conversa com a (im)possibilidade de separação entre pesquisadora que escuta e mulher que (con)sente. Junto aos percursos vividos com a ocupação Mirabal, habitada por mulheres em situação de violência, paradoxos se fazem sentir, e os devires-pesquisadoras dobram-se, perguntando e perguntando, respondendo e respondendo:

As crianças e as histórias contadas me provocaram uma tremenda indignação e vontade de ajudar. Como separar em mim essa ‘compaixão/pena’, de uma escuta que realmente possa ser potente para autonomia e não apenas a vitimização destas pessoas? É óbvio que essa pena não é apenas pela situação delas, essa compaixão bate em partes minhas, a criança minha que também se sentiu agredida e sozinha muitas vezes na vida, mesmo que de formas diferentes. A quem mesmo que desejo salvar quando me tomo por estes afetos? Acho que a psicanálise me ajuda neste sentido, pois apesar de nem todos os casos que atendo serem de violência, negligência, etc. sempre há algo no humano que escapa e que se sente capturado. Somos todos vítimas e agentes, vítimas/agentes, mesmo onde a culpa parece do outro. Sinto que o vitimismo não é tão passivo assim e talvez, por isso, apenas talvez, eu possa fazer este trabalho de ou na Ocupa(ação) (Diário de Campo – Mirabal, 22 de agosto de 2018).

Quando escutamos, compomos a cena e a narramos, abrindo possibilidades de escrever a imagem que nos toma e que nos escapa, ao mesmo tempo. Um vitimismo não passivo e o tensionamento à compaixão marcam o diário convocando pesquisadoras a reverem o modo como falam do que vivem e experienciam nos encontros. Mas, como nos mostra Diniz (2014), uma pergunta inquietante para a epistemologia feminista está no fato de que “além de ‘como falar’, importa também ‘para quê falar’”. Essa, talvez, pareça uma pergunta inválida para muitos acadêmicos, para quem a liberdade de expressão ou a curiosidade seriam razões suficientes para a produção de conhecimento” (p. 16). Se não podemos transcender nossas localizações no espaço social e nossas vozes múltiplas e conflitantes, então podemos afirmar algum acordo sobre o como falamos, mas é o “para quê falar” que nos “inquieta na produção do discurso como um evento político” (p. 17). Confrontar temas morais a partir dessa perspectiva, na escrita e na pesquisa, parece dar condições a uma escrita mais militante e a uma produção de conhecimento que possa também afirmar um possível alerta ético sobre como se mover para além dos binarismos.

A vitimização, tão presente nas discussões que marcam diários dos imigrantes e das ocupações, denota a presença de julgamentos morais, como foi possível considerar a partir das leituras e recomposições com os diários tecidos junto ao grupo dos Imigrantes, mas também pode se constituir uma estratégia para a conquista de direitos ou a luta por mais justiça. Pensar o modo como se fala sobre modos de vida, e por que se fala deles, torna-se um exercício

constante na leitura de diários, compondo a busca por inverter perspectivas e ampliar condições de possibilidade. O convívio junto às ocupações, assim, como ao campo dos imigrantes, parece tensionar pesquisadoras a olhar para o paradoxo vulnerabilidade/potência, e também para a ideia de precariedade, que Fassin (2014) discute, analisando sob duas perspectivas:

A primeira é sociológica e se relaciona à desigualdade no valor das vidas: o fato de que algumas vidas são empiricamente menos valoradas é o que as torna 'precárias'. Aí estão as vidas dos pobres, dos desempregados, dos delinquentes, dos imigrantes, dos refugiados, de todos aqueles supostamente protegidos pela bandeira humanitária. A segunda perspectiva é etimológica e se refere ao sentido original do termo "precário" em latim, que significa aquilo que se obtém por meio da prece. Isso nos lembra a dimensão de solicitação, de pedido e mesmo de súplica que está envolvida na relação humanitária (p. 34).

O uso de uma linguagem que se situe no campo da compaixão ou da dicotomia vítima/agressor pode ser operado, como afirma Fassin (2014), desde uma razão humanitária, como forma de governo de vidas precárias. De qualquer modo, a utilização de uma linguagem da vitimização pode servir para "descrever publicamente a situação de alguém não porque se vive como uma vítima, mas porque essa linguagem é a legitimada para obter direitos sociais ou políticos por quem acredita ter direito a acessá-los. [...] o uso do vocabulário humanitário pode ser um caminho para reclamar justiça" (FASSIN, 2014, p. 40).

A compaixão da pesquisadora, expressa ao abordar o desejo de separar potência para a autonomia e vitimização, adentra o campo de análises permitindo que novas reflexões sejam feitas no âmbito da moral e das ciladas de uma racionalidade dicotômica. No mesmo texto em que trata das linguagens da vitimização, que compõem uma entrevista dada a Débora Diniz, Fassin (2014) trata da compaixão como "um sentimento moral privado" que, embora possa operar junto da justiça, acaba por contribuir com uma economia moral da desigualdade. Enquanto a justiça pode ser vista como "uma expectativa política pública", "a compaixão tende a se transformar em uma forma de política que nos afasta da justiça. Nós nos concentramos nos pobres, nos necessitados, nos miseráveis do mundo, [...] ao mesmo tempo que evitamos a questão mais delicada da distribuição desigual de riqueza e da ineficácia dos programas redistributivos (FASSIN, p. 35). De fato, "os conflitos morais são mais complexos do que a descrição ordinária que os reduz a dois lados" (DINIZ, 2014, p. 17).

Em meio aos conflitos morais que o campo coloca, as pesquisadoras expressam a sensação de constrangimento e curiosidade ao "entrar pela primeira vez na casa de desconhecidos" quando chegam à Ocupação. Suas narrativas registram um jogo constante entre a tensão de querer ajudar àquelas mulheres e a emergente necessidade de olhar para esse

tensionamento, analisá-lo, repensá-lo e lançar perguntas na tentativa de refazê-lo a partir de outras perspectivas possíveis:

... Ainda mais quando esta casa se refere a um espaço ocupado por mulheres que se encontram em situação de violência. Eu gosto do termo ‘situação de violência’, pois as situações sempre podem mudar. Ao entrar, sinto-me um pouco invasora, pois, apesar de ser um local público, invado a privacidade de quem mora ali. Como entrar sem invadir? (Diário de Campo – Mirabal, 22 de agosto de 2018).

Encontrar formas de estabelecer encontros no ato de pesquisar faz parte desse jogo. A acadêmica pesquisadora se sente estrangeira na casa de quem não a chamou ali anteriormente, embora a convide para entrar.

Assim que a Carol [outra pesquisadora] chegou, entramos. Um corredor a céu aberto tinha direção até a porta de entrada da casa. Ao chegarmos, havia duas mães com seus filhos. Uma lavava a louça enquanto a outra alimentava o menino. Tudo organizado e um clima que parecia ‘leve’ para um início de manhã. Bato um papinho com a menina sentada [...], que me conta que adora brincar com bonecas. Sua mãe [...], ao lavar a louça, pergunta-nos se somos psicólogas. Digo que sim, e que estamos ali pois participamos de uma pesquisa que se interessa em estudar as formas como as Ocupações funcionam e também falo do nosso interesse em ajudá-las com o que for preciso, intitulado-nos como pesquisadoras de apoio (Ibidem).

Pesquisar, apoiar e estudar se materializa em diários e em conversas. Andar pelas ruas ou pela casa, junto da tensão a ajudar e a fazer-se presente, tece pensamentos e afetos que vêm ao texto, geralmente acompanhados do receio de “se atravessar”, do cuidado para “sustentar”, da abertura para compartilhar ou escutar o que as marcas já contam por estarem ali. Pesquisadoras-de-apoio vão se tornando segmentos da rede, acolhidas e profissionais, talvez mais repolho que mãos de gigante. Pesquisadoras-de-apoio seriam acadêmicas metamorfoseadas? Devir-acadêmica-repolho?

No térreo, onde fica a cozinha, há uma sala bem grande com uma mesa comprida e dois sofás. Nas paredes vejo cartazes sobre a luta das mulheres e mensagens de coragem. Há uma sala trancada, que pertence à coordenação e à qual as acolhidas só têm acesso junto a alguém da coordenação. Eu normalmente não gosto desta hierarquia, que deixa a casa com certo tom de ambulatório e não de lar. O fato de que profissionais circulam por ali também dá este tom. Porém entendo a necessidade, ainda, de ser assim. Ainda, pois não se ultrapassou a forma segmentada de pensar, trabalhar, viver em rede. Ok, Juliana, são os paradoxos das lutas, sempre existiram. Como sustentar o paradoxo? (Ibidem)

A sustentação de paradoxos é mesmo necessária para a emergência de encontros e do devir-pesquisadora que neles se engendram. Com Deleuze (2011), olhamos para o paradoxo como constituinte do devir, uma vez que, nele, não é ao mesmo tempo que operamos

movimentos diferentes (ou inversos), mas é ao mesmo tempo que nos tornamos uma coisa ou outra. As pesquisadoras que escrevem diários só podem sustentar-se na escrita e na pesquisa enquanto afirmarem em sentidos diversos, recusando o bom senso (que é a afirmação de um sentido determinável nas coisas) e fazendo do ato de escrever uma aventura plena de inversões.

Percorrendo a obra Alice³¹, Deleuze (2011) nos mostra as inversões que constituem as aventuras da personagem: a inversão do ativo e do passivo, a inversão da causa e do efeito, a da véspera e do amanhã (sempre esquivando o presente), por exemplo. Essas inversões trazem como consequência a contestação de sua identidade, a perda de seu nome próprio, “pois o nome próprio ou singular é garantido pela permanência de um saber”, que “é encarnado em nomes gerais que designam paradas e repousos, substantivos e adjetivos, com os quais o próprio conserva uma relação constante” (DELEUZE, 2011, p. 3). Façamos da escrita uma aventura como a de Alice. Destituir-se de nome próprio compõe o exercício de percorrer saberes sem permanecer, instaurando a incerteza como estrutura objetiva do próprio acontecimento. Devir-pesquisadora torna-se profissional e acolhida, casa e rua, rede e segmento, ao mesmo tempo.

O afeto que circula no corpo (quando pesquisadoras não gostam de hierarquia ou sustentam o cheiro de igreja no corpo, por exemplo) acontece num presente, num corpo esquartejado, à medida que é tensionado em diferentes sentidos. O procedimento *inverter para multiplicar* é vivido na escrita e operado como dispositivo que lança pesquisadoras, rua, casa, mulheres, crianças, texto para a abertura de brechas, espaços entre-tempo, entre-leituras, recuos ou, se quisermos falar de Aion, instantes, que ocorrem na produção e sustentação de paradoxos. Um pouco como fazem as aventuras de Alice, e também como se vê na visceralidade que compõe a multiplicidade de escritas e reescritas, leituras e releituras do exercício nietzschiano, as pesquisadoras compõem diários e andanças que manifestam o que Almeida (2014) chama de “experiência do paradoxo”. Ao tratar dos escritos operados pelo filósofo do martelo, o autor usa essa expressão para afirmar um texto entendido como espaço de resistência e superação, de inclusão e exclusão, de construção e destruição, de criação e recriação contínuas: “Designo, pois, esta pluralidade de perspectivas, de interpretações e, para servir-me de um termo peculiar a Nietzsche, de revalorações, pela expressão: a escrita do paradoxo, ou da infinita e sempre renovada significação (ALMEIDA, 2014, p. 61).

Tal experiência do paradoxo faz da escrita abertura de possibilidades para intervir no campo em que pesquisamos, torcer palavras, compor imagens e ficcionar para conhecer. Os riscos que corremos estão no texto para serem contraditos ou ficcionados a partir do modo como

³¹ Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll, 1862.

interagimos com eles. Tratar populações como vulneráveis, agir com mãos de gigante, querer pegar o mundo e devorar com as palavras que quisermos usar para nomeá-lo; sentir pena, raiva, medo, escrever o que o corpo sente para tocar os efeitos incorporais deixados pelas marcas que então cicatrizam. Os diários se atravessam, mesmo que, na intervenção, dizer venha acompanhado do receio de dizer e a escuta traga consigo alguma preocupação em dar voz a alguém, como expõe a pesquisadora no texto, ou em ser escutada:

Um dos meninos me diz: ‘Eu poderia ficar com um [dos brinquedos doados] prá mim, e os outros podem ser da casa’. Naquela fala percebo a importância que tem na construção de uma criança, ter algo de seu, e que dentro de uma ocupação torna-se mais difícil. Assim, uma das mães que estava por ali ao ver o menino dizer isto, grita com ele e fala: ‘Não, não pode não! Aqui tudo é de todo mundo’. Acho um tanto quanto agressivo o jeito como lança as palavras para criança. Eu não quero me atravessar, porém mais tarde converso um pouco com ela, tentando dar voz ao que a criança estava dizendo. Digo-lhe que o menino não fez por mal, e que as crianças às vezes precisam de coisas que lhes pertençam, o quanto também sofrem pois tudo é seu e nada é seu. [...] Sabemos o quanto o ambiente no qual a criança possa confiar é importante para sentir-se segura. Ela escuta, com ressalvas, mas parece compreender (Diário de Campo – Mirabal – 22 de agosto de 2018).

Como dizer sem se atravessar? Como lidar com o que nos atravessa? A dívida com a gerações futuras novamente aparece, agora na Mirabal. É possível ter um ambiente seguro onde tudo é de todo mundo? Talvez todo mundo cuide bem dos brinquedos, por sentir que é próprio. Talvez todo mundo se acostume a não ter brinquedos próprios e, por isso, ninguém cuide dos brinquedos. Independentemente das hipóteses que formularmos sobre o que ocorria ali com essas crianças, as pesquisadoras escrevem sobre a agressividade que escutam, que sentem, e que tentam não expressar.

No diário, as palavras agarram as marcas e deixam escapar os títulos. O que é referido por participantes imigrantes como trauma da infância, diários de campo ventilam como fatos que acontecem suficientemente cedo para permitirem a reinvenção de si. Inversões que permitem multiplicar:

Ao meu ver, a filha de Gabriel ouvia tudo na postura de uma criança que já sabe que é educado fingir que não escuta nada da conversa dos adultos. Como devem crescer rápido essas crianças que são apontadas pelos seus pais como aqueles que mais sofrem nesta mudança e aqueles que mais expressam sofrimento. É isso que muitas vezes dizem para nós: as crianças são os que mais sofrem. Contudo, a despeito de todo esse saber científico que fala de trauma, o olhar da filha de Gabriel me disse que às crianças estrangeiras é realmente dada a possibilidade de se reinventar. Elas podem facilmente descartar, no novo lugar, o título de estrangeiras (aprendem a língua mais rapidamente e sem sotaque, entre outras coisas), assim como podem, quando adultas, voltar ao seu país de origem e, sem nenhum peso, reencontrar-se ou não. [...]

De repente, levar uma criança àquela reunião, assim como mobilizar todas as ações em torno das crianças fez todo o sentido³² (Diário de Campo – Imigrantes Venezuelanos, 8 de maio de 2018).

No ato de pesquisar, afastar-se do moralismo hierárquico (PAULON e ROMAGNOLI, 2018) e recusar agir em mãos de gigante abre possibilidades para a produção de encontros acolhedores de movimento e de metamorfoses. É operando a continuidade do movimento, que se desenha o caminho, o encontro com a cidade nos acontecimentos: continuidade do movimento que acompanha processos e transmuta forças, continuidade do fluxo que passa por perfuração e cicatriz, marca e devir, força e contra-força, repolho e tatuagem, potência inventora e repetição diminuidora do campo de possibilidades.

Diante da suposta fragilidade de alguma população ou suas crianças, as pesquisadoras experimentam lançar perguntas aos diários, produzindo movimentos que jogam as palavras para dentro e para fora dele, convocam a outros pensamentos e para a cena retratada novamente: “Quando uma criança nasce em processo de migração, de onde ela é? Será do vento, como diz Brecht?” (Diário de Campo – Imigrantes Venezuelanos, 20 de outubro de 2018). Os textos produzidos com o campo vão tecendo, assim, um corpo, no qual as marcas se materializam e do qual as pesquisadoras se apossam. Lugar de movimentar o pensamento e os sentidos na condução da escrita. O diário é corpo e carrega marcas de metamorfoses. Pesquisadoras-ridículas, cidadãs-desconfiadas, crianças-doloridas:

Mesmo assim, ridículo é ignorar que, no mínimo, um desses estrangeiros deve desconfiar da própria sombra ou minimizar seus "dramas" supondo que um não-estrangeiro desprovido de teto sofre mais. Não há nada mais ridículo que comparar ou mesmo hierarquizar sofrimentos. Aliás, talvez seja mais ridículo o fato de que eu, mesmo sem querer hierarquizar, fique dizendo o que é sofrimento para esse ou para aquele sujeito. É ridículo isso e existem muitas pessoas ridículas no mundo. Inclusive eu.

Eu já me bati no espelho algumas vezes e, em várias destas, pedi desculpas a mim mesmo, pois não me reconheci. Isso se passa comigo que nunca precisei, forçosamente, tornar-me outro. Eu, que posso fingir que sou eu mesmo, ando na rua olhando para trás e sinto sobressaltos com pequenos barulhos, pois penso que estou sendo perseguido. Imagine Gabriel, um estrangeiro que deixou um eu confortável para fugir prá um lugar que ninguém quer escolher. Afinal, ninguém quer vir prá cá. Gabriel disse com todas as letras "Ninguém quer vir para o Brasil".

³² Essa é uma parte do trecho do diário chamado Cela 212, referindo-se ao número da sala da UFRGS onde havia sido realizada a reunião, para a qual o participante venezuelano levou sua filha consigo. Durante todo o texto, as pesquisadoras exprimem a sensação, compartilhada pelo participante, de estar sendo perseguido e suas angústias em relação à situação que os venezuelanos estão vivendo no Brasil. Já a angústia expressa pelas pesquisadoras é predominantemente a respeito da presença da criança na sala.

*O que há de tão ruim nesse país que ninguém quer vir prá cá?*³³

Tornar-me-ei um brasileiro desconfiado! Desconfiado dessa "confiança" que os jornais têm no Brasil, o risco Brasil vai cair nesse pós-eleições, dizem... desconfio muito de quem tem essa confiança!

Desconfiar é uma forma de se proteger? (Diário de Campo – Imigrantes Venezuelanos, 8 de maio de 2018).

Entro em disparada na sala, ao tempo em que dou oi para a mãe e largo a mochila no sofá, voo direto para ligar a TV. A voz da mãe sai junto com o barulho seco do botão: “Não tem luz filho, cortaram de novo”. Ela diz isso com um sorriso amarelo, que é o jeito que a mãe tem, e que herdei dela, de falar brincando sobre coisa séria, para tentar amenizá-la. [...] “Paciência, é a vida, tem outros jeitos de brincar”. Lembro do quanto me doía ouvir dela isso. Me doída porque era injusto, mas não era como se ela estivesse sendo injusta. Essa sensação de injustiça sabe-se lá perpetrada por quem ou porquê permeava meus sentimentos nesse tempo. Eu sentia raiva, um pouco era dela, a raiva era personificada através dela. “Como ela deixou cortarem a luz? Ela não sabe como eu gosto de assistir desenhos?” (Diário de Campo – Imigrantes Venezuelanos, 8 de maio de 2019).

Escrever tornando-se criança ou pensar o ridículo operam movimentos que parecem fazer-se em um pensar que é empurrado pelo próprio corpo e que desloca a perspectiva sobre esse corpo. Nesse movimento, passeamos perto do pensamento de Nietzsche e do modo como constrói sua filosofia. Apesar de parecer falar sobre si, não se trata de uma análise sobre si mesmo. Longe disso: “a imediatez do relato a respeito do corpo e do afeto de quem o formula não o condena à autorreferência. Ao contrário, o singular do caso Nietzsche é o salto que vai desde esse vínculo imediato do corpo com seu pensar e a pertinência desse pensar para interpelar o espírito de uma época e uma cultura”³⁴ (HOPENHAYN, 2001, p. 105).

Na máquina de escrita (dos diários de campo), sentir no próprio corpo constitui-se uma estratégia que engendra o devir-pesquisadora, enquanto grupos e campos criam o processo de pesquisa. Esse é o fluxo constante que abre possibilidades para olhares em perspectivas diferentes, concomitantemente: acompanhar movimentos e produzi-los. Hopenhayn (2001), convida-nos a presumir que a circularidade produzida no fluxo indiscernível fora-abaixo-acima-fora, que compõe o olhar múltiplo do procedimento nietzschiano, leva do olhar irônico ao perspectivismo e, dele, à maior vulnerabilidade da saúde de quem olha e, dessa vulnerabilidade, a uma reinterpretação da própria saúde e doença e, dessa interpretação, um

³³ Grifos em itálico conforme escrito no diário.

³⁴ Tradução realizada pela autora da tese. Na obra, o autor escreve: “*Esta imediatez del relato respecto del cuerpo y del afecto de quien lo formula no lo condena a la autorreferencia. Por el contrario, lo singular del caso Nietzsche, es el salto que va de este vínculo inmediato del cuerpo con su pensar a la pertinencia de ese pensar para interpelar el espíritu de una época y una cultura*”.

maior perspectivismo derrubado sobre o mundo e, desse perspectivismo, a uma mudança no olhar crítico sobre o entorno.

Tal procedimento nietzschiano parte dos deslocamentos no interior do sujeito-Nietzsche que, quanto mais intensivos, mais extensivos ele os faz às contradições da cultura judaico-cristã. Também, quanto mais singulares os padecimentos, mais Nietzsche resume neles os avatares históricos de um espírito moderno que luta por se emancipar. A doença recorrente de Nietzsche impulsiona o fluxo do pensamento e é

a usina da metamorfose, o lugar do parto, a combustão requerida para jogar-fora (fazer-aparecer) uma nova perspectiva que torna o pensar mais expansivo. Ao fazê-lo, converte-se também em uma forma de pluralizar: a combustão produz singularidades, mas não se detém nelas, usa-as como insumos para uma combustão ulterior que por sua vez emite novas ligas³⁵ (HOPENHAYN, 2001, p. 107).

Aquela fragilidade que parecia evidentemente compor a condição de vulnerabilidade, no corpo ora parece desconfiança, ora parece submetido ao olhar hierarquizante de pesquisadoras ridículas e ora parece possibilidade de se reinventar. É logo a vulnerabilidade que pode ser alimento para a potência e para as formas criativas:

Examinem a vida dos melhores e mais fecundos homens e povos e perguntem a si mesmos se uma árvore que deve crescer orgulhosamente no ar poderia dispensar o mau tempo e os temporais; se o desfavor e a resistência externa, se alguma espécie de ódio, ciúme, teimosia, suspeita, dureza, avareza e violência não faz parte das circunstâncias favoráveis sem as quais não é possível um grande crescimento, mesmo na virtude? O veneno que faz morrer a natureza frágil é um fortificante para o forte — e ele nem o chama de veneno. (NIETZSCHE, 1882/2001, p. 69)

³⁵ Tradução elaborada pela autora da tese. No original: “*es la usina de la metamorfosis, el lugar del parto, la combustión requerida para arrojar-afuera (hacer-aparecer) una nueva perspectiva que torna al pensar más expansivo. Al hacerlo se convierte también en una forma de pluralizar: la combustión produce singularidades pero no se detiene en ellas, las usa como insumos para una combustión ulterior que a su vez despide nuevas aleaciones*”.



MURO³⁶

Tenho tido saudade da minha cidade. O bairro onde vivo se chama Saudade, e as memórias que trago dele me fazem sentir falta de como era a passagem livre para o Futuro.

Sempre existiu o muro entre meu bairro, Saudade, e o do outro lado, Futuro. Mas faz um tempo que o medo nos separa e nos espreme do lado de cá. É que antes havia buracos, janelas e muitas portas no grande muro. Sim, também é verdade que nem todo mundo gostava dessa enorme facilidade que os furos nos davam para passar para o lado de cá e para o lado de lá. Tempos atrás, já vi gente que colocou grades em algumas janelas, já vi gente queimando colchões alegando ser perigoso passar por quem dormia encostado nele, e isso é triste de contar. O muro era cheio de portas abertas; furos de todo tipo. Ah, como eu gostava de passear às margens dessa linha de cimento, espiando o Futuro por entre furos e flertando com quem vinha procurar memórias do lado de cá.

Houve um tempo em que criaram uma profissão nova em razão do crescente fluxo de pessoas pelos buracos e do conseqüente aquecimento do mercado do entretenimento na fronteira mais disputada da cidade: salva-vidas de muro. Sempre me pareceu uma profissão interessante por ser exigida apenas nos fins de semana, e implicar preparação para proteger a vida de aventureiros que acharam por bem divertir-se aos sábados e domingos pulando o muro, escorregando pelas inúmeras passagens construídas ou sentando sobre o parapeito de janelas para ouvir música e conversar com os amigos. Eu sempre ficava pensando que a parte difícil desse ofício devia ser carregar o termo salva-vidas, escrito nas costas do colete que se veste, e ter que lidar com o fato de saber-se impotente para impedir a grande maioria dos possíveis acidentes aos quais o povo se arrisca quando busca diversão.

Que saudade de andar pela rua vislumbrando chegar no futuro e poder viver a beleza do instante ao habitar os furos. A cada passo estar mais perto da novidade ou da memória, essa era a delícia de andar por aí. Confesso que gostaria de ter feito mais. Dias de trabalho e escrita me consumiram na corrida atrás do cumprimento de prazos e do desespero na marcha do agora que nunca acaba. Se eu soubesse que viver assim se tornaria obrigação, teria me movido para o lado de lá mais vezes, teria curtido mais os acontecimentos. Não, não sei se teria o tempo para isso. Provavelmente não. Eu mal tive condições de assistir as notícias internacionais sobre o que ocorreu por aqui.

³⁶ A imagem que abre a presente seção é de autoria de Fabio Issao (© 2019 Fabio Issao. Todos os direitos reservados). Encontramos nela o muro da cidade e a manifestação da vida em Cronos e em Aion. Uma ilustração parece nos fazer tocar a distinção entre essas duas formas de viver o tempo, sem separá-las.

Às vezes, tenho a sensação de que só quem consegue compreender essa cidade agora é quem a vê de fora, de bem longe. E deve dar pena, embora eu não tenha pena alguma de mim.

As marcas que hoje estão no muro fecham o bairro Saudade e nos aglomeramos do lado de cá. Tento, com muito esforço, não esquecer que andei por aí. Como tive a coragem, como foi possível? Procuvo marcas na Saudade, em busca de algum pensamento que me mova, e será preciso esperar que venha o amanhecer, esperar o canto de alguém. Sinto que, para o presente, o futuro não vem.³⁷

³⁷ Conto disparado pela escuta de uma canção, cuja letra, trata de uma cidade cortada ao meio, por um muro. Ficcionamos, então, esse cenário habitado pela pesquisadora.

(memória – novidade)

2.8 A DIMENSÃO POLÍTICA DA ESCRITA E DA MEMÓRIA

Caminhando pela cidade e tecendo diários e imagens com ela, as pesquisadoras buscam, nas brechas e interrupções, as histórias: contemplam fatos ocorridos, ficionam cenas e tocam um campo de virtualidade que desenha fluxos visíveis ou invisíveis no espaço urbano. Na escrita, as ressonâncias constroem cidades e subjetividades.

O diário de campo é espaço aberto para abrigar ressonâncias que se fazem histórias. Esse conto, da cidade dividida pelo muro de concreto a se fechar, foi disparado pela escuta de uma canção que se fez sentir. Através dele, o corpo pesquisador procura, nas palavras, modos de durar nas forças que engendram formas. Se as ruas, assim como as páginas do diário, forem o plano por onde perambulamos, como chegar nas reverberações que ressoam muros, pontes, passarelas? Das experiências de percorrer a cidade, conversar em campo, escrever diários e oficinas de imagens agenciadas coletivamente, as pesquisadoras se movem, atentas mais às minúcias (que facilmente escapam por entre conceitos), e menos às convenções, interpretações ou significados. Das miudezas encontradas, forma-se, aos poucos, uma coleção de afetos, palavras e objetos. Contos permitem tornar visíveis certas imagens e vivenciá-las. O exercício da escrita segue em questão tanto para quem tece os diários quanto para quem os lê, ou escreve a partir deles.

O conto “Muro” se materializa como continuidade da canção, como ressonância musical em duração no corpo escritor, e se aproxima da cidade cortada ao meio pelo quanto mostra sua imagem e narra memória e ficção, acompanhando passos de quem caminha por imagens do tempo. O filósofo Walter Benjamin nos permite pensar a experiência moderna a partir do perambular do poeta pela cidade, e “toma posição diante do presente ameaçador em que vive, assumindo a posição desterritorializada de uma escrita em desordem. Essa escrita de montagem documental, que exhibe, ao invés de demonstrar, renuncia o valor discursivo, dedutivo, demonstrativo a favor de um aspecto mais icônico e mostrativo” (CAIMI, 2019, p. 10). Tal tomada de posição, que compõe a escrita propondo-se como montagem, permite a organização de elementos heterogêneos, a narração do que é perdido, a fabulação.

A montagem faz-se estratégia para desmontar a continuidade das coisas, proposta pela construção epistêmica convencional. Trata-se de uma forma estética e de pensamento: uma tomada de posição que recompõe forças e permite a extração de narrativas a partir da escavação de fendas, da perambulação, do deslocamento, que mais mostram do que explicam, mais criam circulações do que citam conceitos ou propõem demonstrações. Didi-Huberman (2017) escreve sobre esse procedimento tão operado no pensamento benjaminiano, ressaltando a importância do intervalo dos deslocamentos para a tomada de posição, que pressupõe mover-se, manter-se ao mesmo tempo no passado e no futuro, aproximando-se com reserva e afastando-se com desejo. Na montagem, a tomada de posição faz da escrita um ato político: “A montagem enquanto tomada de posição ao mesmo tempo tópica e política, a montagem enquanto recomposição das forças nos ofereceria assim uma *imagem do tempo* que faz explodir a narrativa da história e a disposição das coisas” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 118).

Um pouco como ocorre na montagem, cenários já vistos e histórias vividas vão se misturando com a ficção, e predomina a tentativa de abrir espaço na página escrita para o que dizem os sons, cores, histórias, rastros e riscos. A saga por escritas possíveis em um campo de virtualidade que engendra a diferença se desenha na atenção constante, e também interrompida, às imagens que atravessam corpo e movem pensamento. A escrita se constrói na modificação da ótica geral, como Adorno (1998) explica ocorrer no exercício benjaminiano: “Não é o olhar enquanto tal que pretende de um modo imediato o absoluto, mas o próprio modo de olhar, a ótica geral é que vem a ser modificada. A técnica da ampliação faz com que se mova o imóvel e que se fixe o que se movimenta” (p. 236).

Operando deslocamentos nos modos de olhar a cidade, narrá-la e andar por ela, as pesquisadoras buscam as pausas, encontram e desencontram nos intervalos que possibilitam perceber o tempo e tocar a surpresa. Nesse percurso que vem tecendo o ato de pesquisar, os cheiros, os sons e as texturas têm provocado interrupções, que compõem a escrita e regem modos de olhar. Passos e textos que vêm produzindo o tecido urbano têm sido acompanhados de música e, nela, a cidade também se faz ver.

A pesquisa e a escrita parecem ocasiões propícias para deixar que as tartarugas prescrevam o ritmo da caminhada, como Benjamin propõe quando aborda o vagar do *flâneur*, e o mostra também em oposição ao taylorismo preponderante na época. Em uma nota de rodapé, o autor sugere ser de bom tom “levar tartarugas para passear nas galerias” parisienses, por volta dos anos de 1940 (BENJAMIN, 1938/1989, p. 122).

Um pouco pesquisadoras itinerantes, como Benjamin, perambulamos vagorosamente por insignificâncias e fendas, cartões e bilhetes, livros e tartarugas. Colecionamos o que vamos

encontrando pelo percurso da escrita, das visitas, das oficinas e dos passeios. No cotidiano, coletamos citações buscando nelas as descontinuidades que produzirão o texto. Repetimos para recusar a coincidência e inventamos porque alguém já fez. Assim contamos a história que o percurso nos possibilitou contar, tendo como pressuposto o que Benjamin escreve, em um dos fragmentos de *Passagens* (2009, p. 518), sobre o que significa escrever a história: “citar a história. Ora, no conceito de citação está implícito que o objeto histórico em questão seja arrancado do seu contexto”. Como colecionadoras, que arrancam objetos de seu contexto, auscultamos uma canção e coletamos memórias e ficção, irrompidas do encontro com ela.

. Escutar passado/futuro: a experiência do nosso tempo na cidade

Se o espaço urbano constitui a experiência moderna, a música também parece tecê-la e compor as cidades. Um episódio musical provoca variações dos diários de campo e passa a, temporariamente, reger o processo de pesquisar. Percorrer, com ouvidos atentos, a melodia e as variações da canção é como andar pela cidade. Cada passo e cada nota marcam um novo ou mesmo ritmo no deslocamento espacial-temporal e, a cada unidade de tempo, novas condições de possibilidade se abrem, permitindo-nos tocar outra gama de afetos, como acontece quando se caminha à espera de outros encontros.

A canção ouvida, que culminou na escrita do verbete *Muro*, chama-se passado/futuro, é interpretada pela banda “O Terno”, compõe o disco chamado atrás/além e é escrita por Tim Bernardes. A obra desenha uma cidade, seus bairros, seu tempo e seu muro. Uma composição que canta o próprio passado e o próprio futuro, que expõe e joga com paradoxos como utopia e privação:

*Nunca mais o meu passado
 Para sempre o meu futuro
 Nada certo, nada errado
 Tudo claro, tudo escuro
 O que é que tem do outro lado do muro
 Está cortando essa cidade no meio
 Pro outro lado, é tudo só novidade
 Pro nosso lado, o bairro chama saudade
 O presidente quer viver dividido*

*Do outro lado, o bairro chama futuro
Pra cá do muro, está ficando espremido
Existem ideias novas pra lá desse muro
Nunca mais o meu passado
Para sempre o meu futuro
Nada certo, nada errado
Tudo claro, tudo escuro
A gente olha tudo e nunca faz nada
O tempo passa e as coisas vão piorando
Gente que sofre vive sempre calada
Passa seus dias todos se perguntando
Pra onde vamos depois que a gente morre
Ou quando estamos todos dormindo
A gente teme e busca o desconhecido
A gente pensa muito e segue sentindo
Nunca mais o meu passado
Para sempre o meu futuro
Nada certo, nada errado
Tudo claro, tudo escuro
Amanheceu um dia nessa cidade
Um menino bem no alto do muro
Em alvoroço, o povo fez muito alarde
Todos gritavam que não era seguro
Mas, tem vez que o que a gente chama vontade
Fica maior e pode chamar coragem
Olhou do alto e contemplou a beleza
Saltou seu pai e mergulhou na surpresa
Derrubar o muro, bagunçar com tudo
Nostalgia da novidade, saudades do futuro
Derrubar o muro, bagunçar com tudo
Nostalgia da novidade, saudades do futuro
Derrubar o muro, bagunçar com tudo
Nostalgia da novidade, saudades do futuro
Derrubar o muro, bagunçar com tudo*

*Nostalgia da novidade, saudades do futuro*³⁸

. A recomposição das forças e as imagens do tempo

A cidade, o muro e os paradoxos que conduzem às passagens pelo tempo desenham a imagem que arde no corpo de leitoras(es), cantoras(es), poetisas e pensadoras(es). Dessa imagem, irrompem memórias e sentimo-nos provocadas a produzir narrativas outras. Novas montagens.

Assim como Benjamin toma a experiência do tempo (na modernidade) como mote para exercer sua crítica ao positivismo, ao evolucionismo e ao totalitarismo, os diários de campo recebem, em suas páginas, a letra da canção que espacializa o tempo para tocar a cidade. Bairro Saudade e bairro Futuro convocam a pensar a experiência do tempo como inseparável das experiências de escrever e de percorrer e habitar o espaço urbano. Nos textos, as pesquisadoras dão continuidade ao conto *Muro*, na busca por percorrer memórias e fabulações que tornem visíveis, através da escrita, o perambular por diferentes perspectivas e a emergência de narrativas possíveis a partir do encontro com a cidade da canção.

Continuar fabulando a cidade da canção e gerar desdobramentos que desenham realidades pensadas (ou pensáveis) apresenta-se também como aposta na eternização do que teria existido e estava prestes a tornar-se verdade ou a murchar e deixar de ser sentido. Ao abordar os próprios pensamentos escritos e pintados, Nietzsche (2004) expõe o paradoxo que aqui tratamos como memória-novidade, ao dizer que, antes de terem sido escritos, seus pensamentos ainda eram jovens e maldosos, e o faziam espirrar e rir, mas agora (depois de escritos) despojaram-se de sua novidade:

Que coisas escrevemos e pintamos, nós mandarins com pincel chinês, eternizadores do que *consente* em ser escrito, que coisa conseguimos apenas pintar? Oh, somente aquilo que está a ponto de murchar e perder seu aroma! Oh, somente pássaros que se fatigaram e extraviaram no voo, e agora se deixam apanhar com a mão – com a *nossa* mão! Eternizamos o que já não pode viver e voar muito tempo, somente coisas gastas e exaustas! Apenas para sua tarde eu tenho cores, meus pensamentos escritos e pintados, muitas cores talvez, várias delicadezas multicores, e cinquenta amarelos e vermelhos e marrons e verdes (NIETZSCHE, 2004, pp. 197-198).

A política de escrita que se propõe na operação da montagem implica justamente o que o filósofo do martelo parece sustentar ao colocar a escrita e a pintura como operações que juntas se colocam em atividade. Quanto mais se mantém na memória o que está a ponto de acabar,

³⁸ Disponível para ouvir em: <https://www.youtube.com/watch?v=Chc3MRGLJw4>

mais se parece possível vislumbrar a novidade; quanto mais novidade nos colocamos a inventar, mais é possível ver a cores. Arranjamos palavras no corpo da página, para fundirmo-nos com as cores narradas. Um pouco como parece fazer Hilda Hilst, nas primeiras linhas de “Do desejo”: “Porque há desejo em mim, é tudo cintilância” (2014, p. 17).

EQUILIBRISTAR³⁹

A saudade aperta quando eu vejo novos muros erguidos no meio do bairro. Não são grandes e ilimitados como o muro-linha que divide a cidade ao meio, mas são altos o suficiente para dividir residências de calçadas por onde passo. Aos poucos, as casas foram sendo construídas de costas para as ruas da cidade, dentro do condomínio horizontal, que chamam de Cronos. Na verdade, esse é o nome que está escrito na grande placa que precede sua porta, ao lado da guarita fechada por vidros espelhados. Já fui visitar amigos por lá e me chamou a atenção as ruas organizadas simetricamente ao longo de todo o terreno que o abrange. A altura das portas, a profundidade dos jardins e a medida das colunas que fingem sustentar a construção das casas em estilo neoclássico me deram a sensação de marchar ao longo de um mesmo lugar, que variava de nível e me jogava em ciclos intermináveis de caminhada por espaços e casas que se pareciam iguais entre si, mas com cores e qualidades diferentes.

Fora do condomínio, o bairro Saudade não é simétrico assim. É cheio de ruelas pequenas que desembocam em grandes avenidas, e de pontes largas que levam a túneis fechados. As cores se misturam e as formas se embaralham, quando caminho. Nos momentos parada, meu corpo pede movimento, pede mergulho nas fendas da calçada, da grade, da porta, da nuvem, para ver se passa a agonia de viver longe dos furos. A emoção varia da explosão à contração em segundos, basta que alguém diga alguma coisa, que alguém não diga, que o embaralhamento se torne insuportável e que esse agora interminável me enlouqueça de vez.

Ao longo do tempo, fui me aproximando mais do muro e me afastando do tal condomínio. Fiz amizade com aqueles que hoje chamo de irmãos e que estão sempre encostados na linha de concreto que tanto amamos e tanto tememos. Quando tinha furos, eu mais a amava do que a temia. Nesses últimos dias, o sangue que escorre de lá mais me revolta do que dá medo. É uma longa história a que me traz até aqui para tocar a canção ao meu passado e ao meu futuro. Na verdade, ela não trata de passado e futuro, mas dos diferentes modos de presentificação do tempo. E isso é a minha cidade.

Conforme o condomínio foi crescendo, as pessoas foram se enclausurando atrás das grades e vendo a rua como um lugar perigoso. Saíam de casa, atravessavam as vias fechados em seus automóveis, estacionavam em garagens para evitar as calçadas e, ao fim do dia, curtiam momentos de lazer da porta de casa para dentro, falando sobre as notícias da TV.

³⁹ Demos continuidade, por meio de *Equilibristar*, à narrativa de *Muro*, que foi disparada pela escuta da canção *Passado/Futuro*.

Dentro do condomínio há escola, há shopping center, há cassino e, me parece que também algumas praças. Vi fotos no Instagram, mas não sei reconhecer se foram tiradas na área compartilhada de Cronos ou em algum resort em qualquer lugar do mundo. Nas imagens, são os mesmos elementos, mas colocados em cima de alguma montanha ou perto do mar, depende da área turística em que se situa: coqueiros, lago artificial, grama, algumas plantas que se parecem bastante entre si e as piscinas para adultos e para crianças, divididas por um tablado de madeira, com cadeiras espalhadas ao longo da via por onde passam os moradores ou visitantes. Eu entendo que o aumento do fluxo de pessoas pela cidade tenha levado algumas famílias a buscarem investir na infraestrutura interior do condomínio, mas esse movimento que eles chamam de progresso me pega de modo muito estranho. Eu gostaria de ter a oportunidade de ver outras pessoas, outros tipos de árvore, outras cores no espaço, ruas de outras larguras, de outros tamanhos, lombadas, sinaleiras, rotatórias; buracos que me lembrem de manter-me atenta às miudezas que me desaceleram, enquanto caminho ou ando de bicicleta. Quanto mais casas e prédios eu vi subindo em Cronos, mais eu me interessei pelos furos do muro.

Mas eu não esperava que ele pudesse ser sufocado. Logo depois que os Salva-Vidas de Muro começaram a manifestar insatisfação, porque o trabalho vinha ficando difícil, os buracos rapidamente já foram sendo tapados e, quando eu vi, estávamos impedidos de ver o lado de lá. O que ainda guardo comigo e que me conforta é a parte da história que escondi da canção, mas que nessa brecha de diário eu posso contar.

Eu conheço um pequeno buraco do muro que ainda está aberto. Maquiei suas bordas, disfarcei bem para que não fosse visto e ainda está lá. É ele que me permite as viagens para fora do corpo e, quem sabe, se eu conseguir cavar um pouquinho e aumentar o diâmetro do lado de cá, posso experimentar a extensão contínua, a possibilidade de esquivar o presente.

Só consigo escrever isso porque agora estou ao lado dele, experimentando a perspectiva de olhar de quase-lá para cá e daqui para quase-lá. Quando vi que os buracos da parte de cima do muro estavam sendo tapados e me dei conta de que a passagem seria obstruída, organizei tudo para que esse furo pudesse ainda servir. O que seria de mim sem a possibilidade de olhar daqui para o meu passado, que me sufoca de presente embaralhado? O que seria do diário se as palavras se misturassem com a marcha cíclica e os desníveis onde tropeço no bairro Saudade?

Eu já tinha lido no texto de Gonçalo de Tavares (2015) algo sobre a importância do espelho retrovisor. É “uma sábia metodologia de vida, uma moral que vem em plástico e vidro” (p. 37), diz um dos personagens daquele diálogo. Depois de ter lido aquele livro, dei um jeito de ter sempre espelhos comigo. Eu compreendi que são mesmo uma tecnologia imprescindível,

que nos permite ver o que está atrás, voltando-nos para frente; olhar para o passado fixando-nos no futuro. Comecei a materializar minha invenção.

Primeiro, é preciso explicar que os furos do muro costumavam permitir a passagem ao outro bairro, mas, embora escalássemos metros e metros de altura do lado de cá, caíamos direto na superfície do lado de lá. Passar pelo muro era sempre uma subida à superfície e essa parte é bem difícil de explicar. Então, se eu espio de um buraco do lado de cá, só vejo o bairro Futuro se conseguir, de alguma forma, visualizar o que ocorre lá em cima. Seria preciso algum artifício que possibilitasse ver a superfície para onde se vai apenas depois de ter subido bastante, apenas depois de ter atravessado o muro. Da profundidade do bairro Saudade, lembrei-me da estratégia usada nos submarinos.

Em uma noite fria, na folga dos salva-vidas, chamei o único amigo que sabe da existência do meu furo e pedi a ele que segurasse meus pés para garantir que me mantivesse de corpo presente no bairro Saudade enquanto fazia meu movimento perigoso, mas necessário. Ele reconheceu que era importante, e me ajudou. Peguei um espelho com uma das mãos e passei meu braço pelo furo, com toda a calma, para prendê-lo, o mais longe possível, na extensão do furo, em ângulo, voltado para cima, quase-lá. Depois, subi cuidadosamente o muro e, dessa vez sem me disponibilizar a deixar o corpo e atravessar a linha, preendi, na altura da superfície do Futuro, um outro espelho, posicionado em ângulo, levemente para baixo e para frente, direcionado ao encontro com o reflexo daquele que posicionei primeiro no furo, embaixo e quase-lá no Futuro. Não sei se por sorte ou acaso, mas tive essa ideia no momento exato, porque hoje em dia existem barreiras de concreto e ferro que impedem a chegada lá em cima. Os salva-vidas, ainda bem, têm tanto medo do que acontece no lado de lá, que não chegaram ao topo do muro quando instalaram as estruturas que chamam de proteção. Não viram, assim, meu espelho, e nem imaginam existir.

No jogo de espelhos, salvo o diário, lembro das palavras e mantenho alguma possibilidade de ver a Saudade e sonhar em passar novamente pelo Futuro. Por lá, a vida é passeio, devaneio, fuga ao vazio. Movimento perigoso que puxa o pensamento para mais perto do lugar para onde se vai e mais longe do lugar de onde se saiu. Só posso sentir esse corpo, lembrar dele e habitá-lo quando chego de volta ao lado de cá. Olhar para o vazio pelo espelho é um movimento propositivo. Quem sabe eu consiga sentir passado e futuro outra vez.

Agora estou aqui, no silêncio da noite, aproveitando a luminosidade que o furo deixa passar, para escrever o diário e seguir a minha marcha. Mas estou vendo um movimento inusitado, do qual gostaria muito de participar.

Ao longe, rente ao muro, vejo uma pessoa que leva uma corda na mão e uma mochila nas costas. Já faz algumas horas que o observo. Ele mede o muro, estuda as estruturas de proteção que impedem a subida, conversa com outra pessoa que o acompanha. Joga a corda até o alto, parece prender sua extremidade lá em cima. Com algum preparo físico, agora agarra-se na corda e sobe, rapidamente, por ela, mexendo pernas e braços com muita precisão. Encontra dificuldade, mas enfim consegue parar na proteção. Reposiciona a corda mais para cima e segue subindo até o topo do muro. Que maravilha! Quem será?

O homem desconecta-se da corda, joga-a aqui para baixo e ajusta a posição do corpo para permanecer de forma estável, na borda do muro. O colega, que acompanha seus movimentos das profundezas do lado de cá, amarra um grande bastão amarelo na corda e o joga de volta para cima, em um movimento preciso e veloz. Movem-se em sincronia. Lá de cima, já com o bastão, essa pessoa amarra novamente a corda no próprio corpo e eleva o grande objeto amarelo e comprido (parece pesado!), com os braços bem estendidos para o alto. É um equilibrista! Posiciona o bastão amarelo de forma a movimentá-lo no ar, e os pés desenharam o início de uma caminhada sobre a linha do muro. O bastão é um lápis gigante, que desenha palavras no alto, enquanto as pernas conduzem a transferência do peso e o mover-se do pensamento que escreve. Estou nervosa demais para acreditar. O lápis, que parece pesado, produz, durante a escrita e a caminhada, os efeitos de um pêndulo, e deve ser difícil segurar. Por que ele não se joga de uma vez para o lado de lá? Quer evitar ser relançado do bairro Futuro para a Saudade? Acontece sempre que caímos ou nos jogamos naquela direção... Será que ele jogaria a corda aqui e me ajudaria a subir também?

Tenho dificuldade de ler as palavras no ar, porque o equilibrista foi caminhando para mais longe de onde estou posicionada. Quase não o vejo mais. Volto-me para o furo e torço para que caia do lado de lá. Acompanho o movimento da luminosidade, quase-escuro, ainda-não-amanhecido do bairro da novidade. Contemplo, em silêncio, batimentos cardíacos que embalam o respirar e insistem.

Na superfície do bairro Futuro, começa um amanhecer. Avisto de muito longe um ponto que se desloca de cima do muro até um ponto da superfície, do lado de lá. Pisco os olhos buscando melhorar o foco e vejo, nesse ponto, uma criança brincando, em movimentos que balbuciam um ritmo específico, e depois outro, e depois outro. Pode não ser o equilibrista, mas prefiro pensar que seja. A delícia de equilibrar sempre me pareceu ser a experiência de abandonar a tensão e deixar o corpo cair para onde quer.

Efeitos das brincadeiras, das ideias, dos tropeços, das quedas que já viveu e virá a experimentar se manifestam em som. Aos meus ouvidos, tocam como música, mas aos dele

devem se prolongar como aquilo que ressoa da corda de violão depois de ter deixado de ser tocada e antes de deixar de vibrar. O crepúsculo de antes e o amanhecer que está por vir se encontram. É um vazio. Não vejo a criança, mas a sinto. Daqui, tenho corpo para sentir ressoar o som que de lá não se ouve, mas caminha, para a Saudade e o Futuro, para o pôr do sol e a aurora, e se prolonga ao infinito.

É provável que eu não reconheça esse tal equilibrista-escritor, caso passe por ele do lado de cá, porque nada sobe à superfície sem mudar de natureza. É prazeroso vê-lo efetuar-se menino. Tem gente que vai até o Futuro e sente os efeitos de envelhecer. Tem gente que sente o criança. Do lado de lá, há o brincar, o deslizar, o fugir: é um constante abraçar o que nos escapa e escapar do que nos agarra. E tudo que ainda irá ou já foi um dia para o meu Futuro é relançado de volta para as profundezas de onde estou agora ou (também) para a textura daquele presente onde está o condomínio.

Aqui eu ainda refaço e presentifico a música, que vibra novamente na minha caixa de ressonância que chamo de corpo. Eu trouxe do lado de lá esse som que agora canto, enquanto tomo coragem de achar minha própria corda e pedir mais uma ajuda ao meu amigo.

... Nunca mais o meu passado / Para sempre o meu futuro / Nada certo, nada errado / Tudo claro, tudo escuro.

(presente – utopia)

2.9 ESPACIALIZAR O TEMPO, HABITAR OS FUIROS, BRINCAR DE FUTURO

A cidade da canção convocou pesquisadoras a redobrem o objeto que movia as palavras cantadas, recolocando *meu passado* e *meu futuro* em uma perspectiva de espacialização do tempo. Para isso, o pensamento de Deleuze é tomado como referência, e a ficção redobra o encontro com a cidade. Flertamos com a possibilidade de conceder às pesquisadoras a autoria da canção, assim como de suas origens e continuidades, que compõem a passagem de acontecimentos chamados por nome próprio para contos nomeados em verbo no infinitivo.

O aprisionamento no próprio passado deixa de ser uma alusão às memórias ou ao tempo que passou e abre um campo de possibilidades para que seja visibilizado o imperativo de um constante presente que se impõe na experiência de viver a cidade. Tal presente, metamorfoseado em bairro Saudade, é Cronos: o tempo das misturas, das incorporações, da circularidade infinita e da atualidade sempre limitada. Já o bairro Futuro é a espacialidade dada à potência de gerar novidade e, portanto, no lugar de ser considerado o futuro em si, é tomado como Aion: o tempo do acontecimento, do sentido, dos efeitos incorporais que se dão sempre na superfície.

Na cidade da obra *passado/futuro*, o presidente quer viver dividido e torna o muro impermeável, impedindo o contato com a utopia, com a novidade, obrigando a clausura na experiência do tempo como marcha limitada e infinita, sempre presente e atual. Fica impedido, assim, o deslocamento que permitiria contatar a saudade e o passado a partir da perspectiva de quem habita o furo ou brinca de futuro. Com a impermeabilidade do muro, também é abandonada a possibilidade de olhar para o futuro, de vislumbrar o novo, a partir do lugar da experiência da Saudade, e esse contato parece se constituir no acesso às memórias.

Para quem mora junto à simetria do condomínio e à textura e profundidade do bairro Saudade, é interrompida alguma possibilidade de sonhar com a novidade, de apostar no salto, de abrir-se ao novo. Ora, é o deslocamento que conduzia aos acontecimentos: lançar-se, de cima do muro, às memórias do passado abre possibilidades para a produção de novidade no futuro; percorrer o tempo como instante da novidade compõe o movimento simultâneo em direção ao passado e ao futuro, porque, na superfície do acontecimento, projeta-se a diferença para o futuro, e resgata-se memórias para recontar a própria história. Tapar os buracos do muro, então,

torna o bairro Saudade impermeável à passagem para o mundo das proposições, que só são possíveis na insistência e na subsistência do passado e do futuro ao mesmo tempo.

. E se olhássemos a cidade de cima do muro?

É nos Estoicos que Deleuze (2011) busca a distinção entre Cronos e Aion, retomando o gosto pelos paradoxos. Os Estoicos “têm a ambição de reabilitar o sensível, o ser no tempo” (VERNANT, 2002, p. 435) e tratam a questão do tempo como um capítulo da física. Deleuze e Guattari (2011b) contam-nos que os estoicos foram os primeiros a elaborar a teoria da independência entre as ações e as paixões dos corpos. O corpo, nessa perspectiva, é relativo a todo conteúdo formado, e os atos incorpóreos têm relação com a expressão dos enunciados. Se a forma de conteúdo é constituída pela trama dos corpos, a forma de expressão é feita do encadeamento dos expressos. Para pensar a mistura de corpos, Cronos. Para tratar do encadeamento do que é dizível ou exprimível, Aion.

Na cidade da canção, o bairro Saudade se subdivide em dois modos de manifestação do tempo presente de Cronos: o condomínio e a textura rugosa das ruas, grades e corpos. O mapa que montamos com a canção desenha no bairro saudade bolhas que se presentificam em formas, ora confusas, ora feita de traços nítidos. Para Deleuze (2011), o Cronos dos estoicos pode ser concebido em dois diferentes modos: o Cronos que é da ordem de Zeus, do Ser, que é unidade de todas as causas; e o Cronos que se aproxima do que se apresenta como Saturno, que é da ordem do devir (o devir-louco), da profundidade, da cronicidade, da subversão.

O condomínio, que no conto recebe o nome de Cronos, é espacializado com referência no Cronos da efetuação das formas, no presente vivo que se aproxima do tempo das divindades; o “bom Cronos”, que é o “ser presente (da superfície)” (PELBART, 1998). Na imagem narrada, ele se manifesta por meio da ênfase dada às medidas e qualidades, à altura das portas e às formas das praças e colunas, que delimitam, respectivamente, o espaço compartilhado e exclusivo de circulação no interior do condomínio. Um presente que se conserva estendendo-se é esse que sempre encontra formas de se espalhar pela cidade e oferecer mais espaço para construções erguidas do lado de dentro das grades. Mantém-se e atualiza-se, assim, no movimento do ponteiro, que vibra na mesma cadência e no mesmo ritmo, infinitamente.

O bairro Saudade, do lado de fora do condomínio, é o Cronos da desmedida profunda, o tempo da revolta. Um presente que se manifesta na subversão de Zeus, um agora que se afirma na mistura confusa que altera: o olhar da pesquisadora-narradora se embaralha diante da

circularidade, dos bloqueios, das precipitações, dos desencaixes e endurecimentos encontrados pelo bairro. Esse mau Cronos, que é o presente crônico, esquiva-se do presente, assim como faz-se em Aion, mas difere-se definitivamente do tempo do acontecimento, porque mantém-se na profundidade, embora também se apresente como oposição àquele presente das qualidades, da extensão e da medida. Explica Deleuze sobre a diferença entre Cronos (presente, da profundidade) e Aion (instante, da superfície): “se a profundidade esquiva o presente, é com toda a força de um ‘agora’ que opõe *seu* presente tresloucado ao sábio presente da medida; e se a superfície esquiva o presente, é com toda a potência de um ‘instante’, que distingue seu momento de todo presente assinalável sobre o qual cai e recai a divisão” (DELEUZE, 2011, p. 170).

O bairro Futuro, que se situa do lado de lá do muro, é tomado no texto como Aion. O conto explora, assim, possibilidades de espacializar a incorporalidade, de visibilizar efeitos de superfície. A ficção desdobra em imagem o vazio habitado por efeitos, na finitude do instante. Pular o muro ou ultrapassar seus furos conduz aos efeitos da novidade, possibilita entrar em devir, deslizar pela linha que se estende tanto no sentido do passado quanto no sentido do futuro, em um movimento fugitivo e inassimilável. No bairro Futuro, passado e futuro (ilimitados) insistem como objetos do pensamento, e as proposições se efetuam em brincadeira, em sons, em expressão. Aion, espacializado no conto, mostra-se muito diferente do presente vasto e profundo de Cronos. Nele, equilibrar torna-se criança, procurando acompanhar Deleuze, quando afirma que o instante de Aion é “o presente sem espessura, o presente do ator, do dançarino ou do mímico, puro ‘momento’ perverso. É o presente da operação pura e não da incorporação” (2011, p. 173). Operação pura, quando dita, faz-se verbo no infinitivo e “exprime o tempo não pulsado flutuante próprio ao Aion, isto é, o tempo do acontecimento puro ou do devir, enunciando velocidades e lentidões relativas, independentemente dos valores cronológicos ou cronométricos que o tempo toma nos outros modos (DELEUZE e GUATTARI, 2012, pp. 53-54).

Toda a linha de Aion é percorrida pelo Instante, que se move sobre ela e “faz falta sempre em seu próprio lugar” (idem, p. 171), extrai singularidades do presente e de quem o ocupa. A linha reta de Aion é a fronteira entre corpos e linguagem, e é por isso que a criança, na superfície do bairro Futuro, brinca e balbucia em um movimento que libera o som do conteúdo corporal e o alonga na reta perigosa e infinita. Os efeitos incorporais inauguram este mundo novo; e é este mundo novo que torna a linguagem possível, pois “tira os sons de seu simples estado de ações e paixões corporais; é ele que distingue a linguagem, que a impede de

se confundir com o barulho dos corpos, que a abstrai de suas determinações orais-anais” (DELEUZE, 2011, p. 170).

Aion, então, como tempo do Acontecimento, é da ordem do atributo lógico dos estados de coisas e não das qualidades físicas que tais estados poderiam nos convocar a reconhecer. É possível, entretanto, que o atributo lógico possa sobrevir aos estados de coisas, assim como encarnar-se ou efetuar-se neles. Os acontecimentos puros ficam à espera da linguagem, tanto quanto nos esperam. Conseqüentemente, o sentido, que é também da ordem de Aion, relaciona-se ao que das proposições é exprimível ou expresso, mas distinguindo-se do que elas significam, manifestam ou designam. A própria canção, para as pesquisadoras da cidade que escrevem o diário, é acontecimento: ela as esperava tanto quanto aguardava a linguagem que depois se efetou na escrita-experiência de Muro e Equilibrar.

Marco Aurélio, seguidor do estoicismo, em algumas de suas reflexões, associa Aion a um rio: “O tempo (*ho aiôn*) é um rio, o das coisas que devêm, um fluxo impetuoso” (IV, 43). Em VI, 15, ele diz que “fluxos e transformações renovam o cosmo continuamente, como o movimento incessante do tempo (*he toû khrónou adialeptos phorà*) produz sempre de novo o tempo infinito (*tòn ápeiron aióna*)” (MARCO AURELIO, 1964). O bairro Novidade, dessa perspectiva, parece ser o lugar do movimento, mas também da possibilidade de viver de novo e de novo o que acabou de se passar e está por vir. Aion “é constituído, para Marco Aurélio, pelo movimento incessante do tempo. Em outras palavras: ele é tão somente o tempo pensado em sua infinitude e não, por assim dizer, ‘o outro’ do tempo” (PUENTE, 2012, p. 115), como poderia ser concebida a eternidade.

Subir à superfície de Aion implica, portanto, a produção de variações e efeitos, sempre incorporais. Para explicar o pensamento estoico, Deleuze invoca um trecho da obra *La Théorie des incorporels dans l’ancien stoicisme*, de Emile Bréhier, que possibilita tocar o movimento ao qual se refere quando diz que os incorpóreos se inserem nos corpos, mas não são causa de nada:

Quando o escalpelo corta a carne, o primeiro corpo produz sobre o segundo não uma propriedade nova, mas um atributo novo, o de ser cortado. O *atributo* não designa nenhuma *qualidade* real. ..., é sempre, ao contrário expresso por um verbo, o que quer dizer que é não um ser, mas uma maneira de ser... Esta maneira de ser se encontra de alguma forma no limite, na superfície de ser e não pode mudar sua natureza: ela não é a bem dizer nem ativa nem passiva, pois a passividade suporia uma natureza corporal que sofre uma ação. Ela é pura e simplesmente um resultado, um efeito não classificável entre os seres... (Os Estoicos distinguem) radicalmente, o que ninguém tinha feito antes deles, dois planos de ser: de um lado o ser profundo e real, a força; de outro, o plano dos fatos, que se produzem na superfície do ser e instituem uma multiplicidade infinita de seres incorporais (DELEUZE, 2011, p. 6).

Assim como se dá a mistura de corpos quando o punhal entra na carne ou quando o alimento ou o veneno se espalha pelo corpo; assim como se diz que as transformações incorpóreas se exprimem no enunciado: “o punhal corta a carne” ou “eu como”, é possível, junto da analogia com o rio, feita por Marco Aurélio, considerar que a mistura de corpos (que constitui a forma de conteúdo) se dá quando a corrente impulsiona a água e as transformações incorpóreas são da ordem da expressão “o rio escorre”.

O pesquisador escreve no ar, equilibra-se, lança-se ao criar e engendra-se na cadeia de transformações contínuas, em um tempo dos incorporais. Quando estava em Cronos, misturava-se, mas em Aion efetua-se brincar, balbuciar, desaparecer e ressurgir.

Para os estoicos, os corpos sofrem ações e podem se misturar, são palpáveis. Partindo dessa premissa, Deleuze afirma que os corpos se relacionam entre si e são causas uns para os outros, causas de efeitos incorporais: ações e paixões que se determinam pela mistura dos corpos, e que não são causa de nada. Assim, a expressão e os expressos (incorporais) inserem-se no conteúdo (corporal), mas não o representam, não o contradizem. Por exemplo, a partir de que momento se pode dizer que o rio escorre? A transformação incorpórea (forma de expressão) não depende da forma de conteúdo, assim como a forma de conteúdo também não depende da forma de expressão. O que se funda é “um esfacelamento das duas, uma maneira cujas expressões se inserem nos conteúdos, por meio da qual se salta sem cessar de um registro a outro, cujos signos trabalham as próprias coisas, ao mesmo tempo em que as coisas se estendem ou se desenrolam através dos signos” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, p. 29). O rio e o escorrer já são formas independentes uma da outra e se esfacelam porquanto se salta de um ao outro, porquanto a intervenção está justamente atrelada ao fato de que escorrer antecipa ou retrocede rio, porquanto rio retarda ou precipita escorrer, porquanto rio e escorrer se reúnem ou se destacam, em uma cadeia de transformações que se insere na trama das modificações contínuas. Isto é intervenção.

Nessa “filosofia da linguagem” que os estoicos elaboraram, expressão e conteúdo não estão em paralelo, mas, “a independência das duas linhas é distributiva, e faz com que um segmento de um reveze, sem cessar, com um segmento da outra, que se insinue ou se introduza na outra” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, pp. 28-29). As variáveis de expressão é que constituem fatores interiores à enunciação e são elas que exprimem acontecimentos.

. O que é que tem do outro lado do muro?

A canção provoca a curiosidade acerca do que acontece na superfície: “*o que é que tem do outro lado do muro que está cortando essa cidade no meio? Do outro lado é tudo só novidade, pro nosso lado o bairro chama Saudade*”. As pesquisadoras jogam-se na escrita para descobrir a história que se deu e está por vir, enquanto a contam. O processo de composição de diários, engendrados com a música e suas imagens, parece dar espaço à continuidade da constante provocação. Escrevemos, então, fruindo dos “benefícios de ser poeta”, assumindo perigos e rejeitando o que já é dado por aceitável, sentindo para dizer e dizendo para sentir. Pesquisar na condição que Renè Char colocou como necessária para ser poeta é tarefa para quem procura passagens ao outro lado do muro:

O poeta, é bem sabido, mescla a carência e o excesso, a meta e o passado. Daí, o irresolúvel de seu poema. Está na maldição, quer dizer, assume perigos perpétuos e renascentes na medida em que rejeita, com os olhos abertos, aquilo que outros aceitam com os olhos fechados: o benefício de ser poeta. Não pode haver poeta sem temeroso receio, do mesmo modo que não existe poema sem provocação. O poeta passa por todos os graus solitários de uma glória coletiva da qual está legitimamente excluído. Tal é a condição necessária para sentir e dizer apropriadamente (CHAR, 1999, p. 44).

Os contos convidam a olhar para o bairro da novidade espacializando o conceito de Aion. Esse exercício parece ser possível, se escrita e leitura acompanharem a predominância das expressões, das proposições e da insistência que convocam a experiência de percorrer superfícies do tempo.

As reflexões filosóficas sobre o tempo diferenciam o conceito de *aión* (ligado à eternidade) e *n^yn* (instante), e consideram o tempo *khronos* sempre em relação ao movimento (Kinesis). A palavra Aion, em Homero e Hesíodo, significava “uma duração vital” e recebe, nesse momento para alguns desses pensadores, “o sentido mais radical de uma ausência mesma do tempo, logo, daquilo que nós entenderemos posteriormente como sendo a eternidade” (PUENTE, 2012, p. 31). A tradição órfica, por outro lado, deixou vestígios que influenciaram a obra de filósofos posteriormente. Quando se referiam ao tempo como divindade, os orfistas chamavam-no de *khronos ageraus*: tempo sem velhice. Expressavam, assim, o caráter divino do tempo, imutável e eterno, por meio de seu prolongar-se indefinidamente.

Heráclito traz o tema do tempo (em sua denominação Aion) no fragmento *αἰὼν παῖς ἐστὶ παίζων πεσσεύων • παιδὸς ἢ βασιλῆϊ*: Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado (HERÁCLITO, fragmento 52). Em nota de rodapé, o tradutor da obra explica a terminologia *αἰὼν* (Aion), traduzida como tempo, mas concebida como “um nome próprio de

uma entidade alegórica [...]. Há dois sentidos de *Aion* como nome comum: o primeiro é o de ‘tempo sem idade, eternidade’ [...]. O segundo é o de ‘medula espinhal, substância vital, esperma, suor’. A entidade alegórica pode consistir nos dois sentidos” (SOUZA, 1997, p. 102). Eternidade, esperma e suor, no mesmo termo, parecem carregar a potência de conduzir à compreensão da abrangência que ele toca, numa certa incorporeidade, num certo tempo menor, que contemporaneamente é o mais longo pelo quanto pode ser eterno.

A tradução para o termo *αἰὼν*, nesse fragmento de Heráclito, é proposta por Colli (1992, pp. 189-190) como “vida”, em vez de “tempo”, sugerindo que a criança, para Heráclito refira-se ao deus Dioniso, que era, de acordo com os textos órficos, um menino. Na cosmogonia órfica, Dioniso é concebido como Zagreu. Aquele que foi perseguido pelos Titãs a mando de Hera, escondeu-se com ajuda do meio irmão Apolo, foi encontrado, sacrificado e devorado, em parte cru em parte cozido. Seu coração, a única sobra do banquete, foi recolhido por Palas-Atena e entregue a Zeus, que pediu a Sémele para comê-lo. Durante a gestação de Sémele, Hera consegue matá-la e Zeus, a tempo, salva Zagreu e costura-o na sua perna. Nove meses depois, nasce o menino, que é perseguido e devorado repetitivamente em um círculo infinito.

Recortar um trecho do mito e trazê-lo para esse texto permite pensar a ampliação da concepção de tempo ou de vida (*Aion*) a que se refere Heráclito.

Heráclito parece defender uma doutrina da identidade dos contrários, donde se depreende que o que está em cima e o que está em baixo (fragmento 60), o princípio e o fim (fragmento 103), o vivo e o morto (fragmento 88) e os mortais e os imortais (fragmento 62) são idênticos, pois tudo está em constante mutação no cosmo, sendo obra de um fogo ‘sempre vivo’ (*aeízoön*) que sempre foi, é e será (fragmento 30). (PUENTE, 2012, p. 32).

A infinitude temporal, para Heráclito, parece ser concebida a partir do seu caráter cíclico, por basear-se no tensionamento que se mantém com a depreensão dos (supostamente) opostos: a infinita abrangência dos paradoxos. *Aion*, assim, não é concebido como ausência do tempo, mas como “um estender-se infinitamente no tempo” (PUENTE, 2012, p. 32). Na constante mutação, os supostamente contrários se mostram inseparáveis e idênticos.

Parmênides se inclina sobre a questão da eternidade e do tempo, detendo-se a outra questão: à dimensão presente. No fragmento VIII, quando pergunta “que necessidade também teria movido o ente, principiando antes ou depois a partir do nada, vir a ser?” (PARMÊNIDES, fragmento VIII, pp. 47-49), o filósofo parece colocar antes e depois como condições do devir. Mondolfo explica que, para Parmênides, “o ser exclui, sem dúvida, o passado enquanto implica destruição e o futuro enquanto implica movimento, mas não exclui o *antes* e o *depois* da permanência igual e constante de sua realidade” (MONDOLFO, 1952, p. 100).

Diferente do modo como Parmênides fundamenta sua concepção do eterno por meio da afirmação ontológica do instante presente, Melisso parece conceber que o ser é dito eterno não porque existe verdadeiramente apenas no agora, mas sim “por estender-se infinitamente em direção ao passado e ao futuro (o emprego de Melisso do advérbio *aeí* parece anular o sentido temporal das formas verbais a ele adjuntas)” (PUENTE, 2012, p. 36).

As três primeiras hipóteses de Parmênides de Platão parecem compor a possibilidade de pensar os paradoxos para chegar a uma determinada perspectiva em relação ao tempo. A primeira hipótese, quando se refere ao Um, afirma que Ele não é nem Um nem muitos, que Ele não é nem todo nem partes, que Ele não tem Princípio nem fim, é ilimitado, que Ele não é nem reto nem circular, é sem figura, que Ele não está nem em si mesmo nem em outra coisa, não está no espaço, que Ele não está nem em repouso nem em movimento, que Ele não é nem o mesmo nem diferente, nem em relação a si mesmo nem em relação a um outro, que Ele não é nem semelhante nem dessemelhante, nem em relação a si mesmo nem em relação a outro, que Ele não é nem igual nem desigual, nem em relação a si mesmo nem em relação a outro, que Ele não é nem mais velho nem mais jovem, nem em relação a si mesmo nem em relação a outra coisa, não está no tempo, que a Ele não cabe nenhuma das afecções, não tem existência, que Dele não há nem enunciação, nem ciência, nem percepção, nem conhecimento⁴⁰.

Na segunda hipótese de Parmênides de Platão, afirma-se o que o Um é. A afirmação e a negação do Um instiga-nos a buscar um certo movimento que permita colocar em relação aqueles que poderiam ser vistos como opostos, mas talvez consistam justamente em uma mesma coisa:

Ao considerarmos as duplas de opostos referentes às deduções do Parmênides buscamos vislumbrar aquilo por meio do qual se realiza a passagem entre os opostos relativos aos pares de deduções, do Um ao múltiplo (I), do todo às partes (II), do limitado ao ilimitado (III), do reto ao circular (IV), de si mesmo para outra coisa (V), do repouso ao movimento (VI), da identidade à diferença (VII), da semelhança à dessemelhança (VIII), da igualdade à desigualdade

⁴⁰ Na primeira hipótese, o Um não é nem Um nem muitos: I (137c3-4); II (143a5-145a4); III (158 c2-3). O Um não é nem todo nem partes I (137 c4-d7); II (142d8-145a4); III (158b1-d7). O Um não tem Princípio nem fim, é ilimitado, I (137d4-7); II (142d8-145a4). O Um não é nem reto nem circular, é sem figura, I (138a1); II (145a4-145B4). O Um não está nem em si mesmo nem em outra coisa, não está no espaço I (138 a2-b6); II (145b5-145e5). O Um não está nem em repouso nem em movimento, I (138b7-139b6); II (145e6-146a7). O Um não é nem o mesmo nem diferente, nem em relação a si mesmo nem em relação a um outro, I (139b4-140e5); II (146a8-147b7). O Um não é nem semelhante nem dessemelhante, nem em relação a si mesmo nem em relação a outro, I (139e6-140b5); II (147c1-148d4); III (158e1-159a6). O Um não é nem igual nem desigual, nem em relação a si mesmo nem em relação a outro, I (140b6-d2); II (149d7-151e2). O Um não é nem mais velho nem mais jovem, nem em relação a si mesmo nem em relação a outra coisa, não está no tempo, I (140e1-141d5); II (151e3-155c7). O Um não cabe nenhuma das afecções, não tem existência, I (141d6-142a1); II (155c7- d4). Dele não há nem enunciação, nem ciência, nem percepção, nem conhecimento, I (141a1-b1); II (155d4-155e2).

(IX), de uma idade à outra (X), do não-ser ao ser (XI) e do conhecimento ao desconhecimento (XII) e vice-versa, pois na segunda hipótese os opostos não são antagônicos, senão complementares (BAL, 2013, p. 115).

Deleuze (2011, p. 169) nos explica que Platão, na segunda hipótese do seu Parmênides, exprime um devir: “poder de esquivar o presente (pois ser presente seria ser e não mais devir). E, no entanto, Platão acrescenta que ‘esquivar o presente’ é o que o devir não pode (pois ele se torna agora e não pode saltar por cima do ‘agora’)”. Talvez seja justamente a discussão sobre o tempo que traga à segunda hipótese possibilidades de conceber o Uno que não é e o Uno que é, em complementaridade.

A terceira hipótese, propondo “o um é e não é; ele muda...”, permite a passagem de uma a outra, pressupõe a possibilidade de mudança, coloca o Um sujeito ao devir. A passagem da primeira à segunda hipótese propõe um enigma que Platão e neoplatônicos parecem elucidar, mas a terceira hipótese faz uma fenda, deixa algo escapar e parece pedir alguma possibilidade de compreensão daquilo que oferece passagem do Um ainda não é, nem deixa de ser ao Um que é. E é em algum possível fora do tempo, que não tem também lugar, que mora esse campo de possibilidade para o devir:

O tempo está atrelado ao ser e tudo o que existe tem a sua existência no tempo. Há no tempo, um tempo de ser uma coisa e outra coisa e o tempo de não ser nem uma coisa nem outra. Aquilo que é Um ou é múltiplo, deixa de ser um e outro, cada qual a seu tempo, no tempo da mudança, por meio do qual não é mais nem um nem outro. Isso quer dizer que cada qual muda no seu tempo de ser um e outro, fora do tempo. E eis que a mudança acontece fora do tempo, o que para o Parmênides parece uma coisa ‘estranha’, átopos (BAL, 2013, p. 116).

A autora afirma que esse momento “fora do tempo no qual ainda não somos (aquilo que seremos) nem deixamos de ser (o que éramos) [...] é o tempo eterno, o agora, no qual nada conhecemos de tudo o que pode ser conhecido” (p. 117). Mas, Platão denomina-o instante:

– Mas quando, estando em movimento, venha a ficar em repouso, e quando, estando em repouso, mude em direção ao ficar em movimento, é preciso, certamente, que ele não esteja em *nenhum* tempo. – Como assim? – ter estado anteriormente em repouso, e estar posteriormente em movimento; e ter estado anteriormente em movimento e estar posteriormente em repouso – não seria possível ser afetado por estes dois fatos sem a mudança. – Como seria possível? – Mas não há *nenhum* tempo no qual é possível a algo simultaneamente não estar nem em movimento nem em repouso. – Realmente não. – Mas tampouco certamente muda sem o mudar. – Não aparentemente. – Quando, então, muda? Pois não é quando está em repouso nem quando está em movimento que muda, nem quando está no tempo. – com efeito, não. Assim sendo não é?, há esta coisa estranha na qual estará quando muda. – Qual exatamente? – O instante (PLATÃO, 2003, p. 103).

Nas leituras do tempo que se apropriam dos conceitos de Cronos e Aion para compreender passado, presente, futuro ou o que eles nos contam, Cronos ainda nos dirá que só o presente existe no tempo, e que o passado e o futuro são dimensões relativas ao presente no tempo. Deleuze (2011), quando resgata os termos Cronos e Aion para pensar a extratemporalidade do Acontecimento, mostra que, se o presente em Cronos é corporal e é das misturas, é o tempo das incorporações ou “os processos da própria incorporação” (p. 167), o futuro e o passado são, antes, o que resta de paixão em um corpo.

O presente, nessa perspectiva, é limitado, mas sempre remete a um presente mais vasto e, assim, Cronos é concebido como “o movimento regulado dos presentes vastos e profundos” (DELEUZE, 2011, p. 168). Já Aion coloca passado e futuro como insistentes ou subsistentes no tempo. Com Aion, futuro e passado não são absorvidos pelo presente (como em Cronos) mas “dividem a cada instante o presente”, “o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo. Ou, antes, é o instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem uns com relação aos outros o futuro e o passado” (p. 169).

Com o Aion, há então uma mudança de orientação que implica diferenças radicais, “aproximadamente, a diferença entre a segunda e a terceira hipótese do Parmênides, a do ‘agora’ e a do ‘instante’. Não é mais o futuro e o passado que subvertem o presente existente, é o instante que perverte o presente em futuro e passado insistentes” (2011, p. 170). Eis o deslocamento que é produzido quando o pesquisador equilibrista pula para o lado de lá, ou quando a pesquisadora espia através de espelhos o bairro da novidade.

. Equilibrar: por uma estética do encontro

Engendrado na cidade da canção, o diário de campo espacializa o tempo. Os contos e os textos agenciados coletivamente são corpos, são enunciados desenvolvidos durante o intervalo de tempo do presente vivo, que se desenrola retendo palavras em alguma totalidade de sentido. É função da linguagem, porém, transpor os limites de tal presente para consentir que sejam tocados o passado e o futuro ilimitados. Desse modo, o texto pode ser tomado como acontecimento, extrapolando o enunciado e dando-se em tempo aiônico. É por isso que o verbete se tornou verbo no infinitivo: em vez de equilibrista, equilibrar.

A fisionomia da cidade da canção *passado/futuro* é delineada por paradoxos que produzem, em quem a escuta, o desejo de lançar-se à linha de Aion, que abriga acontecimentos

e se estende infinitamente nos dois sentidos ao mesmo tempo. Em cada paradoxo, reafirma-se a exigência de não separar ser e devir, nem um e múltiplo, nem diferença e repetição, mas “fazer sempre o primeiro termo incidir sobre o segundo. O círculo que tem por eixo o outro, o retorno que tem por objeto a diferença, o instante que afirma o futuro” (PELBART, 1998, p. 173).

Mas como falar de Aion, incorporeal e sem atributos, se “só os corpos existem no espaço e só o presente no tempo” (DELEUZE, 2011, p. 5)? Como usar palavras, que são tão corpóreas, para expressar Aion, se as misturas entre corpos correspondem justamente à cronologia das tensões, às qualidades físicas, às relações, ações e paixões, e aos estados de coisas correspondentes a esses corpos (cujo tempo é o presente)? Não são, as palavras e os textos, corpóreos demais para tocar o instante aiônico, quando falam sobre ele? O equilibrista que desenha no ar não tem dúvida de que suas palavras incidem sobre as formas de expressão que delas emanam; e a narradora de Muro e Equilibrar deseja o instante espiando a presentificação de quem pula o muro.

No ato de escrever como aventura, persiste o paradoxo da caminhada em duas direções ao mesmo tempo. Escrever torna-se o exercício de andar no sentido do passado e no sentido do futuro: Aion, foge sempre do presente. “Só o presente existe no tempo (esse que os corpos e os estados de coisas habitam), e “só o passado e o futuro insistem no tempo e dividem ao infinito cada presente” (DELEUZE, 2011, p. 6). A sustentação de paradoxos engendra, nas pesquisadoras menores (devires-pesquisadoras), o ato de pesquisar como o próprio acontecimento: incorporeal, infinitamente divisível e sempre em movimentos em sentidos diversos. A escrita como aventura opera o ativo e o passivo, a causa e o efeito.

O ativo e o passivo: pois o acontecimento, sendo impassível, troca-os tanto melhor quanto não é nem um nem outro, mas seu resultado comum (cortar-ser cortado). A causa e o efeito: pois os acontecimentos, não sendo nunca nada mais que seus efeitos, podem tanto melhor uns com os outros entrar em funções de quase-causas ou de relações de quase-causalidade sempre reversíveis (a ferida e a cicatriz) (DELEUZE, 2011, p. 9).

É possível operar o tempo do acontecimento na escrita, porque o conto inventa a cidade que pode ter existido e está por vir, e não porque o verbete a descreve como deveria ser ou como parece se manifestar. O texto, assim, faz, do passado e do futuro, objetos do pensamento que insistem ou subsistem para o que acontece no instante. Convoca a atenção de leitoras e pesquisadoras aos movimentos, às formas de expressão, a percorrer a superfície dos afetos, para compor com a intervenção que se propõe novidade.

O acontecimento, na pesquisa, então, só pode se dar nos encontros, na assimetria, no deslocar do pensamento, no movimento que afirma a diferença e a sustenta. Explorar a ausculta

da canção e ficcionar sua imagem, ler os textos dos diários e officinar suas tramas, tomar para si a autoria de poemas e de trechos já escritos para operar a montagem, tudo isso compõe uma estética do encontro. Nela, o teor de novidade se faz sentir diante da experiência de inventar o mundo que é contado, de conhecê-lo apenas quando o encontrarmos e de afetar-se eternamente pelas memórias que o futuro convocará. Na obra *As Cidades Invisíveis*, Ítalo Calvino parece tratar de tal teor de novidade, ao colocar nas palavras de Marco a explicação sobre quem comanda o ato de narrar:

Kubai pergunta para Marco:

- Quando você retornar ao Poente, repetirá para a sua gente as mesmas histórias que conta para mim?

- Eu falo, falo – diz Marco –, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado a ferros na mesma cela de um escriba de romances de aventuras. Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido.

(CALVINO, 1990a, p.123).

Narrar, nos contos e na tese, dá-se no encontro e nos deslocamentos que ele pode produzir. É no encontro que a descrição de memórias de quem viajou e retornou para contar é embaçada, e que a imagem experienciada se fará sentir por quem pode não ter viajado e vai criar cidades e afetos a partir das marcas que persistem e das narrativas com as quais já teve laços.

SEGURAR⁴¹

Ah, que saudade dos dias em que eu podia curtir um furo só meu, no paraíso secreto do meu silêncio. Tudo bem, eu sei que a operação tapa furos só fez tudo ficar mais exprimido pra cá do muro, no bairro Saudade. Mas eu estava feliz, porque tinha meu espaço para sonhar com a novidade e escrevê-la, para descansar o corpo escorado na pedra, sem ser importunado.

Ultimamente, tem sido muito difícil permanecer encostado no muro, porque sempre vem alguém querendo se aproximar das pedras para vê-las. Não sei como fomos parar onde estamos, mas acho que as coisas começaram a piorar mesmo a partir do momento em que começaram a compartilhar, nas redes, um vídeo que alguém fez e logo viralizou: é de alguém que retira um pedacinho do muro e registra a cena como se fosse mágica, só porque a pedra se modifica em segundos, depois de arrancada da parede a que pertencia.

Até parece que quando tínhamos tantos buracos, e atravessávamos essa linha o tempo todo, ninguém tinha se dado conta do que acontece quando a pedra é tirada do muro. O tal vídeo, que está circulando por aí sem parar, começa com a imagem de uma pessoa puxando, com o auxílio de uma ferramenta perecida com um alicate grande, uma das pedrinhas que formam o muro, até arrancá-la dali. Ao aproximar a câmera e dar foco à extremidade da pedra que estava voltada para o Futuro, mostra a mudança de cor e de textura que vai acontecendo, à medida que os segundos vão passando. Que tipo de novidade pensam que estão contando?

É claro que no outro lado do muro as coisas são muito diferentes. Do lado de lá para cá, não se vê parede alguma. Não há pedras, as formas ficam difusas. Dá para saber que o muro existe, mas não se consegue visualizá-lo. De lá, ele parece uma hipótese distante ou algo a ser construído. Mas, quando estamos do lado de cá e tiramos só um pedaço da parede, aquela pedrinha, que era muro ou hipótese, vai se transformando, materialmente, em pedra de alguém.

No bairro Saudade, as coisas são rugosas. Eu me pego, às vezes, pensando por que aqui as texturas são marcadas, o trânsito é caótico, tudo vai sempre se atropelando e se esvaziando em segundos. A cada olhada para o lado, vejo alguém tropeçando, ou sou eu que piso em falso, por não ter visto o buraco; ou então levo um susto com o som da buzina que alguém aciona quando algum obstáculo está obstruindo o fluxo desejado.

Do lado de cá, é esperado que a pedra retirada do muro não se mantenha esfumaçada. Há sempre um lado dela que fica para o outro lado do muro: lá tudo é lisinho, meio transparente, parece fumaça de gelo seco. Mas, quando ela deixa de ser muro e vira pedrinha

⁴¹ Demos continuidade, por meio de *Segurar*, às narrativas de *Muro* e *Equilibrar*, na mesma cidade em que esses dois outros contos se passam.

de alguém, rapidamente ganha rugosidade, fica mais clara ou mais escura, fica porosa, e também mais rígida, às vezes até cortante em alguma parte da superfície.

Voltando à pergunta que me faço sobre a rugosidade das coisas no bairro Saudade: só consigo pensar que são assim aqui, porque tudo que existe (ao menos que sabemos que existe nesse lugar) parece ser de alguém. E tudo que tem textura é mais fácil de pegar. Como agarrar aquela fumaça difusa ou aquela superfície lisa que eu só vi acontecer no bairro Futuro? Parece impossível! Para possuir, é necessário que se consiga segurar.

Quanto ao meu furo, que fica na parte do muro que resolvi ocupar, tem me dado mais trabalho do que prazer. Preciso ficar dia e noite à frente dele, protegendo-o e escondendo-o, para que ninguém me roube lugar, nem queira começar a arrancar as pedrinhas dali. É que é mais fácil arrancar pedaços do muro a partir de furos já existentes... E, se abrirem aquele meu buraco, vão descobrir meu jogo de espelhos. Não estou disposta a emprestar a ninguém, a não ser que me paguem, por quarto de hora, pela experiência que meu espaço pode oferecer junto do furo. Por sinal, essa pode ser uma boa fonte de renda pra mim. Vou pensar no assunto. De qualquer forma, nesse momento não posso me ausentar do posto que é meu.

Depois da viralização do vídeo, quase todo mundo procura formas de tirar alguma pedra do muro, filmar os segundos de transformação da superfície em textura, e postar no Instagram. Já ouvi falar que a última moda é colecionar essas pedrinhas em casa, como forma de manter lembranças de que a novidade existiu. A metáfora me parece muito estranha. Ouvi alguém dizer que um artista famoso começou a produzir quadros e esculturas utilizando as pedras do nosso grande muro para compor suas obras. Uma ideia que foi vista, por muita gente, como genial e que tem valorizado significativamente seu trabalho.

Os furos, então, voltaram a aparecer. Mas eu não gosto nada disso. Algumas pessoas têm tirado pedaços do muro para tapar buracos do asfalto e da calçada. Dá para acreditar? Vejo famílias inteiras se aproximando daqui, nos fins de semana, para tentar extrair pedras que sirvam para brincadeiras de montar. As lojas de brinquedo vendem jogos que agora custam caríssimo, por conter pedaços do muro em suas peças. No Shopping Center, o playground custa mais, porque colocaram pedras em volta de um dos brinquedos e mudaram o posicionamento de marketing: agora vendem a alegria do instante.

Os buracos do muro a cada dia estão maiores, mas eu sinto que não tem mais clima para passear por lá. Preciso proteger esse meu espaço, os meus espelhos, e esperar essa loucura toda passar. Bem que aqueles Salva-Vidas de muro podiam aparecer e colocar uma ordem nesse lugar. Se eu colocar uma placa, dizendo que esse buraco tem uma proprietária,

aí sim que serei roubada. Mas, se eles estivessem aqui nos protegendo, não deixariam que o buraco, que eu conquistei por mérito, fosse simplesmente mexido e explorado de outras formas.

A cidade está tomada de pedras que nos lembram do instante, e a novidade está cada vez mais longe de quem mora aqui. Quando tudo estiver em ordem outra vez, vou querer passear lá por cima do muro. Só espero que até lá não o derrubem.

(grade – ponte)

2.10 QUAL UTOPIA NOS INTERESSA?

O conto “*Segurar*” traz, na sua narrativa, elementos que permitem problematizar separações e dicotomias que parecem frequentemente perseguir o cotidiano do pesquisar e do existir. Parece necessário repensar formas de julgamento que lançamos sobre o espaço e os modos de vivê-lo, assim como sobre a produção de desejo e as capturas que subjetivam os processos de produção de conhecimento e quem participa deles.

No texto “*Equilibrar*”, parece prevalecer a valorização de Aion em relação a Cronos, contrapondo o imperativo da correria cronometrada, dos compromissos (tão presentes) com o futuro e da obrigação com o aqui e agora, que marcam predominantemente o funcionamento das cidades. Dois minutos de sinal verde para os pedestres, horário padronizado para abrir e fechar os bancos, atenção aos buracos da calçada, prazo de entrega do trabalho a realizar, horário de início das aulas, tic tac tic tac tic tac. Já Aion, nos contos, parece oferecer a possibilidade de respiro: a aventura sem contagem do tempo, depois da escalada do muro. Exige alguma disponibilidade da pesquisadora, a ir até lá, e a voltar diferente. No bairro Futuro, o devir criança se manifesta. É possível sentir os sons sem que ressoem no corpo, e tudo vibra e afeta, nada invade ou atravessa. Parece ser o sonhado momento em que Cronos finalmente cumpre a promessa, que um dia alguém por ele fez, de tirar suas férias. A inversão da hierarquia Cronos-Aion, elaborada através da narrativa ficcional, abre possibilidades para a multiplicação (conforme o procedimento deleuziano de inverter para multiplicar), e constitui um espaço para a utopia.

Na espacialização do tempo que é operada na construção de uma cidade que se mostra nos contos, parte-se da premissa de que a passagem pela linha que divide a cidade permite responder à necessidade de novos sonhos. Na canção *passado/futuro*, é ressaltado o descontentamento diante da dificuldade de transitar para o bairro habitado de ideias novas; o Futuro parece distante, no bairro Saudade *está ficando espremido*. A canção reivindica o acesso à novidade (e sua raridade), enquanto declara o desejo do presidente de *viver dividido*. Por fim, vislumbra o sonho de “*derrubar o muro*” e “*bagunçar com tudo*”.

No conto “*Muro*”, a cidade se desenha como lugar que precede a realidade cantada. Se “*pra cá do muro está ficando espremido*”, e o muro “*está cortando essa cidade no meio*”, então

o conto pressupõe que um dia a cidade tenha tido fronteiras mais permeáveis, que a passagem já tenha sido mais porosa, nos tempos em que no bairro Saudade se podia transitar sem a sensação de estar espremido. Na canção, é declarada a privação relacionada às ideias novas que estão “*pra lá desse muro*” e, na cidade narrada no conto, o bairro Futuro é vislumbrado como Aion, instigando a vivência do instante em que é possível criar. Para isso, o texto se apoia no de diz o fragmento de Heráclito sobre Aion⁴², e expõe a imagem de um espaço reinado pelo brincar, comprometido, não com as tarefas em ordem cronológica, mas com as irrupções do desejo que vêm à superfície e colocam-nos em devir.

Aion, ao ser espacializado, apresenta uma arquitetura de linhas difusas, fronteiras invisíveis, vozes descoladas do corpo, e não promete ser o próprio futuro ou a novidade em si, mas constitui-se como a possibilidade de imaginar o futuro. Subir o muro permite ter a visão do bairro Saudade, enquanto se vislumbra pular para o lado de lá. Essa é a imagem que afirma a visão e a narrativa do passado como constituintes da possibilidade de arriscar o pulo para o desconhecido, do qual se sai transformado. Em Aion, no bairro Futuro, as memórias são convocadas para tornar possível a produção de ideias novas, como criança brincando. Sem antes nem depois, Aion possibilita passado e futuro contraírem-se no instante, uma vez que só se pode vislumbrar o por vir se o acesso às memórias estiver aberto.

A frase “*Nunca mais o meu passado*”, pronunciada na canção, é tomada pela narradora do conto, portanto, como afirmação do desejo de que o passado possa ser recontado e não de que o passado seja negado. Manter aberta a ponte que dá acesso às memórias parece ser o potente procedimento que permite narrar o passado, para que ele deixe de ser “*meu passado*” e passe a ser visitado de diferentes perspectivas, das quais emergem muitos passados possíveis.

O passado, na perspectiva do conto “Muro”, é a espacialidade de Cronos e, especialmente ao longo da narrativa que segue com os contos “Equilibrar” e “Segurar”, as cenas da vida no bairro passam a flertar com o discurso do progresso. Benjamin alia à ideia de progresso um tempo homogêneo, considerando que ela supõe alguma perfectibilidade humana e que se funda no esquecimento do passado para afirmar a progressão infinita: “a ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha” (BENJAMIN, 1994, p. 229). A preferência por viver em condomínios fechados, por exemplo, cujo espaço interno é exatamente igual a todo espaço de área

⁴² Citação cujo argumento está desenvolvido na p. 144 da presente tese: “Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado” (HERÁCLITO, fragmento 52).

compartilhada de qualquer *resort* ao redor do mundo, é a própria imagem do progresso, materializado nas nossas cidades.

O tempo de Cronos, com sua cadência tão próxima à de uma marcha infinita, espacializa-se no bairro governado pela predominância do esforço de manter tudo como está. Observando os prédios, as ruas, as árvores, expostos à ação do tempo, é possível perceber que eles se modificam, deterioram-se, transformam-se e, necessariamente, pedem outras (novas) formas de apropriação e usabilidade, exigem que demos novos sentidos ao fluxo dos corpos que se movem no espaço urbano. Em Cronos, entretanto, o tic tac inspira à manutenção, ao trabalho de sustentação do que já foi construído e, em nome do progresso, é imposta certa ordem à qual os corpos respondem em movimentos e fluxos que devem ser mantidos; para evitar riscos e impedir as transformações que sobrevêm ao encontro com o desconhecido.

“*Nunca mais o meu passado*” parece reivindicar a abertura de possibilidades para a experimentação de outras ordens possíveis, para a vivência do tempo sem o esforço de manutenção do invariável, para a interrupção da infinita continuidade do que já está posto. A canção parece anunciar a chegada da catástrofe, na perspectiva a partir da qual Benjamin a compreendeu, quando diz que ela fundamenta o conceito de progresso. “Que ‘as coisas continuem assim’ - *Eis* a catástrofe. Ela não consiste naquilo que está por acontecer em cada situação, e sim naquilo que é dado em cada situação. Assim Strindberg afirma (em *Rumo a Damasco?*): o inferno não é aquilo que nos aguarda, e sim esta vida aqui” (BENJAMIN, 2009, p. 515). O conceito de catástrofe é explicitado pelo autor, mais adiante, na mesma obra, quando se propõe a explicar “Definições de conceitos históricos básicos: a catástrofe – ter perdido a oportunidade; o momento crítico – a ameaça de o *status quo* ser mantido; o progresso – a primeira medida revolucionária” (2009, p. 517). O Bairro Saudade, que cantamos e escutamos, parece narrar justamente tal ameaça de manutenção do *status quo*. Uma realidade tão familiar para quem vive o espaço da cidade.

“*Para sempre o meu futuro*”, afirmado em seguida na canção, tem seu sentido alargado na narrativa dos contos, ardendo como desejo de inventar, como vontade de brincar no território desconhecido e reinar em ato de criança. Essa convocação de um futuro foi discutida no diário do subgrupo dos Imigrantes, e parece permitir a ventilação das memórias e das novidades. O campo nos faz pensar sobre o quanto o sonhar exige a abertura de furos e o acesso às memórias:

- Se vocês pudessem imaginar a cidade dos sonhos, como ela seria?
- Uma cidade pequena, organizada, tecnológica, orgânica, em que as pessoas pudessem trocar coisas...
- Trocas? Pergunta Moises, meio sério, meio debochado.
- Mas não como no comunismo! Responde um pouco constrangida Sara.
- Uma cidade sem políticos. Diz Irlanda.

Baixinho, no ouvido da mãe, o pequeno fala:

- En mi sueño, quiero que se vaya Maduro.

Rimos amorosamente da inocente sabedoria da criança. A cidade dos sonhos é a que ficou na memória de cada um. Na sua inocência, ele ainda não sabe que esta agora é uma cidade das recordações, que não pode mais voltar. Quando perguntamos se pretendem voltar para a Venezuela, todos respondem que sim, quando perguntamos para qual Venezuela, todos nos falam da sua cidade das memórias.

Refugiar-se é também desejar voltar para uma cidade de um tempo que já foi. É escapar desta cidade que tomou o lugar da sua cidade. É não suportar mais viver tão de perto essa dolorida perda. Refugiar-se da dureza concreta dos sonhos perdidos. Talvez este momento proporcionado aos nossos amigos venezuelanos tenha sido um refúgio, nos sonhos, no esperar de um outro tempo e uma outra cidade, no esforço de acolhida de quem parcamente tenta amenizar um pouco da dor de quem perde seu lugar. (Diário de Campo, Imigrantes Venezuelanos, 27/05/2019)

Cantar pelo futuro parece constituir a tentativa de acender a chama da utopia, na interrupção daquela marcha progressiva e catastrófica espacializada em Saudade.

Mas, então, por que não teríamos optado por terminar a narrativa logo depois da descoberta do Bairro Futuro, em que fizemos visível o que tem do outro lado do muro? Não teria sido esse o clímax, o ponto a ser descoberto na trama que se inventou? No modo como “*Equilibrar*” expõe suas imagens e narra o risco assumido de pular o muro, e ser relançado em seguida à Saudade, parece ter sido privilegiada certa evidência de que é necessária a interrupção da manutenção constante de Cronos, para que ocorram os passeios que possibilitam acontecimentos. E, por isso mesmo, tornou-se interessante imaginar a narrativa que compõe o verbete-experiência que veio a seguir.

O conto “*Segurar*” conduz à produção de outros questionamentos e convida à sustentação do paradoxo. As capturas narradas são a própria análise acerca do que ocorre quando as pesquisadoras se colocam no papel de julgar qual mundo é mais possível, ou melhor, enquanto o estudam e o inventam. Retomemos a proposição de Deleuze e Parnet (1998, p. 8), na busca por sermos mais varredores do que juízes⁴³.

. Grades para reunir

A narradora dos contos, que se cansou da marcha e estranha a ideia de progresso, que ama habitar os furos para sonhar o futuro, que encontra o espaço e descobre tecnologias para

⁴³ A citação direta consta no fim da seção 2.5 dessa tese, intitulada: Varrer, em movimento cartográfico. Ela trata de questões metodológicas que agora são retomadas.

não perder o contato com a novidade, é a mesma que não quer correr o risco de perder a propriedade, que gostaria de manter as coisas como estão, para não perder seu lugar ao sol que, nesse caso, aplica-se melhor como seu lugar de livre acesso aos furos que só ela conhece.

O olhar para as capturas que nos produzem, e que constroem discursos e práticas urbanas, parece ser potente na medida em que convoca a repensar: como se dá o processo de acontecimentalizar (como método), que tanto desejamos na produção da pesquisa? E qual utopia nos interessa quando vislumbramos o bairro que está para o lado de lá do muro?

O primeiro questionamento exige revisar a proposição de que o contato com o passado (e com as memórias) é indispensável para que cheguemos a vislumbrar o futuro (eis Aion, mais uma vez, contraindo passado e futuro no mesmo instante). A curiosidade, a disponibilidade aberta a conhecer por afecção, e a narrativa que as pesquisadoras inventam enquanto descobrem, são processos que pressupõem a livre passagem às sensações, aos fatos, aos relatos do passado, e implicam a atenção aos atos triviais, corriqueiros, na textura do cotidiano. A imagem do criança parece novamente compor a cena para nos lembrar de que o desejo de novidade não tem relação (e não poderia ter) com o apagamento do passado:

Somente um observador superficial pode negar que existem correspondências entre o mundo da tecnologia moderna e o mundo arcaico dos símbolos da mitologia. Num primeiro momento, de fato, a novidade tecnológica produz efeito somente enquanto novidade. Mas logo nas seguintes lembranças da infância transforma seus traços. Cada infância realiza algo grande e insubstituível para a humanidade. Cada infância, com seu interesse pelos fenômenos tecnológicos, sua curiosidade por toda a sorte de invenções e máquinas, liga as conquistas tecnológicas aos mundos simbólicos antigos. Não existe nada no domínio da natureza que seja por essência subtraído de tal ligação. Só que ela não se forma na aura da novidade, e sim naquela do hábito. Na recordação, na infância e no sonho. Despertar (BENJAMIN, 2009, p. 503).

A pergunta sobre como acontecimentalizar em pesquisa conduz à distinção entre apagar o passado para sustentar algum progresso e acessar as memórias para inventar outros mundos possíveis. Não perdendo de vista que distinguir não é separar, caminhamos sentindo-nos convocadas a manter aberta a ponte de acesso ao passado e à produção de novidade, para sonhar como acontecimentalização nos processos da pesquisa pela cidade.

O segundo questionamento nos conduz a afirmar a distinção entre a utopia como promessa de um determinado futuro e a utopia como possibilidade de desejar outro porvir. Uma se aproxima muito do que chamamos, com a definição dada por Walter Benjamin, de progresso, na medida em que se propõe como imperativo de construção de uma realidade que virá. A outra diz respeito à vontade (e à coragem, se quisermos trazer ao nosso texto as palavras cantadas em *passado/futuro*) de produzir um novo pensamento, ainda por ser criado. A passagem da vontade

à coragem, que a canção propõe, parece ter conexão com o interesse por imaginar, olhar do alto e contemplar a beleza, saltar sobre a ordem do Estado e “*mergulhar na surpresa*”. Com o desejo de “*derrubar o muro, bagunçar com tudo*”, e de brincar com a “*nostalgia da novidade, saudades do futuro*”, a canção é finalizada e se origina, em quem escuta, um trajeto que busca a invenção, e não o mundo dado. Com isso, opera-se outra inversão ainda: a de andar do futuro para o passado, vivendo a utopia como contrafluxo que nos obriga pensar acerca da direção para onde todos e todas estão indo.

Explorar o contrafluxo pode dar-se como ato de interromper ou parar, mas também de colocar-se em outro sentido ou dar outra função para equipamentos, tecnologias, ordens definidas. Repensamos, assim, dispositivos que constituem o fluxo da vida na cidade. No campo de pesquisa do subgrupo dos ciclistas, por exemplo, é ventilada a reflexão sobre o caráter de contrafluxo que algumas cenas carregam e sobre a transposição de barreiras que se mostra no trânsito de corpos pela teia urbana. O diário se apresenta em formato de itens mencionados na reunião em que as pesquisadoras discutem diários de ciclistas, e assinala, no trecho citado, três tópicos que disparam o pensamento sobre contrafluxo na cidade e suas reverberações: A construção de muros através do uso da velocidade, a conexão entre práticas na cidade (as condições de universitário, de ciclista e de frequentador de festas alternativas são vistas no espaço urbano como parte de uma mesma constelação, definindo trajetos e fluxos previsíveis), e a modificação de sentido dado a um equipamento que, por evidência, deveria servir para separar, mas passa a reunir corpos magrelos que esperam seus donos chegarem:

Ida a uma festa no galpão do IBGE. Foi de bicicleta à festa, mesmo sendo perto de sua casa, por sentir-se mais segura (do que ir a pé) - a velocidade enquanto criação de muro.

Constelação: universitário, bicicleta, festas alternativas.

O local tem lugar prá deixar bicicleta. Lembramos da “reinvenção das grades”, que deixam de ser um espaço de separação público-privado, para ser um local de guardar bicicletas (Diário de Campo, Ciclistas, 6 e 7/10/2018).

Para se proporem em contrafluxo, os corpos operam alguma interrupção do presente. Vislumbrar outros mundos parece exigir a intransigência em relação aos imperativos do agora e à funcionalidade da técnica. Para que serve uma grade?

A possibilidade de pensar e de transpor a cronologia passado-presente-futuro constitui-se ponte para imaginar outras condições de estar e viver; e o direito a imaginá-las ou inventá-las é utopia. Afirmamos, então, com Edson Souza, que “a utopia que nos interessa não é aquela que sabemos, mas justamente aquela que ainda não sabemos e que precisamos inventar” (2015, p. 1).



COMPOR⁴⁴

Entro em casa querendo ficar. Minhas mãos carregam aquela pasta cheia de textos meus e de todo mundo. As oficinas têm sido acompanhadas de discussões que me pedem para ficar na roda de conversa, mas também para encontrar silêncio e escrever. Às vezes, parece que preciso de um lugar quieto e seguro para seguir ouvindo o que ressoa e continua pedindo para me encontrar.

Sento-me sobre a madeira amarelo-claro do chão da sala e distribuo aquelas folhas pelo chão. Páginas arrancadas de caderno pequeno, de caderno branco, de caderno grande, de agenda com frases motivacionais, folhas A4 amassadas... e muita tinta dizendo as coisas que eu quero ler de uma vez. Não dá prá ler de uma vez. Começo com um texto que escolhi para ser o primeiro porque achei a letra bonita. Vou me deixando conduzir por aqueles trajetos longos de descrições da casa, das roupas de cama, dos primeiros passos de quem acorda em um dia qualquer. Esqueço-me da pressa de escrever. Antes de terminar o texto, interesse-me por outra página. Esse eu leio até o final, imaginando as ruas pelas quais nunca andei. Passo por elas frequentemente sem ter jamais visto o que a minha colega contou àquela folha de papel. Guardo perguntas que surgem durante a leitura e que provavelmente nunca farei diretamente a quem escreveu. Talvez as faça no meu próprio texto, mas é complicado imaginar alguma forma de fazer isso, sem que viaje demais.

É interessante notar como esses textos falam em viagem. Falam de chegar e sair, do trânsito entre cheiros, texturas, música, silêncio e barulho. Fome. E aquilo que mais me interessa agora é essa diferença que geram no meu corpo quando as imagens que o texto desenha vibram dentro dele.

Na primeira oficina, iniciamos usando, como disparador da escrita, a imagem da pesquisadora acordando de manhã. Na que realizamos hoje, sugerimos começar imaginando a pesquisadora saindo do prédio do Anexo Saúde (da UFRGS), depois de termos terminado a oficina (é lá que estávamos reunidas para o encontro do grupo de pesquisa). A partir da

⁴⁴ A ilustração que antecede esse conto refere-se às partes 2.11 e 2.12 da tese e é de autoria de Fabio Issao (© 2019 Fabio Issao. Todos os direitos reservados). Nosso encontro com ela suscita reflexões acerca do jogo de ramificação e da produção de subjetividade, uma vez que parece mostrar um pouco dos furos e traços que produzimos e nos produzem na pesquisa, assim como tratar de máquinas que forjam pesquisadoras. Suas linhas parecem simular, ao mesmo tempo, os trajetos percorridos e a serem explorados. O movimento circular que a imagem fabrica, com os segmentos que atravessam um dos círculos perpendicularmente, convida a visualizar a operação do ritornelo e desejar a possibilidade de invenção que irrompe dele.

proposta de pensar essa imagem, ficamos um tempo em silêncio e escrevemos os percursos que pediram para subir à superfície da página.

Lendo novamente os textos, sou levada pela mão a lugares e corpos narrados pelas pesquisadoras, e as mesmas palavras começam se colocar de outra forma. Preciso guardar esse pensamento, mas não posso freá-lo também.

Abro um arquivo na tela de computador, que está à minha frente, e começo a escrever um diálogo entre duas personagens, usando trechos dos textos escritos à mão. Personagem 1 e personagem 2 são pesquisadoras que perguntam e respondem, por meio de palavras já escritas nas oficinas, em segmentos de diferentes trechos, o que não havia sido dito, ainda, desse modo. A composição de elementos vai me lembrando do que Benjamin diz sobre o método da composição e sobre a montagem. Não deixar de fora nenhum pensamento que se mova durante o trabalho, sentir as imagens arderem no corpo. Tomo para mim o desejo de fazer durar aquilo que vibra infinitamente no tempo limitado do instante.

Conceitos se atravessam e movem o pensamento, mas não são pronunciados em nenhuma linha do diálogo que escrevo. Estão ali porque as pesquisadoras já os narraram em cada cena que eu leio. A conversa das personagens se faz sentir no meu corpo e quero saber como elas continuariam essa história, se estivessem aqui comigo agora ou se estivéssemos fazendo esse exercício ainda na sala da oficina.

Começo a imaginar o ritmo com que essas personagens diriam o que dizem; o quanto durariam no fim das palavras e que gestos colocariam na cena. Onde teriam se encontrado para terem começado essa conversa? Seria invasivo da minha parte decidir isso agora? Um diálogo povoado de tantos textos abre possibilidades para diferentes rumos a serem tomados.

Cantarolo aqui, comigo, o trecho de um dos textos que habitam o chão da sala e agora me habita também: “Vou tomar um leite. Tomar um banho. Tomar um rumo nessa vida”. A ressonância brinca de fazer intervalos, que cada ponto propõe; e eu sigo repetindo e escutando essas frases, de manhã, enquanto tomo meu café.⁴⁵

⁴⁵ O conto narrou a experiência de leitura, justaposição de fragmentos e montagem, que nos propomos a fazer com os textos produzidos em oficina.

(cadência – ritmo)

2.11 REPETIÇÃO, TRANSGRESSÃO E RITMO: JOGAR PARA RAMIFICAR

Os diários de campo, que produzem o estudo sobre o encontro de pesquisadoras com a cidade, são povoados de outros textos e composições poéticas. São feitos de cenas acontecidas nas ruas, sons escutados durante as andanças pela cidade, imagens narradas, mapas desenhados, músicas dançadas pelo pensamento.

As oficinas podem ser vistas como desdobramentos do processo de feitura dos diários. Elas reúnem pesquisadoras em torno da escrita e da discussão acerca de cenas vividas e a serem narradas, e é delas que emergem alguns dos textos que ditam os percursos seguintes do processo de pesquisa. Operamos, então, no jogo entre texto e textura, que se mostra como um campo de possibilidades para a produção de encontros. Os processos de leitura e escrita, assim como os de passagem pela cidade e invenção de suas cenas, vão buscando abrir mais espaços (interrupções, intervalos, retomadas) para desejarmos e imaginarmos outros modos possíveis de viver. O jogo é essa brincadeira que propõe como estratégia o ato de ramificar, em vez de circunscrever para dominar.

O conto “Compor” narra o percurso que configura um modo de escrever e possibilitou a elaboração do texto “Rumos”, que abrirá a décima segunda parte da tese. Ele nos leva a perambular pela solidão povoada que acompanha as passagens pelos textos e pela cidade, ao abordar o processo de construção das oficinas e de criação dos contos. Cria-se um espaço fértil para a reflexão acerca do engendramento entre os processos de ler e de escrever, e das repetições e diferenciações que os produzem.

Os textos escritos nas oficinas, portanto, não são tomados, no processo, como produtos delas ou do estudo em si, mas como produção de meios para pesquisar; são tomados como peças do jogo que se dará entre meios possíveis. A duração das frases no corpo (Tomar um leite. Tomar um banho. Tomar um rumo...), o cantarolar das palavras e o modo como ressoam durante as pausas: esses efeitos parecem oferecer condições de possibilidade para a operação de deslocamentos; move-se o corpo-pensamento.

O procedimento contado em “Compor” já é um acontecimento. Fazemos a leitura dos textos em repetição, por afecção. Entre elementos da aparente desconexão que as histórias contadas e os estilos de escrita apresentam em cada série de textos, deslizamos, a procura de

formas de expressão que ajam em possíveis relações com o objeto de estudo, ou ofereçam pistas para a configuração de um trajeto a seguir. Os textos provocam o corpo a sentir o que o afeta e o que nele vibra ou dura. Na leitura, vamos aprendendo a considerar as diferenças que a passagem por cada trecho gera nas nossas percepções. Somos tensionadas a retornar a certas frases, reler ou repeti-las, para compreendê-las de outros modos ou simplesmente porque parecem ressoar de modo familiar. Alguns segmentos dos textos, nessa repetição, permanecem marcando um espaço particular e íntimo da pesquisadora. É como se as frases se mantivessem ali, fazendo-se sentir e garantindo condições para que a leitora tome para si a autoria do que as pesquisadoras leram e escreveram. Como se o retorno (de novo e de novo) às frases que afetam delimitasse um espaço próprio de segurança, circunscrevendo certa possibilidade de distinção, que afasta a dispersão provocada tanto pela cidade que chama, quanto pela mistura de temas e afetos proposta pelos textos que estão espalhados pelo chão e são lidos concomitantemente.

Eis um modo de olhar e narrar os processos e agenciamentos que produzem leitura e escrita, perambulação e invenção. Neles, aproximamos o ato de pesquisar da operação do ritornelo (DELEUZE e GUATTARI, 1993; 2012), ao afirmarmos a acontecimentalização como método. Tal aproximação nos conduz a refletir acerca do texto como território, e das operações de escrita (e de leitura) como processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização em ato.

O termo ritornelo é utilizado pelo campo de conhecimento da música, para referir-se à repetição de certo segmento musical ou refrão. É sinalizado na partitura por um traço vertical seguido de dois pontos, distribuídos sobre a pauta. O trecho que deve ser reproduzido novamente é desenhado, assim, no espaço entre essa combinação de sinais e pode caracterizar-se como um refrão ou simplesmente um segmento a ser reproduzido novamente. Mas é interessante observar que, por mais que a sequência de notas e a sinalização dos tempos e das formas de execução estejam definidos pela partitura, a experiência de tocar ou sentir novamente aquele mesmo segmento musical apresenta-se como novidade, para quem escuta e para quem a executa.

Pensar o ritornelo abre condições para pensarmos, com Deleuze e Guattari, os agenciamentos territoriais que podem se dar através dos sons, mas também de gestos, de imagens, de traços. O ritornelo é “todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 139).

O que é colocado no jogo, quando abordamos a sua operação, é o retorno como problema. O agenciamento desse retorno é explicado a partir de duas tríades. A primeira,

(DELEUZE e GUATTARI, 2012) situa-se na (1) procura por alcançar um território, (2) no ato de traçá-lo e habitá-lo e (3) no ato de lançar-se para fora ou desterritorializar-se. A segunda, (DELEUZE e GUATTARI, 1993) baseia-se no processo de (1) procurar um território, (2) desterritorializar-se e (3) reterritorializar-se. As duas situações não se contradizem nem se igualam, mas narram processos e expõem imagens que tiram o conceito do imperativo do contexto da música em execução (ou da partitura), para abrir outras formas possíveis de abrangência, em sua operação.

. Procurar um território, traçá-lo e desterritorializar-se na escrita

As pesquisadoras que entram em casa depois da oficina, carregando um número infinito de palavras nas mãos, jogam a folhas sobre o chão e olham atentamente para o que elas dizem. Procuram alguma “determinação momentânea de um centro” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 122), capaz de fazê-las retornarem a um fio condutor da pesquisa, encontrarem algum motivo (ou tema) possível e a ser mantido. A situação de buscar um território configura-se como a procura de “centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos” (idem) e é desenhada na cena da criança que, no escuro, tranquiliza-se cantarolando. A atenção de quem lê os textos, oficina-os, discute-os e os escreve; segura-se nos trechos que fazem ressonância e conduz à repetição que encontra ritmo, talvez se faça ouvir com melodia ou se faça ver com certa gestualidade, cantarolada ou encenada.

Parece se dar o ato de traçar e habitar o território justamente na busca por uma delimitação de espaço de possibilite manter as forças do caos (forças germinativas) na exterioridade, afirmando a busca pela manutenção de algum foco. Como ler dez, quinze, vinte textos que compõem o contexto da mesma pesquisa e foram produzidos na mesma oficina, sem pretensão alguma de encontrar “denominadores comuns” ou reconhecer neles qualquer conceito ou semelhança já existente, mas suportar tanto a distinção constante entre perspectivas que se presentificam quanto o engendramento que pede ramificação e coloca perguntas e problemas voltados a diferentes direções? O movimento em busca de um motivo ou de um tema é o mesmo que agora se reafirma no esforço da criança que cantarola repetitivamente para dar conta do dever de casa; para expurgar a dispersão. O ponto de partida de cada oficina, o retorno à pergunta central sobre o encontro das pesquisadoras com a cidade, o olhar que busca habitar o entre, nos paradoxos sustentados pelos textos, parecem ser canções que entoamos, enquanto as páginas afinadas e escritas à mão parecem pular para o colo, chamar para a rua, convidar

a ouvir músicas, ver filmes, olhar para os prédios que mudam a paisagem e desbravar mundos da teia urbana. Se estivéssemos tratando da música, o ato de traçar e habitar território seria da ordem da manutenção do olhar atento à partitura, que permite, de certo modo, acompanhar, repetir o que já foi proposto, delimitar para não ir atrás de outros objetos. A partitura, porém, não está colocada no exercício de quem toca para garantir que a execução seja feita de forma igual, nem é o elemento que faz a música ou a torna possível. Da mesma forma, a delimitação e a exposição do objeto de pesquisa e seu problema, bem como a manutenção do foco no que eles propõem, não é o fio condutor do processo ou garante que seu percurso ocorra.

A imagem da partitura parece de fato potente para pensar as condições do ato de traçar certo território e sustentá-lo. Ao pensar o trabalho do ator, essa figura também já foi usada e possibilita outros olhares sobre a pesquisa. Ryszard Cieslak, (1937-1990), ator que encarnou o ideal estético de Jerzy Grotowski, em uma entrevista dada a Schechner, em 1973, afirmou que a partitura funciona para a música como um vidro protege a chama de uma vela, não permitindo que as correntes de ar a apague: “A partitura é como o vidro dentro do qual uma vela está queimando. O vidro é sólido; está lá, você pode depender dele. Ele contém e guia a chama, mas não é a chama” (SCHECHNER E WOLFORD, 2001, p. 203). A chama, nessa ideia aqui exposta, é o que o expectador vê através da partitura. O modo como a chama se move no vidro responde a cada sopro de vento. Diz o ator:

Assim minha vida interior varia de noite para noite, de momento para momento... Eu começo cada noite sem antecipações: isto é o mais difícil de aprender. Eu não me preparo para sentir nada. Não digo: ‘na última noite esta cena foi extraordinária, eu tentarei fazê-la assim novamente’. Quero apenas ser receptivo ao que acontecerá. E estou preparado para absorver o que acontece se eu estou seguro na minha partitura, sabendo que, ainda que não sinta nada, o vidro não se romperá e a estrutura objetiva, trabalhada por meses, ajudar-me-á até o final. Mas quando uma noite começa e eu posso incandescer, brilhar, viver, revelar – sinto-me preparado para isso sem que o tenha antecipado. A partitura permanece a mesma, mas tudo é diferente, porque eu estou diferente’ (SCHECHNER E WOLFORD, 2001, p. 203).

Manter-se no tema da obra musical e contar com sua partitura constituem-se condições para que a música acenda e toque quem se deixar por ela queimar. As pesquisadoras que repetem o tema (da pesquisa) para si mesmas, que o repropõe nas discussões e retornam às perguntas emergidas do campo problemático já delimitado, também buscam essas condições para que a pesquisa acenda e a escrita (nos) toque: elas traçam e habitam o território e, nas suas marcas, afirmam a sustentação de paradoxos e os encontros que vão surgir.

Do cantarolar cíclico e da sustentação do território que ele demarca emerge o movimento de abertura do círculo, e as pesquisadoras lançam-se para fora, aventuram-se

jogando-se às forças do caos. Usando a imagem dos contos Muro e Equilibrar, ainda seria possível imaginar o cantarolar cíclico e repetitivo como muro, demarcando fronteiras, e esse movimento da tríade do ritornelo como a criação dos furos que dão passagem ao futuro. As pesquisadoras desterritorializam o ato de pesquisar e escrever ao encontrar furos nos textos feitos e outras histórias a serem contadas.

Vislumbrar os mundos que criaremos juntas parece ser a tônica desse improvisado que o ritornelo conduz a operar. A imagem da pesquisadora que se lança ao criar é aqui apreendida de outro modo ainda: é a própria montagem, é a prática do método de composição, que implica deixar arder as imagens do cotidiano, narrá-las dizendo pela primeira vez o que já foi dito, mas de outros modos, e então agenciar novos textos, que lançam a escrita a outras imagens possíveis.

A circularidade segue se afirmando nessa tríade, porque cada um desses movimentos é um aspecto de um mesmo processo, e não etapas dele. Os aspectos da tríade não se dão em sequência, ocorre tudo ao mesmo tempo, o que leva à compreensão de que as pesquisadoras, ao operarem a escrita, procuram um território para si, buscam alcançá-lo, e fazem de todo começo um retorno. O começo de cada parte da tese, o começo de cada conto, de cada pensamento, do desenvolvimento de ideias que sustenta cada paradoxo, cria a repetição do tema e afirma o mesmo motivo, sempre de um modo diferente.

O retorno faz o traçado e o traçado faz o retorno, mas, ao regressar, ocorre certa diferenciação do interior em relação a um exterior, como se o retorno buscasse em si mesmo alguma origem e ao mesmo tempo a expurgasse, ou como se englobasse o caos que constitui essa exterioridade, ao mesmo tempo em que se distinguisse dele. Aprendemos com as provocações de Zourabichvili:

o que faz o traçado que, ao regressar sobre si, diferencia um interior de um exterior (instauração do território)? Mergulha ele no turbilhão louco em torno da origem cujo simulacro ele secreta (terra natal)? Ou será que repete, ao fazê-lo, o fora que ele engloba e que ele cavalga embora dele se distinguindo (o limite é ao mesmo tempo um crivo)? Vê-se nessa tensão lógica em que medida o traçado, a marca, o signo do território se confundem com o ritornelo (ZOURABICHVILI, 2004, p. 40).

A reterritorialização, portanto, nunca é o retorno do mesmo. Cada parte da tese parece retomar o problema de pesquisa, expondo um espaço-cidade e um espaço-diário seja como dispositivos, seja como temporalidades, territórios, corpos, processos, encenações ou narrativas. Mas os desdobramentos que partem do “entre texto e textura” são outros, e as ramificações afetam com novidade. Eis um modo de ver a operação do ritornelo na pesquisa. Já no processo de escrita dos contos que emergiram das oficinas (exposto no conto “Compor”),

a repetição ocorre na leitura e na discussão; os textos afinados parecem ser a partitura que, a cada leitura repetida, toca e afeta de outro modo, até que, dali, irrompem outros textos, outras cidades, devires outros. Operamos, então, um pesquisar que implica a experiência simultânea ou misturada dos aspectos do ritornelo: “ora, ora, ora [...]. Ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma ‘pose’ (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro tornou-se um em-casa. Ora enxertamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 123).

Tomar a operação da escrita como ritornelo implica, então, andar do caos a um limiar de agenciamento territorial, organizar o agenciamento, e sair do agenciamento territorial em direção a outros agenciamentos (às vezes se passa, às vezes se foge). A tríade é feita de situações que ocorrem todas juntas: “Forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas: tudo isso se afronta e concorre no ritornelo” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 124).

Eis o jogo de ramificação: Escrever para retornar à própria escrita, retomar e repetir. Escrever para procurar um território para a própria escrita e procurar alcançá-lo. Escrever para tocar a errância do exílio ou então o deslocamento que se dá na abertura do círculo e na passagem para o futuro. Escrever para laçar-se à aventura. Assim, ao mesmo tempo em que afrontamos o caos imanente, produzimos conexões temporais e perspectivas outras. O jogo nos coloca a apanhar afetos e captar forças para fundar pontes ou túneis; operar nas passagens.

. Experimentar ritmos para compor a escrita

Com o conceito de ritornelo, tomamos como referência a experiência musical para pensar os traçados que marcam território ou agenciam lançamentos para fora dele e, a partir desse movimento, é que somos conduzidas ao entre, no qual nos propomos a pesquisar. O caminhar pesquisador coloca-se, para isso, atento às formas de expressão, às sobreposições de meios; escreve para andar “das forças do caos às forças da terra”, “dos meios ao território”, “dos ritmos funcionais ao devir-expressivo do ritmo”, “dos fenômenos de transcodificação aos fenômenos de descodificação”, “das funções de meio às funções territorializadas”, como Deleuze e Guattari (2012, p. 138) nos mostram ocorrer nas constantes passagens que constituem o agenciamento territorial. A operação da escrita, nesse processo, é parte do agenciamento que compõe aquele conjunto de matérias de expressão do ritornelo, mas também o ritornelo compõe o agenciamento da escrita. Os esquizoanalistas nos explicam que

O território é, ele próprio, lugar de passagem. O território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faz agenciamento, o agenciamento é antes territorial. Mas como ele já não estaria atravessando outra coisa, outros agenciamentos? É por isso que não podíamos falar da constituição do território sem já falar de sua organização interna. Não podemos descrever o infra-agenciamento (cartazes ou placas) sem já estarmos no intra-agenciamento (motivos e contrapontos). Não podemos tampouco dizer algo sobre o intra-agenciamento sem já estarmos no caminho que nos leva a outros agenciamentos, ou a outro lugar. Passagem do Ritornelo. O ritornelo vai em direção ao agenciamento territorial, instala-se nele ou sai dele. Num sentido geral, *chamamos de ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais*” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, pp. 138-139).

A experiência de pesquisar, então, constitui-se um convite à sensibilidade para compreender o lugar de passagem pelos próprios meios, ou seja, a afirmação do que se sente, do que marca, do que repete e do que dura. As passagens dão-se de componentes de meio a componentes de território, uma vez que tanto os meios não param de passar uns pelos outros quanto os meios atravessam o território. Para pensar a relação entre meios e território, voltamos a escuta para o ritmo, para as formas de distribuição de e no espaço. O agenciamento territorial, que pode ser o papel do ritornelo, é o canto do pássaro, o cantarolar da criança, seus dedos batendo sobre a mesa ciclicamente ou o refrão da música. Ele pode ganhar funções: amorosa, profissional ou social, por exemplo, mas sempre leva a terra consigo⁴⁶; está em relação a uma terra e em direção a um Natal ou Nativo. O ritmo e os meios são importantes para pensarmos o território, mas o território não é os meios, nem o ritmo.

Deleuze e Guattari explicam que “do caos nascem os *Meios* e os *Ritmos*” (2012, p. 124). O caos é também composto de componentes direcionais. Cada meio é vibratório e aberto, e serve de base para um outro ou se estabelece sobre um outro, dissipa-se ou se constitui no outro. O caos o ameaça de esgotamento ou de intrusão, mas

o revide dos meios ao caos é o ritmo. O que há de comum ao caos e ao ritmo é o entre-dois, entre dois meios, ritmo-caos ou caosmo [...]. O caos não é o contrário do ritmo, é antes o meio de todos os meios. Há ritmo desde que haja passagem transcodificada de um para outro meio, comunicação de meios, coordenação de espaços-tempos heterogêneos (idem, p. 125).

E a cidade, a textura ou o texto não parecem ser meios e ritmos que partem de alguma ameaça de esgotamento ou intrusão? Do meio de todos os meios, fazem-se passagens de um para outro meio, passagens de meios por outros meios, passagens de meios a territórios. Não se trata de uma cadência que marca a vida urbana, certa métrica que compõe o texto, ou a medida que

⁴⁶ Abordamos os conceitos de terra e de território na seção 2.2, dessa tese.

delineia o nosso caminhar (a troca para o sinal verde colocando os carros em movimento, cada ponto ou vírgula no texto, ou as ruas pensadas em escala humana, por exemplo), mas do ritmo, que está no entre-meios, que está entre os entre-meios.

Deleuze e Guattari dizem que o ritmo nunca tem o mesmo plano que o ritmado. Podemos pensar que nossa aposta em pesquisar-entre implica andar e produzir com as marcas e com a expressividade que fazem o território, mais do que com as qualidades e as funções, que são produtos da territorialização. Não é a repetição em si que faz território, nem as ações, nem a medida, nem a cadência de uma marcação, e não são os passos da pesquisadora, ou as palavras e conceitos que usa, que operam sua escrita. Assim como o ritmo é possível porque há o espaço entre os batimentos, toques ou impulsos, a tessitura de textos parece ser concebível quando habitamos as pausas, dimensionamos os furos, esgaçamos conceitos e abrimos espaços, à espera do porvir. A expressividade do ritmo nos interessa mais. Feita da constância temporal e de um alcance espacial, a expressividade é marca territorial e também territorializante.

Na transversalidade do campo musical e filosófico, movimentamos o pensamento por meio da sustentação de sensações, afetos e perceptos que duram numa matéria textual. A operação da escrita e da pesquisa, então, coloca-nos a confrontar posicionamentos, inverter perspectivas e multiplicar possibilidades, à medida em que experimentamos ritmos que se trocam, batimentos, sintonias e ressonâncias.

Ao compor os contos, abordar paradoxos e montar imagens, entre texto e textura, aproximamo-nos do cruzamento que Deleuze e Guattari (1993) apontam acontecer, sem síntese nem identificação, entre três pensamentos: a filosofia, a arte e a ciência. Ou seja, a escrita que se produz como agenciamento territorial e territorializante parece ser possível, se ocorrer num tecido de correspondências que se estabelece entre diferentes planos. Operamos, então, entre a filosofia, que “faz surgir acontecimentos com seus conceitos”, a arte, que “ergue monumentos com as suas sensações” e a ciência, que “constrói estados de coisas com as suas funções” (p. 255).

Também outros autores que se propõem, a partir do campo de conhecimento da música, a compreender a feitura de textos, falam da experiência de escrever habitando um plano diverso daquele em que as ações acontecem: “um meio reage sobre outro, e entre eles, subsiste o ritmo como atividade modulante exterior aos meios em que a ação se desenrola. De repente somos levados por uma breve sonoridade a um turbilhão de conceitos, ou sentimos que um conceito ganha matizes extraordinários numa musicalidade qualquer” (PICCINI RIBEIRO e PEREIRA COELHO, 2011, pp. 122-123). Dançando o ritmo ou caminhando junto de tal atividade modulante, sentimos as imagens que emergem à página e as escrevemos, passando por entre os

compostos de sensações e o “plano de composição estética” (DELEUZE e GUATTARI, 1993, p. 252). Escrever passa a ser um exercício de executar o movimento do ritornelo para buscar a fabricação de tempos diferentes a cada vez, já que

o ritornelo fica num estado de fórmula que evoca um personagem ou uma paisagem, em vez de ele próprio fazer um personagem rítmico, uma paisagem melódica. Portanto, é como dois polos do ritornelo, polos que não dependem apenas de uma qualidade intrínseca, mas também de um estado de força daquele que escuta [...]. Não há o Tempo como forma a priori, mas o ritornelo é a forma a priori do tempo que fabrica tempos diferentes a cada vez (DELEUZE e GUATTARI, 2012, pp. 167-168).

Considerando que os polos do ritornelo dependem também de um estado de força de quem escuta, as pesquisadoras leem com corpo e ouvidos atentos, e escrevem à procura de entrelaces com outros modos de escutar. Operar entre os compostos de sensações e o plano de composição faz-nos experimentar o tempo na sua compressão. Os acontecimentos se mostram contemporâneos e complementares. Por exemplo, o plano de composição não precede os compostos de sensações nem é preconcebido, assim como não vem depois deles. Das sensações compostas, acabamos por perceber a existência do plano de composição, mas um só existe porque o outro deu condições de possibilidade para isso. Explicam os autores que “a cidade não vem depois da casa, nem o cosmos depois do território. O universo não vem depois da figura, e a figura é *aptidão de universo*. Chegamos, da sensação composta, ao plano de composição, mas para reconhecer sua estrita coexistência ou sua complementaridade, um só progredindo através do outro” (DELEUZE e GUATTARI, 1993, p. 252). Da mesma forma, não podemos afirmar que o acontecimento tenha ocorrido antes que sua narrativa seja colocada no texto, mas ele também não vem depois da operação da escrita.

Compor é o exercício ao qual nos propomos, ao vislumbrar a possibilidade de pesquisar no plano que engendra tanto as clausuras quanto também os desenquadres e aberturas à novidade. O plano de composição se abre quando ocorrem as passagens, repetições, modulações, justaposições e transposições, que possibilitam criar elementos e vê-los apelar a outros elementos heterogêneos que possam vir, então, a criar sobre outros planos.

O exercício de composição dos contos repete as andanças pela cidade e a constituição do campo de pesquisa, da mesma forma que a operação da escrita repete o que foi possível escutar, enquanto se lia os textos já elaborados. Campo, diário e escuta clínica são, assim, componentes do ato de pesquisar a cidade entre texto e textura, no jogo de ramificação. O plano de composição se faz justamente nesse modo de pesquisar que vai se configurando à medida em que escutamos, caminhamos e narramos.

RUMOS

1 – Não sei bem quem eu sou quando levanto.

2 – Não?

1 – Hun hun.

2 – Eu fico em meio àquele lençol colorido, em tons rosa envelhecido e marrom. São florezinhas pequenas, e eu me perco ali, seduzida pela vontade de permanecer agarrada a ele, aos travesseiros que têm cheiro de vida, pelas misturas que ali se passaram, impregnados de suor e música, perfumes. Cheiro aconchegante.

1 – Tu não te levantas?

2 – Levanto. Com muita preguiça. Caminho até o banheiro, tomo um banho. No spotify, rola um Chico, às vezes um Floyd, depende do humor, do dia, do ânimo, da vida, da morte. Ai, como uma fruta prá ter aquela sensação de que me alimento bem, tentando curar a ressaca do dia anterior. Recolho os lixos de casa e desço pelas escadas, ouvindo música nos fones que me acompanham. Quem é capaz de acordar logo que levanta?

1 – Acho que eu. Eu levanto, visto alguma coisa. Banheiro, coisas de banheiro. Sala, cheiro de sol. Cozinha, geladeira. Quando acordo não quero comer. Vou tomar um leite. Tomar um banho. Tomar um rumo nessa vida.

2 – Tomar um rumo.

1 – Tomar um rumo. A hora vem galopando e eu já vou sair correndo sem calçar meus anéis. O que visto nos pés e nas mãos sempre diz prá onde eu vou. Corredor meio escuro, elevador meio lento. Bom dia, bom dia, bom dia. Todos os dias penso que alegria morar nessa rua. Todos os dias eu olho ao redor e fico triste com o número de pessoas pedindo dinheiro e comida.

2 – Acho que tenho um rumo. A parada de ônibus. Leva uns 45 minutos prá chegar onde quero ir. Essa é a parte preferida do dia, a viagem. Deve ser por isso que sempre trabalho longe de onde moro, prá poder viajar em paz. Vou sentada ao lado da janela, curtindo o som, olhando a infinidade de ruas, lojas, gente que habita Porto Alegre. Penso na vida. Às vezes solitária, outras povoada.

1 – E o que se pensa quando se pensa na vida?

2 – Qualquer coisa que passe logo.

1 - Não tenho mais estômago prá escrever.

2 - Meu estômago escreve, e escreve bem.

1 - Queria ter um estômago assim. Queria ter estômago prá mais coisas.

2 - *Estômago é domínio público. É o tipo de coisa que eu só chamo de meu enquanto ouço coisas acontecendo aqui dentro. É um pedaço de terra, onde todo mundo faz barulho. Quando faz silêncio é porque está vazio.*

1 - *Não sei por que a gente sente que não tem estômago só prá algumas coisas. Raramente não tenho estômago prá nada. Quando tenho medo sou obrigada a ter estômago. Eu sempre tenho medo de fechar a porta e esquecer as chaves dentro de casa. Já fiz isso!*

2 - *É estranho ter esse medo!*

1 - *É. Primeiro, abro a porta de grade. Não sei prá quê essa grade amarelo feio desbotado sem graça. A grade nunca está trancada quando estou do lado de dentro. Na minha casa de verdade não tem grade. Lá em casa não tenho medo de esquecer as chaves.*

2 - *Casa de verdade?*

1 - *Na minha casa de verdade, nada se tranca. Aqui tudo se tranca, e eu quase sempre estou só, trancada, fingindo um silêncio na cabeça.*

2 - *Como se acha uma casa de verdade?*

1 - *Ah, não é bem assim... uma casa de verdade se conquista, a gente encontra.*

2 - *E o que se faz prá encontrar?*

1 - *Não tenho nem ideia.*

2 - ...

1 - *Tenho precisado de estômago prá suportar essa casa que não chamo de minha.*

2 - *Pois bem, precisa mesmo. Vou te dizer o que descobri. É um grande conselho: ouvir tudo que der e não deixar de dizer nada.*

1 - *Certo. Ouvir tudo, falar tudo.*

2 - *Exatamente.*

1 - *Mas como é possível? Se estiver falando, não ouço ao mesmo tempo. Seria necessário um gravador, para ouvir depois, quando eu não tiver nada a dizer?*

2 - *Nada de gravador.*

1 - *Não entendi, então.*

2 - *Devemos carregar papel e caneta, ou um tablet ou um telefone. Qualquer coisa que escreva.*

1 - *Ah, sim. Mas enquanto estiver escrevendo não sei se vou estar ouvindo.*

2 - *A gente escreve o que já está no estômago. Tu escreves os barulhos que ressoam da barriga. Essa é a mais preciosa tecnologia.*

1 - *A barriga.*

2 - *A barriga. Eis a grande sacada: ouvir e falar ao mesmo tempo. Coisas que só a barriga proporciona.*

1 – E a escrita?

2 – A barriga é a sabedoria em forma material, a tecnologia preciosa de todos os tempos. A escrita é um modo de absorver o que o estômago processa, jogar na corrente sanguínea o que vai te acompanhar por mais tempo.

1 – Certo. Escrever com a barriga.

2 – Ouvir e dizer ao mesmo tempo.

1 – Sabe, depois da grade, na casa que não chamo de minha, quase sempre sinto fantasmas silenciosos. Do lado de cá, quase nunca tem cheiro ruim, mas do outro lado da porta de ferro, o cachorro chega pelo nariz.

2 – Haja barriga.

1 – Melhor escrever.

(nihilismo – transvaloração)

2.12 AS TECNOLOGIAS DE PESQUISA E A PRODUÇÃO DE COMUM

Do procedimento de montagem, no campo de composição (ou de batalha?) que se forma em *Rumos*, emerge um diálogo entre pesquisadoras. Ele é formado por trechos de seus textos afinados ao longo da pesquisa e parte de experiências: o processo de acordar e sair, o encontro com a cidade que chama de dentro de casa, de baixo das cobertas, de fora e de dentro do ônibus, do lado de lá da calçada, do lado de cá da barriga. Cidade que pede passagem nos trajetos que fazem as pesquisadoras, capturadas pela rapidez dos minutos que se vão, e capturando, no corpo das páginas, as imagens das canções que tocam, das cenas rotineiras, das mesmices e descontinuidades que determinam, reviram ou impedem certos rumos a serem tomados.

“*Tomar um leite, um banho, um rumo nessa vida*” é coisa que se repete diariamente em casa, na rua e no texto. “*Tomar um leite, um banho, um rumo nessa vida*” parece prolongar-se, ao longo do processo de pesquisar, na tessitura dos diários, no cotidiano perambular da estada em casa ou da saída às ruas por onde as pesquisadoras passaram e passam.

“*Em tons rosa envelhecido e marrom*”, as florezinhas pequenas tomam calçadas coloridas e barulhentas de uma princesa rodada. A pesquisadora quer voltar para a própria casa. Paradoxos seguem operando (e regendo) a cidade, a escrita e o ato de pesquisar: a solidão e o povoamento, o silêncio e os barulhos, o silenciamento e a poesia, escutar tudo e dizer tudo, a viagem demorada e qualquer coisa que passe logo.

O diálogo de *Rumos* parece dançar a circularidade do ritornelo, quando narra a cena cotidiana do acordar de quem quer ficar na cama com o conforto dos lençóis que abrigam, assim como também faz aquela cançãozinha que a criança repete, acalmando-se no seio do caos. Já as viagens de ônibus, que inspiram a pensar na vida, parecem ocasionar que as forças do caos sejam “mantidas no exterior tanto quanto possível” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 122), assim como faz a criança que cantarola para manter-se concentrada no trabalho escolar a ser feito. Essas viagens por dentro da cidade, assim como o próprio processo de escrita, podem aqui fazer referência, portanto, ao segundo aspecto da tríade que caracteriza o ritornelo. Nele, circunscreve-se o espaço limitado, na expressão de imagens que garantem a possibilidade de alguma organização contínua. No terceiro aspecto, é a procura por uma “*casa de verdade*” que entra em cena. Ela aparece no texto como condição para abrir o diálogo às funções e tecnologias

que compõem os processos de pesquisar. O estômago é, na narrativa, *tecnologia de domínio público*, mas também meio de sentir o que é metabolizado, o que já é próprio, depois de ter sido absorvido pelo corpo.

A repetição que procura um território, e sua manutenção, permite lançamentos, criação de um espaço de passagem a algum futuro, por meio da improvisação. As pesquisadoras acreditam na possível existência de uma *casa de verdade*; a cada dia, quando acordam e viajam dentro da cidade (e do ônibus), tomam *um leite, um banho um rumo nessa vida*. É aí que parece ser possível arriscar-se. Riscar a folha. Escrever é, na operação do ritornelo, sair de casa e sentir os cheiros, as texturas, as vozes, os ruídos e a música; sentir a cidade com a barriga. No terceiro aspecto do movimento circular do ritornelo, elas vão ao encontro do mundo e se confundem com ele. Explicando esse aspecto de abertura do círculo, Deleuze e Guattari falam de um espaço aberto para a entrada de alguém, mas também para que nos lancemos para fora, assim como as pesquisadoras que saem às ruas para rodá-las: “Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar ‘linhas de errância’, com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 123).

“Ah, não é bem assim... *uma casa de verdade se conquista, a gente encontra*”, diz a pesquisadora, depois de tecer comparações entre a casa cheia de grades e aquela *de verdade*. Talvez só a música, aquela que irrompe dos instantes de silêncio e da cadência das batidas ou ruídos, seja sedutora o suficiente para nos fazer apostar na busca de tal conquista. Talvez, aquelas canções que emergem da vida na(da) cidade, e do ritmo instaurado pela escrita e leitura dos textos, constituam-se, em algum momento, casa. A escrita, então, abre os furos pelos quais nos fará passar; ela narra memórias, repete e inventa no mesmo movimento, que continua infinitamente. Em cada ciclo, novas aberturas para metabolizar o que parecia estar fora, novos mundos para conhecer com o estômago e tocar no ato de escrever.

O estômago pesquisador metaboliza a cidade e assim a conhece; logo depois, esvazia-se. Ciclos de absorção e excreção dão-se constantemente. A escrita, entretanto, parece fundar um espaço (de memória, de corpo e de afeto) em que os processos de pesquisa podem durar. Carregando a imagem viva de uma *casa de verdade*, as pesquisadoras saem às ruas, arriscando a passagem por furos recém-inaugurados pelo movimento que acabaram de fazer. A irrupção de novas imagens inaugura narrativas outras, que dão condições de possibilidade tanto para a produção de conhecimento quanto para o resgate e a sustentação de memórias. Para realizar essa afirmação, baseamo-nos no que escreve Walter Benjamin (2009), acerca de seu projeto Passagens: “nos domínios de que tratamos aqui, o conhecimento existe apenas em lampejos. O

texto é o trovão que segue ressoando por muito tempo (BENJAMIN, 2009, p. 499). Inclinando-nos sobre a narrativa acerca da conquista da *casa de verdade*, vislumbramos, então, a possibilidade de que nossos textos constituam a casa; que eles abriguem o desejo de que o que nos afeta permaneça em reverberação.

Escrever e viajar dentro da cidade parecem condições para um processo de pesquisa que se proponha a estar no jogo de afecção e duração; uma pesquisa que, no ritmo instaurado entre lampejos, ecos e reverberações faça-se acontecimento. Se o estômago é tecnologia que permite conhecer o que metabolizamos, a escrita é caixa de ressonância. Operada no cantarolar de quem sai de casa e se lança às ruas, ela se faz tecnologia ao oferecer possibilidades de produzir furos rumo às forças do futuro, enquanto faz ressoar as imagens do passado, que estão por acontecer.

. A sustentação de paradoxos: engendramento entre pesquisa, crítica e clínica

O procedimento metodológico de montagem que resultou no verbete-experiência *Rumos* produziu outros desdobramentos. O diálogo foi elaborado com base nos textos das oficinas e enviado às pesquisadoras da cidade, junto de outros verbetes, para uma roda de discussão. Durante a reunião, porém, muitos assuntos foram tratados, e já era muito tarde quando finalmente chegamos a esse conto. Surgiu então a proposta de uma dobra no procedimento metodológico. Uma ideia foi trazida à roda e disparou a combinação de que as pesquisadoras leriam em casa o verbete *Rumos* (novamente) e dariam continuidade ao diálogo, caso se sentissem convocadas a fazê-lo. Três novos desdobramentos foram produzidos no texto a partir de então.

Meses depois, o grupo se encontrou novamente com pauta definida para a discussão acerca da tese e dos trajetos para os quais poderia rumar a sua última parte (2.12). Iniciamos o encontro tratando da operação dos paradoxos que estruturam a narrativa do trabalho e, com isso, as pesquisadoras participantes colocaram em discussão alguns conceitos que circulam pelo texto e possibilitam pensar a escrita, a cidade e os processos de pesquisa. Durante a roda de conversa, fizemos anotações, para registrar as falas que serviriam como disparadores para a produção de textos e reflexões posteriores. Um dos tópicos que marcaram a conversa foi acerca dos conceitos e dos verbetes, que geram deslocamentos para pensar a cidade, a pesquisa e a escrita, assim como colocam-nos diante de muitas cidades (cada subgrupo passeia por diferentes mundos, escreve-os e lhes direciona diversas perguntas). Cidades, subgrupos e diários encontram-se no espaço da tese e naquela sala de reunião. Na roda de conversa das

pesquisadoras, questões metodológicas e conceituais engendraram-se com o campo, na medida em que, já no início da tarde, uma das participantes ressaltou ter percebido que os conceitos que a pesquisa convoca ao texto são aqui colocados como ferramenta para mover o pensamento e nos permitir operar a própria pesquisa.

No emaranhado das discussões, acompanhamos cuidadosamente o retorno dos assuntos já tratados, mas nunca esgotados. Uma das questões colocadas em pauta chamou especialmente nossa atenção: as problematizações levantadas na tese são mesmo paradoxos? “Cadência e ritmo é paradoxo?” “Na perspectiva em que estamos pesquisando, faz sentido dizer que pesquisa e militância é paradoxo?” “*Hodos-meta* e método não poderiam ser considerados a mesma coisa?” (Falas dos participantes, roda de conversa, outubro de 2019). Eis um analisador se apresentando. A ética que pressupõe nosso jogo de ramificação e de produção de multiplicidades implica a constante luta, o convívio em campo de batalha de forças, o constante deslocamento que possibilita olhar de diferentes perspectivas e inverter para multiplicar. Seria preciso, entretanto, sustentar o contraste e olhar para a inseparabilidade dos conceitos na pesquisa. Caso contrário, manteríamos mais lugares-comuns ou procuraríamos afirmar mais universais. Não é disso que nos esquivamos?

Umberto Eco ensina-nos que “o paradoxo não é uma variação do *topos* clássico do ‘mundo de cabeça para baixo’. Este último é mecânico, prevê um universo em que os animais falam e os homens rugem, os peixes voam e os pássaros nadam, os macacos rezam missa e os bispos saltam entre árvores [...]. É um jogo carnavalesco (2018, p. 231). Parece difícil, entretanto, para nós, pesquisadoras, manter o tensionamento, para mais de um sentido ao mesmo tempo, como exige o paradoxo, afirmando a existência de um modo de pesquisar e também de outros, considerando modos de distinguir, mas não de separar. Revisando estranhamentos, dizemos: “lidar com tese e antítese é muito mais confortável, porque nos coloca fora do campo de batalha” (roda de conversa, outubro de 2019).

O paradoxo talvez seja desconfortável, por obrigar o deslocamento. Ele exige, de nós, conceber que um elemento falte e exceda ao mesmo tempo; ele obriga-nos a estar no “entre” para pensá-lo, a estar (escrever, perambular, imaginar) em algum espaço e tempo em que nenhuma forma possa captá-lo. Sendo da ordem dos incorporais, no tempo aiônico, o paradoxo convida-nos a conhecer certa presença sem espessura e encontrar algo no que acontece (e não algo que acontece, que encarna, que se efetua). Pesquisar operando paradoxos parece ser o desafio implicado na proposta de acontecimentalizar a própria pesquisa. As perguntas trazidas à roda carregaram para dentro da discussão reflexões acerca do ato de pesquisar e a importância mais de seu processo do que de seus efeitos. Pesquisar operando paradoxos afirma-se, na roda

de conversa, então, como busca infinita de algo no que acontece, como processo de narrativa de imagens que produz rupturas e deslocamentos e nos coloca diante de perguntas sem resposta. A discussão sobre os *Rumos* da pesquisa conduz, portanto, à perambulação, à convocação para a continuidade e para a ramificação, à recusa de uma interpretação ou de uma análise única acerca do que estamos produzindo em campo, porque “é próprio do sentido não ter direção, não ter ‘bom sentido’:

O paradoxo como paixão descobre que não podemos separar duas direções, que não podemos instaurar um senso único, nem um senso único para o sério do pensamento, para o trabalho, nem um senso invertido para as recreações e os jogos menores. Se a viscosidade se fizesse acelerante, ela arrancaria os móveis ao repouso, mas em um sentido imprevisível (DELEUZE, 2011, p. 79).

Dizer que nosso modo de pesquisar já é dado como *hodos-meta* e que militar e pesquisar já é, sobre as bases teórico-metodológicas que escolhemos, indiscutivelmente a mesma coisa pode ser o mesmo que defender o uso (mais seguro ou estável?) de conceitos que descrevem e nomeiam, encerrando a discussão. Mas dizer que método e *hodos-meta* compõem um paradoxo é afirmar que são o mesmo processo, num movimento simultâneo em dois sentidos, que parece nos obrigar a sair do lugar comum. Vamos aprendendo ao longo do trajeto de pesquisa que “para passar ao paradoxo, é preciso que a inversão siga uma lógica e circunscreva-se a uma porção do universo. Um persa chega a Paris e descreve a França como um parisiense descreveria a Pérsia. O efeito é paradoxal, pois impõe que se vejam as coisas habituais mais além da opinião estabelecida” (ECO, 2018, p. 231).

Operar o paradoxo na pesquisa implica nossa disponibilidade em ver que o sentido toma sempre os dois sentidos ao mesmo tempo (essa é sua potência) e exige o convívio no campo de batalha, assim como exige, também, a análise coletiva diante das capturas e linhas de fuga que empreendemos. Se propomo-nos a sustentar paradoxos na pesquisa, é porque buscamos colocar o exercício crítico em continuidade, e essa proposição nos leva, então, a conceber a prática clínica enquanto engendradora com a produção de conhecimento.

Tomar o ato de pesquisar como prática clínica é, nessa perspectiva, visibilizar o paradoxo e sustentá-lo, dando condições de possibilidade para outros mundos pensáveis, outras cidades possíveis, outras pesquisas tráfegáveis; pesquisadoras menores. Condição para inventar realidades a partir da sustentação da doença como processo de saúde, da mudança de trajeto como processo de pesquisa, da construção de barreiras como parte da fabricação de encontros e misturas. Aproximamo-nos, assim, da visão de Hopenhayn (2001a), quando se propõe a apresentar uma definição ampla do que, na esquizoanálise, entende-se por clínica: “Como uma

patologia, mas ao mesmo tempo como uma revelação das patologias que subjazem às máscaras da normalidade. Como pergunta pelo verdadeiro sentido e lugar da saúde do espírito. Como vítimas e agressores” (HOPENHAYN, 2001a, p. 8)⁴⁷. Empreender tal prática clínica, na escrita, no encontro e na pesquisa, convoca o exercício da crítica, que “implica novos conceitos (da coisa criticada), tanto quanto a criação mais positiva. Os conceitos devem ter contornos irregulares, moldados sobre sua matéria viva. Que é interessante por natureza?” (DELEUZE e GUATTARI, 1993, p. 108). Os autores respondem essa pergunta afirmando os conceitos mais universais, ou apresentados como formas eternas, como os mais esqueléticos e menos interessantes.

A se proporem a pensar, as pesquisadoras, então, exercem a crítica. Fazem, das experiências, verbetes, que emergem do campo-cidade, do campo-oficina, do campo-diário. Veem e desenham, na página, a irrupção de narrativas possíveis acerca de uma palavra. É assim que o exercício crítico parece compor a criação de personagens que conceituam a pesquisadora (como é o caso da equilibrista em *Equilibristar*, da narradora de *Muro*, ou das personagens que conversam em *Rumos*) e também a fabricação de cenas que espacializam conceitos (como faz o verbete Muro, ao apresentar, com o Bairro Saudade, uma imagem que conceitua Cronos, e ao narrar conceito de Aion quando mostra o Bairro Futuro). Pesquisar, criticar e clinicar engendram-se, como nos ensina Deleuze:

a crítica e a clínica deveriam se confundir estritamente; mas a crítica seria como o traçado do plano de consistência de uma obra, uma peneira que separaria as partículas emitidas ou captadas, os fluxos conjugados, os devires em jogo; a clínica, conforme seu sentido estrito, seria o traçado das linhas sobre o plano, ou a maneira pela qual essas linhas traçam o plano, que estão em um impasse ou paralisados, que atravessam vazios, que se continuam, e sobretudo a linha de maior declive, como ela leva as outras, para que destinação. Uma clínica sem psicanálise nem interpretação, uma crítica sem linguística nem significância. A crítica, arte das conjugações, como a clínica, arte das declinações (DELEUZE e PARNET, p. 96).

Na medida em que pudermos ser, antes de tudo, clínicas, experimentamo-nos pesquisadoras-pensadoras, apoiadas na explicação de Zourabichvili (2004) sobre como é ser um pensador, para Deleuze: decifradoras sensíveis e pacientes dos regimes de signos produzidos pela existência, e segundo os quais ela se produz. Devemos assumir, com isso, o ofício do pensador, que é “construir os objetos lógicos capazes de dar conta dessa produção e

⁴⁷ *Como patología, pero a la vez como revelación de las patologias que subyacen a las máscaras de la normalidade. Como pregunta por el verdadero sentido y lugar de la salud del espíritu. Como víctimas y victimarios*” (Tradução livre, feita pela autora da tese).

levar assim a questão crítica a seu mais alto ponto de paradoxo: ali onde são focalizadas condições que não são ‘maiores que o condicionado’” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 57).

O passeio pelos paradoxos nos contos, o engendramento com os diários e as discussões metodológicas colocam em atividade, então, uma operação de processos de escrita que parece flertar com o exercício filosófico, uma vez que a filosofia “é paradoxal por natureza [...], porque se serve das frases de uma língua *standard*, para exprimir algo que não é da ordem da opinião, nem mesmo da proposição. [...] As condições do problema filosófico estão sobre o plano de imanência que ele supõe (a que movimento infinito ele remete na imagem do pensamento?) [...]” (DELEUZE e GUATTARI, 1993, pp. 105-106).

Operando paradoxos, tomamos as porosidades da cidade, os furos abertos pelo texto, as misturas e segregações, continuidades e interrupções, como processos que se dão na busca de relações que não existem espacialmente e não são visíveis no espaço, mas são perceptíveis através do tempo e dos afetos. Vemo-nos, com Calvino (1990b), diante da tarefa de “ver de olhos fechados” e de “pensar por imagens”, uma vez que, na modernidade, tendemos a tecnicizar a percepção do mundo e da linguagem. Parecendo aproximar-se de Benjamin (1985), quando afirmava o desfalecimento da faculdade de narrar na sociedade pós-industrializada, Calvino explica: “Se incluí a visibilidade em minha lista de valores a preservar foi para advertir que estamos correndo o perigo de perder a faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens (CALVINO, 1990b, p. 108). Que pesquisa poderia se propor como prática clínica se não junto à proposição de convocar as pesquisadoras a pensar por imagens e ver de olhos fechados?”

. Escrever e escutar ao mesmo tempo

Na roda de conversa, revisamos os paradoxos propostos pela tese e sustentamos a discussão acerca das experiências que os lançaram às páginas. A interação com as seções que perguntam sobre qual utopia nos interessa convocou a falar de memórias e invenções do campo que estão impressas nas imagens escritas. A conversa tratou da potência que essa operação traz, na medida em que permite unir diferentes cidades que cada subgrupo pesquisa, na construção de encontros e na visualização de fronteiras. A atenção foi convocada de volta aos processos de escrita como ciclos intermináveis de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, no movimento que lança as pesquisadoras para o campo de forças e faz do

processo de pesquisa um jogo, na proposição de que o plano de imanência seja condição de sobrevivência para viver a cidade.

O jogo continua. Diante do verbete-experiência *Rumos*, três pesquisadoras colocaram-se a dar sequência ao diálogo, a partir de onde havia sido interrompido. Na roda de conversa, experimentamos um modo de ler o texto todo, operando, então, o ritornelo. Duas pesquisadoras iniciaram o exercício, cada uma atuando uma das personagens. Encenaram o diálogo, enquanto permanecíamos atentas ao texto que já tínhamos lido. Ouvíamos assim pela primeira vez. Ao chegar na parte em que supostamente deveria terminar, conectaram cada continuação escrita à repetição de um pequeno trecho já lido anteriormente. A leitura em voz alto, a muitas vozes, fez do conto uma canção e, do seu (anteriormente) suposto fim, um refrão, do qual emergiram novas estrofes. Outras vozes pronunciaram arranjos novos de palavras, em um mesmo tema.

. O ritornelo como dispositivo analisador que emerge do encontro de pesquisadoras com a cidade

1 – Certo. Escrever com a barriga.

2 – Ouvir e dizer ao mesmo tempo.

1 – Sabe, depois da grade, na casa que não chamo de minha, quase sempre sinto fantasmas silenciosos. Do lado de cá, quase nunca tem cheiro ruim, mas do outro lado da porta de ferro, o cachorro chega pelo nariz.

2 – Haja barriga.

1 – Melhor escrever.

2 – Sabe que eu gosto de escrever com barulho? Gente faz barulho.

1 – Mas tu consegues escrever com qualquer barulho?

2 – Não, também não é qualquer barulho. Tem uns barulhos que eu gosto mais. Gosto daquele murmurinho de lugares públicos, tipo o da praça da Alfandega, que eventualmente evidencia trechos de conversas das pessoas que passam, me agrada esses fragmentos do cotidiano.

1 – Tem vezes, quando tou em casa, que o silêncio é estrondoso. Aí eu ponho uma música.

1 – Música é tudo né? Música embala, distrai, diverte, concentra, congrega, ensina, faz refletir, faz interagir. Serve até pra viajar.

2 – *Ih, eu viajo pra longe. Até pra fora do corpo, às vezes. Eu gosto das instrumentais, com pouca ou nenhuma letra. Pra mim, as melodias afloram sentimentos que os sons das palavras dificilmente fazem sequer brotar. Tem uns tons que sem palavras a gente escuta até melhor. Dificil é descrever depois. Aí que entra a barriga de novo!*

1 – *Ai ai, quê que barriga tem a ver com música?*

2 – *Ah, Tudo! Na barriga não só ressoam as músicas que fazem dançar, que impulsionam quadris e pés, sobem pela espinha e chegam aos ombros, mas também ela mesma faz sua própria música.*

1 – *Eu não tenho ouvido isso aí, não. Acho que a minha caixa não tá ligada na tomada ou preciso pôr uns fones pra ouvir melhor.*

2 – *Amiga, essa tecnologia precisa de outro tipo de energia. É de calor, não de eletricidade. Calor pode ser o da rua. Calor de uma fogueira no meio mato. Calor de um momento em que o coração bate forte. Calor de outra barriga... Nem sempre a barriga ronca de fome, ela pode roncar de várias coisas. Lembrei da música de João Bosco, dizendo que a cuíca podia roncar de fome e de raiva também.*

1 – *Então a barriga é uma cuíca?!*

2 – *Ahahaha. Acho que pode ser tida como uma tecnologia musical!*

1 – *Guria! Isso daria uma tese!*

2 – *Haha, verdade! Mas que mania a nossa de produção né? Quem sabe a gente tenta ouvir mais a nossa própria sinfonia antes?*

1 – *Ah, mas às vezes tenho a impressão de que só consigo ouvir a minha quando as palavras tão no papel.*

2 – *Já imaginou se a nossa voz pudesse ser o alto-falante da barriga?*

1 – *Que pira! Fico pensando nos diálogos possíveis, tipo: uma barriga chegando pra outra e dizendo: e aí, cê tem fome de quê?*

2 – *Acho que pra resposta não ser comida a dita tem que tá cheia. Aí sim que o vivente consegue pensar em se nutrir com outras coisas.*

1 – *É verdade. Vou tentar estabelecer um diálogo com minha barriga, ver se a gente se escuta e descobre do que a gente quer se nutrir. Obrigada pela conversa, amiga. Vou indo nessa que eu tenho um corpo pra sustentar essa barriga!*

2 - *Boa, amiga, vou ver se ainda consigo pegar o RU aberto.*

1 – Escrever com a barriga.

2 – Ouvir e dizer ao mesmo tempo.

1 – Sabe, depois da grade, na casa que não é a minha, quase sempre sinto fantasmas silenciosos. Do lado de cá, quase nunca tem cheiro ruim, mas do outro lado da porta de ferro, o cachorro chega pelo nariz.

2 – Haja barriga...

1 – Acho melhor escrever.

Fome. Saí dali sentindo fome. daquelas que começa a causar certa náusea e dá a sensação de que o estômago está comendo a si próprio. Quanto tempo faz que comi a última vez? Certamente várias horas, mas nem tantas assim. Fome da barriga que sempre teve o que comer. Sempre detestei sentir fome, fico de mal humor, desde criança. Aí penso que desesperador deve ser sentir fome de verdade, não apenas essa que eu sinto quando o espaço entre uma refeição e a outra se alonga.

Alonga-se o tempo que passou entre a nossa última conversa em que falamos sobre a necessidade de escrever e, desde então, paralisei. Não pude mais escrever. Será que estou escrevendo do jeito certo? Pelos motivos certos? Já nem lembro mais direito da conversa, sei que falava sobre escrever com a barriga e que saí de lá com fome. Nem sei o que comi depois, mas sem dúvida comi alguma coisa. Minha memória é péssima, esse é um problema que eu tenho. Mas algumas coisas me marcam e permanecem. Lembranças são histórias que a gente conta e reconta pra nós mesmos.

Contar histórias sempre foi o meu desejo, desde que me lembro. Quais histórias contar é a pergunta que me faço. Tantas vidas merecem ser lidas. Das pessoas que passam fome (os meninos que comiam luz, diria Chico⁴⁸) até as que jogam sua comida no lixo. Todas têm algo a contar e é sempre impossível falar por elas. Quando tento escrever, meu corpo se expande de tantos sopros de vidas possíveis e, assim, flutuo como um balão imenso e cheio de ar. Esse ar às vezes pesa, mas me permite também voar, com uma leveza que sozinha não posso. Me perco pelo espaço, às vezes. Às vezes só assim me encontro.

1 – Certo. Escrever com a barriga.

⁴⁸ Referência à canção “Brejo da Cruz” de Chico Buarque.

2 – *Ouvir e dizer ao mesmo tempo.*

1 – *Sabe, depois da grade, na casa que não chamo de minha, quase sempre sinto fantasmas silenciosos. Do lado de cá, quase nunca tem cheiro ruim, mas do outro lado da porta de ferro, o cachorro chega pelo nariz.*

2 – *Haja barriga.*

1 – *Melhor escrever.*

2 – *Mas quando a barriga se infla de nada, que diabos teria eu a escrever?*

1 – *Escreva sobre o nada que enche barrigas. Não é disso mesmo que se nutre a academia?*

2 – *De barrigas vazias?*

1 – *De “Nadas”: Nada de novo com ares de inédito; Nada de pretos falando de racismo; Nada de Nós falando de Comum; Nada de cidadãos falando da cidade...*

2 – *Bah , tu estás meio cáustica pra quem tem uma tese a escrever, não achas?*

1 – *Querer o Nada até o fim! Nada de esperança pra que se dê a invenção!*

2 – *Bem nietzschiana esta...*

1 – *Já dizia Belchior: “Sons, palavras, são navalhas e eu não posso cantar como convém, sem querer ferir ninguém”.*

2 – *Ah! Boa! Mas isto é só uma canção?!*

1 – *Bingo: “isto é apenas uma canção, a vida realmente é diferente. A vida é muito pior”. Grande Belchior!!*

2 – *Bah, te larguei antes que minha orientadora me largue. Vou pra aula de metodologia de pesquisa.*

1 – *Hahahahaha,. Viste como Nietzsche tinha razão?! Tudo sempre pode piorar! Boa aula. Eu vou é matar a minha e ficar escrevendo com sangue e vísceras...*

. Rumo à digestão da experiência

A escrita e a leitura das pesquisadoras teceram encontros, nas linhas que configuraram os processos de elaboração dos contos como campo de pesquisa. Ao acompanhar percepções e afetos vividos no perambular pela cidade e no ato de pesquisar, selecionam os questionamentos que lhes convém e, assim, devém pesquisadoras que cartografam, apropriando-se da cidade que

inventam e dos processos que (as) produzem. O método cartográfico, afinal, coexiste com os processos de subjetivação:

do mesmo modo como um artista busca em seus antepassados e em seus contemporâneos os traços que lhe convém, também convidamos nossos leitores a tomar e a rejeitar livremente os conceitos que adiantamos. O importante nesse caso não é o resultado final, mas o fato de que o método cartográfico coexiste com o processo de subjetivação e torna então possível uma reapropriação, uma autopoiese dos meios de produção da subjetividade (GUATTARI, 1990, p. 10).

A continuidade dada, pelas pesquisadoras, ao verbete-experiência *Rumos*, constitui-se um exercício analítico e crítico, em resposta ao que fora experienciado na pesquisa até então. Ao continuar escrevendo *Rumos*, sustentamos a memória viva, como condição de possibilidade para que continuemos inventando. A escrita se dá, então, no regate do que dura no corpo da página e no corpo da rua, para constituir o ato de pesquisar. A operação coletiva da escrita e da leitura como montagem nos permite tocar a intensidade do que ainda dura, e nos faz sentir as imagens dizerem e pedirem passagem, como brasas ao se encandecerem, ao vento que sopra da boca de quem lê.

Finalmente, a imagem arde pela memória, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo. Mas, para sabê-lo, para senti-lo, é preciso atrever-se, é preciso acercar o rosto à cinza. E soprar suavemente para que a brasa, sob as cinzas, volte a emitir seu calor, seu resplendor, seu perigo. Como se, da imagem cinza, elevara-se uma voz: “Não vês que ardo?” (DIDI-HUBERMAM, 2012, p. 216).

Depois de terem lido os doze verbetes-experiência que compõem a tese, e também seus desdobramentos, as pesquisadoras compartilharam efeitos “dos passeios pelos paradoxos nos contos e o modo como a tese traz os diários para discutir isso” (roda de conversa, outubro de 2019). Surge, na roda, a pergunta sobre o que fica da leitura para esse coletivo e é convocada a operação de mais uma dobra no ato de pesquisar. Vêm à superfície dois principais tópicos, que são a barriga como tecnologia e a casa da pesquisadora. Respostas podem ser novas perguntas: “O que é essa barriga, que se preenche, se esvazia e nunca se mantém cheia?”; “E essa casa que nunca chega?” (roda de conversa, outubro de 2019).

O exercício de escrita e a produção de encontros é que parecem operar em um plano de composição que se esvazia e se preenche, às vezes ao mesmo tempo. As tarefas de “ouvir a barriga” e de “ouvir com a barriga” (roda de conversa, outubro de 2019) parecem engendrar-se no exercício da pesquisa. Isso implica “*ter estômago*” para sentir apenas algumas coisas, assim como exige fazer do próprio estômago “*domínio público*”, instrumento de escuta e de escrita, ou “*cuíca*”. É necessário estômago, para sustentar paradoxos no campo de batalha do qual

participam os sons da cidade, o silêncio fingido na cabeça, o silenciamento que impede passagem da voz, o vazio da falta de fome e o fartão do excesso de nadas que enchem barrigas. Tudo isso se formalizando nas ruas e nas páginas, que podem ser prolongamento do estômago de quem sente precisar de enzimas para digerir ou de espaço para ruminar.

As pesquisadoras se colocam em atividade usando o estômago para poderem abrir-se às forças do caos (agora buscamos, no ato de digerir, o que antes o cantarolar da criança fazia, na operação do ritornelo). Quando dizemos “*tenho precisado de estômago prá suportar essa casa que não chamo de minha*”, falamos da necessidade de espaço para abrigar temporariamente os conteúdos (afetivos e perceptivos) e as enzimas que permitem metabolizar o que escutamos, sentimos, tocamos, na cidade e na escrita.

Morar, viver e pesquisar são processos inseparáveis, como notas e acordes da canção que os toca: já compõem o plano de um tema e sua melodia, não importando mais que sentido teriam sozinhos em algum lugar. O plano de composição, assim, faz-se processos de subjetivação. Ele abriga o morar, o viver, o escrever e o pesquisar, que, juntos, fazem-se a canção que nos coloca em atividade, que nos propõe modos determinados, mas também infinitos, de vibrar e sentir os mundos que estão a nos inventar.

Usar a barriga como tecnologia, então, parece ser como “escutar dionisicamente, através da intensificação de todos os sentidos corporais”, o que exige “escutar [...] não só com os ouvidos, mas com o corpo inteiro, tal qual se escuta uma música” (NAFFAH NETO, 2014, p. 148). Essa premissa marca o “primeiro mandamento” de uma clínica sustentada sobre a psicanálise e a filosofia trágica. O que Nietzsche (2004) refere como possuir “o terceiro ouvido” (p. 155) parece ser condição para essa escuta que se deixa atravessar pelo ritmo, pela melodia, pelos afetos e cores que o texto, as ruas e as vozes se colocam a expressar.

Se “*a barriga é a sabedoria em forma material*” e “*a escrita é um modo de absorver o que o estômago processa*”, as tecnologias da barriga e da escrita parecem condição para o uso desse terceiro ouvido nietzschiano. É assim que podemos falar do ato de pesquisar como engendrado com a prática clínica, na medida em que o texto parece ser situado como extensão do corpo pesquisador e o sistema perceptivo das pesquisadoras e das leitoras parece se propor como extensão da página escrita.

A sustentação dos paradoxos e de um campo de composição para configurar determinada política de escrita faz-se premissa para a operação de narrativas que, assim como a prática de uma clínica à luz da filosofia trágica (NAFFAH NETO, 2014; PAULON, 2014, 2006), procuram favorecer “a criação/ampliação de uma envergadura interior, uma espécie de estômago psíquico, capaz de acolher, digerir e transmutar os afetos/interpretações para os quais

ele [o sujeito] normalmente não dispõe de enzimas (NAFFAH NETO, 2014, p. 159). Fora do setting terapêutico, e implicadas em operar a acontecimentalização como método de pesquisa, apoiamo-nos nessa imagem do estômago e das enzimas psíquicas para pensar a assimilação e a excreção das experiências vividas em campo. A escrita constitui-se clínica, então, quando a página abriga afetos e o aspecto coletivo da tessitura dos textos permite-nos continuar reagindo ao que, da cidade e da pesquisa, nos atravessa.

Como ocorre no organismo, quando recebe informações e conteúdos novos pela boca, é preciso selecionar o que é metabolizável. Na pesquisa, esse processo se dá à medida em que lançamos afetos e imagens para o texto, narrando as cores que ficam na memória e abrindo possibilidades para pensar e querer o futuro. O estômago preenche-se, temporariamente, de mundo, e nós preenchemos o mundo de possíveis. A composição dos subgrupos de pesquisadoras que perambulam e escrevem pela cidade, também se esvazia e se preenche, como um estômago.

Compreender o mundo pela barriga é operado na pesquisa como forma de sentir a cidade de modo visceral: escrever para senti-la e senti-la para escrevê-la; dizer e ouvir ao mesmo tempo. Conviver na trincheira, sustentar contradições, inverter ideias postas, colocar-nos em atividade militando, carregando armários na ocupação, experimentando estar do outro lado da rua, do muro, da casa, do bairro, do centro; experimentar o contrafluxo, arriscar o ofício de equilibrista para testar a vontade de cair para o lado de lá. Quanto mais se escreve mais se escuta (com o corpo inteiro, como sugeriu Naffah Neto ou com o terceiro ouvido, como propôs Nietzsche). Quanto mais se escuta mais se quer narrar para cintilar as cores da experiência na página.

Dissemos que as barrigas roncam por muitos outros motivos além da fome. Agora arriscamos continuar esse pensamento afirmando que elas manifestam seus sons, tão característicos, quando abrigam afetos metabolizáveis, que produzem efeitos desejantes. A escrita, além de fornecer enzimas, talvez possa ser, nessa situação, alto-falante: *“Ah, mas às vezes tenho a impressão de que só consigo ouvir a minha [barriga] quando as palavras tão no papel”*. Ouvir outras barrigas passa a ser, portanto, uma outra tarefa da pesquisadora: *“Fico pensando nos diálogos possíveis, tipo: uma barriga chegando pra outra e dizendo: e aí, cê tem fome de quê?”*.

Propor-se à produção de conhecimento através da escuta clínica é sustentar a atenção às variações, ao acompanhamento das ondas fugazes ou duradouras do desejo que move o corpo a invaginar o caos. É querer a repetição, produzir a novidade, mudar perspectivas. O que interessa não é o produto (do que metabolizamos) – o vômito, a secreção, o suor ou as fezes –

mas o processo. Maquinações. Enquanto se caminha por ruas e páginas, os cheiros, as cores, os sons e as texturas nos pegam pela barriga, e a continuidade da leitura e da produção dos textos compõe um campo de possibilidades para a produção de um comum. Tantos furos produzidos na pesquisa, quando compartilhamos narrativas e mundos ficcionados! Tantas máquinas de forjar pesquisadoras e desenhar cidades possíveis...

Abrir espaços, no ato de narrar, para abrigar afetos e produzir enzimas, bem como emprestá-las ou encontrá-las, desdobra-se nos sons que a barriga ressoa quando abriga aquilo que aceita ou quando se aquece depois de ter rejeitado o que não quer. O estômago das pesquisadoras, assim como as páginas, faz-se ouvir, desde que as “experiências sejam digeridas e incorporadas pelo nosso espírito [...]. A gradativa expansão de nossa envergadura interior significa, pois, um aumento da capacidade de dizer ‘sim’ à vida, em todas as suas manifestações” (NAFFAH NETO, 2014, p. 161). Se ainda quisermos lançar ao texto a pergunta sobre o que é que nutre as pesquisadoras da cidade, ouviremos a resposta em nossas próprias barrigas e nas imagens narradas. Ela se dará ao ressoar de satisfação diante do ato de imergir em cidades diferentes, a cada saída de campo ou tessitura de diário. Pesquisadoras nutrem-se da criação das cidades que pesquisam e da produção de múltiplas possibilidades para dizer sim à vida.

. Rumo à superação de dicotomias

Uma parte da operação de *Rumos* interrompe o diálogo e mantém a narrativa da pesquisadora em uma certa compressão do tempo. Ela fala de como saiu dali, como se a conversa tivesse acontecido há muito tempo, mas trata da fome que sentiu explicando a fome que sente agora. No agenciamento coletivo que opera a escrita desse conto, é interessante observar os modos como as escritoras apropriaram-se da ideia de que barriga é tecnologia. Primeiro, a pesquisadora coloca no texto os efeitos da fome, embora declare não se tratar de fome de verdade (“*fome da barriga que sempre teve o que comer*” é acompanhada de culpa? Alguma forma de julgamento?); depois, aproxima-nos da paralização que sobreveio da conversa sobre a necessidade de escrever.

O paradoxo (desejo - necessidade) parece se apresentar na visceralidade da fome que a pesquisadora nos leva a sentir junto com ela. Falar sobre necessidade de escrever aumentou a fome e paralisou a escrita, na produção de questionamentos que, ao contrário do que pretende o exercício crítico, julgam e pedem respostas.

Repensar o estilo que modela nossa escrita implica pensar de que modo escrevemos e por quais motivos. A nossa narrativa, entretanto, parece buscar linhas de fuga, ao mesmo tempo em que faz parecer que sofre capturas por alguma forma de moralismo, ao apresentar perguntas que impõem certo juízo sobre estilo e motivo (o modo de escrever e por que ela escreve). Ao perguntarmos “*Será que estou escrevendo do jeito certo? Pelos motivos certos?*” somos exigidas a considerar que há modos e motivos errados para se escrever, e que eles devem ser evitados. Se a verdadeira fome é aquela sentida por quem que tem mais necessidade de comer, então a escrita só seria de verdade se operada por quem precisa escrever para se fazer ver ou para sentir os efeitos da própria existência? A fome de barriga que sempre teve o que comer é tão falsa quanto o apetite por escrever histórias que já estão eternizadas porque ressoam nas lembranças de muita gente?

Lançando-nos a exercícios de inversão, consideramos, aqui, que reler o conto *Rumos* implica varrer juízos e retomar a mesma pergunta de outra perspectiva: de que modo e por quais motivos escrevemos? Talvez não seja possível responder só uma dessas perguntas por vez, e com essa constatação já encontramos um modo de iniciar a tarefa de respondê-las.

Parece perigoso delimitar ou descrever o motivo que leva alguém a escrever, justamente porque parece exigir que consideremos uma cadeia de fatos, conectados por nexos causais. Com Nietzsche, aprendemos que a confusão de causa e consequência é um dos erros que determinam a ruína da razão, exatamente porque é um hábito que conduz facilmente a conclusões de ordem moral. O filósofo do martelo, no livro “*Crepúsculo dos Ídolos*” (1888/2006), discorre acerca dos quatro grandes erros sobre os quais foram levantadas as estruturas da cultura ocidental, com sua visão mecanicista e sua psicologia rudimentar. São eles: o erro oriundo da confusão entre causa e consequência; erro de uma causalidade falsa; o erro das causas imaginárias e o erro da vontade livre. Eles parecem ter uma forte relação com o fato de tomarmos como perigosa a operação de busca pelo motivo que nos leva a escrever. Expomos a seguir nossas reflexões acerca do primeiro grande erro que Nietzsche expõe, para ampliar possibilidades de pensar acerca dos motivos certos e modos certos de escrever.

Trata-se do erro de tomar como causa alguma coisa que é efeito de certo fenômeno. Por exemplo, poderíamos dizer que escrevemos para conhecer a cidade, para tocá-la inventando-a. Mas talvez só seja possível escrever se a tocarmos (com a barriga, por meio dos afetos, escutando com o corpo inteiro). Assim poderíamos conhecê-la e narrá-la do nosso modo, escrevê-la com nosso estilo. Está dito, em algum lugar do texto, que escrevemos porque sentimos que “*Tantas vidas merecem ser lidas. Das pessoas que passam fome (os meninos que comiam luz, diria Chico) até as que jogam sua comida no lixo*”. Mas também não seria

interessante observar que talvez muitas vidas mereçam ser lidas porque as escrevemos de certo modo? Tantas vidas são escritas de modos que não mereciam. Pessoas em sofrimento, por exemplo, já foram tão violentadas quando narradas. Histórias em defesa dos manicômios, que se utilizam de argumentos científicos e vocabulário biomédico para trabalhar em defesa do encarceramento de loucos, esses que dizem ser perigosos. Tantas histórias que escondem os fatos e argumentos que não convergem para o que seus autores querem dizer ou comprovar. Tantos modos de narrar que rotulam toda forma contra-hegemônica de existir ou a faz desaparecer por entre outros fatos ou personagens julgados maiores.

Procurando acompanhar Nietzsche, quando trata do primeiro grande erro, arriscamos, então, repensar o modo e os motivos pelos quais pesquisamos: não escrevemos porque tantas vidas merecem ser lidas, mas porque apostamos em escrever de certo modo que faça valer a pena que tantas vidas sejam lidas (tanto as das pessoas que passam fome quanto as das que jogam comida no lixo). Engendram-se o motivo de escrever e o modo como o fazemos.

. Rumo à transvaloração

A terceira estrofe da composição de *Rumos* pode ser aqui um disparador para colocarmos em discussão algumas instituições que atravessam e subjetivam o processo de pesquisa e suas operadoras. A instituição pesquisa, a instituição cidadania, a instituição escrita, a instituição ciência. Por quais contratos estamos regimentadas ao dizer o que dizemos ou guardar o que guardamos? O convite a escrever sobre “*nadas que enchem barrigas*” desloca nosso olhar e nossa escuta. Perguntamos ao texto, às rodas de conversa e à cidade que inventamos, sobre os desejos que impulsionam as palavras a serem arranjadas daquele modo e sobre a moral que modela certas formas de proceder na pesquisa, na escrita, no perambular e no encontro.

Mesmo que os processos de invenção sejam acolhidos pela tese como parte do jogo que não propõe um vencedor no final, eles por si só não garantem a nossa recusa à afirmação do poder e à reprodução de posicionamentos que a cultura já previu. Os procedimentos que, nessa pesquisa, compõem a busca por ramificação e evitam o investimento na conquista da vitória (vencer no jogo é dominar) estão em convivência com as lutas de poder, com a sustentação de julgamentos e com a procura da simetria e da reprodução de modelos. Esvaziarmo-nos dos “*nadas que enchem barrigas*” talvez seja um caminho a ser construído pelas pesquisadoras que leem e escrevem *Rumos*. Para isso, seria preciso revisar antigos contratos, visitar os desejos que convocam à pesquisa e as instituições que atravessam a escrita e as pesquisadoras. Com

Nietzsche, aprendemos que a manutenção dos velhos contratos faz parte das estratégias de sustentação da velha sociedade e do que pode originar as desgraças do mundo.

‘De onde vêm as desgraças do mundo?’ [Wagner] perguntou a si mesmo. Dos velhos contratos, respondeu, com todos os ideólogos da Revolução. Mais claramente: de costumes, leis, morais, instituições, de tudo aquilo sobre o qual repousa o velho mundo, a velha sociedade. ‘Como banir as desgraças do mundo? Como abolir a velha sociedade?’ Somente declarando guerra aos ‘contratos’ (à tradição, à moral) (1888/1999, p. 16).

Os contratos humanos, como afirma Paulon (2006, p. 122), “possuem uma dimensão pulsional – que surge da ação de produzir algo –, mas são também produto dessa ação, que vai assumindo uma forma determinada no tempo. Nesse sentido, pensar os contratos é também pensar o que nos impulsiona – dito de outro jeito, o que somos nós e o que projetamos vir a ser”. Os contratos que regimentam o ato de pesquisar e a vida na cidade desdobram-se na vontade de deslizar por ideias, narrar imagens, mas também na constituição de pesquisadoras atravessadas pela moral estratificada da época em que vivem, com os procedimentos individualizantes e modeladores que o poder instaura.

Também não é dispensável considerar que as instituições oferecem um pouco de possível, alguma satisfação (ou salvação). Acompanhando a narrativa de *Rumos*, podemos observar que à pesquisadora importa sustentar seu espaço de fala e de escrita, sua voz gritando a própria poesia. “*Não deixar de dizer nada*” não deixa de ser um modo de manter a pesquisadora no lugar (seguro) do qual escreve (afinal, na delimitação de um método e no proceder de qualquer pesquisa, alguém talvez deva esperar do campo que seja observado e da pesquisadora que o interprete). Devemos, então, parar de escrever e de falar sobre o que vemos, apenas quando já “*não tiver[mos] nada a dizer*”?

A pesquisadora, ao falar de uma academia que se nutre de “*nadas que enchem barrigas*”, propõe um exercício crítico, deslocando a atenção até lá onde as condições não são maiores que o condicionado. Mais que isso, critica essa academia de barrigas cheias para então inverter o valor dado ao nada e apresentá-lo iniciado com letra maiúscula (*Nada*), afirmando, assim, sua potência. Escrever sobre o nada do qual a academia se nutre é cáustico, diz a pesquisadora, mas abre-nos ao fluxo da vontade de nada: “*querer o Nada até o fim! Nada de esperança pra que se dê a invenção!*”.

Em um certo modo de proceder o ato de pesquisar, cabe sim à pesquisadora que escreva o que será recebido como produção de conhecimento, mas nela caminha também o desejo de dizer de certo modo ou de recusar-se a dizer sozinha. O diálogo de *Rumos* parece propor uma pesquisa que assuma a escrita como aquela navalha, cantada por Belchior e citada pela

pesquisadora. Remete à lembrança de que escrever tem origem no latim, *scribere*, que significava assinalar com o estilete, o *stilo*, sobre a tábua encerada. Da palavra estilete, também somos remetidas à palavra estilo, que passou a ter sentido no modo de escrever de um autor, sua forma de pensamento expressada nas linhas que tece, o uso da língua, das sentenças, da dicção, do ritmo; o estilo corta o texto, compondo nele um complexo de particularidades que o distinguem de outros textos possíveis em outros contextos pensáveis. A navalha, portanto, fere. Ela esculpe, marca território, e, com isso, faz o texto dizer o que diz, mais por meio do próprio estilo (que se faz forma de conteúdo e forma de expressão), e menos por meio de comandos ou palavras que deliberam o que deve ser visto e julgam o que acabou de ser descrito.

Se reproduzimos o movimento de falar, como pesquisadoras que sabem mais, ou se falamos porque chamamos de inédito o que não tem nada de novo, é porque escrevemos entre os processos de captura e de invenção. Tudo operado nas linhas e forças percorridas com desejo. Afinal, sobre as instituições, “se hoje eles [os nós endurecidos] surgem no cenário social como produtos dados, sem vestígios de seu processo de produção, é bom não esquecermos que, em algum momento e por algum motivo, as relações entre os homens assim os fixou, a cultura assim os valorizou” (PAULON, 2006, p. 124).

Dos trilhos que construímos ou seguimos, e sobre os quais percorremos trajetos, alguns desejos desviantes pulam fora, alguns desejos contratantes aceleram; e a possibilidade de enxergarmos a falência dos velhos contratos se apresenta. Pisar nos territórios já sabidos, escrevê-los como se pudéssemos reconhecê-los como afetos já conhecidos talvez seja sedutor. Mas sentir a cidade com a barriga e escrever o que pudermos metabolizar com ela parece ser o nosso estilo, que esculpe caminhos e nos abre a rumos possíveis no ato de pesquisar (e nos modos de viver). Os processos de reterritorialização que se fazem na escrita parecem possíveis quando a crítica aos *nadas que enchem barrigas* conduz a uma torção na escuta de quem lê o que acaba de escrever; trata-se do momento em que passamos a querer o Nada até o fim. Esse é o furo que passamos a habitar: a abertura a mais possíveis e, então, à invenção. Eis a operação do ritornelo em seu aspecto de abertura do círculo, lançando-nos ao fora ou abrindo-nos ao caos.

3 RUMOS PARA MAIS UM PONTO FINAL

Por favor, imploro, não me ofenda perguntando se esta história ocorreu. Eu a estou oferecendo para que você faça com que ocorra. Não lhe peço que descreva a chuva naquela noite da visita do arcanjo: exijo que se molhe. Decida-se senhor escritor, e pelo menos por uma vez seja você a flor que cheira em vez de ser o cronista que perfuma. Pouca graça tem escrever o que se vive. O desafio está em viver o que se escreve (GALEANO, 2001, p. 16).

Os encontros que percorremos e produzimos ao longo do processo de pesquisar lançaram pesquisadoras da cidade ao exercício da escrita e das andanças. Operando paradoxos e sustentando os contrastes que os campos de pesquisa abrigam, propomo-nos a viver a cidade, enquanto posicionadas entre texto e textura, entre diário de campo e espaço urbano, entre inventado e transitado, na aposta em tomar a experiência como produção de conhecimento. Para isso, mantivemos a atenção sensível aos processos que colocam o pensar em movimento.

Narrar imagens colocou-nos diante da constante fabricação de perguntas e da possível invenção de mundos, que fazem, do ato de pesquisar, acontecimento. Na proposição de inverter para multiplicar, os paradoxos vieram provocando a mudança de perspectivas e os textos constituíram-se espaço de resistência e superação, de construção e destruição, mantendo sempre a tensão de forças em sua dimensão inventiva. A pesquisa que pesquisamos parece produzir-se no exercício de inversões e ramificações que nos leva a multiplicar mundos e cidades possíveis. Ela foi construída junto à feitura de um desenho que deriva para a prática da composição.

Ao longo da operação de paradoxos, as pesquisadoras vieram performando a inversão metodológica *hódos-meta*, à medida que habitaram furos, desenharam fugas, esquivaram-se da tarefa de responder e assumiram posições no jogo de ramificação. Na escrita de verbetes-experiência, esse jogo moveu disparadores e discussões, para a produção de uma estética dos encontros. Os primeiros contos deram condições de possibilidade para a exploração de conceitos que se apresentavam como substantivo (resiliência, voz, retroescavadeira, escrita, encontro, oficina, abrigo, muro). A partir do verbete Equilibrar (seção 2.9), essa prática sofre uma torção, e os verbetes-experiência tornam-se verbos no infinitivo, atualizando o tempo do acontecimento. A tese propõe-se a habitar, operar e pensar Aion desde o início, mas aqui constrói-se certo marco ou fronteira (grade-ponte, podemos aqui chamar), que permite fazer com que o texto extrapole o enunciado para dar-se em tempo aiônico. Vamos da problematização do método ao apelo por transvaloração, justamente porque o conto inventa devires pesquisadores, anuncia a existência de cidades que podem ter existido e estão por vir.

O processo de escrever e officinar produz encontros, na página, dos quais irrompem utopias que nos interessam. É assim que pesquisar por afecção afirma a experiência do instante e se faz de forma visceral.

O último verbete-experiência inaugura a operação de uma performance que simula o movimento do ritornelo e se apresenta com título em plural: *Rumos*. Convoca-nos, assim, a disseminar outras dobras do processo de pesquisar que estamos construindo com a cidade e com quem encontramos nela. Ao *pesquisar com*, sentimos a textura das ruas e da página, produzimos os textos que inauguram campos de batalha, mas neles estamos sempre buscando mais de um rumo. Implicamo-nos e multiplicamo-nos, na medida em que multiplicamos o mundo.

A cidade mostra-se, nesse processo, entre texto e textura, uma vez que a estética argumentativa com que a tese é tecida cede espaço para que o objeto de pesquisa seja encontrado, dobrado e inventado, a partir de como nós, pesquisadoras, narramos e percorremos trajetos metodológicos. Tal estética argumentativa faz-se, assim, elogio à criação. Tocar a cidade, ao longo do percurso de pesquisar (n)os encontros, parece ter sido possível porque a vemos engendrada com os processos de subjetivação, assim como pesquisar é possível, para nós, apenas se demandar o ato criativo.

Percorrer paradoxos e sustentá-los ao longo do caminho parece ter sido o modo que encontramos para problematizar este aparente paradoxo com que, não raro, é compreendido o que tomamos por um *continuum* cidade-subjetividade. Ele perpassa e povoa o plano de composição da tese e se desdobra na experiência de habitar oficinas, ruas e páginas. Tomando texto e textura como arquiteturas de sujeitos e mundos, pesquisamos fazendo: da escrita, prática clínica; da pesquisa, acontecimento; e, do perambular pelas ruas, cadência e ritmo.

Argumentar e apresentar a pesquisa, desse modo, como processo em ato veio a tornar-se prática clínica, uma vez que nos permite, por meio das tecnologias da barriga, sustentar paradoxos. A pesquisa é situada, assim, entre afecção e composição.

A partir dessa tese, parece conveniente que, no futuro, ocupemo-nos de aprofundar alguns outros argumentos que o percurso da tessitura da tese provocou. Dobras que podem acontecer, convocando-nos para mudanças de perspectiva no que se refere à produção de conhecimento, às utopias que nos interessam e às questões acerca da autoria. Além disso, como continuidade de uma escrita que implica pesquisar com o corpo inteiro, a experiência visceral parece requerer que o processo de composição se faça com-posição; e, assim, diários e cidade talvez sejam tocados, no futuro próximo, por questões voltadas ao lugar de fala de quem habita

páginas e ruas. Nesse presente que configura o final da tese, duram as marcas e tonalidades que exprimem forças do mundo em nós.

Entramos em um jogo no qual apostamos na possibilidade de que a escrita pudesse nos conduzir a ser o que escrevêssemos, do mesmo modo que Eduardo Galeano propõe que sejamos a flor e não o cronista que a perfuma. Vislumbramos, assim, a possibilidade de recusar a descrição, para viver a metamorfose na operação da escrita.

Na aventura de sentir para conhecer, emergimos como pesquisadoras à medida que nos deixamos atravessar pelo que encontramos e desejar o que viríamos a ser. É assim que agora esboçamos um ponto final para seguirmos acompanhando os movimentos pelos quais a cidade nos convoca. As interrupções, disparadas pela atenção aos efeitos do contato com os cheiros, os sons e as texturas da cidade seguirão produzindo o início de outras frases, novos enredos e caminhos, a repetição dos refrãos que agora perduram, pedindo mais, até abrirem-se às novidades possíveis. Quantas cidades outras, pesquisas e pesquisadoras outras engendram-se nos encontros aqui desenhados e naqueles sequer ainda pensados?

A invenção de uma estética argumentativa dos encontros com o pesquisar tece a malha urbana e as subjetividades, assim como faz emergir devires, provoca inversões e fabrica desejos. A potência estética de inverter e multiplicar convoca a página a abrigar afetos, convida a continuar vivendo e escrevendo devenindo flor e produzindo um Comum.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Prismas*. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. Prazer, desprazer e gozo nos escritos do último período de Nietzsche. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência** – 3º quadrimestre de 2014 – Vol. 7 – nº 3 – pp.61-82, 2014. Disponível em: <http://tragica.org/artigos/v7n3/almeida.pdf>. Acesso em 7 de julho de 2019.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; PIMENTEL, Ellen Horato do Carmo. Políticas Públicas e a Produção do Comum: interrogando práticas PSI. **Polis e Psique**, Vol. 2, n. 2: pp. 3-22, 2012.

BAL, Gabriela. A influência da 3ª hipótese do Parmênides de Platão na filosofia de Plotino e Jámblico. *Archai*. **Revista de Estudos Sobre as Origens Do Pensamento Ocidental**, 2013, pp. 113-126. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/download/9023/6773>. Acesso em 10 de março de 2018.

BENJAMIN, Walter. A Imagem de Proust. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1994. pp. 222-232.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Tradução e apresentação: Sérgio Paulo Rouanet.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In **Obras Escolhidas III**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1989 (Trabalho original publicado em 1938).

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

BERNARDES, Anita Guazzelli. Trabalhar conceitos como um exercício de transgressão: acontecimento e acontecimentalizar. **Polis Psique**; 4(2):143-154, 2014. Disponível em http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/51095/pdf_60. Acesso em 3 de março de 2019.

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 263-271, Agosto de 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em 6 de março de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>.

BRITO, Maria dos Remédios de. Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de Subjetividade Desterritorializada. **Alegrar**, nº09 - jun/2012 - ISSN 18085148.

CAIMI, Claudia Luiza. A forma da cidade: deslocamento, porosidade e ressonância na escrita. **Polis e Psique**, Vol. 9. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.92299>. Acesso em 5 de julho de 2019.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Trad. Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das letras, 1990b.

CALVINO, Ítalo. **Mundo escrito e mundo não escrito – artigos, conferências e entrevistas**. Org. Mario Barenghi. Trad. Maurício Santana Dias. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CAPPELLO, Maria Adriana Camargo. **Crítica e Ontologia na Filosofia de Bergson**. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-11012008-111934/>. Acesso em: 01/02/2019.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAR, René. **Indagación de la base y la cima**. Madrid: Árdora, 1999.

CICERO, Antonio. **Guardar. Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996, p. 337.

CIDADE, Daniela Mendes. Entre a ética e a poética, o ato fotográfico. **Pixo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**. N. 5, Vol. 2, pp. 86-93. Outono de 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/13675/8868>. Acesso em 11 de setembro de 2019.

COCCO, Giuseppe. Entrevista especial com Giuseppe Cocco ao Instituto Humanitas UNISINOS Online. **IHU Online**, 17 de maio de 2009. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=44299. Acesso em 10 de outubro de 2019.

COLLI, Giorgio. **La Sapienza Greca**, v. 3, Milano: Adelphi, 1992.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, [S.l.], p. 066-077, ago. 2014. ISSN 1983-7348. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 02 jun. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>.

COSTA, Luis Artur. **Desnaturar desmundos: A imagem e a tecnologia para além do exílio no humano**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2013a.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. Revisão da trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013b.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 / Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2 / Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4 / Trad. de Suely Rolnik. 2ª Edição. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva; revisão da trad. Luis B. L. Orlandi. 1ª Edição, 2ª Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. O cérebro é a tela, in **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)**. Tradução de Guilherme Ivo. Edição preparada por David Lapoujade. Revisão técnica de Luis B. L. Orlandi, Coleção Trans, 2016. Entrevista com Gilles Deleuze em 1986. <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/09/03/o-cerebro-e-a-tela-entrevista-com-gilles-deleuze-em-1986/>

DIDI-HUBERMAN. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da escola de Belas Artes da UFMG**, vol.2, n.4, nov. 2012, p.204-219. Texto disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60/62>. Acesso em: 2 de julho de 2019.

DIDI-HUBERMAN. **Quando as imagens tomam posição**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017.

DIMENSTEIN, Magda; SOUZA Emily Mel Fernandes de; FERREIRA LEITE, Jáder; DANTAS, Candida Maria Bezerra; MACEDO, João Paulo. Fronteiras e fluxos no âmbito acadêmico: Interações de corpos transgressores da heteronormatividade. **Interação em**

Psicologia. Curitiba, v. 22, n. 3, pp. 188-199, dez. 2018. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/55919/37059>. Acesso em: 02 jun. 2019.

DINIZ, Débora. Etnografia e políticas da vida – a introdução. In **Didier Fassin entrevistado por Debora Diniz**. Pensamento contemporâneo; 14. Tradução, Debora Diniz; revisão da tradução, Ana Terra e Soraya Fleischer; comentários, Luciana Stoimenoff Brito e Patrice Schuch. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Catálogos: Quinta Edición, 2001.

ECO, Umberto. **Nos ombros dos gigantes: escritos para La Milanese**. Tradução: Eliana Aguiar, 1ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ESCÓSSIA, Liliana da. **O coletivo como Plano de Coengendramento do Indivíduo e da Sociedade**. Aracaju: Editoria UFS, 2015.

FASSIN, Didier. **Didier Fassin entrevistado por Debora Diniz**. Pensamento contemporâneo; 14. Tradução, Debora Diniz; revisão da tradução, Ana Terra e Soraya Fleischer; comentários, Luciana Stoimenoff Brito e Patrice Schuch. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

FATORELLI, Antonio Pacca. Imagem e afecção. **Galáxia**, São Paulo, n. 23, p. 48-58, 2012.

FERREIRA NETO, João Leite. Pesquisa e Metodologia em Michel Foucault. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 31, n. 3, pp. 411-420, Set. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722015000300411&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de março de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-377220150321914100420>.

FONSECA, Tania Mara Galli et al. Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 655-660, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000300022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 6 de março. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud e Marx Theatrum Philosophicum**. Trad. Antonio Daniel Asreu. São Paulo: Principio editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: a vontade de saber**. Trad. J. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª edição. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos I: Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organização e Seleção de textos, Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Organização e Seleção de textos, Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault (Entrevista com D. Trombadori). In: M. Foucault. **Ditos e Escritos VI: repensar a política** (pp. 289-347). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17ª Ed. São Paulo: Loyola, 2008b.

FOUCAULT, M. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**. Trad. I Barbosa e E. Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Organização e Seleção de textos, Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III**. Tradução de Inês Dourado Barbosa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 28ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIACOIA, Oswaldo. Amor Dei e Amor Fati. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, v. 4, n. 2, p.75-94. 2011.

GIACOIA Jr., Oswaldo. Sobre saúde, doença e ressentimento. In: PAULON, Simone (org.) **Nietzsche psicólogo: a clínica à luz da filosofia trágica**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014. Pp. 29-58.

GUATTARI, Félix. Linguagem, consciência e sociedade. In: **Saúde e Loucura**. Vol. 2. Editora Husitec. São Paulo, 1990. Pp. 3-18.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2ª Edição, 5ª Reimpressão, 192p. 2012.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. O Capitalismo Mundial Integrado e a Revolução Molecular. In: ROLNIK, Sueli (org.). **Revolução Molecular. Pulsões políticas do desejo**. Brasiliense, São Paulo, 1981. Pp. 211-227.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem-estar comum**. São Paulo: Record, 2016.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Trad. Jeferson Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: SOUZA, José Cavalcante de. Vol. **Os Pré-socráticos**, Col. Os Pensadores. Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

HILST, Hilda. **Do desejo**. São Paulo: Globo, 2014.

HOLANDA, Frederico de. Prefácio. In Reyes, Paulo. **Quando a rua vira corpo ou a dimensão pública na ordem digital**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

HOPENHAYN, Martín. La felicidad dentro y fuera de la caverna. **Revista Estudios Públicos**, N° 57, 1995.

HOPENHAYN, Martín. **Crítica de la razón irónica: de Sade a Morrison**. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 2001a.

HOPENHAYN, Martín. Estilhaços de utopia: vontade de poder, vibração transcultural e eterno retorno. In LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b. Pp. 255-268.

HOPENHAYN, Martín. **Después dei nihilismo: De Nietzsche a Foucault**. Buenos Aires: Andrés Bello, 1997.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1997.

LIMA, E. M. F. A.; PELBART, P. P. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v.14, n.3, p. 709-735, 2007.

JAQUET, Gabriela Menezes. Discursivo e não-discursivo: acontecimento em Foucault, Deleuze e Veyne. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 715-731, dez. 2016. ISSN 2177-6342. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n14p715>. Acesso em: 06 mar. 2019.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**; 19(1): 15-22, jan/abr. 2007.

KASTRUP, Virginia. Competência ética e estratégias de resistência. In GUARESCHI, N. (Org). **Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 120-130. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=6ODOAwAAQBAJ&pg=PT64&lpg=PT64&dq=%22Competência+ética+e+estratégias+de+resistência%22&source=bl&ots=kLUDIrJrvr&sig=ACfU3U38dZXJX3ktFMDWXNiG5Vb2kPmEQ&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwj28uyvyM3iAhVqHrkGHXVOD8cQ6AEwA3oECAcQAQ#v=onepage&q=%22Competência%20ética%20e%20estratégias%20de%20resistência%22&f=false>. Acesso em 10 de maio de 2019.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2014.

MACHRY, S. R. ; SILVEIRA, L. H. C. ; BORDA, B. V. U. ; VALENTINI, L. M. . A perspectiva feminina sobre a mobilidade ativa na cidade de Porto Alegre (rs). In: 7º Encontro Internacional Cidade, Contemporaneidade e Morfologia Urbana, 2018, Pelotas. **Anais do Encontro Internacional Cidade, Contemporaneidade e Morfologia Urbana 2018**. Pelotas: UFPel, 2018. v. 1. p. 148-166. Disponível em https://wp.ufpel.edu.br/eiccmu/files/2019/02/capa_fapergs-mesclado-compactado.pdf. Acesso em 10 de setembro de 2019.

MARCO AURÉLIO. **Pensieri, a cura di Maristella Ceva**, Milano: Mondadori, 1989.

MARCO AURÉLIO. **Meditaciones**, trad. Bartolomé Segura Ramos, Madrid: Alianza, 1985.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**, trad. Jaime Bruna, São Paulo: Cultrix, 1964.

MONCEAU, Gilles. Implicação, sobreimplicação e implicação profissional. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 19-26, Junho de 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 30 de outubro de 2019.

MONDOLFO, Rodolfo. **El Infinito en el Pensamiento de la Antigüedad Clásica**, Buenos Aires: Ediciones Imán, 1952.

NAFFAH NETO, Alfredo. A psicanálise e a herança de Nietzsche sob a forma de dez mandamentos. In PAULON, Simone M. (org.). **Nietzsche psicólogo: A clínica à luz da filosofia trágica**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2014. pp. 145-165.

NEGRI, Antonio. **Kairòs, Alma Venus, Multitudo: nove lições ensinadas a mim mesmo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEGRI, Antonio. **Biocapitalismo: entre Spinoza e a constituição política do presente**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O caso de Wagner: um problema para músicos. In **Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1888/1999, pp. 16-17.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1882/2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Trad., organização, e notas de Marcelo Backes. Porto Alegre: L7PM, 1908/2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Cia das Letras, 1886/2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1888/2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1887/2009.

NUNES JUNIOR, João. **A parte viva da noite**. Ilustrado por Matheus Mendes. Porto Alegre, RS: Diadorim Editora, 2019.

PARMÊNIDES. In **Os Pensadores Originários: Anaximandro, Parmênides e Heráclito**. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewsky. 3ª Ed., Editora Vozes. Petrópolis - RJ, 1999.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. Por uma política da narratividade. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. Pp. 150 – 171.

PAULON, Simone Mainieri. A desinstitucionalização como transvaloração. Apontamentos para uma terapêutica do niilismo. **Athenea Digital**. Número 10. pp. 121-136. 2006.

PAULON, Simone Mainieri. Você sabe o que é ter um amor, meu senhor? Notas sobre ressentimento e “dor de cotovelos”. In PAULON, Simone Mainieri (org.). **Nietzsche psicólogo: A clínica à luz da filosofia trágica**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2014. pp. 215-235.

PAULON, Simone Mainieri; ROMAGNOLI, Roberta. Quando a vulnerabilidade se faz potência. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 22, n. 3, dez. 2018. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/56045>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo, Perspectiva: FAPESP, 1998.

PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. São Paulo, Lazuli Editora, 2007.

PLATÃO. **Parmênides**. Texto grego estabelecido e anotado por John BURNET. Tradução, apresentação e notas de Maura IGLÉSIAS e Fernando RODRIGUES. São Paulo: Edições Loyola & Editora PUC-Rio, 2003.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Repensar o passado – recobrar o futuro: história, memória e redenção em Walter Benjamin. **História Unisinos**, 12(2):148-156, Maio/Agosto de 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5425>. Acesso em 5 de agosto de 2019.

PEREIRA, Márcia Helena de Melo; SILVA, Jocelma Boto. O Gênero Diário Pessoal: Como se Confecciona o Íntimo. **Línguas & Letras**, [S.l.], v. 16, n. 34, dez. 2015. ISSN 1981-4755. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11973/9212>. Acesso em: 11 set. 2019.

PIANIGIANI, Ottorino. **Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana**. Roma, Albrighi, Segati e C, 1907. Disponível, em: etimo.it. Acesso em 28 de setembro de 2019.

PICCINI RIBEIRO, Alexandre; PEREIRA COELHO, Marcelo. Medida e desmedida na Rítmica de José Eduardo Gramani. **Música em Perspectiva**, [S.l.], v. 4, n. 2, set. 2011. Pp.108-

126. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/24875>>. Acesso em: 20 set. 2019.

PUENTE, Fernando Rey. **Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga**. Annablume Editora e Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012. Disponível em: <<https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32754/3/Ensaio%20sobre%20o%20tempo%20na%20Filosofia%20Antiga.pdf?ln=pt-pt>>. Acesso em 6 de março de 2018.

REYES, Paulo. **Quando a rua vira corpo ou a dimensão pública na ordem digital**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

ROCHA, Décio. Agenciamentos Coletivos de Enunciação em O homem que copiava. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 403-413, maio/ago. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a22.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2019.

ROLNIK, Suely. O caso da vítima: para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 79-87, Dec. 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202003000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 25 de julho de 2019.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização**. Reelaboração de artigo publicado no caderno “Mais!” da Folha de São Paulo. São Paulo, 19/05/96. 1996. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>. Acesso em 4 de junho de 2019.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Problematizando as noções de vulnerabilidade e risco social no cotidiano do SUAS. **Psicologia em Estudo**, 20(3), 449-459, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/28707>. Acesso em 25 de junho de 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Quando a teoria reencontra o campo visual: Passagens de Walter Benjamin. **Concinnitas**, ano 8, volume 2, número 11, dezembro de 2007.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra**. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SCHECHNER, Richard and WOLFORD, Lisa (editedby). **The Grotowski Sourcebook**. London and New York: Routledge, 2001.

SOUSA, Edson Luiz André de. I margens utópicas 1: Contrafluxos do futuro. **MESA**, No 4, Maio de 2015. Disponível em: http://institutomesa.org/RevistaMesa_4/think-piece/. Acesso em 11 de setembro de 2019.

SOUZA, José Cavalcante de. Vol. **“Os Pré-socráticos”**, Col. Os Pensadores. Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

TAVARES, Gonçalo M. **O Torcicologista, Excelência**. Editorial Caminho, SA. Alfragide, Portugal, 2015.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VERNANT, Jean Pierre. Tempo estoico, tempo dos homens. Em Vernant, Jean Pierre. **Entre Mito e Política**. Traduzido por C. Murachco. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

WOLF, Eric. Cultura: Panaceia ou Problema? In **Antropologia e Poder. Contribuições de Eric R. Wolf**. Brasília/Campinas/São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, Editora UNICAMP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. pp. 291-304, 1984.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1ª Edição. São Paulo, Tordesilhas, 2014.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004. Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili.pdf>. Acesso em: 2 de junho de 2019.

ANEXOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE
PSICOLOGIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa ligada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, intitulada: "**EXPERIÊNCIAS URBANAS E PRODUÇÃO DO COMUM: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância**", que tem como objetivo principal entender a relação que as pessoas estabelecem com a cidade de Porto Alegre, as diferentes maneiras de viver e sobreviver nos espaços dessa cidade. Destaca-se, ainda, a intenção de entender quais experiências coletivas a vida urbana produz para resistir à exclusão.

O trabalho está sendo coordenado pela Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon juntamente com seu grupo de pesquisadores do INTERVIRES, da UFRGS. Para alcançar os objetivos do estudo serão realizados encontros com grupos nos diferentes lugares em que vivem na cidade. Os encontros de grupos terão duração de no máximo 2 horas e neles os participantes e pesquisadores poderão se utilizar de um instrumento chamado Photovoice para gravação de audiovisuais. Se concordar em contribuir com o estudo, preencha as lacunas abaixo com seus dados.

Eu _____, RG _____, CPF _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo, nos seguintes termos:

SIM **NÃO**

Concordo em participar dos grupos de pesquisa fornecendo informações e opiniões pessoais que **não** serão identificadas.

SIM **NÃO**

Concordo em participar dos grupos de pesquisa e autorizo o uso de imagens em fotografia, filmagem e gravação de voz realizadas **por mim**, cedendo os direitos autorais para o uso da pesquisa, assim como em publicações em aulas, congressos, eventos, palestras ou periódicos científicos.

SIM **NÃO**

Concordo em participar dos grupos de pesquisa e autorizo o uso da **minha imagem** e/ou depoimento em fotografias, filmagens e gravação de voz identificados para o uso da pesquisa, assim como em publicações em aulas, congressos, eventos, palestras ou periódicos científicos.

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pela coordenadora durante 5 (cinco) anos no Laboratório de Pesquisa à Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS – Telefone: 33085698. Após este período os dados serão totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 510/16). Declaro que também fui informado:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa.
- De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal.
- A pesquisa, sendo qualitativa, oferece risco mínimo à saúde dos participantes como algum desconforto emocional visto que o conteúdo relacionado a processos de exclusão podem ser associados a situações de sofrimento. Caso sinta necessidade de algum apoio psicológico, o participante poderá solicitá-lo aos pesquisadores que farão os encaminhamentos para garantir a devida assistência.
- De que não haverá nenhum gasto financeiro com a minha participação na pesquisa.
- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido em caso de dúvida ou novas perguntas poderá entrar em contato com o pesquisador: Simone Mainieri Paulon, telefone: 33085697 email: simone.paulon@ufrgs.br e endereço: Rua Ramiro Barcelos, no 2600/212, Santana – Porto Alegre.
- Também que, se houver dúvidas quanto a questões éticas, poderei entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS – Telefone: 33085698).

Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com o pesquisador.

Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do pesquisador (Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon)